

“DESESPERADAMENTE ROMÂNTICO.  
PROFUNDAMENTE PERTURBADOR.” > OBSERVER

“PERFEITO.” > SPECTATOR

# SIMON SEBAG MONTEFIORE



UM ROMANCE INSPIRADO  
EM FACTOS REAIS.

## UMA NOITE DE INVERNO

SE OS SEUS FILHOS FOSSEM OBRIGADOS A TESTEMUNHAR  
CONTRA SI, QUE SEGREDOS REVELARIAM?

# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade poderá  
enfim evoluir a um novo nível."

---

# Ficha Técnica

Título original: *One Night in Winter*

Título: *Uma Noite de Inverno*

Autor: Simon Sebag Montefiore

Traduzido por: Luís Rodrigues dos Santos

Edição: Carmen Serrano

Adaptação da capa: Maria Manuel Lacerda

Ilustração da capa: Angela McKay

Revisão: Rita Almeida Simões

ISBN: 9789722055628

DOM QUIXOTE

Publicações Dom Quixote

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2013, Simon Sebag Montefiore

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Ninguém o sabia e... provavelmente nunca ninguém saberia. Ele levava uma vida dupla: uma era franca, transparente e conhecida de todos os que precisavam de a conhecer, cheia de verdades convencionais e engano convencional, idêntica às vidas dos seus amigos e conhecidos; e outra que decorria em segredo. E, por uma estranha e possivelmente fortuita cadeia de circunstâncias, tudo o que era importante, interessante e necessário para ele, aquilo em que se comportava sinceramente e não se iludia e que era a própria essência da vida dele – isso era realizado em completo segredo.

Anton Chekhov, *A Senhora do Cãozinho*

## LISTA DE PERSONAGENS

As personagens principais estão sublinhadas; as personagens históricas estão marcadas com um asterisco (\*).

### CRIANÇAS E SEUS PAIS

#### **Família Romashkin**

Constantin Romashkin, guionista e poeta, casado com:  
Sophia «Mouche» Gideonovna Zeitlin, estrela de cinema  
Serafima Romashkina, dezoito anos, a única filha do casal  
Sashenka Zeitlin, prima de Sophia, presa em 1939, destino desconhecido

#### **Família Satinov e seu pessoal doméstico**

Hercules (Erakle) Satinov, membro do Politburo,  
secretário do Comité Central, vice-presidente  
do Conselho de Ministros, casado com:  
«Tamriko», Tamara Satinova, professora  
de Inglês na Escola 801

Mariko Satinova, seis anos, filha do casal

Filhos de Satinov de um casamento anterior na Geórgia:

«Vanya», Ivan Satinov, piloto, morto em 1943

David Satinov, vinte e três anos, piloto

«George», Georgi Satinov, dezoito anos

Marlen Satinov, dezassete anos, organizador do Komsomol na escola

Coronel Losha Babanova, guarda-costas principal do camarada  
Satinov

Valerian Chubin, assistente do camarada Satinov

### **Família Dorov**

Genrikh Dorov, presidente da Comissão de Controlo Central e  
ministro do Controlo Estatal, casado com:

«Dashka», Dra. Daria Dorova, ministra da Saúde, cardiologista

Filhos:

Sergei Dorov, vinte anos, oficial do exército

«Minka», Marina Dorova, dezoito anos, colega de escola de  
Serafima

Demian Dorov, «o Fuinha», dezassete anos, organizador dos Jovens  
Pioneiros

«Senka», Semyon Dorov, «o Pequeno Professor», dez anos

### **Família Blagov**

«Nikolasha», Nikolai Blagov, dezoito anos

Embaixador Vadim Blagov, pai de Nikolai, diplomata

Ludmilla Blagova, mãe de Nikolai

### **Família Shako**

Rosa Shako, dezoito anos, colega de escola de Serafima

Marechal Boris Shako, pai de Rosa, comandante da Força Aérea  
soviética

Elena Shako, mãe de Rosa

### **Família Titorenko**

Vladimir Titorenko, dezassete anos

Ivan Titorenko, pai de Vladimir, ministro da Produção Aeronáutica

Irina Titorenka, mãe de Vladimir

### **Família Kurbsky**

Andrei Kurbsky, dezoito anos, aluno novo na escola  
Peter Kurbsky, pai de Andrei, Inimigo do Povo, detido em 1938,  
condenado a vinte e cinco anos de prisão «sem direito de  
correspondência»  
Inessa Kurbskaya, mãe de Andrei

### **PROFESSORES DA ESCOLA COMUNITÁRIA JOSEF ESTALINE, n.º 801**

Kapitolina Medvedeva, diretora e professora de História  
Dr. Innokenty Rimm, vice-diretor, professor de Ciência  
Política/Moral Comunista

Benya Golden, professor de Literatura Russa  
Tamara Satinova, professora de Inglês (ver família Satinov, acima)  
Apostollon Shuba, professor de Educação Física  
Agrippina Begbulatova, professora assistente

### **LÍDERES**

Josef Estaline\*, marechal, secretário-geral do Partido Comunista,  
presidente do Conselho de Ministros, comandante-supremo, o  
Mestre, o *Instantsiya*  
«Vaska», Vasily Josefovich Estaline\*, vinte e quatro anos, filho de  
Estaline, oficial da força aérea, «Príncipe Herdeiro»  
Svetlana Estalina\*, dezanove anos, filha de Estaline, estudante

\*

Vyacheslav Molotov\*, ministro dos Negócios Estrangeiros, membro  
do Politburo  
Lavrenti Beria\*, agente da polícia secreta, ministro dos Assuntos  
Internos (NKVD/MVD) de 1938 a 1945, vice-presidente do

Conselho de Ministros, membro do Politburo  
Georgi Malenkov\*, membro do Politburo  
Andrei Vyshinsky\*, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros  
«Sasha», Alexander Poskrebyshev\*, chefe de gabinete de Estaline  
Vsevolod Merkulov\*, ministro da Segurança do Estado (MGB)  
Viktor Abakumov\*, chefe da Contrainformação Militar (SMERSH:  
Morte aos Espiões), depois ministro da Segurança do Estado (MGB)

## **GENERAIS**

Marechal Georgi Zhukov\*, vice-comandante supremo  
Marechal Ivan Konev\*  
Marechal Constantin Rokossovsky\*

## **AGENTES DA POLÍCIA SECRETA**

Coronel Pavel Mogilchuk, investigador da Secção de Casos Graves  
do MGB  
General Bogdan Kobyllov\*, «o Touro», MGB  
Coronel Vladimir Komarov\*, investigador, SMERSH/MGB  
Coronel Mikhail Likhachev\*, investigador, SMERSH/MGB

## **ESTRANGEIROS**

Averell Harriman\*, embaixador dos Estados  
Unidos em Moscovo  
Capitão Frank Belman, diplomata,  
adido militar adjunto, intérprete

*Para os meus pais April e Stephen e para o meu filho Sasha, os mais  
velhos e o mais novo*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos seguintes amigos e fontes cujas histórias ajudaram a inspirar este romance com o elixir da paixão e o detalhe da autenticidade: Hugh Lunghi, Gela Charkviani, Nestan Charkviani, general Stepan Mikoyan e a filha, Aschen Mikoyan, Sergo Mikoyan, Stanislas Redens, Galina Babkova, Rachel e Marc Polonsky; e Sophie Shulman.

Primeiro: Hugh Lunghi. O Hugh e eu tornámo-nos amigos enquanto eu escrevia os meus livros sobre Estaline, porque ele serviu de intérprete a Churchill em algumas das reuniões dos Três Grandes com Estaline. Teve a amabilidade de me contar a história completa da sua aventura amorosa com uma mulher russa, que inspirou a história de Serafima. Sem ele, este livro não poderia ter sido escrito.

Gela Charkviani, filho de Kandide Charkviani e primeiro-secretário da Geórgia de Estaline entre 1938 e 1951, partilhou as suas elegantes memórias da vida da elite, *Memórias de Um Príncipe Comunista Provincial*. Sophie Shulman teve a amabilidade de me permitir que lesse as suas memórias fascinantes, *Vida de Uma Humanista Secular*. Gela Charkviani e Sophie Shulman responderam às minhas perguntas sobre os seus tempos de escola na Rússia de Estaline. O general Stepan Mikoyan, piloto da força aérea, e Sergo Mikoyan, filhos do membro do Politburo Anastas Mikoyan, foram ambos presos (Sergo tinha catorze anos) no verdadeiro Caso das Crianças e ambos me falaram da sua experiência, tal como fez Stanislas Redens, sobrinho de Estaline, que também foi preso.

Obrigado aos Polonskys, que me deixaram ficar no apartamento de Molotov no edifício Granovsky.

Estou muito grato à minha brilhante, incansável e meticulosa revisora e editora, Selina Walker, e à irreprimivelmente soberba Georgina Capel, a melhor agente da cidade. Obrigado aos meus pais por reverem este livro.

Acima de tudo, quero agradecer à minha mulher, Santa, pelas suas dádivas supremas de amor sereno e amizade sincera, e pelos seus conselhos perspicazes sobre este livro; e aos meus queridos filhos Lily e Sasha, que inspiraram as crianças de ambos os meus romances russos.

SSM

## PRÓLOGO

*Junho de 1945*

Meros instantes após os disparos, enquanto Serafima olha para os corpos dos seus colegas de escola, uma leve brancura já gela a carne dilacerada. Parece uma camada de neve, mas é pleno verão e ela apercebe-se de que é pólen. Sementes de choupo flutuam, ressaltam e giram pelo ar em manobras fortuitas, como uma invasão de minúsculas naves extraterrestres. Os moscovitas chamam a isto «neve de verão». Naquela noite húmida, Serafima tem dificuldade em respirar, dificuldade em ver.

Mais tarde, quando presta o seu testemunho, pensa que preferia ter visto menos, saber menos. – Não são umas crianças mortas *quaisquer* – balbucia um dos polícias meio bêbedos que tratam da ocorrência. Quando examinam a identificação das vítimas e dos seus amigos, estes polícias pestanejam, conforme tentam avaliar o perigo – e depois passam o caso o mais rápido possível. Portanto, não é a polícia, mas sim os Órgãos, a polícia secreta, quem investiga. – É homicídio, suicídio ou conspiração? – perguntarão.

O que contar? O que esconder? Uma má escolha e podes ficar sem cabeça. E não apenas tu, mas também a tua família e os teus amigos, todos os que a ti estejam ligados. Como um grupo de montanhistas, quando um cai, todos caem.

Porém, Serafima joga com muito mais do que a vida e a morte: tem dezoito anos e está apaixonada. Enquanto fita os dois amigos que ainda há segundos estavam vivos, pressente que isto é só o princípio, e tem razão: todos os acontecimentos na vida de Serafima serão agora definidos como Antes ou Depois do Tiroteio.

Ao olhar para os corpos dos amigos, ela vê os acontecimentos daquele dia com uma maior nitidez. É 24 de junho de 1945. O dia em que Estaline revista a Parada da Vitória. Sim, é uma daquelas ocasiões em que todos os russos recordam onde estão, como 22 de junho de 1941, o dia da invasão nazi. A guerra terminou, as ruas estão cheias de multidões ébrias, a cantar. Todos estão seguros de que da guerra resultará uma Rússia melhor e mais agradável. Mas isto depende de um homem cujo nome nunca é proferido por pessoas sensatas senão em louvor reverente.

Serafima não quer saber de nada disto. Pensa apenas em amor, embora o seu amante seja um segredo, e por bons motivos. Normalmente, quando as raparigas da idade dela acalentam semelhante segredo, confiam todos os detalhes às suas amigas mais próximas. Esse não é o estilo de Serafima: ela sabe, pela sua própria família, que os mexericos podem revelar-se fatais nesta época de caça às bruxas. Também sabe que ela própria é de certo modo diferente, mesmo que não consiga decidir porquê. Talvez seja por ter crescido à sombra da mãe. Talvez seja simplesmente a sua maneira de ser. Está convencida de que ninguém em toda a existência humana alguma vez conheceu uma paixão como a sua.

Esta manhã, é acordada pelos ritmos graves das bandas militares que praticam a música de Glinka ao fundo da rua, o ronco de motores de tanques e o som agudo de cascos de cavalaria sobre o pavimento, e sai da cama com a desagradável sensação de que mal dormiu.

O pai, Constantin Romashkin, bate à porta. – Já estás acordada? Estás entusiasmada com a parada?

Ela vai à janela. – Oh não, está a chover.

– Vai passar durante a parada. – Mas não passa. – Acordamos a tua mãe?

Serafima caminha pelo corredor em parquê, adornado de candelabros, até ao quarto dos pais, passando pelo cartaz emoldurado a anunciar o filme *Katyusha*, que é dominado por uma mulher escultural de uniforme do exército, a segurar uma metralhadora sobre um fundo militar. Tem o cabelo muito preto e manchas de óleo para armas nas faces, como um guerreiro *cherokee*. Letras dramáticas declaram que a atriz principal do filme é «SOPHIA ZEITLIN» (a mãe de Serafima) e o guião foi escrito «POR CONSTANTIN ROMASHKIN» (o pai de Serafima). *Katyusha* é o filme preferido dos soldados soviéticos, assinado pelo melhor guionista de

Estaline. Serafima tem uma forte impressão de que foi com guiões assim que o pai seduziu a mãe – pelo menos foi com eles que a manteve.

O quarto. Um monte de lençóis de seda. Ali jaz «Katyusha» em pessoa. Cabelo preto comprido, um braço nu e rechonchudo. Serafima sente o cheiro da familiar aura de perfume francês, cigarros franceses e creme para o rosto francês.

– Mamã, acorda!

– Meu Deus! Que horas são? Tenho de estar com bom aspeto hoje. Tenho de estar com bom aspeto todos os dias. Acende-me um cigarro, Serafimochka.

Sophia senta-se na cama; está nua; tem seios cheios. Inexplicavelmente, no entanto, já segura um cigarro numa boquilha de marfim. O pai, ansioso e fastidioso, anda de um lado para o outro.

Ele Não podemos chegar atrasados.

Ela Para de me chatear!

Ele Chegas sempre atrasada. Desta vez não podemos chegar atrasados.

Ela Se não gostas, pede o divórcio!

Por fim, estão vestidos e prontos. Serafima destranca a porta de casa no preciso momento em que as portas de todos os espaçosos apartamentos com soalho de parquê e pé-direito alto estão a abrir-se no bolo de casamento cor-de-rosa que é o edifício Granovsky (também conhecido como a Quinta Casa dos Soviéticos). As outras famílias da elite também vão descer.

Na escadaria: vozes de crianças trémulas de entusiasmo; o rangido de couro bem polido, o som de tacões de botas; o agitar de medalhas, pistolas a tilintar contra cintos com fivelas estreladas. Primeiro, os pais dela cumprimentam os presunçosos Molotovs – ele está de fato preto, como um cangalheiro burguês, e lunetas numa cabeça redonda como uma bala de canhão; a sua carrancuda mulher Polina, de pele de marta. Mesmo à frente deles, o marechal Budyonny, do bigode encerado tão largo como o guiador de uma bicicleta, entoa uma cantiga cossaca (bêbedo? às oito da manhã?), com uma bonita esposa nova a aperaltar-se atrás dele.

No primeiro patamar, Hercules Satinov ostenta o seu uniforme de general de gala, calças com listas vermelhas e platinas escarlates com estrelas douradas. A mãe dela abraça Hercules – amigo da família desde antes da Revolução. As crianças Satinov acenam a Serafima com a

cumplicidade de conspiradores da escola. – O que contas? – pergunta George Satinov avidamente. Diz sempre isto. Ela viu-os na noite passada no Restaurante Aragvi, e hoje à tarde vão fazer o que fazem sempre. Vão jogar o Jogo.

– Saudações comunistas, Serafimochka – diz o camarada Satinov. Serafima responde-lhe com um aceno de cabeça. Aos seus olhos, ele é uma estátua fria, sem paixão, um líder típico. Granito e gelo – e óleo no cabelo. Sabe que em breve ele estará ao lado de Estaline, no cimo do Mausoléu de Lenine.

– Acho que a chuva vai parar para o camarada Estaline – diz Mariko, a filha dos Satinovs, com seis anos. Tem o cabelo entrançado e um cão de peluche debaixo do braço.

– Provavelmente – diz Tamara, a mulher do camarada Satinov, com uma risada.

Saem para o parque de estacionamento. Chuva quente de verão. O ar prenhe com a proximidade da trovoada, os aromas pegajosos do lilás e da flor de macieira. Serafima tem medo de que, com a humidade, o seu cabelo loiro se esteja a encarracolar e o vestido azul-claro de colarinho branco comece a perder a forma. Apesar de todos os saltos altos, chapéus em forma de sino e chapéus de pala escarlata dos homens, já sente o cheiro a mofo do suor e do cetim ensopado.

Guarda-costas fardados aguardam, de guarda-chuvas abertos. As limusinas blindadas, com faróis do tamanho de planetas e as curvas de uma corista, avançam velozmente, uma a uma, para os transportar pelo caminho mais curto até ao Grande Palácio do Kremlin. Um engarrafamento dá quase duas voltas aos muros vermelhos do palácio.

Serafima Porque é que vamos de carro?

Papá São só cem metros.

Mamã Experimenta ir a pé a algum lado com estes tacões! Não percebes nada de mulheres, Constantin!

Serafima pensa no seu amante. – Sinto a tua falta, amo-te, quero-te – sussurra. Algures, não muito longe, será que ele também pensa nela?

O carro deposita-os à porta do Grande Palácio do Kremlin. As fortificações ameadas vermelhas, cúpulas bulbosas douradas e palácios ocres e brancos são tão familiares, que Serafima mal repara neles.

O que vê ao caminhar pelo Kremlin é o seu mundo inteiro. Surge ao lado do mausoléu, que parece um templo asteca. Feito de mármore vermelho e sarapintado como a pele de uma velha, parece muito mais baixo do que no ecrã do cinema. Atrás de barreiras e guardas, foi erigida uma tribuna para a nobreza bolchevique. Serafima sabe que tudo na vida deles é segredo, mas nada é privado. É uma «criança dourada», e todas as «crianças douradas» frequentam as mesmas escolas, fazem férias nas mesmas estâncias e, quando crescem, casam entre si. Cada um conhece o seu lugar e cada palavra tem vários significados.

A sua melhor amiga, Minka Dorova, beija-a. Está com o irmão mais novo, Senka, de dez anos. O pai, Genrikh, também de uniforme, dá a Serafima um sorriso bege e um aperto de mão pegajoso. É a autoridade quanto ao que constitui ou não «virtude bolchevique». Uma vez, Minka confidenciou-lhe que, quando era bebé, o pai lhe pôs um retrato de Estaline no berço.

Também estão ali os outros colegas de escola dela e praticamente todos os comissários, marechais, exploradores do Ártico, compositores e atrizes de que alguma vez ouviu falar. E os filhos deles, a maioria também da Escola 801. Um general faz uma vénia a alguém. Serafima espreita por trás das platinas dele e vê Svetlana, a filha robusta, sardenta e ruiva de Estaline, que é pouco mais velha do que ela. Está com o irmão, que usa uma farda de general da força aérea e bebe de um cantil. Vasily Estaline sorri com ar triste a Serafima, que, mesmo quando desvia o olhar, sente os olhos sombrios dele sobre si.

Muito antes das dez da manhã, ela, os pais e os amigos deles estão nos seus lugares na bancada ao lado do mausoléu. As vastas multidões e hirtos regimentos ficam em absoluto silêncio quando um velho de pernas arqueadas e uniforme de marechal sobe com o seu andar à pato os degraus até ao mausoléu, seguido dos seus companheiros de armas: Molotov, Beria e, sim, o vizinho dela, Satinov. Embora Serafima esteja perto o suficiente para ver a chuva cair da pala para o rosto do marechal Estaline e para observar Satinov a conversar com ele, não lhe importa o que possam estar a dizer. Mal se lembra de qualquer detalhe da parada. Sonha ver o seu amante mais tarde, sonha beijá-lo. Sabe que ele está perto e isso faz-lhe doer o coração de alegria.

A parada acabou. Está na altura do Jogo. Fugindo aos pais, Serafima abre caminho por entre a multidão de soldados a dançar e civis a passo lento, para se encontrar com os amigos na Grande Ponte de Pedra junto ao Kremlin. Procura-os – e ali estão eles. Uns já se mascararam. Para alguns deles, o Jogo é mais do que apenas um jogo; é uma obsessão – mais real do que a realidade.

A chuva para de repente; o ar está carregado de pólen sufocante, e Serafima perde de vista os amigos quando é fustigada pelas multidões ébrias. O cheiro a *vodka* e a flores, o estrondo atroador e o fumo arrastado pelo vento de um canhoneio, cem coros de rua improvisados a cantar romanças de tempo de guerra por entre as salvas daqueles cinquenta canhões, rodeiam e confundem-na. E então ouve dois disparos destacados, muito perto.

Serafima sabe que aconteceu alguma coisa aos amigos mesmo antes de o som ter acabado de ricochetear nos muros do Kremlin. Enquanto a multidão recua, ela caminha e depois corre em direção ao barulho, esbarrando nas pessoas, empurrando-as para o lado. Vê Minka Dorova a puxar o irmão mais novo para o calor protetor do seu casaco e a fitar o chão como que petrificada. À volta dela está um grupo dos seus colegas de escola numa meia-lua estranhamente formal. Estão todos de olhos baixados para alguma coisa; estão todos muito quietos e calados.

Minka leva a mão ao rosto. – Não olhes, Senka – diz ela ao irmão. – Não olhes!

Serafima fica momentaneamente petrificada pelo horror indescritível daquilo que vê. A rapariga está mais próxima dela. Jaz imóvel, mas todo o seu peito, coberto pelas pregas do seu vestido de fantasia, cintila com sangue escarlate que corre como um riacho sobre uma pedra. Está morta, Serafima sabe-o, mas morta há apenas segundos e o sangue da rapariga ainda se espalha pelo seu corpo, assentando, infiltrando-se, coagulando diante dos olhos de Serafima. Mas o seu olhar fica ali apenas um segundo antes de saltar para o rapaz que está ao lado. Metade do rosto dele está imaculada, mas a outra, desfeita pela bala que a rasgou, está aberta aos elementos. Repara em pedaços de crânio, abas de carne rosa e matéria branca que brilha como massa húmida, acabada de fazer. Um dos olhos do rapaz está pousado na sua face.

Ela vê-o contorcer-se. – Oh, meu Deus! Ai, Jesus! – grita. – Olhem, ele está vivo! – Corre para se ajoelhar ao lado dele, para lhe pegar na mão, ciente de que o sangue lhe está a ensopar os joelhos, o vestido; está entre os seus dedos. O peito dele... a gravata e o veludo da sua sobrecasaca de fantasia ainda estão imaculados porque são *bordeaux*, repara absurdamente. Ele arqueja muito depressa, geme e, então, inesquecivelmente, suspira – um suspiro longo e borbulhante. Todo ele estremece e depois o seu peito fica imóvel. Já não é um rapaz, dificilmente uma pessoa, nunca o amigo que ela conhecia tão bem, e, no seu presente estado, parece incrível que alguma vez o tenha sido.

Minka vomita. Agora alguém soluça ruidosamente; outra pessoa desmaiou e jaz no chão. Estranhos aproximam-se a correr e recuam com igual rapidez, horrorizados. E Serafima ouve um grito sonoro e estridente muito perto de si. É seu. Levanta-se, a recuar, mas sente algo tão afiado como um espinho debaixo do pé e, quando pega naquilo, tem dois dentes ensanguentados na mão.

Alguns soldados e um marinheiro veem o que aconteceu e abraçam as crianças com a bondade tosca de camponeses que foram à guerra. Levam-nas para trás, protegem-nas. Um deles dá a Serafima um gole da sua *vodka* e ela volta a pegar nela e bebe outro e continua a beber até quase vomitar. Mas o ardor na barriga acalma-a. Então, a polícia – a *militsia* – chega. Corados, interrompidos a meio dos brindes e da cantoria, os polícias parecem ébrios e eufóricos, mas pelo menos controlam a multidão e afastam Serafima dos corpos que ela não consegue parar de observar.

Aproxima-se dos amigos, agarrados uns aos outros. Mas Serafima está manchada de sangue, por isso eles recuam.

– Oh, meu Deus, Serafima, estás suja de sangue! Estás toda suja!

Serafima levanta as mãos e vê que estão cobertas de sangue.

Faíscas prateadas rodopiam atrás dos seus olhos quando volta a olhar para os corpos e depois para cima, em direção às estrelas vermelhas que brilham no topo das torres do Kremlin. Algures no Kremlin, muito em breve, ela sabe que Estaline será informado da morte violenta de dois alunos da Escola 801 – e aquela força irrequieta, astuta e feroz procurará um significado nestas mortes, um significado que sirva os seus próprios fins importantes e misteriosos.

Enquanto o céu manchado de rosa escurece, ocorre-lhe a mais insuportável certeza: que esta é a última noite da infância deles. Estes disparos vão arrasar-lhes as vidas e revelar segredos que de outro modo nunca seriam descobertos – sobretudo os segredos de Serafima.

## PARTE UM

### *O Clube dos Românticos Fatais*

*Incrivelmente felizes se tornaram  
Todas as horas, de estudo ou de brincadeira,  
Porque o nosso Grande Estaline  
É o melhor amigo das crianças.*

*Que da infância feliz que nos é dada  
Ecoe esta cantiga alegre!  
Obrigado ao Grande Estaline  
Pelos nossos dias felizes!*

«Obrigado, Camarada Estaline, Pela Nossa Infância Feliz», cantiga popular soviética

# UM

## *Várias semanas antes*

A melhor escola de Moscovo, pensou Andrei Kurbsky no seu primeiro dia na Escola 801, na Rua Ostozhenka, e por milagre conseguiu entrar aqui.

Ele e a mãe haviam chegado demasiado cedo e agora esperavam numa entrada em frente ao portão da escola, como um par de aldeões boquiabertos. Amaldiçoou a ansiedade da mãe, quando viu que ela segurava uma lista e enumerava a parafernália dele em voz baixa: pasta – sim; camisa branca – sim; casaco azul – sim; calças cinzentas – sim; um volume de Pushkin; dois cadernos; quatro lápis; sanduíches para o almoço... E agora estava a fitar o rosto dele com uma seriedade exasperante.

– Oh, Andryusha, tens uma coisa na cara! – Sacando um lenço amarrotado da mala, ela lambeu-o e começou a esfregar-lhe a bochecha.

Era esta a primeira memória que ele tinha da escola. Estavam todos lá, os fios que conduziram às mortes, se se soubesse quais seguir. E começavam com a mãe a limpá-lo enquanto ele tentava sacudi-la como se fosse uma mosca a zumbir à sua volta num dia de verão.

– Para, mamã! – Ele afastou-lhe a mão e compôs orgulhosamente os óculos. O rosto seco e macilento da mãe, com aqueles óculos de metal, enfurecia-o, mas conseguiu conter-se, sabendo que a pasta, o *blazer* e os sapatos tinham sido obtidos a pedir a vizinhos, a apelar a primos (que, naturalmente, haviam cortado relações com eles depois do desaparecimento do pai) e a vasculhar feiras da ladra.

Quatro dias antes, a 9 de maio de 1945, a mãe fora com ele para a rua, para celebrar a queda de Berlim e a rendição da Alemanha nazi. No

entanto, mesmo naquele dia maravilhoso, o mais espantoso era que, por algum motivo, durante os dias mais permissivos da guerra, os tivessem deixado regressar a Moscovo. E nem *isso* se aproximava do verdadeiro milagre: ele candidatara-se a todas as escolas do centro de Moscovo, a contar que nenhuma o aceitasse, mas, de todas elas, fora aceite pela melhor: a Escola Comunitária Josef Estaline n.º 801, onde os filhos do próprio Estaline haviam sido educados. Mas esta boa notícia extraordinária lançou imediatamente a mãe, Inessa, numa nova espiral de preocupação: como é que ia pagar as propinas com o seu salário de bibliotecária?

– Olha, mamã, estão prestes a abrir os portões – disse Andrei enquanto um tajuque velho e pequeno com uma bata castanha, mirrado como uma noz assada, chocalhava um molho de chaves. – Que portões!

– Têm pontas de ouro – disse Inessa.

Andrei examinou as figuras heroicas esculpidas nas duas pilastras ao estilo imperial de Estaline. Cada coluna estava ornada com uma placa de bronze na qual reconheceu, em silhuetas douradas, Marx, Lenine e Estaline.

– O resto de Moscovo está em ruínas, mas olha para esta escola para a gente importante! – disse ele. – Não há dúvida de que sabem cuidar bem dos seus!

– Andrei! Lembra-te, cuidado com o que dizes...

– Oh, mamã! – Ele era tão prudente quanto ela. Quando o nosso pai desaparece, e a nossa família perdeu tudo, e estamos a pairar no limiar da destruição, não precisamos de que nos lembrem de que devemos ter cuidado. A mãe parecia um saco de ossos nos seus braços. A alimentação era racionada e mal tinham dinheiro para comer.

– Anda – disse ela. – Estão a chegar pessoas. – De súbito, crianças com o uniforme escolar (calças cinzentas e camisa branca para os rapazes, saia cinzenta e blusa branca para as raparigas) chegavam de todas as direções. – Mamã, olha para aquele carro! Quem estará lá dentro?

Um *Rolls-Royce* estacionou junto ao passeio. Um motorista de chapéu saiu e contornou o carro para abrir a porta de trás. Andrei e Inessa ficaram especados a ver sair do carro uma mulher de seios fartos, com lábios escarlates, um queixo bem definido e cabelo muito negro.

– Olha, Andryusha! – exclamou Inessa. – Sabes quem é aquela?

– Claro que sei! É a Sophia Zeitlin. Adoro os filmes dela. É a minha estrela de cinema preferida. – Ele até sonhara com ela: aqueles lábios carnudos, aquelas curvas. Acordara muito envergonhado. Ela era velha: tinha quarenta e tal anos, pelo amor de Deus!

– Olha o que traz vestido! – disse Inessa, maravilhada, examinando o fato axadrezado e os saltos altos de Sophia Zeitlin. Atrás dela, uma rapariga alta de cabelo loiro encaracolado saiu do *Rolls*. – Oh, aquela deve ser a filha dela.

Observaram enquanto Sophia Zeitlin endireitava o seu casaco chique, compunha o cabelo e depois lançava um sorriso profissional em três direções, como se estivesse habituada a posar para fotógrafos. A filha, cujo desalinho era tanto como a perfeição da mãe, revirou os olhos. A equilibrar um monte de livros nos braços e a tentar manter a alça da pasta no ombro, foi direta aos portões da escola.

Inessa começou a limpar um pó imaginário dos ombros de Andrei.

– Pelo amor de Deus, mamã – sussurrou ele, afastando-lhe a mão. – Anda! Vamos chegar atrasados. – Imagine-se que, da primeira vez que os colegas o viam, a mãe lhe estava a limpar a cara! Era impensável.

– Só quero que estejas impecável – protestou Inessa, mas ele já estava a atravessar a rua. Não havia muitos carros, e Moscovo parecia desbotada, marcada e exausta depois de quatro anos de guerra. Pelo menos dois edifícios da Rua Ostozhenka eram agora montes de entulho. Os Kurbskys haviam acabado de chegar ao passeio quando se ouviu uma derrapagem, e uma limusina *Packard*, preta e reluzente, acelerou na sua direção, seguida de um *Pobeda* baixo e largo. Travando com uma chiadeira, um guarda fardado de bigode encerado saltou do banco do lado do *Packard* e abriu a porta de trás.

Saiu um homem do carro. – A *ele*, reconheço-o – disse Andrei. – É o camarada Satinov.

Andrei lembrava-se de o ver no *Pravda*, com o peito coberto de medalhas (cabeçalho: «O Comissário de Ferro de Estaline»), mas agora trazia um uniforme caqui simples com apenas uma Ordem de Lenine. Olhar ártico, nariz aquilino; disciplina sem emoção, severidade bolchevique. Quantas vezes vira aquele rosto em faixas do tamanho de casas, em bandeiras erguidas em paradas? Até havia uma cidade nos Urais chamada Satinovgrad. A mãe apertou-lhe o braço.

– É uma escola e peras – disse ele. Os guarda-costas formaram uma falange em torno do camarada Satinov, ao qual se juntaram uma mulher minúscula e três crianças de uniforme escolar, dois rapazes da idade de Andrei, e uma menina muito mais nova.

Hercules Satinov, membro do Politburo, secretário do Partido e coronel-general, aproximou-se dos portões da escola a segurar a mão da filha como se estivesse a conduzir uma marcha triunfante. Andrei e a mãe recuaram instintivamente, e não foram os únicos: já havia uma fila junto aos portões, mas abriu-se um caminho para os Satinovs. Enquanto os seguiam, Andrei e a mãe deram por si atrás dos filhos de Satinov.

Andrei nunca estivera tão perto de um líder e olhou com ansiedade para a mãe.

– Vamos abrandar um bocado. – Inessa gesticulou um sinal de retirada.  
– É melhor não ir demasiado à frente. – Regra número um: Passar despercebido, não chamar atenção. Era um hábito gerado por muito infortúnio e sofrimento naquele sistema implacável. Anos a tornarem-se invisíveis em estações apinhadas onde temiam que lhes verificassem os cartões de identificação.

Dividido entre a cautela temerosa e o desejo de conviver com os seus novos colegas, a Juventude Dourada de Moscovo, Andrei não conseguia tirar os olhos da nuca do camarada Satinov, rapada ao estilo militar. E foi assim que, poucos minutos depois, deram por si perto da frente da fila, quase entre as duas colunas douradas dos portões da escola, sob um quente céu de Moscovo tão azul e sem nuvens que parecia lúgubre.

À volta de Andrei e da mãe, a multidão de pais – mulheres bem vestidas, homens de platinas douradas (viu um marechal mais à frente) e fatos claros de verão e crianças com o lenço vermelho dos Pioneiros – apertava-se. Ao lado dele, Inessa suave, o rosto enfeado pela preocupação, a pele seca como cartão cinzento. Andrei sabia que ela tinha apenas quarenta anos – não era assim tão velha –, mas o contraste com as mães da escola, com os seus penteados vistosos e vestidos de verão elegantes, era demasiado óbvio. A prisão e o desaparecimento do pai, a expulsão da capital, sete anos de exílio na Ásia Central, tudo isto a tinha consumido. Andrei sentia vergonha, irritação e zelo em relação a ela, tudo ao mesmo tempo. Pegou-lhe na mão. O seu sorriso grato e destroçado fez-lhe

lembrar o pai. Onde estás, papá?, pensou. Ainda estás vivo? Seria o regresso deles a Moscovo o fim do pesadelo, ou mais um truque cruel?

O camarada Satinov avançou e uma mulher com um vestido preto sem forma, que a fazia parecer uma freira, cumprimentou-o.

– Camarada Satinov, bem-vindo. Chamo-me Kapitolina Medvedeva, sou a diretora da escola e quero dizer-lhe, em nome dos funcionários da Escola Estaline 801, que é uma grande honra conhecê-lo. Finalmente! Em carne e osso!

– É bom estar aqui, camarada diretora – respondeu Satinov com um forte sotaque georgiano. – Tenho estado na frente e não faço nada com as crianças desde 22 de junho de 1941 – (o dia em que Hitler invadiu a Rússia, como Andrei e todos os russos sabiam) –, mas agora fui convocado para regressar de Berlim.

– Convocado – repetiu a diretora, corando um pouco, porque «convocado» só podia significar uma ordem do próprio marechal Estaline. – Convocado por...

– O camarada Estaline deu-nos instruções: agora que a guerra terminou, temos de restaurar os bons valores russos e soviéticos. Dar o exemplo. O homem soviético também é um homem de família. – Andrei reparou que o tom de Satinov era paciente e autoritário, mas nunca arrogante. Aqui estava a modéstia bolchevique. – Portanto, é possível que se farte de me ver à porta da escola.

A diretora Medvedeva uniu as mãos como se estivesse a rezar e respirou fundo. – Que sabedoria! Camarada Satinov, claro que conhecemos muito bem a sua família. A sua mulher é um membro estimado do corpo docente, e estamos habituados à presença de pais eminentes, mas, bem, um membro do Politburo... nós... estamos muito emocionados, e é uma grande honra que o senhor tenha vindo pessoalmente...

O rapaz em frente a Andrei abanava a cabeça enquanto ouvia esta atuação. – Santo Deus, até parece que o papá é a segunda vinda de Cristo! – disse em voz alta. Andrei não sabia a quem se dirigia. – Vamos ter estas vénias sempre que ele nos trazer à escola? – Era um dos filhos de Satinov, que se voltara um pouco para Andrei. – Já é mau ter uma mãe professora, mas agora... oh, meu Deus. Repugnante.

Andrei ficou chocado com esta irreverência, mas o rapaz elegante, de sapatos engraxados, calças com vinco e brilhantina no cabelo forte,

parecia deliciado com o efeito que estava a ter no rapaz novo. Fez a Andrei um sorriso cortês. – Chamo-me Georgi Satinov, mas toda a gente me trata por George. Ao estilo inglês. – Os ingleses ainda eram aliados, afinal. George estendeu a mão.

– Andrei Kurbsky – disse Andrei.

– Ah sim. Acabado de regressar à cidade? És o rapaz novo? – perguntou George vivamente.

– Sim.

– Bem me parecia. – E o sorriso desapareceu. Sem ele, o rosto de George Satinov parecia presunçoso e enfadado. A audiência terminara, e Andrei sentiu que regressava à Terra.

– Minka! – George estava a abraçar uma rapariga cheia de curvas e com pele escura. – O que contas? – perguntava ele.

Andrei empalideceu um pouco e sentiu a mãe de novo a seu lado. Ambos sabiam o que George quisera dizer com «Acabado de regressar à cidade?» Andrei estava manchado pelo exílio, era filho de uma Ex-Pessoa.

– Não cries demasiadas expectativas. Vão todos acabar por querer ser teus amigos – sussurrou Inessa, apertando-lhe o braço docemente. Ele sentiu-se agradecido. A rapariga chamada Minka era tão bonita. Será que um dia ia conseguir falar com ela com o estilo confiante e despreocupado de George Satinov? Os pais estavam atrás dela com um rapazinho. – Aquela ali deve ser a mãe dela. Também a reconheço. É a Dra. Dashka Dorova, ministra da Saúde. – A mãe de Minka, morena e de olhos escuros, trazia um fato creme, de saia plissada, mais adequado para o ténis do que para a cirurgia. A mulher mais elegante que Andrei alguma vez vira em Moscovo fitou por um momento as meias remendadas e os sapatos gastos de Inessa e os círculos cor de beringela sob os seus olhos. O marido dela também estava fardado, mas era minúsculo, com cabelo prematuramente branco e a pele macilenta do burocrata soviético: o Bronzeado do Kremlin.

Andrei estava a tentar recuperar o seu otimismo natural quando a mãe o puxou para a frente.

– Obrigada, camarada diretora. – Satinov assumira um tom conclusivo. – Nós também apreciamos o seu trabalho. – A diretora quase se curvou

enquanto os Satinovs entravam em procissão na escola, e depois voltou-se para Andrei, retomando uma expressão de solene equidade.

– Sim? – perguntou ela.

Enquanto olhava sob o cabelo escorrido e as sobrancelhas espessas para os olhos severos dela, Andrei temeu que ela não soubesse o seu nome, ou, pior, o soubesse para o mandar embora. Também Inessa apertou a mão da diretora com uma expressão que dizia: «Agride-me. Estou habituada, estou a contar com isso.»

– Mamã, como é que vamos pagar esta escola? – perguntara Andrei a Inessa ainda naquela manhã, e ela respondera: – Primeiro temos de chegar lá. – Iria ele ser desmascarado como filho de um Inimigo do Povo e expulso mesmo antes de começar?

A diretora Medvedeva estendeu de má vontade uma mão tão ossuda que os dedos pareciam ranger. – O rapaz novo? Sim. Vem falar comigo, no meu escritório, depois da assembleia. Sem falta! – Virou-se para os Dorovs: – Bem-vindos, camaradas!

Um calor rubro espalhou-se pelo corpo de Andrei. A diretora perguntar-lhe-ia como é que ia pagar as propinas. Lembrou-se das muitas ocasiões em que os mais ínfimos sinais de esperança – a mãe arranjar um emprego novo, a mudança para um quarto maior num apartamento partilhado, permissão para viver numa cidade mais perto de Moscovo – lhes haviam sido oferecidos e depois retirados no último instante. Sentiu a sua compostura a desintegrar-se.

O vestíbulo conduzia a um corredor comprido.

– Queres que vá contigo? – perguntou Inessa. Não havia nada mais assustador do que o primeiro dia numa escola nova, mas num momento ele precisava do calor dela a seu lado e, logo a seguir, ela metamorfoseava-se em grillhetas de aço em torno dos seus tornozelos. – Precisas de mim, querido?

– Sim. Não. Quer dizer...

– Então deixo-te. – Ela beijou-o, voltou-se e a multidão engoliu-a.

Andrei estava sozinho. Agora podia refazer-se: a reconstrução era um princípio do bolchevismo. O próprio Estaline prometera que os pecados do pai nunca seriam cobrados ao filho, mas Andrei sabia que o eram – e de modo feroz.

## DOIS

Andrei ficou sozinho por um momento à porta que conduzia ao corredor principal da Escola 801 e inspirou um sopro de ar que cheirava à sua vida nova: o desinfetante amargo dos quartos de banho, a doce cera do soalho de parquê, o perfume das mãos glamorosas, o odor acre a *vodka* no hálito de alguns professores, e, mais forte do que tudo o resto, inalou o oxigénio da esperança. Depois, mergulhou na multidão, olhando para as paredes, que estavam decoradas com cartazes emoldurados de Jovens Pioneiros em acampamentos, bandas desenhadas de *Timur e a Sua Equipa* nas suas aventuras durante a guerra e listas de *otlichniki*, os «excelentes», as crianças mais bem-sucedidas.

Sim, ele estava lá dentro – e sentiu a sua alegria persistente vencer o desdém de George Satinov e a sinistra convocatória da diretora. Ali, mesmo à sua frente, estava a estrela de cinema Sophia Zeitlin, a falar com o camarada Satinov. Não podia deixar de olhar. Nunca vira dois seres tão famosos a conversar normalmente. Era como um noticiário ao vivo e a cores. Conseguia ouvir as vozes deles. Respiram como nós, mortais?, perguntou-se; depois, deteve-se com uma gargalhada. Claro que sim.

Os guarda-costas à paisana de Satinov estavam a olhar para ele com desdém, e ele voltou-se, quase esbarrando na filha de Sophia Zeitlin – e parou, sem saber ao certo o que é que ela tinha que lhe chamava a atenção. Claro que o facto de vir para a escola no *Rolls Royce* de uma estrela de cinema era parte da explicação.

Movia-se impetuosamente, com o espírito ligeiro e indisciplinado de uma rapariga muito mais nova. O cabelo loiro e encaracolado estava despenteado e o seu rosto e pele livres de maquilhagem, e, no entanto, Andrei pressentiu uma autoridade natural do tipo mais elementar, o poder de alguém que esperava admiração e cuja expectativa se cumpria. Os seus olhos verdes encontraram os dele por um segundo, e Andrei reparou que

as suas pestanas pretas e compridas e boca larga e sensual eram tão impressionantes que ofuscavam completamente as meias com malhas caídas e a blusa branca, abotoada até ao pescoço, que usava.

Enquanto Sophia Zeitlin e o camarada Satinov avançavam pelo corredor, cumprimentando toda a gente, a filha de Zeitlin, reparando talvez que Andrei a observava, levantou os olhos para o céu, um gesto cúmplice que parecia dizer que também a mãe dela a envergonhava.

– Serafima! – Era o filho de Satinov outra vez. – As férias foram boas? O que contas? – Parecia ser a pergunta preferida de George, pensou Andrei.

Andrei estava a seguir Serafima e George pelo corredor quando a campainha tocou. Os pais começaram a retirar-se e as crianças dirigiram-se à assembleia. Serafima e George viram passar a Dra. Dashka Dorova e o seu marido ressequido.

– Os pais da Minka são uma perfeita afinidade de opostos – disse George.

– Ele é tal e qual... sim, um panado de frango cru! – disse Serafima.

– É exatamente isso! – concordou George com uma risada. E Andrei também sorriu. O comentário malicioso de Serafima era perfeito.

As crianças foram para um lado e os pais para o outro. Quando passou, o camarada Satinov acenou bruscamente a Andrei, que, sem saber como reagir (continência? não!), foi empurrado ao longo do corredor pela multidão.

No ginásio da escola, filas de cadeiras de madeira haviam sido colocadas sob cordas espessas que pendiam como forcas gigantes das traves de um teto de madeira alto. Escadas de exercício subiam pelas paredes e um cavalo de madeira estava guardado ao fundo da sala, no Canto de Lenine, ao lado do busto branco do dirigente. Havia cadeiras para os professores dispostas em duas filas no palco de madeira. A da diretora Medvedeva estava no meio: era a única com braços e uma almofada. A escola era uma mini-Rússia, pensou Andrei. Todas as instituições tinham a sua hierarquia, tal como o Partido. Havia retratos gigantes de Estaline e dos líderes pendurados nas paredes (sim, ali, em quarto lugar, estava Satinov).

Por um momento, Andrei entrou em pânico, quando os quinhentos alunos começaram a encontrar os amigos. Estavam todos a cumprimentar-

se depois das férias – e se ele não conseguisse arranjar um lugar para se sentar? Conseguiu a atenção de George por um momento, mas ele desviou o olhar. – Minka, guardei-te um lugar! – gritou. – Serafima, aqui! – Sentado entre Minka Dorova (filha do Frango Cru) e Serafima (filha da estrela de cinema), George irradiava a satisfação rubicunda do rapaz que acredita estar no seu devido lugar. Um rapaz alto e ruivo apressou-se para apanhar o lugar ao lado de Serafima.

Andrei procurou um lugar, durante o que lhe pareceu uma infinidade de tempo, antes de se sentar com alívio numa das cadeiras vazias em frente a George e Serafima. Uma rapariga pálida e magra de cabelo loiro sentou-se a seu lado. Olhou para George e os amigos dele, e depois voltou-se para Andrei como se tivesse acabado de acordar de um sonho.

– Ah, olá. És novo?

– Sim – disse Andrei.

– Mmm – murmurou ela. – Eu chamo-me Rosa Shako.

Deve ser filha do marechal Shako, pensou Andrei, que vira o comandante da força aérea à porta da escola. Depois de darem um aperto de mão, ela olhou para a fila de George como se tivesse voltado a esquecer-se de Andrei.

– Aqueles são os meus amigos – disse ela. – Não conhecestes o George à porta da escola?

– Não propriamente.

– Deve ser difícil chegar no último período do ano – disse ela. Andrei pensou que, com aqueles olhos azuis e caracóis loiros, ela parecia mesmo um anjo de um livro infantil. – Estás a ver o rapaz ruivo?

– O que está sentado ao lado da Serafima?

O rosto dela ensombrou-se. – É o Nikolasha Blagov. É meu amigo. – Ela abriu a boca para dizer mais alguma coisa quando, de súbito, todos baixaram a voz para um sussurro. Os professores entraram, desfilando por ordem de importância ao longo da coxia e pelos degraus acima, até ao palco, exatamente da mesma forma como Estaline e o Politburo entravam nos congressos.

– Sabes quem todos são? – perguntou Rosa com simpatia.

– Só a conheço a ela – disse Andrei quando a própria diretora Medvedeva marchava para o palco, seguida, presumivelmente, pelo vice-

diretor, um homem cujo cabelo castanho-arruivado ralo e oleoso, escovado sobre a sua calvície, tinha a textura de um cesto de vime.

– Aquele é o Dr. Rimm – sussurrou Rosa enquanto ele passava por eles.  
– A Serafima, que inventa as alcunhas todas, chama-lhe o Cantigas. Ouve.  
– O camarada Rimm cantarolava por entre dentes, bem alto, uma melodia que era, inconfundivelmente, a canção «Que o Camarada Estaline Viva Muitos e Muitos Anos».

– Caluda, George – disse o Dr. Rimm numa voz aguda. – Olhos em frente, Serafima. Senta-te direita. Disciplina!

Depois, chegou o resto dos professores. – Aquela é a mulher do camarada Satinov, a Tamara – disse Rosa. – É a nossa professora de Inglês.

Um robusto cavalheiro de idade, cujos joelhos enrugados da cor de couro curtido estavam emoldurados por calções azuis largos e meias escarlates, entrou a seguir. – Aquele é o Apostollon Shuba, nosso professor de Educação Física. Achas que parece um sargento-mor do exército czarista? É que foi mesmo!

– A sério? – Como é que esta relíquia de bigode em forma de forquilha sobrevivera ao Terror?, pensou Andrei. Mas, como fazia parte de uma geração de crianças educadas a acreditar que a discrição era a essência da vida, não disse nada.

Ainda havia uma cadeira vazia. E então um professor com um fato folgado cor de areia e meias às riscas saltou com leveza para o fundo do palco. Houve um murmúrio entre as crianças.

– Sempre o último – disse Rosa suavemente. – Vejamos! Olha para aquela gravata nova, amarelo-canário! É o Benya Golden, nosso professor de Pushkin. – Andrei viu um homem ágil de cabelo loiro ralo e um sorriso divertido ocupar o seu lugar. – A Serafima chama-lhe o Romântico. Se tiveres sorte, ficas na turma dele; se tiveres azar, ficas na do Cantigas.

Outra campanha prenunciou um silêncio rigoroso. A diretora Medvedeva bateu com o bastão no atril. – Bem-vindos de volta à escola, na época da vitória histórica conquistada pelo génio do nosso líder, o camarada Estaline. – Voltou-se para o Dr. Rimm, que avançou.

– Uma pergunta, *komsomolniki!* – disse ele numa voz que poderia, ao telefone, ser confundida com a de um soprano. – Se tivessem de perder

todas as vossas posses ou o vosso distintivo do Komsomol, qual escolheriam?

Um rapaz de cabelo penteado para trás numa onda perfeita, como os líderes soviéticos, ergueu-se e assumiu a resposta: – Todas as nossas posses! – gritou.

Andrei reconheceu o filho mais velho dos Satinovs.

– É o irmão do George, o Marlen – confirmou Rosa ao ouvido dele. Cheirava a água-de-rosas. – És um *komsomol*, Andrei?

Andrei gostava de ser, mas não havia lugar para crianças maculadas nos Jovens Comunistas.

– Jovens Pioneiros! Levantem-se! Jovens Pioneiros, estão preparados? – gritou o Dr. Rimm. Os Pioneiros, com os seus lenços vermelhos, responderam em uníssono.

– *Sempre preparados!*

– Bravo, Pioneiros. – O Dr. Rimm perscrutou o ginásio. Andrei já era demasiado velho para ser um Pioneiro, mas daria tudo para usar o lenço vermelho.

A diretora Medvedeva bateu com o bastão. – Gostava que a Mariko Satinova subisse ao palco – disse ela. Aquela família está em todo o lado, pensou Andrei enquanto uma menina de tranças e lenço vermelho aparecia ao lado do palco.

Duas pancadas do bastão da diretora: o sinal para que uma jovem professora loira ao piano começasse a tocar os compassos iniciais que Andrei tão bem conhecia.

– E quem é a pianista?

– É a Agrippina Begbulatova, professora de Música assistente – respondeu Rosa enquanto a menina começava a cantar os primeiros versos do hino dos estudantes, «Obrigado, Camarada Estaline, Pela Nossa Infância Feliz». Andrei conseguia cantá-lo até a dormir; de facto, chegava a fazê-lo por vezes.

A diretora Medvedeva anunciou algumas coisas sobre o período: haveria um acampamento dos Pioneiros em Artek, na Crimeia; a segunda equipa de futebol ia jogar contra a Escola Comunitária VM Molotov n.º 54. Benya Golden parecia achar alguma graça a muitos destes boletins, notou Andrei enquanto os professores saíam em fila e o período escolar começava.

A diretora Medvedeva escrevia à secretária quando Andrei foi levado à sua presença. O escritório dela estava equipado com um único telefone de baquelite, uma pequena fotografia de Estaline e um cofre minúsculo. (Andrei sabia que o número de telefones e o tamanho e a qualidade dos retratos de Estaline e dos cofres eram todas medidas de poder.) Uma faixa que atravessava uma parede inteira declarava: «Obrigado, caro marechal, pela nossa liberdade, pela alegria das nossas crianças, pela nossa vida.»

Ela apontou para uma cadeira de madeira. – Bem-vindo à escola. Nós formamos novos cidadãos soviéticos, percebeste?

Andrei esperou miseravelmente pelo «mas» que sabia, por amarga experiência, não tardar muito.

– Mas tu tens uma biografia maculada. A maioria dos meus colegas não aprova a tua admissão. Duvido que resulte, mas é só por um período. Estarei atenta ao mínimo sinal de dissidência da tua parte. É tudo, Kurbsky.

Ele caminhou com passos pesados até à porta enquanto também ela se levantava energicamente. – Tens de ir para a tua primeira aula. Segue-me!

A cabeça de Andrei zumbia: será que devia perguntar sobre as propinas? De que serviria? Parecia que ela se ia livrar dele em breve. Os passos dos dois ecoaram pelo corredor de madeira, que por esta altura estava deserto. Enquanto tentava acompanhar o passo da diretora, Andrei pensou que aquela pele seca e cabelo escorrido nunca tinham gozado o beijo do sol em toda a vida dela. Por fim, a diretora parou numa porta fechada e fez sinal para ele se aproximar.

– Não vais pagar propinas.

Andrei abriu a boca para perguntar como, porquê? Mas ela calou-o com um olhar.

– Não fales sobre isto, Kurbsky. Entendido? Eis a tua aula. – Ela voltou-se como uma sentinela e a marcha das suas botas de tacão de metal retrocedeu pelo corredor comprido.

Andrei queria gritar de alívio, mas sabia que não devia fazê-lo. *Não contes a ninguém. Não reveles nada. Analisa o significado disto mais tarde.* Esforçando-se por controlar a respiração, conteve as mãos trémulas e bateu à porta.

A primeira aula de Andrei era Literatura Russa, mas não sabia se ia apanhar o Dr. Rimm ou o professor Golden. Qual seria mais útil? Ao abrir a porta, vinte e cinco pares de olhos giraram para ele – e Andrei reparou logo com um misto de emoção e ansiedade que Serafima, os irmãos Satinov e o severo rapaz de cabelo ruivo chamado Nikolasha estavam na turma dele. Apenas Rosa lhe acenou com a cabeça.

– Ah, um estranho! – disse Benya Golden, que estava languidamente sentado na sua cadeira com os pés na secretária. – Entra! Estamos mesmo a começar.

– Estou na aula certa? Isto é Literatura Russa?

– Uma parte sim e outra parte não. – A turma riu-se com a descontração de Benya Golden. – Queres juntar-te à nossa irmandade de queridos amigos, estimados românticos e sonhadores melancólicos?

– Hum, acho que sim.

– Nome?

– Kurbsky, Andrei.

– Senta-te. Nikolasha Blagov, muda de lugar e dá espaço. – O rapaz ruivo estava mais uma vez sentado ao lado de Serafima e, com muitos suspiros, mudou os livros de sítio, mal-humorado. Serafima também teve de mudar de lugar. Nikolasha resmungou para consigo quando Andrei se sentou ao lado dele.

– Muito bem, Kurbsky – disse Benya Golden. – De onde és?

Andrei hesitou. – Bem, estive em Stalinabad, mas acabo de regressar a Moscovo...

– Stalinabad! A Paris da Ásia Central! – exclamou Nikolasha numa voz profunda que parecia falhar nos momentos errados. Um rapaz de cabelo preto comprido sentado mesmo atrás deles escarneceu: – A Atenas do Turquestão! – Todos sabiam porque alguém como Andrei tivera de viver numa parvónia da Ásia Central. Era mais uma vez a sua biografia maculada.

– Alguém te perguntou alguma coisa, Nikolasha? – vociferou Benya Golden. Pondo-se de pé com um salto, caminhou até ao rapaz do cabelo preto comprido: – Ou a ti, Vlad? Não há nada menos atraente do que o snobismo moscovita. A vossa presença nesta aula não é de modo algum

um facto consumado. Ouvi dizer que as aulas do Dr. Rimm são  *muito* mais divertidas do que as minhas!

Nikolasha olhou para Vlad e ambos pareceram encolher-se perante a ameaça de Benya Golden. Andrei reparou que Nikolasha era o líder e Vlad o capanga num grupo de jovens que pareciam levar muito a sério o seu cabelo comprido e gostos intelectuais.

– Vamos dar as boas-vindas ao Andrei, seus sacanas inóspitos. Se a diretora Medvedeva o pôs na nossa turma, existe um motivo. Este período vamos dar o *Eugene Onegin*, de Pushkin.

Benya Golden regressou ao estrado onde estava a sua secretária e pegou num livro.

– *Eugene Onegin* – disse ele. – A maioria de nós conhece parte deste texto. E tu, Andrei Kurbsky?

*Deus queira que na minha arte descuidada,  
Para vossa diversão, vosso sonho, vosso coração...  
Uma migalha ou duas nela seja encontrada.*

A resposta de Andrei mereceu um murmúrio de aprovação da turma. Serafima levantou a cabeça, surpreendida – ou seria imaginação sua?

– Excelente! Aposto que sabe bem estar de volta a Moscovo – disse Benya, sorrindo-lhe.

Encorajado pelo entusiasmo de Golden, Andrei continuou:

*Quantas vezes... perdido e separado  
Quando o caprichoso destino me fez vaguear  
Com Moscovo bem distante não terei eu sonhado!*

– Agora vejo porque é que a diretora te pôs na minha aula, Kurbsky. – Golden trepou para a cadeira dele, segurando o volume numa mão. – Nikolasha, toca a corneta!

Nikolasha tirara um instrumento do estojo a seu lado e, sacudindo deliberadamente os caracóis ruivos, levantou-se e tocou a sua corneta como se estivesse a anunciar um rei medieval.

– O teu cabelo está ainda mais comprido este período – disse-lhe Benya Golden. – Esse novo penteado é uma afetação romântica? Os meus colegas não vão gostar. Até podem pensar que estás a cultivar a imagem pouco bolchevique de um jovem romântico. Pronto! Então sejam bem-vindos ao *Onegin*. Preparem-se para ser deslumbrados pelo bardo do Rus. Há tanta riqueza nas suas páginas que o livro nunca perde a capacidade de nos surpreender e encantar. Será uma «enciclopédia da vida russa»? Será uma tragédia, uma comédia ou um romance?

Enquanto Golden falava, Nikolasha tinha-se sentado e voltado a guardar a corneta. Estava a tomar notas seriamente num caderno com capa de veludo escarlate. Quando viu que Andrei o olhava, resmungou «Mete-te na tua vida» e afastou o mais possível o caderno de Andrei.

– Será o próprio Onegin um triste narcisista misantrópico ou uma vítima do amor e da sociedade? Será Tatiana uma provinciana desinteressante, indigna de tamanha paixão, ou um protótipo da feminilidade russa? Será este um guia sobre como amar hoje em dia? Sim, Demian Dorov?

– Mas apenas o Partido pode guiar as nossas vidas hoje em dia, não é verdade? – Andrei reconheceu o rosto pontiagudo e o lenço vermelho do Chefe dos Pioneiros da escola.

– E o camarada Estaline! – interpôs Marlen Satinov.

– O camarada Estaline o quê? – perguntou Benya Golden, ainda de pé na cadeira sobre o estrado.

– Apenas o camarada Estaline – declarou Marlen – e o Partido podem guiar as nossas vidas. O professor corre o risco de entrar no sentimentalismo burguês.

– Obrigado por nos lembrares – disse Golden. – Mas eu só estou a ensinar Pushkin. Comecemos então. Prontos? – Benya Golden fechou os olhos. – Mobilizem os sentidos, queridos amigos, estimados românticos, sonhadores melancólicos. Lembrem-se: a vida é curta. É uma aventura. Tudo é possível! Respirem comigo! – Inalou pelo nariz, e as crianças fizeram o mesmo. Todos exalaram juntos. Andrei olhou em volta da sala para ver se alguém se estava a rir ou a desobedecer, mas Nikolasha lançou-lhe um olhar grave, como se ele estivesse a sugerir uma blasfémia,

enquanto Serafima respirava com apenas uma ponta de diversão no rosto para lhe dizer que sabia que ele estava a olhar para ela. Então, Andrei juntou-se à loucura, e acabara de expirar de novo quando Golden, sem sequer abrir o livro, declamou as primeiras linhas, com a mão direita erguida e aberta, como se recitasse um feitiço: – *O meu tio, um homem de convicções firmes...* – E assim continuou, recitando o texto com tanta elegância, que as crianças escutaram em silêncio, até George Satinov levantar a mão.

– Sim? – disse Benya Golden.

– Só estava a pensar no que Pushkin quer realmente dizer com os *mistérios do leito conjugal...*

Isto provocou muitos risinhos no fundo da sala.

Nikolasha voltou-se. – Isto é sobre o *amor* – sibilou.

– Vê se cresces, George – ecoou o seu aliado, Vlad, que parecia apoiar Nikolasha em tudo.

– Estás a pensar na Rosa, não estás? – brincou George.

– Não, ele está a sonhar com a Serafima – disse Minka Dorova. Mais riso. Rosa corou, ao passo que Serafima ignorou completamente Nikolasha; Andrei apercebeu-se de que nem sequer olhara para ele a manhã toda.

Benya Golden pôs as mãos nos ouvidos: – George! Minka! Como é que podem trucidar a poesia com as vossas insinuações sórdidas? – Andrei nunca vira um professor que apreciasse tanto, e até encorajasse, a malandrice da sua turma. – Voltemos à poesia divina! – Golden voltou a sentar-se na sua cadeira. – Serafima, estás connosco esta manhã? Contanos como é que o Onegin se apaixona pela Tatiana, uma rapariga inocente da província.

Enquanto Serafima lia, a turma calou-se de novo. Andrei observou-a, fascinado, e apercebeu-se de que todos faziam o mesmo. Não era tão bonita como Rosa, nem tão sedutora como Minka, na fila do fundo, e no entanto os seus olhos muito verdes estavam salpicados de um ouro que brilhava debaixo das suas pestanas pretas. Seria ela tremendamente tímida ou apenas desconhecadora do seu poder? Andrei não conseguia perceber.

– Muito bem, Serafima – disse Golden, travando-a por fim. Serafima levantou os olhos para ele e sorriu. – Por hoje chega. Andrei, quero que fiques aqui depois da aula.

As crianças recolheram os seus livros, com as cadeiras a ranger no soalho ressonante. Quando George Satinov passou pela carteira deles, Nikolasha mostrou-lhe o caderno com a capa de veludo e sussurrou qualquer coisa.

– Como vês – disse Benya Golden quando estavam sozinhos –, os meus alunos levam os seus pequenos laços de amizade tão a sério como levam a poesia. Mas, embora alguns deles sejam filhos e filhas dos nossos líderes, são em geral bons miúdos. Seja como for, até eles ficaram impressionados com o teu conhecimento de Pushkin, tal como eu.

– Obrigado – disse Andrei.

Golden deu a Andrei uma palmadinha no ombro. – Anima-te. Vais ser um sucesso aqui.

– Eu... eu estou muito feliz por estar aqui.

– Vais acabar por te tornar amigo do grupo da Serafima, não te preocupes. Mas eu sei que não é fácil regressar.

– Sabe?

– Sim – disse. – Porque eu próprio voltei a Moscovo há pouco tempo.

Andrei olhou para o professor, para o cabelo loiro e ralo que agora se tornava grisalho, o queixo com uma covinha, o rosto enrugado. O sorriso dele parecia genuíno – mas seria? Andrei sabia que era melhor não dizer mais nada. Consultando o seu horário, apressou-se para encontrar a aula seguinte.

À hora do almoço, Andrei comeu a sua sanduíche, pão de centeio com um pepino de conserva, na sua carteira, satisfeito por estar sozinho por um momento, enquanto Nikolasha e os seus amigos Vlad, George e Rosa tinham juntado algumas carteiras para formar uma mesa manchada de tinta onde partilhavam o seu peixe, carne, queijo e tomates. Parecia que Nikolasha nunca estava sozinho, nunca sem uma comitiva de criaturas pálidas de cabelo comprido que tinham o aspeto de nunca fazerem exercício nem se aventurarem ao ar livre. Nikolasha lia-lhes o seu caderno de veludo vermelho e eles sussurravam com entusiasmo. Andrei sentiu pontadas de desdém e inveja – mas lembrou-se do pai e soube que nenhum desses sentimentos era digno dele. Terminou a sanduíche e, ao passar por eles, viu Nikolasha a dar o caderno a George.

– Podes lê-lo, George – dizia –, mas leva-o a sério e quero-o de volta amanhã. Com os teus comentários.

– Claro, claro – respondeu George jovialmente.

Depois, quando Andrei caminhava apressado pelo corredor para a sua aula seguinte, ouviu atrás de si o som de solas de plástico no chão de parquê. Virou-se e um rosto branco e sardento surgiu no seu campo de visão. Nikolasha Blagov era tão alto que arqueava as costas ao andar. Como sempre, era seguido pela figura cadavérica e de cabelo escuro de Vlad, bem como pela estranha Rosa Shako.

– O que achas do professor Golden? – perguntou Nikolasha num tom lúgubre. A voz dele era tão profunda que as palavras saíram indistintas, como se a sua língua fosse uma colher de madeira. Vlad e Rosa inclinaram-se para ouvir a resposta de Andrei.

Andrei hesitou, com medo de cometer um erro terrível no seu primeiro dia. – Interessante – disse por fim.

Nikolasha abanou a cabeça, como que desiludido. – É tudo o que tens para dizer? – Aproximou-se como se estivesse prestes a revelar um segredo muito perigoso. – É melhor teres cuidado. Aqui as coisas são diferentes.

– A Serafima já te disse alguma coisa? – perguntou Vlad.

– A Serafima? Eu nem sequer conheço a Serafima.

– A Serafima percebe mesmo de poesia – disse Nikolasha solenemente.

– Bem, é óbvio que não foste aprovado, mesmo que consigas desencantar umas citações de Pushkin.

– Aprovado para quê?

– Vais ver. Pensa nisso.

Ele e Vlad retiraram-se furtivamente, dobrando a esquina. Rosa demorou-se um momento e tocou na mão de Andrei. – Ele leva tudo muito a sério, mas é muito esperto e original, vais ver.

\*

O primeiro dia de Andrei na Escola 801 estava quase a acabar. A sua última aula era Ética Comunista com o Dr. Rimm, um pedante comparado com Benya Golden, achou Andrei. A túnica *stalinka* cor de areia de Rimm era tão justa que só acentuava o volume da sua figura. A turma pôs-se em

sentido quando ele entrou e assim ficou até ele baixar a mão num gesto silencioso de comando. Depois de uma hora pomposa, durante a qual Demian Dorov e Marlen Satinov competiram com o Dr. Rimm para citar obras de Estaline e Lenine, enquanto o resto dos alunos bocejavam, escreviam bilhetes entre si e tentavam ficar acordados, Andrei foi o último a sair da sala.

Ao partir, viu o caderno de veludo vermelho de Nikolasha no chão ao lado da carteira de George Satinov. Devolvo-lho amanhã, pensou, e pô-lo na pasta.

## TRÊS

Cinco da tarde nas Portas Douradas. Era realmente uma época de novas liberdades, novos prazeres, pensou Andrei ao ver as limusinas a recolher os seus colegas. Motoristas e ordenanças do exército encostavam-se aos flancos curvilíneos dos seus *Packards* e *Lincolns*, a fumar cigarros, a suar ao sol. Havia algumas mães à espera, mas a maioria das mulheres bolcheviques trabalhava. As amas, uma tribo de matrioscas rosadas, camponesas de bata, aguardavam à parte, rindo-se das suas próprias piadas. Era impossível confundi-las com as mães, pensou Andrei, e os dois grupos nunca falavam.

Parou entre as colunas douradas dos portões, à espera – de quê? Que a mãe aparecesse e o levasse numa limusina gigante? Isso era impossível, mas tivera alguma esperança de que ela pudesse sair mais cedo do trabalho para vir ter com ele. Ainda assim, ficou aliviado por ela não estar ali. Em vez disso, estava à espera de poder voltar a ver Serafima e a sua mãe famosa... quando ela passou por ele.

– Tu conheces mesmo o *Onegin* – disse Serafima num tom suave. – Aposto que o Nikolasha está com inveja. – Reparou, mais uma vez, no rosto em forma de coração dela, na pele branca e naqueles divertidos olhos verdes. Ela não parou para ouvir a resposta dele, e ainda bem que assim foi, pois não sabia o que dizer. Mais tarde, lembrar-se-ia de um grande número de respostas espirituosas.

O *Rolls* esperava-a. O motorista estava encostado à grelha, com um cigarro entre as suas presas de metal. Não havia sinal dos pais dela. Mas ela não parecia contente: – Obrigado por vires, Khirochenko – disse. – Mas eu vou a pé. Diz à mamã que não preciso do carro. – O motorista encolheu os ombros enquanto ela se afastava pelas ruas fragrantas; as flores de choupo giravam em volta dela como uma escolta caótica.

Enquanto os motoristas arrancavam, Andrei ansiou fazer parte das vidas daquelas crianças douradas. Tem calma, disse a si mesmo, estás na escola deles, estás na vida deles. Em breve também farás parte do grupo deles.

Segurando a pasta da escola, caminhou pelas ruas. Sentia o calor a elevar-se das pedras da calçada. À sua volta, a capital da vitória soviética parecia uma cidade derrotada. Viu edifícios a desfazer-se, com as fachadas crivadas de estilhaços, janelas partidas, estradas esburacadas com crateras de bombas. Tudo – as paredes, as casas, os carros – tudo exceto as faixas escarlates era monótono, bege, caqui, cinzento. Mas os rostos dos transeuntes eram rosados, como se a vitória e a luz do Sol quase compensassem a falta de comida, e as ruas estavam cheias de raparigas bonitas de vestidos curtos, soldados, marinheiros e oficiais de uniforme branco de verão. Camiões *Studebaker*, jipes *Willys* e os *Buicks* dos oficiais passavam ruidosamente (todos prendas do generoso aliado americano) – mas também havia carruagens puxadas por cavalos e carroças cheias de feno ou palha ou nabos, mesmo no meio daquela cidade de flechas altas e cúpulas douradas. Por vezes, quando fechava os olhos ao calor e o mundo assumia um suave tom alaranjado, Andrei ouvia riso e canto e tinha a certeza de que conseguia ouvir a própria cidade a sarar ao sol. Desceu a Rua Ostozhenka, depois contornou o Hotel National e o Kremlin e subiu a Rua Gorki, passando pela Casa do Livro à direita e pelo soviete municipal à esquerda.

Quando espreitou por uma das passagens em abóbada, viu cabras e gado no pátio, guardados por uma velha camponesa com um lenço vermelho na cabeça e um cajado na mão. E no entanto esta era a cidade que derrotara os hitlerianos e atacara Berlim! Que orgulho sentia na grandeza da sua pátria, que horror perante as suas crueldades. A velha agachou-se para mijar, ainda com um cigarro entre os seus dois tocos de dentes. Andrei suspirou: amava a sua Moscovo. Estava quase a chegar a casa.

Virou para a passagem seguinte, passou pelas hortas plantadas no pátio, entre os canos de aquecimento, e depois entrou num prédio de apartamentos dos anos trinta. Subiu as escadas de betão, com o seu cheiro a legumes fermentados de sopa *shchi* e urina avinagrada, até ao segundo andar, onde abriu com o ombro a porta do seu apartamento. Um rádio estava ligado, Levitan lia as notícias com a sua voz sonora e autoritária, e havia uma discussão. Num corredor que não tinha nem alcatifa nem tinta,

Ivanov, um cientista de meia-idade de Rostov, gritava a uma das crianças escanzeladas dos Goldbergs: – Sua pequena barata, bebeste o meu leite! Vou fazer queixa de ti ao comité. Vou fazer com que te ponham fora daqui...

A porta à esquerda abriu-se e o fedor a excrementos humanos frescos fez-lhe vir lágrimas aos olhos mesmo antes de Peshlauk, um colosso antigo mas indestrutível, sair a cambalear, puxando para cima as calças de cinta gigantesca. – Dei à luz um autêntico bebé ali dentro! – gabou-se.

Outra das crianças dos Goldbergs – quantas eram? quatro, cinco? uma praga de ratazanas subnutridas – passou por Andrei com um encontrão. – Ei, não empurres – disse, mas depois lembrou-se de que ninguém na União Soviética respeitava o espaço pessoal. Toda a gente vivia num estado de ansiedade neurótica, mas como a mãe lhe dizia sempre: A chave para a sobrevivência é manteres-te calmo e protegeres-te. Nunca perguntes a ninguém o que fez antes nem o que vai fazer a seguir. Nunca digas o que pensas. E faz amizades onde puderes.

– Mamã! – Andrei entrou no quatinho deles, com as duas camas portáteis bem juntas uma da outra. Cheirava muitas vezes a coelheira, mas era em Moscovo e era deles.

– Fecha só a porta – disse Inessa, que estava deitada na cama, a ler sobre a guerra japonesa no *Pravda*. A guerra europeia terminara e agora, em proveito próprio, Estaline participava nos momentos finais da guerra com o Japão. Inessa deu uma palmadinha na cama para ele se sentar ao lado dela. – Fala-me da escola.

– Tens comida?

– Claro, Andryusha. Deves ter fome. Queijo e pão de centeio. Vai ver na Caverna do Aladino.

Andrei trepou por cima da outra cama e, agachando-se, puxou um tijolo de cimento da parede e tirou o queijo frio. O apartamento deles não tinha frigorífico. No inverno mantinham o leite fresco pendurando-o da janela, mas no verão esta era a melhor forma de conservar os alimentos, e também protegê-los das mãos dos filhos dos Goldbergs e do turbulento intestino de Peshlauk.

Inessa esboçou um sorriso enquanto o via comer e, depois de recobrar energias, Andrei sorriu-lhe abertamente.

– Boas notícias, mamã! Fui aceite na escola e as minhas propinas estão pagas!

– Oh, querido. – Ela abraçou-o e depois pareceu ansiosa. – Por quem? O que se passa?

Andrei contou-lhe exatamente o que acontecera, e viu a inquietude da mãe desaparecer. Não seria isto prova de uma nova era? E uma nova era significava o regresso do pai de Andrei.

– Andrei – sussurrou ela, aproximando-se dele. – Pensas...

– Não penses, mamã. Quantas vezes me disseste isto?

– Sim, mas...

– Não cries esperança, porque, se formos desiludidos de novo, isso vai matar-nos mais uma vez.

Ela acenou em concordância e limpou os olhos. Rapidamente, para mudar de assunto, ele falou-lhe da escola: da diretora e do Dr. Rimm – sim, todas as escolas tinham gente daquela – e depois descreveu o professor de Literatura, Benya Golden. – Nunca tive uma aula assim. Foi tão divertido. Ele deu-lhe vida e havia qualquer coisa na forma como falava de poesia...

– Um professor assim numa escola como a tua... alguma coisa está mesmo a mudar – disse ela.

– E, mamã, ele disse que também tinha acabado de regressar a Moscovo. – Ela estava prestes a fazer mais perguntas sobre Golden, mas por essa altura ele já descrevia Serafima (os olhos dela, a forma como se vestia), a presunção afetada de George e o sinistro Nikolasha e os seus servos góticos, Vlad e Rosa.

– Tem cuidado com esses principelhos – dizia-lhe Inessa. – As fações são perigosas, Andrei. Lembra-te de quem essas crianças são...

Mas Andrei não estava a ouvir: já ia a caminho do quarto de banho com a sua pasta. Estava livre porque ninguém no seu perfeito juízo o usaria depois de Peshlauk – mas ele não se importava.

Trancou a porta. O próprio ar sabia a merda e não se atreveu a olhar para a sanita. Limitou-se a sentar-se na beira e, como um mineiro que roubou um diamante, sacou o seu tesouro, intitulado o Livro de Veludo do Amor. Era apenas um caderno comum com veludo colado às capas. Mas era novo e Nikolasha tinha começado a escrever nele há pouco.

*Agenda para o Período de Verão*  
*Ultrassecreto*

*Ideias para o nosso novo movimento literário: o Clube dos Românticos Fatais, fundado em dezembro de 1944 por mim, Nikolasha Blagov. Vou registrar as nossas reuniões, regras e ideias neste caderno.*

Com que então o Nikolasha tem um clubezinho, pensou Andrei. A maioria das escolas tinha clubes literários e de teatro, mas isto parecia diferente. Continuou a ler: *Filiação: secreta.*

Não era assim tão secreta! Vlad e Rosa também tinham de ser membros, talvez Serafima, e certamente George.

*A nossa inspiração: Pushkin*

*Os nossos momentos na história: tal como, para os cristãos, a crucificação de Cristo é o momento, para nós é 1837, a morte de Pushkin num duelo.*

*O nosso professor favorito: o professor Golden.*

Uma pancada na porta do quarto de banho fez Andrei estremecer. Tinha-se esquecido de onde estava. O caderno mostrava que algo, talvez a guerra, talvez o privilégio delas, tinha mudado estas crianças e lhes permitira a liberdade de correr um risco.

– Vais demorar?

Era Kozamin, o revisor dos autocarros.

Andrei deu um gemido bovino, parte do repertório de barulhos essenciais para a vida comunitária. – Cinco minutos. Aaaagh!

– Demora o tempo que precisares – disse Kozamin.

*Declaramos:*

1. *Sufocamos num mundo filisteu de ciência e planeamento, governado pela fria máquina da história.*
2. *Vivemos para o amor e para o romance.*
3. *Se não podemos viver com amor, escolhemos a morte.*  
*É por isso que realizamos os nossos ritos secretos, é por isso que jogamos o Jogo.*

O Jogo! Andrei sorriu para si mesmo, mas semicerrou os olhos e voltou a ler aquilo. Poderia isto ter sido escrito com uma ponta de astúcia para esconder o seu verdadeiro espírito? Hoje em dia, tudo – desde as declarações do governo nos jornais às divagações tediosas dos professores – estava num código hieroglífico. Nada significava bem aquilo que dizia – e por vezes significava precisamente o oposto. Mas o alvo de Nikolasha era óbvio. *Ciência e planeamento*. Isto era o Partido Comunista. *A fria máquina da história*. Comunismo. *Amor e romance*. Isto era o que os comunistas chamavam «sentimentalismo burguês».

Andrei pousou o caderno. No mundo adulto, numa altura mais opressiva, como 1937, estas ideias poderiam ser consideradas antissoviéticas e perigosas. Mas as coisas tinham ficado bastante mais relaxadas durante a guerra. Ninguém podia levar a sério as palavras tontas de Nikolasha, ou podia? Ainda assim, lembrou-se da sabedoria do pai e dos avisos da mãe. Estas crianças não eram do mundo dele e, no entanto, ele ansiava conhecê-las melhor.

## QUATRO

– Posso dar-te uma palavra? – disse Andrei a George. Estavam na escola alguns dias mais tarde, e a campainha do almoço acabara de tocar.

– Uma palavra? – George voltou-se quando saía da sala atrás de Nikolasha e Vlad.

– É privado.

– Privado? Como pode ser?

Nenhum grande duque dos velhos tempos, pensou Andrei, podia igualar a altivez trocista de um príncipe comunista.

– Tu perdeste uma coisa e eu encontrei-a.

George franziu as sobrancelhas. – Uma coisa com escritos misteriosos?

Andrei acenou com a cabeça.

– Já vou ter convosco! – gritou George a Minka e Serafima, que esperavam por ele de lancheiras na mão. – Vem comigo. – E puxou Andrei, através dos quartos de banho, para a sala onde se guardava o equipamento desportivo e tramavam as malandrices da escola.

– Graças a Deus que o tens – disse George, parecendo bem menos confiante do que um minuto antes. – O Nikolasha faz disto um bicho de sete cabeças. Está sempre a pedi-lo de volta, mas eu respondo-lhe sempre que ando a estudá-lo com uma paixão sagrada.

– Pois aqui está – disse Andrei, tirando o livro da pasta.

– Salvaste-me – disse George. Andrei estendeu o caderno e George agarrou-o, voltando-se alegremente para ir embora, mas, quando tentou levá-lo, percebeu que Andrei ainda não o largara. – O que estás a fazer? – perguntou George.

– Leste-o?

– Não, não tive tempo, mas é óbvio que tu o leste. Estás a oferecer-te para me fazer um resumo?

– É um manifesto romântico que poderia ser descrito como sentimentalismo burguês...

George hesitou por um momento. – Obrigado pelo aviso, mas Pushkin é o poeta favorito do Partido. Só me preocupa que o Nikolasha descubra que o perdi. – Pôs de lado o assunto com um gesto jovial. – Portanto vamos manter isto entre nós e eu vou encontrar uma maneira de te agradecer. Vou ver se te consigo meter no Clube dos Românticos Fatais.

– Seria bom – respondeu Andrei, soltando o caderno e vendo-o desaparecer na pasta de George.

– Não será fácil meter-te lá dentro – continuou George. – O Nikolasha é um fanático. Mas tu devias mesmo ser membro, sabes mais de Pushkin do que qualquer um de nós.

Andrei abriu as mãos, de palmas para cima, deixando-se vencer pela curiosidade. – Só mais uma coisa. O que é o Jogo?

George já estava a passar a porta, mas voltou para trás. – É a obsessão do Nikolasha. Hás de descobrir. Para já, temos de almoçar. Juntas-te a nós no ginásio?

Normalmente, o ginásio estava vazio à hora do almoço e as crianças comiam as suas sanduíches empoleiradas nas cadeiras e nos colchões. Mas, quando George e Andrei encontraram as raparigas, Minka estava claramente incomodada. – Olha o que está a acontecer ao meu irmãozinho – disse.

O diretor de Educação Física, Apostollon Shuba, estava de pé com uma mão no cavalo de madeira e um apito na boca. O seu rosto era de um tom profundo de teca. Uma turma de crianças mais novas de calções e *T-shirts* estava em sentido numa fila do outro lado do cavalo. Sozinha ao fundo do ginásio, estava a frágil figura de Senka Dorov, que Andrei vira pela última vez ao início da manhã com o pai dele. Senka parecia tão confortável com o equipamento desportivo como ele estaria com um fato de mergulho em águas profundas. Virou-se para a irmã com uma expressão de «salva-me» nos seus grandes olhos castanhos, mas era demasiado tarde.

– Vamos, rapaz! – gritou Shuba. – Quinta tentativa! Ninguém sai daqui até tu passares o cavalo!

– Mas eu nunca vou conseguir – disse Senka na sua voz aguda.

– O derrotismo não é soviético!

– Eu não sou um dos seus robustos heróis do salto ao cavalo. De certeza que até o senhor consegue ver isso – disse Senka.

– Despacha-te, Senka! Temos fome! – gritou uma criança.

– SILÊNCIO! – ordenou Shuba, apontando para as escadas de madeira na parede. – O próximo a falar tem de tocar no teto vinte vezes! – Soprou no apito. Senka respirou fundo e depois correu muito depressa para o cavalo, saltou para o trampolim, mas, a seguir, como um cavalo de corrida que se recusa a saltar, encolheu-se.

– Consideras-te um homem soviético?! – gritou Shuba. – OUTRA VEZ!

– Outro sopro no apito.

– Não consigo saltar, não vou saltar! – gritou Senka, desatando a chorar.

– Vais saltar nem que morras aqui! – bradou Shuba em resposta. Perante isto, Senka agarrou-se de súbito ao peito, arquejou e depois tombou no chão.

– Ele desmaiou! – gritou uma voz da turma. – Está doente! Está a morrer!

– Está a fingir – respondeu Shuba, aproximando-se. Fez-se um silêncio total no ginásio.

– Oh, meu Deus – disse Minka, avançando.

– Ele está bem? – perguntou George, dando-lhe a mão. – Minka!

– LEVANTA-TE, RAPAZ! – ordenou Shuba. – Se estás a fugir ao serviço – falava como um militar –, vais pagar por isto.

– E se não estiver? – perguntou um dos colegas de Senka.

– Está bem. À vontade! – disse Shuba por fim. – Briusov, traz-me água.

– Debruçou-se sobre Senka e esbofeteou-lhe as faces algumas vezes com uma mão coriácea. Quando a água chegou, atirou-lha para a cara. Senka pareceu mexer-se.

– Onde estou? Estou na escola?

– Não me venhas com essa! – rugiu Shuba, ofegante.

Senka manteve-se deitado.

– Por favor não me obrigue a tentar outra vez.

– Eu sabia! Tu *vais* tentar outra vez – disse Shuba, endireitando-se. – E depois vais tocar no teto cem vezes!

– Fico tonto a subir escadas e posso cair – respondeu Senka. – Tenho sinusite.

– Eu vi heróis russos morrer em combate! Como é que achas que vencemos esta guerra? A desmaiar no ginásio? Estou a treinar outra geração de guerreiros para defender o nosso paraíso soviético. O Partido exige sacrifício e dureza. Estão todos a ouvir? NINGUÉM SE MEXE ATÉ ESTE RAPAZ INÚTIL SALTAR O CAVALO! – Soprou o apito, mas Senka não se mexeu.

– Nós precisamos de guerreiros – concordou Senka –, mas também precisamos de pensadores, e é isso que eu sou. O camarada Estaline também disse que «devemos estimar os nossos quadros» e, mesmo que eu não seja um futuro guerreiro, sou um futuro quadro. Devo avisá-lo de que, se morrer de um ataque cardíaco, professor Shuba, a culpa será toda sua. – Senka conseguiu levantar a cabeça e olhar em volta da turma. – E há muitas testemunhas.

Shuba recuou, coçou a cabeça e mastigou a ponta do bigode. – Vais pagar por isto, seu pequeno verme! Vou denunciar-te, a ti e às tuas mentiras, à diretora Medvedeva. Acabou a aula! – Foi-se embora e Minka correu até Senka, que, pensou Andrei, fizera uma recuperação espantosa.

– De uma maneira ou de outra – disse Minka quando se voltou a juntar a Andrei e George depois de Senka ter ido mudar de roupa –, o Pequeno Professor leva sempre a sua avante.

– Pequeno Professor? – perguntou Andrei.

– É o que chamamos ao Senka na minha família – explicou Minka. – A minha mãe diz que é por ele ser precocemente precioso.

George pôs a mão no ombro de Andrei. – Minka – propôs –, vamos meter o Andrei nos Românticos.

– O professor Golden vai aprovar – disse ela. – Sabes que em tempos ele foi bastante famoso.

– O Golden? Nunca! – disse George.

– Benya Golden... – disse Andrei, lembrando-se de como a mãe reagira quando lhe dissera o nome na noite anterior. Lembrara-lhe a sua infância. Nove anos antes – outra vida. Viviam em Moscovo, num apartamento espaçoso, e o pai oferecera à mãe um livro azul chamado *Histórias Espanholas*. «Inessa, tens de ler este livro do Golden, é ouro em palavras...»

Dois anos mais tarde, o pai partira. Andrei lembrava-se de encontrar o *Histórias Espanholas*, olhar para a capa, gravada em relevo com um touro espanhol e uma estrela vermelha, e ir à primeira página para começar a ler. E de Inessa lho tirar rapidamente. – Já ninguém lê Golden – dissera, e Andrei nunca mais vira o livro.

\*

Benya Golden deixou-se ficar na sala dos professores. Estava atrasado para a sua aula de Pushkin, mas um homem como ele, que tanto sofrera e só regressara da escuridão graças a uma série de milagres, devia gozar a vida, pensou. Tinha tanta sorte por estar ali, por estar a ensinar Pushkin, por estar a respirar. Ninguém sabia bem aquilo por que passara, mas ele, mais do que qualquer outra pessoa na sala, sabia quão frágil era a fortuna.

Estava deitado ao comprido no divã de couro, a espreitar por cima da revista satírica de Leninegrado, *Krokadil*, enquanto a jovem professora de piano, Agrippina Begbulatova, conhecida (apenas por ele) como Olhos Azuis, preparava o *chai* num bule chinês, dispondo chávenas e pires para todos.

A diretora Medvedeva, com os óculos de massa em forma de coruja na cana do nariz, resmungava sonoramente enquanto corrigia o trabalho dos alunos na mesa comprida – um dos sinais, tal como o mastigar ruidoso às refeições, de uma mulher que vive sozinha há demasiado tempo. No entanto, pensou Benya, ela correria um risco ao dar-lhe emprego, e estava-lhe verdadeiramente grato.

Desde então, o vice dela, o Dr. Rimm, andava a tentar que ele fosse despedido. Lia com ostentação um exemplar da *História do Partido Comunista-Bolchevique da URSS*, do camarada Estaline – como se alguém, mesmo alguém tão servilmente enfadonho como Rimm, pudesse mesmo ler aquele disparate pegado. Rimm não parava de mudar de posição com pequenas e vaidosas fungadelas e olhares para a sala, para ver se toda a gente reparara na sua virtuosa leitura. E Apostollon Shuba acabara de entrar na sala, praguejando de modo selvagem sobre a preguiça, covardia e moleza dos fedelhos mimados da escola. Agora analisava os resultados do futebol no *Pionerskaya Pravda* enquanto mastigava um pedacinho do seu magnífico bigode.

– O chá está pronto – disse Agrippina docemente. Benya viu-a servir o *chai* aos professores por ordem de antiguidade, enquanto revivia a forma como a despira, lhe abria as pernas compridas e lhe tocara com os dedos, a língua, a pila, apenas vinte minutos antes, no seu estúdio, ao dobrar da esquina. Tinham gozado quarenta e nove minutos de prazer vertiginoso e ela nem sequer tivera tempo de se limpar antes de regressar a correr – uma ideia que agora o excitava.

Ninguém sabia, claro. O segredo encantava especialmente Benya, porque os seus colegas eram exemplos perfeitos da nova geração de pedantes soviéticos. Agrippina era tão bela quanto pura, uma virtude soviética que a própria gostava de promover dizendo «Não gosto de falar sobre a vida alheia» e «Acredito que uma rapariga soviética se deve guardar para o marido e os filhos», sentimentos que exprimia com uma convicção absoluta.

Quando não estava a ler (era um leitor voraz) nem a falar, Benya era assaltado pela sua paixão epicurista por mulheres, poesia, comida, os sentidos. Em tempos, fora um escritor conhecido que falara sobre a Guerra Civil espanhola e conhecera Picasso e Sartre. Mas perdera as duas joias da sua vida. Perdera o contacto com a filha do seu casamento quando ela e a mãe emigraram para o Ocidente. E perdera a única mulher que realmente amara, uma mulher cuja memória ainda agora lhe provocava um sobressalto de agonia. Era esposa de um funcionário, mãe, uma Velha Bolchevique. Em 1939, caíra no abismo da «justiça soviética» – e ele caíra com ela. Quando, ou se, ela regressasse, ele estaria à sua espera. Era uma promessa que tencionava cumprir.

O Dr. Rimm partiu para a sua aula de História Comunista. Benya olhou para o relógio. Estava cinco minutos atrasado para a sua aula favorita. Terminou o chá e saiu apressado, reparando num envelope mal datilografado num dos cacifos. Ao passar pela sala do Dr. Rimm, espreitou lá para dentro. – Camarada Rimm – disse –, recebeu uma carta.

Entrou na sua sala de aula e foi de imediato envolvido pelo afeto e respeito dos alunos. Aquela tagarelice vivaz encantava-o: Nikolasha estava a mostrar a Vlad Titorenko umas páginas do seu projeto obsessivo naquele caderno de veludo. Ambos os rapazes ostentavam penteados byronianos em tributo ao romantismo deles. Era apenas uma questão de tempo, concluiu Benya, até o Dr. Rimm chamar um barbeiro do exército.

O rapaz novo, Andrei Kurbsky, revelara saber ainda mais sobre Pushkin do que os outros. E havia Serafima – a escutá-lo com a cabeça de lado, bela sem o crer, a atrair os olhares dos rapazes sem disso ter consciência. Mesmo naquele momento, Nikolasha estava a olhar para ela; Andrei também. Mas havia outro motivo para Benya gostar de Serafima: ela, mais do que ninguém, lembrava-lhe o seu amor perdido, a mulher que desaparecera antes da guerra.

Mal acreditava na sorte que tivera em conseguir aquele emprego, a ensinar literatura a crianças que a amavam tanto como ele. Era a sua Segunda Vida, e ele renascera. Já não podia escrever. Esse caminho esgotara-se. Mas podia ensinar – e de que maneira! Mas estava marcado com a mancha negra: quanto tempo poderia durar? Queria partilhar tudo o que sabia antes que aquilo acabasse.

– Queridos amigos, estimados românticos, sonhadores melancólicos! – Bateu palmas e abriu o *Onegin*. – É a noite do baile fatídico – disse – que provoca o duelo. Imaginem a emoção. Todos aguardam a chegada de Lensky, o noivo. Como é que Tatiana se sente ao ver Eugene Onegin?

*E, mais pálida do que a lua à madrugada,  
Ela não consegue erguer os olhos para encará-los  
E treme como uma cria acossada.  
Dentro dela, uma paixão tempestuosa fervilha;  
A miserável rapariga mal respira...*

Golden faz uma pausa e depois grita: – Oh, a agonia do sofrimento dela! Quem nos pode dar uma ideia daquilo por que ela está a passar? Andrei?

– Não tenho a certeza... O amor não é apenas uma coisa dos romances e das canções?

– Quem concorda com o Andrei? Nikolasha?

Nikolasha endireitou-se na cadeira. – A ausência do amor significa a morte – declarou, com a sua voz profunda a falhar. – Como Romeu e Julieta. António e Cleópatra.

Golden parecia interessado. – Então estás a dizer que o amor atinge a sua apoteose na morte? Não parece quando a vida se extingue?

– Pelo contrário – respondeu Nikolasha. – A morte torna o amor imortal. Não é essa a lição do duelo de Pushkin? Como ser russo, como ser amante, como viver e morrer.

– Mas o amor é apenas a obsessão amorosa, não é? – perguntou George bruscamente.

– O que importa é a classe – disse o irmão de George, Marlen. Tinha um daqueles nomes bolchevistas, uma combinação de Marx e Lenine, que estavam na moda no anos vinte, achava Benya, e agora eram misericordiosamente destinados ao balde do lixo da história. – O resto é apenas sentimentalismo burguês, uma coisa muito perigosa.

– Com quem concordam? Serafima? – perguntou Golden. Como esperara, todos se voltaram para Serafima.

– Não sei se consigo dizer... – respondeu Serafima.

– Tenta, Serafima Constantinovna – insistiu Golden. – Ilumina a nossa escuridão.

Ela pôs a cabeça de lado. – Bem... – Falou muito baixo, pelo que Nikolasha e Andrei tiveram de se debruçar para ouvi-la. – Eu diria que no *Onegin* a Tatiana não sonha com outra coisa. Não consegue comer nem dormir. Protege o segredo que tem no coração. Nunca ninguém sofreu ou celebrou o amor como ela. O amor é *tudo* o que importa. – Olhou em volta. – É o que eu penso.

George Satinov e Minka puxaram Andrei para a porta quando o Dr. Rimm passou a gingar no corredor. Ambos tremiam de riso. George agarrou no punho da camisa de Andrei: – Anda cá! Olha para o Cantigas. – Seguiram o Dr. Rimm até à sala dos professores.

– Ele está a olhar para trás. Finge que estás a ler os avisos – sussurrou Minka.

O Dr. Rimm tinha parado à porta da sala, onde o correio dos professores era colocado em cacifos.

– Agora, olha – disse George enquanto o Dr. Rimm pegava no seu correio e examinava os papéis, até de repente erguer um envelope. – Já o tem!

O Dr. Rimm olhou em volta, para ambos os lados do corredor, e então, enfiando os outros papéis de novo no cacifo, foi a correr com o envelope

para o quarto de banho dos professores. Quando saiu, estava a cantar num tom tão alto e desafinado que quase dançava. Quando passou por eles, tiveram de fazer um esforço para não se rir.

– O que era a carta? – perguntou Andrei.

– És capaz de guardar um segredo, não és, Andrei?

– Claro.

– Ele guarda segredo – concordou Minka. – Vamos contar-lhe.

Puxaram-no pelo corredor até lá fora, ao pequeno pátio junto ao laboratório de ciências. Não estava ali ninguém.

– Lê isto – disse George, passando-lhe um pedaço de papel. – Esta é a próxima. – Estava datilografada em maiúsculas.

CANTOR MELODIOSO DA ESCOLA, DOCE «ONEGIN», SEI QUE ME AMAS, MAS TAMBÉM ÉS AMADO À DISTÂNCIA, COMO APENAS DOIS BOLCHEVIQUES PODEM AMAR.

BEIJA-ME COMO UM VERDADEIRO COMUNISTA.

«TATIANA»

– Oh meu Deus! – disse Andrei. – Ele pensa...

– A piada é essa – respondeu Minka. – Não gostas? «Como apenas dois bolcheviques podem amar»! A ideia foi minha.

– Quem é que ele pensará que escreveu isto?

– A diretora Medvedeva talvez? – George ria-se tanto, que mal conseguia pronunciar o nome.

Andrei estava espantado. Isto só podia acontecer agora, depois da guerra. O pai de George era um líder, a mãe dele era professora; e ambos os pais de Minka eram importantes. Andrei sabia que apenas duas crianças tão privilegiadas se atreveriam a contemplar uma partida destas, e logo ao primeiro-secretário do Comité do Partido Comunista da escola. Aquilo de «amar como um bolchevique» era perigosamente insultuoso. Nos anos trinta, houvera quem levasse nove gramas na nuca por menos...

– Kurbsky?

Oh, meu Deus! Rimm estava a chamá-lo. George e Minka desapareceram quando o professor o chamou da porta. Ao entrar de novo

para encarar Rimm, Andrei desejou não ter sabido das cartas de amor fictícias.

– Kurbsky – disse o Dr. Rimm jocosamente –, ouvi dizer que és perito em Pushkin.

– Obrigado, camarada Rimm. – O título «camarada» significava que Rimm era membro do Partido Comunista.

– Talvez tenhas ouvido falar da minha aula sobre realismo socialista...

– Claro.

– Eu ensino literatura como ela deve ser ensinada – disse Rimm, e Andrei soube que ele se estava a referir à aula de Benya Golden. Rimm hesitou e depois os seus olhos reviraram-se enquanto se certificava de que estavam sozinhos no corredor. – Estás contente no... grupo do professor Golden, onde Pushkin é ensinado, segundo percebi, sem qualquer consciência de classe, apenas enquanto anseio do romantismo burguês? Gostavas de mudar?

– Obrigado, Dr. Rimm. Estou contente em qualquer aula onde a diretora me ponha.

– A tua resposta é correta – disse ele. – Mas lembra-te de que é o Partido que nos ensina a única forma de analisar a literatura. O caminho extra-Partido não tem futuro. Tu és inteligente. Conheço o teu historial maculado, mas lembra-te de que esta é a escola que o camarada Estaline escolheu para os seus próprios filhos. Se as coisas te correrem bem, há o Komsomol e talvez o Instituto de Línguas Estrangeiras. Estás a perceber?

Andrei sonhara usar o distintivo do Komsomol. Se conseguisse limpar o seu passado manchado, poderia entrar no Partido e seguir a via académica, ou entrar no corpo diplomático, como era sua vontade. A mãe avisara-o; agora o Dr. Rimm estava a fazer o mesmo. Os disparates dos Românticos Fatais podiam estragar-lhe a reabilitação. Mas enquanto se dirigia, apressado, para a aula seguinte, Andrei pressentiu que já era demasiado tarde.

## CINCO

– Kurbsky! És tu o Kurbsky?

Um robusto agente de segurança com as insígnias azuis do MVD surgiu diante de Andrei à porta da escola ao final do dia, algumas semanas mais tarde. Era o guarda-costas de alguém, sem dúvida, mas mesmo assim o coração de Andrei palpitou: lembrou-se da noite, há muito tempo, antes da guerra, em que os chekistas tinham vindo prender o pai, em que homens de botas tinham percorrido o apartamento com passos ameaçadores.

– Eu... sim, sou – gaguejou Andrei.

– És um maricas como aqueles amigos cabeludos do George? Lê poesia efeminada? Apanhas flores? Dobras os calções antes de foderes com uma mulher, ou limitas-te a arrancá-los e atirá-los para o lado para depois a comeres como um homem? – perguntou o agente de segurança.

Andrei abriu a boca para responder, mas depois fechou-a de novo.

– Estou a brincar, rapaz. – Apresentou-se: – Coronel Losha Babanava, chefe de segurança do camarada Satinov – e a mão de Andrei foi esmagada num cumprimento viril e latejante. O sotaque de Losha era marcadamente georgiano, o seu peito bojudo estava coberto de medalhas e os calções com listas vermelhas eram muito justos. Andrei reparou na *Mauser* de coronha de marfim num coldre de pelica, e em como os dentes dele brilhavam sob um bigode preto com umas asas extravagantes.

– O George está à espera no carro com os irmãos. Tu, rapaz, foste convidado para tomar chá com os Satinovs.

O agente guiou Andrei pelos ombros em direção a uma limusina *ZiS*.

– Olá, Andrei – disse George pela janela aberta. – Entra.

Losha abriu a porta e Andrei viu George, Marlen e a pequena Mariko no banco de trás, que era quase tão grande como o quarto dele. George sorriu-lhe. – Estás a ver as portas e as janelas? Quinze centímetros de

espessura. Blindadas! Só para o caso de alguém tentar assassinar o Marlen.

– Porque haveria alguém de tentar matar-me? – perguntou Marlen, olhando em volta.

– Porque és muito importante na escola. Os nossos inimigos devem saber que tu és o *komsorg* da escola.

– A sério? – Marlen parecia contente com isso.

Losha bateu com a porta; depois, assobiando à escolta, o pequeno *Emka* cheio de guardas que seguia atrás deles, pôs as mãos peludas no tejadilho do carro e lançou-se para o banco da frente como se estivesse a saltar para uma sela. – Prego a fundo! – gritou ao motorista. Os carros aceleraram juntos e o motorista rodou o volante de couro branco e usou o travão para produzir guinchos desnecessários de borracha queimada que fizeram os transeuntes saltar do caminho à medida que o pequeno comboio passava veloz pelo Kremlin.

– O vosso papá esteve acordado a noite toda e está no escritório desde a madrugada – disse Losha às crianças, apontando com a cabeça para os muros ameaçados do Kremlin e acendendo um cigarro. – Vou buscá-lo daqui a pouco... – Depois, com um rangido de couro e um sopro de água de colónia, Losha girou e apontou para uma rapariga no passeio. O motorista, também fardado, esticou a cabeça para olhar... e quase bateu com o carro. – Ei, Merab, olhos na estrada! – Losha virou-se de novo para as crianças. – Estás a ver estes tipos russos? Sem ofensa, Andrei, mas a maioria deles não sabe lidar com uma mulher. As raparigas russas estão sempre a olhar para o lado. Sabes porquê?

Andrei abanou a cabeça.

– Estão sempre à procura de um homem georgiano, claro! Percebes-me, não percebes? – Bateu palmas. – *Kerboosh!*

A viagem da Rua Ostozhenka à Rua Granovsky só demorou alguns minutos. Em breve estavam a virar para uma rua pequena e os guardas nos postos de controlo estavam a dar-lhes passagem para um parque de estacionamento.

– Bem-vindos à Quinta Casa dos Soviéticos – disse George enquanto um guarda do carro que seguia atrás deles saía e lhes abria a porta.

– Toca a sair, meninos – disse Losha. – Tenho de ir ao Pequeno Canto buscar o grande homem. – Batendo com as mãos no painel de

instrumentos, fez sinal ao motorista para seguir, deixando Andrei e os Satinovs no meio de uma coleção de carros bonitos.

– A quem pertencem? – perguntou Andrei.

– Bem – explicou George –, a maioria dos líderes vive aqui. Mas estes são nossos. Viste o grande, mas depois há o *Cadillac*, o *Dodge* e aquele *Mercedes* descapotável veio de Berlim. Pertencia ao Goebbels. Ou era o Himmler?

– Usam-nos a todos?

– Claro que não. O papá não liga a carros e essas coisas. Mas ninguém recusa um presente do Comité Central.

Andrei olhou à sua volta para os carros a brilhar ao sol e depois para cima, para o edifício rosa com pilares.

– Reconheces aquele *Rolls Royce*? – perguntou George. – A Serafima também vive aqui. É o único *Rolls* particular de Moscovo.

Um guarda abriu a porta de trás do prédio e Andrei e os Satinovs subiram um lanço de escadas amplas em mármore.

George abriu a porta do primeiro andar. Lá dentro, esperava-os um deslumbrante corredor de parquê com candelabros de cristal. Então é assim que os maiores vivem, pensou Andrei enquanto a criada, uma rapariga morena mas alegre de farda preta e branca, abraçava cada uma das crianças, beijando-as várias vezes no rosto e guiando-as pelo corredor.

– Vamos! – gritou atrás delas. – Estou a preparar um festim georgiano. Ah, e o vosso irmão mais velho está cá. Despachem-se!

O cheiro a legumes com especiarias, queijo a derreter e frango assado vogava pelos espaços arejados do apartamento. Passaram por um salão com um piano de cauda, tapetes persas, fotografias das crianças, uma vitrina de porcelana azul-turquesa e uma pintura a óleo de Estaline – maior do que o tamanho natural – na frente, de binóculos na mão (seria um original de Gerasimov?, pensou Andrei). Depois, entraram numa pequena sala revestida de lambris e cheia de livros e papéis.

– Isto é o gabinete do papá. Nunca olhamos para aquilo. – George apontou para o monte de pastas beges com o rótulo «Comité Central. Confidencial». Andrei olhou para elas: estariam assinadas pelo próprio Estaline? George abriu uma caixa de madeira, tirou quatro discos e, colocando-os cuidadosamente no gira-discos montado num armário de

madeira, rodou um botão. O aparelho começou a girar, um braço comprido com uma agulha pousou no disco e as músicas de *jazz* de Utesov começaram a tocar.

– É um gramofone da *RCA*, americano – disse George. – Consegue tocar os discos um a um, e não é lindo o som?

– Não é mau – disse Andrei, absolutamente deslumbrado pelo que estava a ver.

– E isto acabou de chegar. – George estava a apontar para um tubo de vidro bizarro montado noutro elegante armário de madeira.

– Que maquineta estranha. O que é?

– Aquilo – disse George – é uma máquina chamada iconoscópio, ou televisor, e mostra uma imagem...

– A sério? Mas como...

– Anda. – Andrei ouviu o som de riso, comida a crepitar e talheres a tilintar ao entrarem numa cozinha enorme, onde a família Satinov estava sentada a uma mesa de mogno, enquanto Leka, a criada, vigiava pelo menos três tachos fumegantes no fogão.

– Andrei Kurbsky! – A professora de Inglês dele, Tamara Satinova, a delicada madrasta de George, estava a apertar-lhe a mão. – És o rapaz novo na minha aula de Inglês. Entra e come um bocado de *khachapuri*.

Os olhos de Andrei arregalaram-se perante o fumegante prato georgiano, algo entre uma *pizza* e um *cheesecake*, e a enorme quantidade de comida na mesa à sua frente.

– Comemos muitos pratos georgianos aqui. Isto é *lobio*, sopa de feijão, e isto é *satsivi* de frango... – Andrei não quis admitir que nunca experimentara aquelas coisas, mas Tamara pareceu percebê-lo e fê-lo sentir-se tão confortável, que ele começou a servir-se.

Um jovem com a farda da força aérea e a estrela dourada da Ordem do Estandarte Vermelho no peito estava sentado à cabeceira da mesa. – Aha, o amigo novo do George – disse, cumprimentando-o. Andrei sabia que era o major David Satinov, recém-regressado da guerra. Quase se curvou diante deste piloto heroico, cujo avião fora abatido.

Mariko, a menina de seis anos, estava sentada no joelho da mãe, com um cãozinho de peluche ao colo.

– Leka, fazes um chocolate quente à Mariko? – perguntou Tamara.

Mariko era minúscula e morena e tinha o cabelo em tranças entrelaçadas no cimo da cabeça. – Apresento-te a minha cadela – disse a Andrei, levantando o brinquedo felpudo, um labrador preto. – Faz-lhe uma festa. Não é macio? Eu tenho uma escola para cadelas chamada Escola de Cadelas de Moscovo. Hoje estão a estudar Pushkin, como vocês.

– Ah, Andrei – disse Tamara –, ficas a saber que, se entras nesta casa, tens de aderir à Escola de Cadelas da Mariko! Mas agora faz pouco barulho, querida, estou a ouvir o teu irmão mais velho.

– Bom, estes aviões novos viram bem – disse David –, mas têm um problema...

– Não digas mais nada sobre isso – disse Tamara com uma rudeza inusitada.

Fez-se silêncio. Todos sabiam que havia quem tivesse sido preso e fuzilado por criticar a tecnologia soviética.

– Mas toda a gente na força aérea anda a falar disto – protestou David.

Tamara olhou para Andrei, o forasteiro, enquanto Losha Babanava entrava a passos largos na cozinha. – O grande homem chegou! – disse ele.

A alegria desapareceu e o ar mudou, como acontece quando está prestes a nevar. Todos os rapazes se levantaram bruscamente: o poder do Estado soviético entrara na sala de túnica e botas, com escassez de emoção e economia de movimento. Teso como a corda de um arco, de cabelo cortado à lâmina e grisalho nas têmporas, o camarada Hercules Satinov saudou as crianças como se estivesse a revistar um regimento.

Cada um dos rapazes beijou o pai três vezes: – Olá, pai – disseram formalmente. Satinov pegou em Mariko, levantou-a e beijou-lhe a testa.

Andrei ficou cativado com a presença dele, e apavorado. Imaginou os feitos dos longos anos de Satinov com Estaline: a luta com Trotsky, a guerra contra os camponeses, a caça aos espiões do Terror, a guerra. Os segredos que ele devia saber; as coisas que devia ter visto. Ele personificava o *tverdost*, a dureza: a máxima virtude bolchevique. Só quando beijou Tamara e lhe pousou as mãos nas ancas é que Andrei vislumbrou o tipo de afeto que se lembrava de ver entre os seus próprios pais.

– Como foi a escola, Tamriko? – perguntou-lhe Satinov.

Ela suspirou. – Como sempre, demasiados trabalhos para corrigir – disse. – Precisas de alguma coisa? Café?

Os olhos cinzentos de Satinov examinaram Andrei. – E quem é este? – perguntou a George, que pegou no braço de Andrei e o empurrou para a frente.

– Pai, este é o meu novo amigo Andrei Kurbsky, da escola. Ele acabou de chegar.

– Acabou de chegar? – disse Satinov bruscamente.

– De Stalinabad. Para o último período.

Satinov apertou a mão de Andrei. O cumprimento foi tenso e seco como uma sela. – Stalinabad? Repete lá o nome.

– Kurbsky. – Andrei quase conseguia ouvir a cabeça burocrática de Satinov a percorrer um índice de pastas com o rótulo «Comité Central. Confidencial». E se fizesse perguntas sobre o pai dele?

– És sempre bem-vindo, Andrei – disse Satinov, por fim.

– Obrigado, camarada Satinov.

Satinov olhou-o de cima a baixo. – O que queres fazer pela tua pátria? – perguntou.

Todos se calaram.

– Ele vai ser professor. Percebe muito de Pushkin – respondeu George. – Vai ser o melhor da turma.

Satinov franziu o sobrolho. – Então é outro que anda com a cabeça nas nuvens, George? Com a vossa idade, eu não tinha tempo para a literatura. Era um revolucionário. O Pushkin é um símbolo da nossa grandeza nacional, claro, mas porquê estudá-lo?

– Porque o Pushkin nos fala do amor – insistiu George. – Precisamos de comida e luz, cientificamente, mas nada disso importa sem amor.

– Pelo amor de Deus, George! Que disparate. Nós criámos o primeiro Estado socialista. Combatemos os nossos inimigos numa batalha de sobrevivência, e ganhámos. Mas a pátria está arruinada. Faminta. Precisamos de a reconstruir. Não precisamos de poetastros, mas sim de engenheiros, pilotos, cientistas.

– Sim, claro – concordou Andrei.

Satinov sacou um cigarro e Losha avançou para o acender; depois fez continência e recuou. – David, que tal o avião novo?

– Voa bem, pai.

– Ótimo. Bom, vou deixar-vos com os vossos poemas, rapazes. – Acenou com a cabeça a Andrei e depois disse secamente à mulher: – Tamriko?

Ela saiu com ele da sala, e o barómetro da divisão voltou a subir.

– O pai tem uma coisa para lhe dizer – explicou George enquanto conduzia Andrei de volta ao pequeno gabinete do pai. Fechou as portas, pôs os discos de *jazz* a tocar outra vez e estendeu-se no sofá de pernas cruzadas. – Eles sussurram no quarto de banho. Ele nunca nos diz, claro. Quanto menos soubermos, melhor. Agora vai dormir uma sesta por algumas horas e, depois, provavelmente vai ser convocado muito tarde para jantar.

– Queres dizer...

– Não digas o nome, seu tonto – disse George, apontando para o céu. Depois sussurrou: – Se trabalhas para o Estaline, chamas-lhe Mestre, mas nunca na cara dele. Nos documentos, ele é o «seger», de secretário-geral. Os generais chamam-lhe «Supremo»; nos Órgãos, é «o *Instantsiya*». E quando alguém diz «o Comité Central» refere-se a *ele*.

– Então ele vai jantar no Kremlin?

George sentou-se direito. – Não sabes nada? *Ele* trabalha no Pequeno Canto do Kremlin, mas na realidade vive na Dacha Próxima, fora de Moscovo, onde o meu pai e o Politburo se reúnem pela noite dentro ao jantar. Depois, o meu pai tem de mudar de roupa e fazer a barba e estar de volta ao escritório logo de manhã. Nós mal o vemos.

– Ele esteve na queda de Berlim, não esteve?

– Oh sim, e em Estalinegrado – disse George com orgulho. – Agora que a guerra acabou, o pai diz que quer passar mais tempo connosco, o que significa levar-nos à escola, com todas as vénias e genuflexões que isso implica. Um verdadeiro inferno! Mas ninguém diz ao meu pai o que fazer. Ninguém exceto... – E apontou de novo para o céu: Estaline.

– É melhor eu ir para casa – disse Andrei. – A minha mãe fica preocupada.

George pôs a mão no braço de Andrei com todo o calor que faltava ao pai dele. – Ouve, Andrei, eu sei que queres entrar nos *komsomols* e tenho andado a louvar-te ao Marlen. Mas seria divertido se te juntasses ao Clube dos Românticos Fatais. Estamos a planear fazer o Jogo.

Andrei sentiu uma pontada de entusiasmo. Era isto que ele realmente queria – não era?

– Mas há um problema – continuou George. – O clube é do Nikolasha e ele quer que seja mais difícil entrar nele do que no Colégio dos Cardeais ou no Politburo. E o Nikolasha diz que não tem a certeza em relação a ti.

Andrei engoliu em seco. – O que queres dizer com isso?

– Ele não te conhece tão bem como eu – disse George. – Seja como for, ele diz que é a Serafima que tem o voto de desempate.

– A Serafima? Mas a Serafima também não me conhece. E eu acho que ela se não preocupa com nada, sobretudo o Clube dos Românticos Fatais.

– Mas o Nikolasha preocupa-se com ela, e é isso que importa.

– Mas ele não está com a Rosa? Ela adora-o.

George acenou em concordância. – Adora, mas o Nikolasha vive para a Serafima. De facto, às vezes penso que todo o Clube dos Românticos Fatais é na realidade para ela.

Andrei levantou-se. Isto tinha mais importância para ele do que desejava – e mostrara-o muito claramente.

– Tu ajudaste-me – disse George, levantando-se também – e sei que és um de nós. Eles estão a planear fazer o Jogo logo a seguir à Parada da Vitória, por isso tu tens de entrar antes disso. É um ritual especial.

George conduziu Andrei para fora do gabinete, ao longo do corredor e até ao seu quarto, onde tirou de debaixo da cama um estojo de couro verde-azeitona, que abriu. Ali, pousadas em veludo vermelho, estavam duas pistolas de duelo do século XIX.

– Lindo – disse Andrei. Fechou os olhos, lembrando-se do *Onegin*.

*Agora nada mais importava –  
Um par de pistolas e um disparo  
Num instante o seu destino traçava.*

Andrei admirou as pistolas: os canos biselados, madeira e aço polidos. – São verdadeiras? – perguntou.

– Duvido. Fomos buscá-las ao Pequeno Teatro. Eles usam-nas em peças – disse George, rindo. – E nós vamos usá-las no Jogo... vais ver.

\*

A algumas ruas de distância, a Escola 801 não estava completamente vazia. O encarregado da limpeza lavava o chão dos corredores vazios com o desinfetante que dá às escolas a sua pungência característica, e a diretora, Kapitolina Medvedeva, estava sozinha no seu gabinete a planear como é que a escola ia celebrar a Parada da Vitória, a 24 de junho. Estava a aproximar-se. Alguns *komsomols* e pioneiros seriam escolhidos para servir em guardas de honra. E, quando pensou nisto, ela desejou poder incluir Andrei Kurbsky, porque sabia o quanto isso significaria para um rapaz de biografia maculada.

O relatório que tinha na secretária mostrava que Andrei se estava a sair bem na escola e ela estava orgulhosa por ter feito frente a Rimm para o deixar entrar.

– Desejo registar a minha desaprovação quanto à admissão do filho de um Inimigo do Povo – dissera Rimm. Acreditava que Medvedeva não era suficientemente dedicada ao Partido e queria o lugar dela. Ela sabia que todas as escolas, todas as instituições, tinham um Rimm. Normalmente eram covardes, por isso não cedera.

– Muito bem – admitira Rimm. – Deixe-o entrar se tem mesmo de ser, mas uma família como a dele não vai conseguir pagar as propinas.

– Na verdade, camarada, eles *conseguem* pagar as propinas – respondera ela, sorrindo ao pensar na oportunidade que estava a dar a Andrei. Era o seu projeto especial, e aprovava o aspeto limpo e reservado do rapaz, o cabelo castanho com risca e os óculos de armação escura. E já era amigo de George Satinov, Minka Dorova e Rosa Shako.

Kapitolina Medvedeva era uma comunista devota, que acreditava que amar demasiado as crianças as tornava egoístas. Tinha orgulho em ser diretora de uma escola com alunos de famílias tão eminentes do Partido. Não lhe agradava a palidez viscosa e bastante ameaçadora do camarada Dorov, mas Dashka, a mulher dele, não só era chique como era médica. O marechal Shako, comandante-supremo da força aérea, era o exemplo perfeito de um comandante soviético. E quanto ao camarada Satinov, era tão impressionante que, quando falava com ele, ela gaguejava e exagerava nos elogios. O camarada Satinov tinha qualquer coisa de especial. Talvez fosse por ser genuíno: cumprira uma pena nas prisões do czar, ajudara a

assaltar o Palácio de Inverno em 1917, conhecera Lenine, passara o inverno de 1942 em Estalinegrado. E ninguém estava mais próximo do próprio Estaline.

Kapitolina Medvedeva fora professora dos filhos de Estaline mesmo antes da guerra. Svetlana adorava história – e fora uma das melhores alunas da turma. Mas Kapitalina não conseguira ensinar nada ao filho dele, Vasily. O rapaz era um patife delinquente. Ainda assim, deve ser difícil ser-se filho do maior titã da história mundial.

Baixou os olhos para a secretária para ler o relatório de Benya Golden sobre Andrei. Contratar Golden fora outra decisão que tomara contra a vontade de Rimm, e ele mostrara ser o melhor professor que alguma vez conhecera. Além disso, como podia a diretora de uma escola desperdiçar a oportunidade de contratar o autor das *Histórias Espanholas*?

Tirou os óculos e esfregou os olhos. Quando voltou a pô-los, reparou que se conseguia ver no reflexo do tinteiro polido. Era a distorção do reflexo ou ela estava mesmo com um ar tão gasto? Que aspeto! Tinha madeixas grisalhas no cabelo e o nariz mais parecia um bico! Não há muito a fazer com uma cara como a minha, pensou.

Era uma solteirona, a viver sozinha num quarto de um *kommunalka* nos subúrbios, com uma pequena coleção antiga de Tolstois encadernados a couro castanho como único luxo. Uma mulher tinha tarefas mais importantes na vida do que pôr batom e vestidos, dizia a si mesma. A escola era a missão da vida dela, e tinha de ser tão dura e modesta como um bolchevique devia ser.

Correra dois riscos na sua vida profissional, mas ambos eram coerentes com a sua missão: educar e iluminar – mesmo numa idade de gelo.

Olhou para o relógio. Passava das sete, e não tinha outro sítio onde estar. Suspirou, admitindo a si mesma que agora suspirava alto quando saía da cama ou do banho – ou quando provava uma sopa particularmente deliciosa. Tinha cinquenta e dois anos. E envelhecia.

Fechou os olhos, pensando em Benya Golden. Gostava de o ter na escola e, quando ele a fixava com os seus jocosos olhos azuis, ela chegava a corar. Por vezes, sonhava com ele à noite. Sabia que seria maravilhoso beijá-lo e sentia que o toque das mãos dele a transformaria. O seu cabelo ficaria mais espesso; a sua pele tornar-se-ia tão bela e bronzeada como a

da mãe de Minka, Dashka Dorova. Com ele, tornar-se-ia a mulher que sempre quisera ser.

Abanou a cabeça. Golden era uma jogada muito arriscada, e não só porque o Dr. Rimm denunciara o seu estilo de ensino como «um número de circo burguês de promoção filistina e antipartido». Ela não conhecia os pormenores do caso, claro; apenas os Órgãos, a polícia secreta, os conheciam, mas sabia que ninguém esperara que Golden regressasse da prisão ou do exílio ou de onde quer que estivera. Os Órgãos não a tinham impedido de o contratar, por isso deviam-no ter investigado e autorizado, mas, por muito encantador e exuberante que Golden fosse, ainda tinha o poder de a destruir.

– Não sabe quem o Golden é? Ele tem a marca de Caim na testa. É como um leproso! – sussurrara-lhe Rimm. – É um sortudo. Regressou dos mortos.

– Está vivo agora – respondera ela. – E é isso que importa.

Examinou de novo o relatório, mas continuava a pensar em Golden e Andrei. Andrei era uma aposta mais segura do que Golden, mas também ele era um ponto fraco que a podia prejudicar. Porque o que mais ninguém sabia – muito menos o próprio Andrei – era que ela o aceitara na escola não apesar do seu passado negro, mas por causa dele. E estava a pagar as propinas de Andrei do seu próprio salário.

Sim, pensou então, posso estar sozinha e a envelhecer, mas acredito que toda a gente é capaz de se redimir, seja quem for.

## SEIS

Andrei saiu do edifício Granovsky para o sol ofuscante. Na Rua Gorki, a principal via de Moscovo, passou por soldados, não muito mais velhos do que ele, de uniforme, a rir com as namoradas. A felicidade despreocupada deles era contagiosa. Estava convencido de que a sua vida mudara, e mal podia esperar por falar à mãe de como os Satinovs viviam, da grandiosidade glacial do camarada Satinov, das alusões de George ao Clube dos Românticos Fatais e aos seus rituais esotéricos. Então, viu-a. Uma rapariga alta de cabelo loiro a atravessar a Rua Gorki sem olhar para os lados, obrigando os carros a travar à sua volta. Vestia a blusa da escola abotoada mesmo até ao pescoço e mangas compridas, embora fosse uma gloriosa tarde de verão. Virou-se com determinação para a Casa do Livro, a melhor livraria de Moscovo.

Andrei não tinha dinheiro para gastar e já estava atrasado para jantar, mas entrou atrás dela. Os livros de Marx, Lenine e Estaline estavam expostos à frente, ao lado dos poemas de guerra românticos de Simonov, dos romances de Gorki e Fadayev e dos guiões de Constantin Romashkin (sim, o pai de Serafima). Onde estava ela?

Andrei foi de imediato acalentado e inspirado pelo cheiro a livros novos – pela cola acre e o couro fresco, bem como pelo mofo dos livros velhos que quase apodreciam nas prateleiras. Viu estudantes e pensionistas, avistou uma senhora de cabelo ticianesco com um fato fúcsia e um *apparatchik* do governo de fato azul e chapéu, mas nem sinal de Serafima.

Andrei não tinha um plano, nenhuma ideia em particular, apenas o otimismo de um dia de verão e o ímpeto do chá em casa dos Satinovs, enquanto subia as escadas para o segundo andar. Talvez a tivesse imaginado, pensou, enquanto observava os volumes especiais, magnificamente encadernados a couro, nas prateleiras à sua volta.

Embrenhou-se mais na floresta de metal das estantes. Então, como um caçador sente a respiração ofegante de um veado no bosque, soube que ela estava ali. Sacou um livro de Ernest Hemingway em inglês e, espreitando pela frincha, viu-a. Folheava um livro, intensamente, como se estivesse à procura de uma frase. E tinha a cabeça inclinada para um lado, aquele tique cativante que ele notara na aula.

– Serafima?

Ela estremeceu. Olhos verdes salpicados de ouro fitaram-no, inquisitivos. – A professora Satinova recomendou o Hemingway e acabo de encontrar o *Por Quem os Sinos Dobram*, e tu estavas a ver... ah, Galsworthy. *A Família Forsyte*. Isso não é sobre uma dinastia burgueso-capitalista de Londres?

– E se for? – perguntou Serafima.

Andrei viu o outro livro que ela tinha na mão. – *A Idade da Inocência?* Edith Wharton e os costumes corruptos, de alta burguesia, do capitalismo de compadrio na velha Nova Iorque?

Serafima olhou para o livro, como que surpreendida por o ter na mão, e depois de novo para ele. O seu olhar intenso fê-lo sentir que estava a ser muito enfadonho.

– Se eu estivesse a ler Fadayeve, isso dir-te-ia algo diferente sobre o meu caráter do que se estivesse a ler Wharton ou Akhmatova? Estás a analisar-me pelo que leio?

– Não, claro que não. – Sentindo-se envergonhado, Andrei tentou uma abordagem diferente. – Como é que é a Edith Wharton?

– Tal e qual como os nossos próprios barões e principelhos. O nosso mundo secreto é exatamente como o dela, mas com uma diferença crucial: é Edith Wharton com a pena de morte. – Ela sorriu-lhe, e Andrei sentiu que os raios do sol da tarde estavam a brilhar diretamente sobre ele. Reparou que ela tinha um dente muito pontiagudo à direita dos seus dentes da frente.

Depois olhou em volta, preocupado; ninguém a ouvira. As coisas eram diferentes para pessoas como a Serafima, disse para consigo. Ela podia dizer o que queria.

– Tenho de ir. – Serafima arrumou os livros e dirigiu-se às escadas. – Já agora, porque andas a seguir-me?

– Não ando... Calhou estar a procurar os mesmos livros. – Andrei sabia que tinha de mentir melhor para sobreviver neste meio. – Tinha ouvido falar na Casa do Livro, mas só hoje tive oportunidade de vir cá...

Serafima olhou-o de novo. Agora estavam na rua, e ele, prestes a ser dispensado.

– Estou a caminho do Bolshoi para ver o novo bailado do Prokofiev – começou ela, mas as palavras perderam-se no ruído de pneus a derrapar.

Um *Packard* descapotável fizera inversão de marcha na Rua Gorki e virara para eles tão impetuosamente que as rodas raspavam no passeio.

Andrei puxou Serafima para longe do perigo, consciente do perfume no pescoço dela.

– Credo, ele quase nos acertou. Que idiota! – exclamou.

– Ei, Serafima! – gritou o condutor. Tinha um cigarro entre os dentes, e usava as platinas de um coronel da força aérea. – Ando a pensar em aparecer desde que te vi à porta da escola. Ia fazer-te uma surpresa e apanhar-te à porta. Não seria bom para a tua reputação? A minha irmã e eu andámos na Escola 801, sabes? Como é que está a bruxa lésbica da diretora e o cabrão empertigado do Rimm?

– Continuam a atormentar-nos – disse Serafima com frieza.

Andrei sentiu a desconfiança, o constrangimento de Serafima.

– Ia beber um copo ao Salão do Cocktail. Entra, querida.

– Obrigada, mas agora não posso. Tenho trabalho de casa.

– A tua mãe não se importa, garanto-te. Ela gosta de mim. Adoro os filmes dela. Anda!

Um homem diminuto saiu do carro, com calções muito justos, botas brilhantes e uma série de medalhas. Tinha o cabelo castanho-escuro penteado para trás numa onda. Beijou-lhe a mão, à moda antiga. – Vais obrigar-me a implorar, logo a mim?

Serafima olhou para Andrei. – Estou com o meu melhor amigo, o Andrei. Ele também vem.

– Claro – disse o homem. – Já percebi. O melhor amigo também vem! Entra, Andrei.

Ele abriu a porta de trás e Serafima entrou. Quando Andrei entrou para o lado dela, o homem ligou o carro, fez marcha-atrás para o meio da Rua Gorki e acelerou para a frente de um camião *Studebaker*, que guinou para

os evitar. Um par de polícias observava a cena, mas não fez nada para o travar.

– Sabes quem ele é? – sussurrou Serafima. – É o filho do Estaline, o Vasily. Tem cuidado, está bem?

Passados alguns minutos, Vasily virou o carro para a direita, parou e foi ajudar Serafima a sair. Estavam num beco. Diante deles havia uma porta de madeira simples guardada por um usbeque muito musculoso com uma blusa carmesim.

– Tu não entras, seu parolo – dizia a um tenente da cavalaria com a sua namorada. A fila de gente contornava a esquina. Quando viu Vasily, mudou de tom: – Boa tarde, coronel! – disse, afastando os outros do caminho e abrindo a porta com uma vénia. – Bem-vindos ao Salão do Cocktail. Entrem!

Vasily e Serafima entraram, mas Andrei hesitou.

– Tu não, miúdo. Põe-te a andar!

– Mas eu estou com eles! Serafima! – gritou Andrei, detestando o gemido do seu próprio desespero. Vasily Estaline levantou uma mão sem sequer se voltar.

– É o teu dia de sorte! – O usbeque abriu a porta e Andrei juntou-se a Serafima num labirinto de reservados e alcovas, todos opulentamente guarnecidos de seda escarlate e lambris de pinho.

Vasily conhecia toda a gente. Beijou a velha gasta do bengaleiro e, assim que entrou no pequeno bar, tornou-se o centro das atenções. Foi abraçado por um piloto bêbedo, um general gordo e duas raparigas com vestidos de cerimónia justos com decotes. Mas pareceu mais feliz quando encontrou um sapo careca e vesgo que usava três relógios no pulso.

– Viva o Rei dos Esturjões! – berrou. – Manda uns bifés para a *dacha*!

Outro homem, de fato *zoot*, como um músico de *jazz* americano, e sapatos de dois tons, abordou-o.

– Quer um vestido de baile Schiaparelli que já pertenceu a uma princesa vienense? – perguntou o homem com um sotaque húngaro. – Para a sua senhora? Que tal este anel? Hoje em dia encontra-se tudo na Europa, se se souber onde procurar.

Vasily afastou-se e pediu *cocktails* a um empregado arménio com um colete de brocado.

– Quem é esta gente? – perguntou Andrei a Serafima.

– Estas personagens – sussurrou Serafima – são os *styliagi*. Moscovitas com *style*! (Ela tinha um bom sotaque americano.)

Os *cocktails* chegaram. Andrei bebericou o dele e vieram-lhe lágrimas aos olhos.

– Quem é a menina, Vaska? – perguntou o vesgo.

– É filha da Sophia Zeitlin. Estou de joelhos a suplicar-lhe um encontro romântico, mas ela nem olha para mim. Ei, Serafima, gostas do teu *cocktail*?

– É nojento – disse Serafima, com um ar mais altivo do que nunca. – Quero ir para casa.

– Boa ideia – disse Vasily. – Para minha casa.

Andrei mal se lembrava da viagem até casa de Vasily Estaline. Tinha a cabeça a andar à roda do *cocktail* de laranja que consumira demasiado rápido no Salão do Cocktail. Saindo da cidade, passaram a toda a velocidade por bosques de pinho tingidos de vermelho por um pôr do sol estival. Algures no caminho, Vasily sacou a sua pistola *Mauser* e disparou-a enquanto ultrapassava um camião. – Isto vai servir de lição ao sacana! – berrou.

Agora estavam a chegar a um caminho de entrada. Foram admitidos num posto de controlo altamente guardado, com a barreira a erguer-se enquanto Vasily punha o pé no acelerador, levantando nuvens de pó. Por fim, pararam à porta de uma mansão com colunas brancas ao estilo colonial, do Sul, e entraram.

– Tragam bebidas! Onde está a comida? Vão buscar o gramofone! – gritou Vasily, com a voz aguda e os olhos desvairados. – Bem-vindos a Zubalovo. Os meus pais viviam aqui. Agora, é minha.

Minutos mais tarde, Andrei estava ao lado de Serafima, a uma mesa coberta de petiscos georgianos e garrafas de licores exóticos de que nunca ouvira falar. Vasily estava ao gramofone a pôr discos enquanto os convidados chegavam e começavam a dançar. – Ouçam, isto é *jazz* americano, a música dos negros oprimidos! – Riu-se às gargalhadas.

– Ei, miúdo – disse ele, com os olhos no seu rosto macilento a estreitarem-se para Andrei. – Não estás a beber. Isso é um insulto! Não te

esqueças de que o meu pai é georgiano. Ou melhor, era georgiano. Agora é russo.

– Não bebo muito – confessou Andrei.

Vasily deu a Andrei e Serafima *shots* de uma coisa nojenta chamada *Fernet Branca*. – É para beber até ao fim! – disse.

Andrei olhou para a bebida, enjoado.

– É melhor beber, querido – disse Serafima.

Vasily apontou para ele. – Estou-te a ver!

Andrei emborcou o *shot* de *Fernet Branca*. À volta dele, a festa, os dançarinos e a sala de estar pareciam girar e ondular como uma miragem no deserto. Duas raparigas do Salão do Cocktail estavam a dançar muito próximas, ambas com um cigarro na mão, mas sem se queimarem uma à outra, de algum modo. Fios de suor e rímel corriam-lhes pelo rosto. Pareciam mineiros de carvão seminus à chuva. Um capitão dançava a *lezginka* de tronco nu. E no centro Vasily batia palmas, de olhos no gramofone enquanto bebia *vodka*, conhaque arménio, *champagnski* da Crimeia, vinho georgiano e licores de cores vivas de uma frota de copos e garrafas.

Andrei olhou para Serafima, que parecia tão só e vulnerável como ele. Como iam escapar? Sentia-se muito longe de Moscovo; não tinham carro, nenhuma forma de fugir. Inessa ia ficar preocupada com ele. E o que iam pensar os pais de Serafima?

Um elegante oficial da força aérea sentou-se na mesa deles. – Que raio estão vocês os dois a fazer aqui? – perguntou. Era David Satinov, o irmão mais velho de George. – Quem vos trouxe?

Serafima apontou para Vasily Estaline. – Não tivemos grande voto na matéria, na verdade.

David Satinov abanou a cabeça. – Devia ter adivinhado. Isto não é sítio para miúdas da tua idade.

Vasily tinha vindo ter com eles. – David, um brinde ao meu pai. A Estaline! Aos nossos bravos pilotos! – Todos beberam a isto por entre um coro de vivas.

– Diz-me uma coisa, David, porque é que os nossos aviões estão sempre a cair? – perguntou Vasily de repente, inclinando-se sobre a mesa.

– Os aviões soviéticos são os melhores do mundo – respondeu David.

– Se há defeitos nos nossos aviões, eu digo ao meu pai. Temos de encontrar os criminosos que põem os nossos rapazes a voar em caixões! As cabeças deles vão rolar, David.

– Sim, Vaska – disse David.

– Sabes porque estou a celebrar?

David abanou a cabeça.

– Acabei de ser promovido a general. O meu pai confia de novo em mim. Perdoou-me. – Lágrimas afloraram aos seus olhos mortiferos, feridos.

– Parabéns. – E David abraçou Vasily.

– Serafima! Levo-te a passear no meu avião! – gritou Vasily. – Vamos voar tão baixo, que os camponeses se vão esconder nas suas medas de feno. Vamos celebrar. Anda, dança!

– Ei, Vaska, tem calma com ela, é jovem – disse David.

Mas Vasily Estaline puxou Serafima para a multidão. – Vamos dançar o *foxtrot*. – Abraçou-a, passando-lhe as mãos pelas ancas e pelo cabelo... Ela entesou-se quando ele a apertou, e Andrei conseguia ver o seu desconforto. Muitas outras raparigas começaram a girar em torno de Vasily; enquanto tentava dançar com todas, este afrouxou a pressão sobre Serafima, que, de algum modo, um momento mais tarde, conseguiu esgueirar-se da multidão.

David estava à espera dela.

– Venham, os dois. – Fez um gesto a Andrei. Atravessaram a festa atrás dele, saíram pela porta da frente e desceram os degraus em direção aos carros, onde motoristas e guardas fumavam e conversavam.

– É o maricas da poesia da escola? – disse o coronel Losha Babanova numa voz ressonante. – Não estás a gostar da festa? – Então, viu Serafima.

– O que está ela a fazer? É demasiado nova para estar aqui!

– Temos de ir para casa – disse Andrei. David Satinov estava parado atrás deles.

– Leva os miúdos a casa, Losha. Eu falo com o general Estaline.

Losha Babanova entoou uma canção georgiana enquanto levou Andrei e Serafima a casa através da escuridão quente.

Na parte de trás do carro, Serafima pousou a cabeça no ombro de Andrei. – Sinto que posso confiar em ti, Andrei – disse ela, ensonada. –

Obrigada por não me abandonares. Acho que não me teria safado se não estivesses aqui.

Andrei sonhou que ela era sua namorada. Convidá-la-ia a passear pelos Lagos do Patriarca e pelos Jardins Alexandrovsky. Dar-lhe-ia a mão e recitaria um verso de Blok, Akhmatova ou mesmo Pushkin. Estonteado pela bebida e o cheiro da pele dela, afagou-lhe o cabelo enquanto fitava a estrada reta e vazia de regresso a Moscovo, guardada por um exército de bétulas prateadas e iluminada pela face de uma lua cheia russa.

## SETE

– Andryusha! – gritou-lhe George na manhã seguinte enquanto corriam pelo corredor em parquê para a aula de Inglês da Sra. Satinova. – Uma palavrinha!

Andrei virou-se e George puxou-o para o vestiário. Viu se não havia ninguém nas retretes pontapeando as portas dos dois cubículos e depois abriu a torneira. – Soube da noite passada pelo meu irmão David. Não fales disso a ninguém, está bem?

– Claro que não – disse Andrei, sabendo que apenas um louco iria mexericar sobre qualquer coisa que tivesse a ver com o Líder.

– Podiam rolar cabeças por causa daqueles aviões defeituosos – disse George com urgência. – Nunca aconteceu. Ah, e o David disse que tu te saíste bem. E a Serafima... Bem, a Serafima diz que foste heroico.

Depois da escola, Andrei caminhou até aos Lagos do Patriarca. Doía-lhe a cabeça e sentia-se enjoado. A mãe estava aflita quando ele chegou a casa às primeiras horas da manhã; abraçou-o, gemendo lamentosamente. Isto irritara-o muito, mas não havia nada que pudesse fazer para a deter. Devia estar a sentir-se contente consigo próprio, pensou. Tinha conhecido e sobrevivido às atenções de Vasily Estaline; cumprimentara o camarada Satinov; contudo, ainda estava sozinho, a observar os tripulantes dos tanques e os pilotos a comprar gelados ou limonadas às namoradas. Velhas sentadas em bancos observavam os patos. Mães deixavam os filhos pequenos brincar na relva. Nada mudara verdadeiramente.

– Queres que te compre um gelado? – A voz soou suave como a de um gatinho, mas mesmo assim assustou-o. Era Rosa Shako, a filha do comandante da força aérea.

– Não está um dia lindo? – perguntou ela. – Queres ir dar um passeio à Colina dos Pardais, fugir ao trânsito e a tudo o resto?...

– Não me sinto muito bem hoje, Rosa. Acho que devia ir para casa.

– Mas eu tenho o carro do papá – disse Rosa, acenando para uma limusina estacionada ali perto.

– Não podemos fazer isso amanhã?

A mão dela agarrou-lhe o braço com uma força que o surpreendeu.

– Não estás a perceber. O Nikolasha está à nossa espera no cemitério. *Ele* é que te convidou. É o sítio dele. E ele nunca te convidou. Tens de vir.

– Mas Rosa...

Rosa largou-lhe o braço e uniu as mãos esguias como se estivesse a rezar. – Andryusha – ceceou como uma criança –, por favor. Se não vieres, será culpa minha. O Nikolasha é tão implacável. Não posso desiludi-lo.

– De que forma? – perguntou, um pouco intrigado.

– O Nikolasha diz que é impossível transigir na forma como vivemos. Se transigimos, nem sequer vale a pena viver.

– E tu acreditas nisso?

Rosa parecia estranhar que alguém pudesse questionar uma coisa que Nikolasha dissera.

– Ele é uma pessoa original, o romântico supremo. Guia-me. Nunca conheci ninguém como ele. De certeza que tu vês isso. Acho que um dia vai ser famoso, não achas, Andrei? Então vens? Vão estar lá todos.

– Todos? – perguntou Andrei. E, quando Rosa acenou afirmativamente, ele soube que também tinha de estar lá.

Já escurecia, e feixes de luz escarlate ziguezagueavam pelo céu quando Andrei abriu o portão do cemitério e depois se afastou para deixar Rosa ir à frente.

Dentro do cemitério, preenchido pelo zumbido de mosquitos, as lápides estavam cobertas de hera; Andrei viu que famílias ricas do século XIX tinham construído os seus túmulos ali: alguns pareciam casinhas de mármore com pilastras e capitéis e arcos. Demorou um momento a encontrar os amigos na granulosidade rosada de um crepúsculo de verão, mas então viu as velas, as chamas a dançar no ar calmo e abafado.

Vlad Titorenko saudou-o de sobrecasaca verde e calções. – O Nikolasha está à tua espera – disse a Andrei. – Os Românticos estão reunidos.

– Anda cá! – Era Nikolasha. Estava em pé, ao lado de um túmulo ornamentado, coberto de velas e decorado com cruzeiros, nomes gravados, musgo e garrafas de cerveja velhas.

– Silêncio, por favor. Estão todos prontos? – perguntou Vlad. – Começemos. Primeiro, bebam todos um *shot* de *vodka*. Andrei, tu vais para ali e podes pegar num copo.

Andrei, segurando o dedal de *vodka*, estava sozinho de um lado do túmulo e, do outro, estavam os Românticos Fatais. Conseguia ver Minka, George e Rosa, todos vestidos com trajes do século XIX; Serafima também tinha de estar ali algures.

O Livro de Veludo, um candelabro iluminado e um estojo de couro verde jaziam no túmulo em si e, à volta deles, o cemitério escuro tremeluzia com dezenas de velas. Piroso, certamente, mas melodramático, sem dúvida.

– Românticos Fatais – disse Nikolasha em tom solene, com as suas sardas bem vincadas na pele branca –, este é o templo do Clube dos Românticos Fatais. Vamos dar as boas-vindas a um neófito: Andrei Kurbsky.

– Preciso... preciso de um fato? – gaguejou Andrei, sentindo-se constrangido com as suas calças cinzentas e camisa branca.

– Espera, por favor! – exclamou Nikolasha com irritação. Pigarreou. – Românticos Fatais, estamos oficialmente reunidos. Abro o Livro de Veludo. As palavras que contém são secretas; poucos nomes estão inscritos nestas páginas sagradas.

Andrei olhou para George, que lhe piscou o olho. Andrei desviou o olhar e Nikolasha continuou, com a sua voz afetadamente grave a tremer um pouco enquanto cantava como um sacerdote pagão.

– Primeiro, devemos declarar juntos as nossas crenças essenciais. Vlad, podes guiar-nos.

– Românticos Fatais – começou Vlad, e depois, todos juntos, entoaram:  
– ACREDITAMOS NUM MUNDO DE AMOR.

– Como é que vamos viver nesta era rígida?

– O AMOR É A NOSSA ESTRELA POLAR.

– Qual é a nossa escolha?

– AMOR OU MORTE.

– Tememos a morte?

– NÃO TEMEMOS A MORTE. SE VIVERMOS SEM AMOR, QUE MORRAMOS JOVENS.

– E se morrermos?

– O NOSSO AMOR SERÁ IMORTAL.

– Brindemos ao amor – declarou Nikolasha.

Os Românticos beberam a *vodka* de um só gole, mas Andrei, perturbado pela conversa antipartido sobre morte e amor, hesitou.

– Podes beber, Andrei – ordenou Nikolasha. Sentindo-se um pouco como na noite anterior, Andrei engoliu. A *vodka* pareceu-lhe uma bala incandescente na barriga.

Houve um suspiro sonoro e depois um arrote, e George começou a rir baixinho; Minka também reprimiu uma risada, que lhe subiu pelo nariz e emergiu como um espirro estrangulado que fez George tremer de riso.

– George! – exclamou Vlad, irritado.

– Não estragues o momento – acrescentou Rosa.

– Desculpem – disse George.

– Já que estamos aqui numa sessão do Politburo Romântico, podemos facilmente expulsar um membro – explicou Nikolasha com a lassidão de um professor muito desgastado. – Mas comecemos a nossa reunião. A filiação na nossa irmandade sagrada é reservada e secreta. Andrei Kurbsky, qual é a tua escolha?

– Hum... amor ou morte?

– Sim. Andrei, foste chamado aqui para entrar no nosso Clube dos Românticos Fatais. Desejas ser considerado para inscrição no Livro de Veludo do Amor?

Andrei acenou com a cabeça.

– Andrei, devo explicar-te que, na nossa filiação, há dois graus. O primeiro é a filiação de candidato e os candidatos são bem-vindos nas nossas reuniões. Mas, para jogar o Jogo, vestir o traje e usar a pistola, tens de ser membro ativo do nosso Politburo.

Andrei percebia perfeitamente este sistema, porque era assim que o Partido Comunista funcionava: primeiro, tornávamo-nos candidatos e, depois, membros ativos – e todo o país era governado pelo Politburo.

– Um dia no futuro distante, poderás ter a honra de ser considerado para o lugar de membro ativo, mas esta noite foste escolhido como membro candidato do Clube dos Românticos Fatais. Avança e põe a mão sobre o estojo de madeira que está em cima do túmulo. Agora, recita conosco: AMOR OU MORTE!

– AMOR OU MORTE!

– Andrei, bem-vindo à nossa sociedade. Agora, escrevo o teu nome no Livro de Veludo do Amor. – Nikolasha escreveu pomposamente no caderno. – Um brinde ao nosso novo candidato.

Rosa voltou a encher os copos.

George bebeu dois *shots* de golada. – Podemos falar agora?

– Passemos ao segundo assunto da agenda – disse Nikolasha, ignorando-o. – Propomos jogar o Jogo em traje completo depois da Parada da Vitória no dia 24 de junho. Do outro lado da Grande Ponte de Pedra, onde a estrada estará fechada.

– Será isso sensato? – perguntou Minka. – Num dia tão importante?

– Porque não? – respondeu Vlad. – Já jogámos na rua antes. As pessoas adoram Pushkin.

– Votamos, então? – perguntou Nikolasha.

Levantaram todos as mãos, como membros do Politburo num congresso do Partido. Nikolasha contou-as com a caneta. – Aprovado.

– Então o que achas do meu traje, Andrei? – perguntou Minka, contornando o túmulo. Fez uma pose.

– Estás linda – disse Andrei, sorrindo-lhe.

– Podes ver-nos jogar o Jogo, embora, como candidato, não possas participar, Andrei – continuou Nikolasha –, mas deves compreender que o duelo do *Eugene Onegin*, ecoado mais tarde no duelo fatal do próprio Pushkin, é a expressão essencial da nossa crença no Romantismo. – Ergueu o estojo de couro que estava sobre o túmulo e os membros baixaram as cabeças, todos exceto Andrei, que olhou para o estojo, e George, que estava a servir outro *shot* de *vodka*. Era o estojo que George lhe mostrara no seu apartamento. Lá dentro estavam as duas pistolas de duelo antigas, retiradas, presumivelmente com a roupa, do Pequeno Teatro.

Rosa disse: – Quem morre hoje? Vamos jogar... – Depois recitou:

*As pistolas cintilantes do sono despertam.  
Contra as varetas macetes batem.  
Em cada câmara chanfrada as balas entram.*

Rosa passou o estojo a Nikolasha, que escolheu uma pistola, e depois deu-o a Vlad, que pegou na outra.

– Está contente com a sua arma, Sr. Lensky? – perguntou Rosa a Vlad. Ele assentiu com a cabeça. Ela voltou-se para Nikolasha. – E o Sr. Onegin?

– As pistolas estão carregadas e prontas a disparar? – perguntou ele.

Ela acenou com a cabeça formalmente.

Vlad e Nikolasha seguraram as pistolas direitas como crucifixos numa igreja e avançaram ritualisticamente para o cemitério, onde um caminho de vinte metros estava marcado com velas.

– *Os duelistas despem as capas e aguardam* – disse Nikolasha. Ele e Vlad tiraram as sobrecasacas, George marcou trinta passos e os rapazes voltaram-se um para o outro. As suas blusas brancas com folhos brilharam no crepúsculo inundado pelo luar, e o aço oleado das pistolas cintilou.

A voz de Rosa ressoou: – *Aproximem-se à vontade.* – Os rapazes caminharam um para o outro.

– *Quatro passos fatídicos... Cinco passos mais.*

Nikolasha baixou lentamente a pistola e, fechando um olho, apontou o cano ao peito de Vlad, dizendo:

*Onegin, então, embora sem cessar  
O lento avanço, foi o primeiro a erguer  
A pistola com um calmo olhar.*

Vlad também ergueu a sua pistola e apontou. Mas Nikolasha, no papel de Onegin, estava adiantado: começou a apertar o gatilho.

Andrei tinha dificuldade em respirar. Era tudo muito parvo, este ritual de teatro amador e, no entanto, tinha algo de arrebatador. As tuias pretas,

as velas a projetar longas sombras sobre os túmulos, as rodopiantes emoções adolescentes e o drama macabro dos duelos fatais comoveram-no. Eles estavam a representar, mas todos os russos tinham vivido os duelos de Pushkin, os dramas da alma russa.

O gatilho soou e houve um estalido ensurdecedor e um clarão cor de laranja. Vlad agarrou-se ao peito, cambaleante. Sangue vermelho ensopou-lhe a camisa branca. Caiu.

Nikolasha, narrando cada momento com as palavras corretas de Pushkin, correu para Vlad, ajoelhou-se a seu lado, proferiu o seu nome e depois, de pé junto do «cadáver», os Românticos Fatais recitaram em unísono:

*A tempestade passou; a bela flor  
Com o sol nascente murchou.  
O fogo do altar por fim se apagou!*

O Jogo tinha acabado, e Andrei pôde respirar de novo. Meia hora mais tarde, enquanto recolhia os copos, Rosa tropeçou e derrubou um do túmulo.

– Lamento imenso – sussurrou, apanhando o vidro partido do chão.

– És tão desastrada, estragas tudo! – exclamou Nikolasha, num espasmo de crueldade que fez Andrei estremecer por ela. – Simplesmente não tens os talentos sensoriais para a paixão. Mas a Serafima tem-na em abundância. A Serafima compreende a poesia. Sem ela, os Românticos Fatais não existiriam. Não concordas, Rosa?

O rosto pálido de Rosa corou. – Pelo menos eu estou aqui esta noite – disse. – A Serafima não. Onde está ela, Nikolasha?

– Disse que talvez viesse mais tarde – respondeu ele.

– Bom, lamento dizê-lo, mas não me parece que ela venha. – Rosa voltou-se para Andrei. – Mas isso não faz diferença nenhuma. Mesmo quando não se digna a comparecer, ela está *sempre* aqui.

E foi então que Andrei percebeu porque é que Nikolasha estava tão rabugento. Serafima não viera e a presença dedicada de Rosa lembrava-o da ausência dela. Andrei percebia o sentimento. Desde que chegara à

escola que queria pertencer ao Clube dos Românticos Fatais. Agora, tinha entrado – mas, sem Serafima, pouco lhe importava se o nome dele aparecia no Livro de Veludo do Amor ou não.

## OITO

Uma coluna de dinossauros mecânicos caquis, tanques *T-34* e *KV*, rolava ruidosamente pela Rua Gorki na manhã seguinte, enquanto Andrei ia a pé para a escola. Um começou a sacudir-se, parou e avariou, cuspidando fumo negro de gasóleo. Falanges de soldados faziam exercícios militares na Praça Vermelha, cavalos estrepitavam na calçada, e o rugido da maquinaria e os berros dos sargentos soavam mais alto, mais urgentes: uma sinfonia de entusiasmo crescente. Faltavam cinco dias para a Parada da Vitória e Moscovo tornara-se um palco, com um vasto elenco de estrangeiros a chegar todos os dias: chineses, americanos, até fijianos e africanos enchiam os hotéis. As mulheres também estavam na rua – camponesas a oferecer fruta e flores e, por vezes, sexo rápido numa ruela. As estradas estavam cheias de camiões e canhões autopropulsados; e era impossível andar na Estação Bielorrussa, tantos eram os soldados de verde-tropa e azul-marinho que chegavam para marchar diante de Estaline.

Na Escola 801, durante a assembleia, a diretora Medvedeva anunciou que os Pioneiros iam fazer um acampamento especial.

– Detesto acampar – sussurrou Senka Dorov, que estava sentado ao lado de Andrei. – É frio e desconfortável e a comida é horrenda. Porque é que toda a gente na União Soviética é tão obcecada pelo campismo?

Mas Andrei andava à procura dos outros Românticos Fatais. Ali estavam eles – todos juntos a alguns bancos de distância: Minka e George, Vlad, mais cadavericamente pálido do que nunca, e Nikolasha com Rosa Shako, como sempre de olhos aparentemente semicerrados, a seu lado. Mas onde estava Serafima? Por muito que tentasse, Andrei não conseguia encontrá-la.

No intervalo do almoço, Andrei esbarrou com George e Minka, que corriam pelo corredor central em direção aos quartos de banho. O Dr. Rimm seguia-os.

– Queixo para cima, rapariga! – gritou ele a Minka. – Disciplina. Os olhos do mundo estão postos em Moscovo. Cinco dias para a parada. Viva Estaline. Nada de sorrisinhos parvos. Andrei Kurbsky, mete as fraldas para dentro!

Assim que ele passou, George puxou Andrei para o vestiário. – Não notaste nada de especial no Dr. Rimm? – sussurrou.

– Está entusiasmado com a parada – disse Andrei.

– Não, palerma, está a palpitar de amor – acrescentou Minka.

– Não lhe mandaram outra carta, pois não? Quantas mais enviam, mais perigoso será se ele alguma vez descobrir.

– Como poderia descobrir? – George ria. – Temos-lhe mandado cartas especiais por causa da Parada da Vitória. Vamos enviar-lhe esta agora mesmo. – Mostrou-a a Andrei.

QUERIDO PEDAGOGO,  
SONHO CONTIGO A CANTAR UMA CANÇÃO PATRIÓTICA  
PARA CELEBRAR A PARADA DA VITÓRIA. SE ME AMAS, Ó  
ROUXINOL BOLCHEVIQUE, CANTA, CANTA ALTO!  
A TUA «TATIANA»

\*

Só viu Serafima ao final da tarde, à saída.

– Ouvi dizer que te deixaram entrar no Clube dos Românticos Fatais. – Ela tinha aparecido atrás dele. Andrei sobressaltou-se um pouco e lembrou-se da viagem de regresso da casa de Vasily.

– Tenho a certeza de que foste tu que lhes disseste para me deixarem entrar.

– Porque haveria alguém de me dar ouvidos? – Ela sorriu enquanto passavam pelas Portas Douradas.

– Vais participar no Jogo? – perguntou, desesperado por detê-la. – Os trajas ficavam-te bem.

Ela parou, pondo a cabeça de lado naquele seu jeito que o fazia sentir que tinha toda a sua atenção, mas apenas por um momento. – Queres dizer que sou antiquada?

– Gosto da maneira como te vestes.

– Admiras a minha modéstia bolchevique?

– Só te torna ainda mais...

– Um elogio do Andrei? – interrompeu-o. – Já não temos aqui românticos que cheguem?

– Mas vais estar na Parada da Vitória?

– Suponho que sim.

– Não pareces muito entusiasmada.

– Os meus pais estão entusiasmados. Eu não tenho muito interesse em obuses e tanques. – Inclinou-se para Andrei. – Mas estou entusiasmada com o Jogo depois.

– Porque é que é tudo tão secreto?

– Não vês? Na nossa era de conspiração, *tudo* é conspiratório. Até fazer um piquenique ou ler poesia.

Tinham chegado à rua e, com um aceno, ela desapareceu.

\*

Andrei hesita por um momento ou dois – e depois segue-a. Ela não repara, pois está absorvida no seu próprio mundo. Afasta o cabelo do rosto e, quando a cabeça gira um pouco, mostrando a curva perfeita da testa, ele vê que os lábios se mexem: ela está sempre a falar consigo própria, com alguém. Sobe a Rua Ostozhenka, passa pelo Kremlin e pela Rua Gorki e entra na Casa do Livro. Sobe as escadas para a secção de Literatura Estrangeira. Olha para os mesmos livros. Depois, parte outra vez.

Olha muitas vezes para o céu, para as árvores, para ornamentos em edifícios. Três soldados apontam para ela e assobiam. Desce outra rua e os homens seguem-na com o olhar. Não repara em nenhum deles. Por várias vezes, Andrei quer gritar: «Espera! Para!»

Quer saber o que ela está a dizer e a quem. Serafima sobe aos saltos os degraus do Teatro Bolshoi e desaparece nas multidões que aguardam o início do espetáculo.

## NOVE

As Portas Douradas parecem uma parada na manhã seguinte. O camarada Satinov estava de uniforme de gala, botas, medalhas e galão. Ali estava o pai de Rosa, o marechal Shako, com o seu cabelo espetado, nariz arrebitado e olhos tártaros, de calças de equitação e esporas que tinham nas lajes.

– Estou a ensaiar para a Parada da Vitória – rosou à diretora Medvedeva. Então avistou Serafima, cuja cintura beliscou ao passar. – És uma rapariga bonita. Tal como a tua mãe! – bradou.

– Comporte-se! – disse Sophia Zeitlin, acenando-lhe com um dedo adornado com joias. – Os homens ficam mais excitados com a roupa do que as mulheres – acrescentou, e Andrei apercebeu-se de que ela estava a falar com ele. – És amigo da Serafima, Andrei?

Ele corou. – Sim.

– A Serafima contou-me que foste muito amável durante a vossa viagem à casa de campo de um certo general da força aérea. – Puxou-o para o lado em confidência e apertou as mãos dele nas suas. – Posso ser franca?

Andrei assentiu com a cabeça.

– Estou preocupada com ela e desconfio de que possa andar a encontrar-se com alguém depois das aulas. Eu e o pai dela sabemos que tem admiradores, mas tu provavelmente sabes mais do que nós. Se assim for, querido, posso contar contigo para me dizeres?

Andrei começou a dizer qualquer coisa, mas deteve-se. Estaria ela a referir-se ao Clube dos Românticos Fatais?

– Oh, mamã, deixa o pobre Andrei em paz – disse Serafima, vindo em seu socorro.

Sophia riu-se. – Só estava a convidar o Andrei para jantar connosco no Aragvi esta noite, não era, Andrei? Eu mando o motorista ir buscar-te.

Uma tarde de verão numa rua perto da Rua Gorki. No exterior das portas de vidro gravadas do Restaurante Aragvi, um georgiano de bigode com o traje tradicional – um casaco comprido *cherkesska* com cartucheiras e uma adaga adornada de joias no cinto – fazia de sentinela. Abriu a porta a Andrei, que entrou hesitante num restaurante revestido de lambris com mesas no piso térreo.

Andrei olhou em volta. O restaurante estava cheio, com todas as mesas ocupadas. Sentiu a excitação de um restaurante famoso, o sentido de luxo partilhado, a breve visão das vidas de outros, vidas desconhecidas e não experimentadas. Onde estavam Serafima e a mãe? Ali, a encaminhar-se para umas escadas ao fundo que levavam à parte principal do restaurante. Apressou-se para ir ter com elas, e juntos entraram num espaço que continha mais mesas cheias e alcovas fechadas numa galeria do segundo piso, onde um georgiano de rosto redondo e muito suado com um fraque *bordeaux* cantava «Suliko», acompanhado por um guitarrista.

Sophia Zeitlin abraçou o minúsculo chefe de mesa, que usava laço branco, luvas brancas e fraque: a pele dele estava tão esticada sobre as maçãs do rosto que era quase transparente.

– *Gamajoba*, senhora Zeitlin! – declarou o homem em tom operático. – Olá, querida Serafima! Entrem! E quem é este? Uma cara nova?

– Apresento-te o Longuinoz Stahadze – disse Sophia a Andrei. – Dono do Aragvi e – ela ergueu a mão numa continência trocista – um dos homens mais poderosos de Moscovo.

Tem pó de arroz na cara, reparou Andrei.

Pessoas de muitas mesas diferentes saudaram Sophia Zeitlin, e então Minka apareceu como que do nada.

– Andrei! Serafima! Estamos a contar convosco! – Minka conduziu-os a uma mesa cheia de pratos – *satsivi*, *khachapuri*, *lobio*... Os empregados trouxeram mais, formando um precário zigurate de pratos. Longuinoz encurvou os dedos, e mais empregados a carregar cadeiras sobre a cabeça serpentearam por entre as mesas muito juntas, dispondo mais lugares mesmo a tempo de Andrei, Serafima e Sophia se sentarem.

Toda a família Dorov estava ali, com Senka empoleirado no joelho da mãe.

– Andrei – chamou Senka –, gostas do meu fato novo?

– Pareces mesmo um professor em ponto pequeno – concordou Andrei, rindo.

O anfitrião deles, Genrikh Dorov, pediu vinho *Telavi Número 5*. A mulher, Dashka Dorova, abraçou Sophia e sentou-se ao lado deles.

– Bebe um martíni – sugeriu, com o seu exótico sotaque da Galícia.

– Eu quero um *cosmopolitan*. Ao estilo americano – declarou Sophia.

– Comam, crianças – disse Genrikh, que parecia demasiado franzino para ser uma figura importante do Partido.

Andrei esquadrinhou o restaurante. Na alcova do fundo, perto de uma mesa de oficiais americanos, estavam o camarada Satinov e a sua família. George, ao lado dele, começou a bater as asas freneticamente enquanto apontava para Genrikh Dorov. Andrei sorriu-lhe para indicar que compreendia. Genrikh Dorov, o Frango Cru, estava com um ar mais cru do que nunca.

– Aquilo é que é uma família feliz – troçou Minka, que estava ao lado de Andrei. Apontava para Nikolasha Blagov, sentado em silêncio com os pais a uma acanhada mesa de canto.

– Será que vão mandar o pai do Nikolasha para o estrangeiro, como embaixador? – perguntou Serafima.

Enquanto o observavam, Nikolasha, amuado, empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

– Oh não – disse Minka. – Ele vem para aqui!

As duas raparigas riram-se do que aconteceu a seguir, quando Nikolasha ficou encalhado no meio do restaurante com correntes de guerreiros georgianos a passar à volta dele, equilibrando pratos de *lobio* para o grupo de americanos que estava numa das mesas maiores.

– Sabes que o Jogo é só o pretexto do Nikolasha para te ver, Serafima. É *disso* que realmente se trata – disse Minka.

– Acho que o papá não ia aprovar o vosso jogo – disse Demian Dorov afetadamente. – O papá diria que é antibolchevique.

– Vais contar-lhe? – perguntou Minka. – Serias um verdadeiro patife se o fizesses.

Demian ergueu o dedo. – Só estou a dizer: tenham cuidado. Há qualquer coisa sinistra na obsessão do Nikolasha pela morte.

Andrei levantou a cabeça quando Nikolasha surgiu atrás deles. – O meu pai foi enviado para o México como embaixador – disse, em tom de

lamento.

– Mas tu não tens de ir, pois não? – Minka mostrou-se compreensiva.

– Ele diz que tenho. Isso torna a noite de amanhã especialmente importante – disse Nikolasha. – Pode ser o último Jogo! – Curvou-se para sussurrar a Serafima e depois a Minka.

– Acho que devíamos convidar o Andrei para jogar desta vez – disse Serafima de repente.

– Mas o Andrei não é membro ativo. Só se tornou candidato a semana passada. Não está preparado – protestou Nikolasha.

– Não importa – disse Andrei. – Posso ficar só a ver.

– Queres que *eu vá*? – Serafima fixou um olhar intenso em Nikolasha, que se agitou desconfortavelmente.

– Sim, muito.

Andrei viu os olhos verdes dela brilhar quando se inclinou para a frente.

– Então o Andrei participa no Jogo. Se me queres, também tens de o incluir.

## DEZ

Era a manhã da Parada da Vitória, e a chuva tombava sobre soldados, tanques, cavalos e, entre a multidão de moscovitas nas ruas, Andrei e a sua mãe, Inessa. Ele era, pensou, o único dos seus amigos novos a não ter um lugar na tribuna principal da Praça Vermelha. De chapéu, galochas e anoraques, tinham-se levantado cedo para arranjar um bom lugar ao fundo da Rua Gorki para ver o espetáculo.

Um bramido. – É o Estaline que está a chegar! – disse a mulher ao lado de Andrei. Enquanto a orquestra de mil e quinhentos músicos tocava a «Glória» de Glinka, emitida de altifalantes gigantes mas de som metálico montados nas traseiras de camiões, Andrei e Inessa conseguiram distinguir o marechal Zhukov, num cavalo branco, a sair de um dos portões do Kremlin para se encontrar com o marechal Rokossovsky a meio e retribuir a continência. Passaram tanques, obuses e cavaleiros; flancos de aço e músculo cintilavam à chuva. Viram soldados com faixas nazis, escarlates e pretas, como um triunfo romano, e ouviram o «*URRA!*» fervoroso deles quando as lançaram aos pés do seu líder, o Grande Estaline.

\*

Depois, as estradas ficaram entupidas com tanques e jipes, multidões de soldados e civis.

– Que pena ter chovido – disse Andrei à mãe. Mas, na verdade, não estava a pensar na chuva. – Mamã – voltou-se para ela e abraçou-a –, achas...

– Se acho que agora o papá vem para casa? – ela terminou o pensamento dele na perfeição. – Chiu. – A mãe olhou em volta, embora ninguém os conseguisse ouvir com aquele ruído de canto e gritaria, passos e chuva. – Fala mais baixo.

– Tenho a certeza de que agora eles voltam todos, não voltam? Sinto-o – sussurrou Andrei. – Quero tanto que ele volte. – Era algo que nunca haviam dito um ao outro, porque era um ponto sensível mesmo depois de todos aqueles anos.

– Querido Andryusha, não anseies demasiado por nada. Dizem que não se pode viver sem esperança, mas eu acho que a esperança é o truque mais cruel de todos. Eu sobrevivo não tendo grandes expectativas.

– Mas, mamã, há tanta gente aqui hoje que deve ser como nós. E eu sei que estão todos a pensar como eu. De certeza que vai haver uma amnistia e toda a gente vai voltar, não?

Inessa fechou os olhos por um momento para se recompor e, quando ele fitou o seu rosto cansado, apercebeu-se de que a mãe se estava a endurecer para ele. – Não esqueças o teu pai. Nunca o esqueças. Mas agora segue em frente, querido. Olha em frente.

Andrei sentiu um baque de desilusão. Suspirou e baixou os braços, afastando-se dela. – Vou-me encontrar com os meus amigos na Ponte de Pedra às cinco.

– Para ler Pushkin? Vais-te disfarçar?

– Oh, mamã, achas que ficava bem de cartola e casaco de veludo? Não, é demasiado tarde para arranjar um traje. – Riram-se enquanto ele abria caminho pelas multidões. E depois, quando teve muitas noites longas para reviver aquilo tudo, desejou ter-se despedido devidamente e ter-lhe dito que a amava.

– Tem cuidado, só te tenho a ti. Vai lá então! – gritou ela nas costas dele enquanto o deixava entrar no seu mundo novo.

Andrei subiu a custo os degraus. Soldados, de capas e mantos e capotes, com os bonés sobre os olhos e gotas de chuva a pingar das palas, cantavam na ponte. Estranhos abraçavam-se e bebiam de garrafas de *vodka* passadas pela multidão. Era difícil ver a grande distância através da chuva e da neblina – ele tinha de estar sempre a limpar os óculos –, mas, enquanto a multidão se fechava em redor de Andrei, tão compacta que lhe retirou o peso dos pés, ele olhou para trás, para os muros vermelhos do Kremlin, as estrelas no cimo das torres, o dourado do Grande Palácio, as cúpulas bulbosas, raiadas de luz sob os lençóis de chuva, e pensou que

algures ali dentro estava o próprio Estaline, e com Estaline estavam os camaradas Satinov e Dorov, e provavelmente Sophia Zeitlin, pessoas famosas que agora conhecia. Até jantara com elas no Aragvi. O que estariam a fazer naquele momento? Conhecia Satinov, e Satinov conhecia Estaline, portanto ele, Andrei, estava a apenas alguns passos do homem mais importante do mundo.

– Andryusha! – Era Minka, de mãos dadas com Senka, que usava um fato novo sob um impermeável amarelo, como um adulto.

– Olá, Pequeno Professor – disse Andrei. – Vejo que a tua mamã te deixou sair.

– Também não te fantasiaste? – disse Senka. – Não te censuro. A Minka não está mascarada. Só aqueles imbecis crédulos é que levam o Jogo a sério? – Ele apontou para a ponte, sobre as cabeças agrupadas e os bonés a balançar, e ali estava Nikolasha, destacando-se do resto da multidão, na outra ponta, onde a estrada estava barricada para criar uma ampla passagem pedonal. Estava resplandecente, de sobrecasaca verde-azeitona e botas, com o cabelo ruivo engrossado e escurecido pela chuva. Empurrando a multidão para chegar ao outro lado da ponte, Andrei cumprimentou George e Marlen Satinov, que tinham Mariko, a irmã mais nova, consigo, e acenou a Vlad, que também estava mascarado. Mas onde parava Serafima?

– Ela vem, não te preocupes – disse Nikolasha. – Vês? – Fez um sorriso triunfante.

E ali estava ela, de vestido azul e gola à Peter Pan, encharcada pela chuva, que lhe frisara o cabelo em caracóis incontrolláveis. Andrei não conseguia parar de olhar para ela. Mal prestou atenção quando Nikolasha bateu palmas e Vlad lhe passou o Livro de Veludo.

– Camaradas Românticos – declarou Nikolasha formalmente –, vou registar a primeira presença de Andrei Kurbsky enquanto membro ativo e qualificado para participar no Jogo. – A multidão fazia tanto barulho que Andrei mal conseguia ouvi-lo e era difícil manter-se junto dos outros, tantos eram os empurrões da populaça. Mas naquele dia toda a gente estava bem-disposta e, quando George e Minka começaram a servir *shots* de *vodka* e a passar os copos, um marinheiro de pele manchada pegou num e esvaziou-o de um trago, e em breve parecia que estavam a fornecer bebidas a toda a Frota do Báltico.

– São uma trupe de teatro? – perguntou um deles, puxando pela sobrecasaca de Nikolasha.

Rosa, de capa roxa sobre um vestido vermelho com aplicações douradas, abriu caminho pela massa de transeuntes. – Desculpa, Nikolasha, não conseguia passar. Aqui estão elas! – Deu-lhe as pistolas no seu pequeno estojo verde. Curvou-se diante de Nikolasha, que lhe respondeu com um aceno.

– Camaradas Românticos... – começou na sua solene voz de sumo sacerdote. – Estamos aqui, como sempre, para celebrar a supremacia da poesia sobre a prosa, da paixão sobre a ciência. Qual é a vossa escolha?

– AMOR OU MORTE – responderam Vlad e Rosa. – SEM AMOR, QUE MORRAMOS JOVENS!

– Que comece o Jogo! – disse Nikolasha, mas o encantamento dele foi abafado pelo som dos marinheiros a cantar «O Xaile Azul», e depois «Katyusha», pois Katyusha, para além de ser um filme, também era uma canção.

– Avancem com isso, senão perdemo-nos uns dos outros! – berrou George, bebendo a *vodka* de um trago.

– O quê? Nem sequer me consigo ouvir! – berrou Nikolasha, acenando a Vlad, que ergueu o estojo e lhes mostrou as duas pistolas de duelo. Enquanto escolhia a pistola, Nikolasha guardou o Livro de Veludo no estojo das armas, protegido da chuva.

– Quem morre hoje? Vamos jogar... – disse Rosa, mas a sua débil voz murmurante perdeu-se no bramido da multidão.

Ninguém viu o que aconteceu a seguir. Foram separados pelas correntes da multidão, e Andrei foi arrastado para tão longe dos outros, que perdeu completamente Serafima e, quando os dois disparos soaram, só conseguia ver a cabeça de Nikolasha à distância. Por entre o súbito silêncio que se seguiu, a chuva parou e, com ela, o próprio tempo. Um vapor lento ergueu-se das multidões suadas e húmidas, o ar pegajoso congestionou-se com pólen de choupo-branco, imediata e misteriosamente libertado, e aquela cabeça ruiva desapareceu de vista.

Quando voltou a encontrá-los, surpreendidos e horrorizados em redor dos corpos, Andrei olhou para os amigos, para os outros Românticos

Fatais – e, sobre os corpos, os seus olhos encontraram os de Serafima numa espécie de cumplicidade apavorada. E então o tempo acelerou de novo.

À frente dele, dois médicos do exército atarefavam-se sobre os corpos, e abria-se uma clareira na massa densa de pessoas. Polícias corriam de ambas as direções. E Andrei viu as pistolas de duelo no chão, uma desfeita em pedaços, e o Livro de Veludo, aberto no piso molhado, com as capas todas enlameadas. A polícia estava a controlar as pessoas, a colocar marcos em torno do local e a fazer perguntas.

– São amigos destes dois? – perguntou um polícia, um tipo corpulento com sotaque de Stavropol e pança. – Acalmem-se. Digam alguma coisa!

– Sim, somos. – Andrei avançou, consciente de que Vlad, a seu lado, tremia na sua sobrecasaca molhada.

– São atores ou alguma coisa do género? Vestem-se sempre assim?

– Não somos atores – disse Vlad, começando a chorar.

– Céus! E tu, rapariga? – perguntou o polícia, apontando para Minka, que abraçava o irmão mais novo, Senka.

– Anda embora, Senka, vou levar-te para casa.

– Mas olha para aquela pistola, está desfeita, e o Livro de Veludo está todo rasgado – disse Senka, agachando-se para ver.

– Deixa isso tudo; a polícia vai precisar dessas coisas – disse Minka.

– Para já, ninguém vai a lado nenhum – ordenou o polícia, voltando-se para Serafima. – Tu aí! Como te chamas?

– Chamo-me Serafima Romashkina. – Andrei notou que ela se esforçava por manter o sangue-frio sendo gelidamente calma e formal. No entanto, tinha sangue nas mãos: devia ter alcançado os amigos primeiro.

– Como o escritor?

– É meu pai.

– Estás a brincar. Então a tua mãe é a Sophia Zeitlin?

– Sim – disse Serafima.

– Sou fã dela. Adorei o *Katyusha*. Que filme! Mas tu não és nada parecida com ela.

– Olhe, os nossos amigos estão ali estendidos e você só...

– Então o que estavam vocês a fazer aqui, Serafima Romashkina? – O polícia brandia agora um caderninho e um lápis que pareciam demasiado pequenos para os seus dedos grossos.

– Tínhamos marcado encontro aqui. Depois da parada. Só para nos divertirmos.

– E-n-c-o-n-t-r-o – disse o polícia, tentando anotar isto.

Andrei apercebeu-se de que ele estava bêbedo. A maior parte de Moscovo estava bêbeda e muitos dos polícias tinham dificuldade em manter-se de pé. – Por que diabo estão vocês mascarados?

– Pertencemos a um clube dramático – disse Serafima.

– Que raio é isso?

– Eles estão a fazer o Jogo – disse bruscamente a pequena Mariko Satinova do fundo do grupo. Andrei reparou que Marlen se pusera à frente dela, para que não conseguisse ver os corpos nem o sangue.

– Dá-me o teu nome e morada e podes levar os mais pequenos para casa.

– Satinov – disse Marlen.

– Satinov? Como o membro do Politburo?

– Sim, chamo-me Marlen Satinov.

– E eu chamo-me Mariko, sou irmã dele – acrescentou a menina.

– Santa mãe de Deus! – disse o polícia, empurrando o boné para trás para limpar a testa. – GRISHA, VEM JÁ AQUI! – berrou, voltando-se.

Um polícia com a cara cheia de borbulhas, que parecia tão jovem como as crianças, veio a correr, com ar ansioso. – Sim, meu capitão?

– Corre o mais depressa que puderes até à casa da guarda da Porta Spassky – apontou para a torre do Kremlin – e telefona para a Praça Lubianka. Diz-lhes que temos um duplo homicídio com características especiais. É para os Órgãos. Diz-lhes que mandem alguém aqui rápido. Vai!

Andrei observou o jovem polícia a correr; no momento em que chegava à guarita com a ligação telefónica ao MGB, o Ministério da Segurança do Estado, o jovem estremeceu quando o céu rugiu e uma galáxia de fogo de artifício explodiu sobre o Kremlin.

O bramido da multidão espalhou-se da ponte para as margens e pontes apinhadas do rio Moskva, mas Andrei só tinha olhos para o polícia a gesticular enquanto dizia aos guardas para telefonarem aos seus superiores. Imaginou os telefonemas de uma casa da guarda para outra, pela hierarquia acima – capitães a coronéis, generais a ministros – até à Praça Lubianka e daí para o próprio Kremlin.

À volta dele, o fogo de artifício fez da noite um dia que tornou os dois corpos que estavam na ponte vermelhos e brancos e verdes, enquanto aquelas supernovas brilhavam sobre eles em crescentes e estrelas e rodas.

Serafima estava ao lado dele. À luz branqueadora e ofuscante, Andrei viu as lágrimas dela e, por um momento, pareceu-lhe que estavam completamente sozinhos. Depois, abraçou-a quando uma pontada de puro medo lhe trespassou as entranhas.

– Começou – dizia ela sem parar. – Começou.

Só muito mais tarde compreenderia que ela estava a chorar não apenas pelos amigos mortos e os passados que partilhavam, mas também pelos seus futuros. E pelo segredo que ela prezava mais do que a própria vida.

## PARTE DOIS

### *O Caso das Crianças*

*Crianças em épocas vindouras hão de chorar na cama,  
Por não terem nascido no nosso tempo.*

«Não Temos Fronteiras», cantiga popular soviética

## ONZE

A algumas centenas de metros, na sala atrás do Mausoléu de Lenine, um velho sorria, com olhos cor de mel brilhantes e o rosto enrugado como o de um tigre grisalho.

– Pareces um chefe de estação czarista com a tua farda – disse Estaline, trocista, a Andrei Vyshinsky, seu vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, um homem de cabelo branco e bochechas rosadas que se perfilava diante de si com uma farda cinzenta de galões dourados e um punhal cerimonial no cinto. – Quem desenhou essa farpela disparatada? Isso é um punhal ou uma faca de trinchar?

– É a nova farda diplomática, camarada Estaline – respondeu Vyshinsky, quase em sentido, de peito para fora.

– Pareces um chefe de mesa – disse Estaline, examinando os líderes que formavam um semicírculo à sua volta. Platinas douradas e galões brilhantes, bronzeados do Kremlin e barrigas protuberantes. – Que coleção – disse. – Alguns de vocês estão tão gordos que mal parecem humanos. Deem o exemplo. Comam menos.

Hercules Satinov, à direita de Estaline com uma farda de coronel-general, sentia-se orgulhoso por estar ao lado do homem mais importante do mundo para celebrar a vitória da Rússia. Estaline promovera-o e confiara-lhe tarefas exigentes na paz e na guerra, e ele nunca desiludira o Mestre. O escrutínio incessante dos seus companheiros de armas era umas vezes trocista e outras arrepiante – até Satinov já passara por ele –, mas era apenas um dos muitos métodos que Estaline usara para construir a Rússia soviética e derrotar Hitler. Quase toda a liderança estava na sala. Todos os homens fingiam falar – mas na verdade nunca tiravam os olhos *dele*, e Satinov sabia que Estaline estava sempre consciente disso. Agora sentia o olhar de Estaline sobre si.

– Ora olhem aqui para o Satinov. Elegante! Isto sim!

– Ele tem tanto de soldado como eu – objetou Lavrenti Beria.

– É verdade, mas pelo menos o Satinov tem figura para isso, hein, *bicho*? – Estaline dava alcunhas a toda a gente e chamava muitas vezes *bicho* a Satinov: significava «rapaz» em georgiano, a língua materna dos dois. – Ele tem o aspeto que um homem soviético deve ter. Não é como tu, Vyshinsky. – Estaline sorriu ao cortesão suado, apreciando o seu desconforto, sobretudo quando Alexander Poskrebyshev, seu chefe de gabinete, um homenzinho careca de farda de general, surgiu sorrateiramente atrás de Vyshinsky, lhe tirou o punhal da bainha e o substituiu por um pequeno pepino verde.

– Acho que o Vyshinsky precisa de beber um copo de multa, não acham, camaradas? – perguntou Beria, o chefe da polícia secreta. Satinov não gostava desta intimidação dirigida a Vyshinsky, ainda que este fosse um réptil covarde: sicofântico para os superiores e terrível para os inferiores. Notou como Beria dava graxa a Estaline, contudo. A vistosa e engalanada farda de comissário-geral da segurança de Beria não condizia com as suas lunetas cintilantes, bochechas verde-acinzentadas e queixo duplo.

– Mas tenho de ter cuidado, tenho um problema de coração – implorou Vyshinsky.

– Camarada Vyshinsky, não se quer dignar a juntar-se a nós num brinde ao soldado soviético? – perguntou Estaline, enquanto criados de uniforme azul-escuro enchiam todos os copos.

Estaline já tinha bebido várias *vodkas* e Satinov notou que ele estava um pouco bêbedo – e porque não? Hoje era o seu momento supremo. Mas a tensão da guerra – quatro anos de dias de dezasseis horas – tinha-o envelhecido visivelmente. Satinov reparou que as mãos lhe tremiam, que tinha a pele pálida e marcas vermelhas nas bochechas; o cabelo grisalho parecia uma escultura de gelo aos picos. Perguntou-se se Estaline estaria doente, mas pôs a ideia de parte. Era impensável; a saúde de Estaline era um segredo; e o Mestre desconfiava dos médicos ainda mais do que desconfiava das mulheres, dos judeus, dos capitalistas e dos sociais-democratas.

– Ao camarada Vyshinsky – anunciou Estaline. – E aos nossos diplomatas e aos produtores de pepinos que abasteceram as nossas bravas forças!

Os líderes riram-se disto e Vyshinsky, ainda com o pepino embainhado, juntou-se a eles com um entusiasmo inconsciente, sem saber bem qual seria a piada.

Estaline ainda estava a sorrir, mas reparou imediatamente quando o ministro da Segurança do Estado, Merkulov, que geria os Órgãos da polícia secreta, se juntou a medo à orla exterior do círculo.

– Camarada Merkulov, seja bem-vindo – disse Estaline. – Ainda não o prenderam? – Piscou o olho. Era uma piada habitual.

Merkulov curvou-se, mas ficou irremediavelmente mudo perto de Estaline. – P-p-parabéns... c-c-camarada marechal Estaline.

Um silêncio no interior, o murmúrio de multidões e motores lá fora.

Estaline estreitou os olhos. – Veio anunciar alguma coisa?

– Sim, mas n-n-nada de importante... Falo com o camarada Beria?

– Ainda não o fuzilámos? – brincou Estaline, uma vez que era o ministério de Merkulov o responsável pelo *chernaya rabota*, o trabalho negro, o eufemismo dele para o derramamento de sangue. Estaline não hesitava nesse aspeto: matar era a forma mais rápida e eficaz de acelerar o progresso da história. – Nunca devemos perder o nosso sentido de humor – disse Estaline com o sorriso de tigre –, não é, camarada Merkulov?

Merkulov limpou a testa e tentou rir, mas foi a correr informar o seu chefe, Beria. Satinov estivera à espera precisamente desta brecha na conversa. Acenou com a cabeça ao marechal Shako, o robusto comandante da força aérea. Mas o marechal hesitou. Mesmo os guerreiros corajosos se sentiam nervosos na presença de Estaline, e com razão.

– Vá lá – incitou-o Satinov. O rude comandante fez continência.

– Peço autorização para falar! Camarada marechal Estaline – disse Shako bruscamente –, proponho, em nome do marechalato das forças armadas soviéticas, que o senhor seja promovido ao posto de generalíssimo e receba a estrela dourada de Herói da União Soviética.

– Não, não. – Estaline fez um gesto de rejeição com o seu braço saudável; mantinha o outro rigidamente colado ao corpo. – O camarada Estaline não precisa disso. O camarada Estaline tem autoridade sem isso. Belo título que inventaram! – Estaline, que começara a referir-se a si próprio na terceira pessoa, lançou um olhar negro a Satinov e Beria. – Quem engendrou esta pantomima?

– O povo exige-o – respondeu Satinov.

Estaline empalideceu e levou a mão à testa. Estava a ter uma daquelas tonturas que se tinham tornado frequentes no final da guerra. Cambaleou para a frente e apoiou-se na parede, mas o mal passou, e ele menosprezou os semblantes preocupados dos seus camaradas. – Estou cansado, mais nada. Trabalho mais dois anos e depois reformo-me.

– Não, camarada Estaline, isso é impensável! – gritou Beria.

– Deixo o Molotov e o Satinov governar as coisas – insistiu Estaline.

– Ninguém poderia substituí-lo – disse Molotov com urgência. – Eu não, de certeza.

– Nem eu. Nós precisamos de si! – acrescentou Satinov. Os camaradas, quer de estrelas de marechal quer de túnicas *stalinka*, repetiram isto, superando-se uns aos outros em entusiasmo. – O camarada é tudo para nós! Indispensável! A reforma está fora de questão!

Os olhos cor de mel de Estaline escrutinaram-nos, mas ele não disse nada. Sacou um maço de cigarros *Herzegovina Flor* do bolso. – *Bicho!*

Satinov acendeu-lhe o cigarro.

– Generalíssimo? – murmurou Estaline. – Faz-me parecer um ditador sul-americano. O camarada Estaline não precisa disso, não precisa mesmo.

– O povo exige que aceite este título – insistiu Satinov.

– Dez milhões de soldados insistem – disse o marechal Shako. Os marechais Zhukov e Konev, os comandantes do exército mais famosos, formando um robusto baluarte humano de platinas e medalhas atrás dele, acenaram gravemente em concordância.

– As liberdades que vocês tomam com um velho! – disse Estaline, quase para consigo, fechando os olhos enquanto fumava.

– Temos de fazer alguma coisa – disse Beria. O cortesão sabe quando o rei deseja que ele desobedeça, pensou Satinov. Estaline estava a enfraquecer.

– Não é nada bom para a minha saúde – disse Estaline. – Quanto à estrela de ouro, nunca comandeí em combate.

– Mas eu tenho a estrela de ouro, aqui mesmo – disse Satinov, sacando uma caixinha do bolso. – Posso entregar-lha?

– Não! – Estaline ergueu a mão, com o cigarro entre os dedos. – Isso eu não aceito.

Satinov olhou para os outros líderes, Molotov e Beria. O que fazer? Voltou a guardá-la no bolso.

– Que se foda! Ele há de acabar por aceitar, como aceitou o título de generalíssimo – sussurrou Beria.

– Vamos arranjar uma maneira de lha dar – concordou Molotov, formal com o seu fato escuro burguês.

Beria aproximou-se de Estaline. – Josef Vissarionovich – disse Beria –, posso informá-lo de um assunto?

– O quê, até hoje? Não são capazes de decidir nada sem me consultarem?

– Todos nós gostávamos de ser capazes, camarada Estaline, mas é algo um bocado invulgar.

O velho conspirador matreiro fumou lassamente o seu cigarro. Satinov pensou no que seria. Muitas vezes era melhor não conhecer o trabalho negro que Estaline discutia com Beria. No entanto, embora os dois recuassem ligeiramente, Satinov ainda conseguiu ouvir parte da conversa.

– Houve um acontecimento estranho na Kammeny Most. Um rapaz e uma rapariga foram mortos. Há apenas trinta minutos.

– E então?

– São ambos alunos da Escola 801.

– Escola 801? – respondeu Estaline, um pouco mais interessado. – A escola secundária para pequenos barões? Os meus filhos Vasily e Svetlana andaram lá.

– Alguns deles estavam fantasiados, Josef Vissarionovich.

– O que raio estavam eles a fazer?

– Vamos descobrir em breve. Ainda não identificámos os mortos, mas informações iniciais mencionam o envolvimento de filhos de «trabalhadores responsáveis do Partido». – Satinov respirou rápido. «Trabalhadores responsáveis» era o eufemismo para a liderança.

Estaline concentrou-se como um falcão em voo picado. – Quem?

– Alguns dos pais estão nesta sala. O camarada Satinov, o marechal Shako, o camarada Dorov...

Estaline abanou a cabeça. – Fantasiados, dizes tu? Baixámos a guarda durante a guerra. Isto pode ser obra dos nossos inimigos no estrangeiro, ou das próprias crianças. – Levantou um único dedo, tão direito como uma vela de sebo. – Nenhum principelho está acima da justiça soviética. Todos

sabem que despromovi o meu Vasily por se portar como um aristocrata mimado. Resolve o caso. Se for homicídio, vão rolar cabeças.

– Muito bem, vou começar a trabalhar – disse Beria, afastando-se de Estaline e saindo da sala.

Satinov sentiu a mão do medo apertar-lhe o coração: que papel tinham os seus filhos nisto? E se George ou Marlen ou Mariko jazessem mortos na ponte?

Mas Estaline encaminhava-se para ele e Satinov viu que ele estava novamente eriçado e desperto, um sátiro refrescado pelo macabro entusiasmo da conspiração. Os olhos dele brilharam de malícia.

– Como está a tua família? – perguntou Estaline. Satinov escondeu as preocupações com toda a perícia ártica de um veterano do mundo de Estaline. Mais tarde haveria tempo para descobrir o que acontecera na ponte.

## DOZE

Pouco antes das sete da tarde, Sophia Zeitlin e o marido, Constantin Romashkin, subiram os degraus do Salão Georgievsky. O jantar de celebração da vitória seria o momento de Sophia para brilhar e ser admirada – mas isso dependia da mesa onde fosse colocada. Os mil e quinhentos convidados amontoavam-se, nervosos, à volta do esquema de mesas, disposto em quadros cá fora; um lugar perto de Estaline dotava os sortudos de um halo quase visível; aqueles que ficavam sentados mais longe mal conseguiam esconder a sombra de desilusão.

– Querida, esse vestido vai deslumbrar toda a gente – disse Dashka Dorova, beijando Sophia e Constantin. Muitos não hesitavam em criticar Sophia pela sua vulgaridade pouco bolchevique, mas ela sabia que Dashka era uma amiga verdadeira que lhe queria bem.

– Tenho de dar ao público o que ele espera.

– Bom, não há dúvida de que o teu vestido cumpre esse objetivo – disse Dashka.

– Também adoro o teu vestido. Esse tom creme fica-te mesmo bem, e a saia plissada realça as tuas curvas – disse Sophia, também ela sincera. – Eu tenho de exagerar um bocado, comigo, mas tu estás sempre tão chique e profissional. És a nossa ministra mais glamorosa! – Hesitou e depois soltou a sua gargalhada grave e rouca. – Mas isto não é propriamente um elogio quando se olha para os outros!

– Não sejas ridícula! – Dashka rejeitou os elogios com uma risada e começou a examinar o esquema das mesas. – Ah, aqui estou eu. Nada mau. Estou na mesa do Conselho de Ministros. Olhou para o marido. – E tu, Genrikh?

Genrikh estava pálido e irritadiço. – Estou muito longe do Politburo – disse, sorumbático.

– Ninguém vai reparar, querido – disse Dashka, dando-lhe uma palmadinha no braço. Mas Sophia sabia que toda a gente reparava nesse género de coisas, e estava satisfeita com o lugar que lhe fora atribuído. O marido estava junto dos editores do jornal do Exército Vermelho, ainda mais longe do que Genrikh, mas *ela* estava na mesa do Politburo.

Os líderes ainda não tinham chegado e Sophia sentiu que todos olhavam para ela enquanto punha um cigarro na boquilha e o marechal Shako o acendia.

Silêncio; depois, uma inspiração coletiva: Estaline havia entrado com o Politburo. Todo o Salão Georgievky se pôs de pé com um salto e berrou «*Urra! Urra!*» e aplaudiu por tanto tempo que o próprio Estaline primeiro fez sinal para se sentarem, depois retribuiu o aplauso e por fim ficou zangado, ordenando que parassem. Mas ninguém parava. Estaline sentou-se à mesa ao lado da de Sophia, entre o marechal Shako e Molotov, e, encolhendo os ombros com modéstia, ficou com ar um pouco embaraçado até os aplausos esmorecerem.

Sophia não conseguia tirar os olhos de Estaline. Enquanto atriz, reparou em como ele parecia mudar diante dos seus olhos, caminhando por vezes com pequenos movimentos rápidos, ocasionalmente como um ganso desajeitado, muitas vezes mais como uma pantera furtiva.

Estava sentada entre Satinov e Mikoyan, os mais corteses e elegantes dos líderes, que eram, por norma, grosseiros e aborrecidos. Quando olhou em volta, viu que a maioria deles ostentava o revelador arquipélago de manchas vermelhas nas faces, sinais de alcoolismo e arteriosclerose. Viu o horrendo Beria a fazer-lhe olhinhos do outro lado da mesa.

– Preferia que ele olhasse para outra pessoa – sussurrou a Satinov.

– Está vestida para ser admirada – respondeu Satinov, no qual Sophia notou uma tensão pouco habitual. – A Serafima não se ia encontrar com os amigos do clube de Pushkin hoje à noite na Ponte de Pedra?

– Acho que sim, mas hoje em dia nunca sei aonde ela vai – disse Sophia com um suspiro.

– Nós sabemos menos sobre os nossos filhos do que pensamos – concordou Satinov. – Isso preocupa-me.

– E eles sabem ainda menos sobre nós! Graças a Deus! – E Sophia deu uma risada rouca.

Vinte pratos pesados – *blinis* e caviar, borche com natas, *stroganoff*, esturjão, leitão, vinhos georgianos e champanhe da Crimeia, *brandy* e *vodka* – foram servidos pelos empregados, que Sophia reconheceu do Aragvi e dos hotéis Metropole e National.

Estaline levantou-se. Fez-se silêncio. Falou no seu tenor georgiano, surpreendentemente agudo e suave, brindando ao povo russo, «sem o qual nenhum de nós, marechais e comandantes, valeria um chavo!». Depois, voltou-se para os generais, começando pelo marechal Zhukov, que convidou para vir brindar consigo. Sophia reparou que Estaline esvaziava o seu copo de *vodka* a cada brinde, e supôs que a garrafa dele estivesse cheia de água.

Quando fez um brinde ao almirante Isakov, Satinov sussurrou a Sophia: – Como é que o Isakov vai andar aquela distância toda? – Isakov tinha perdido uma perna na guerra, mas Estaline parecia saber onde o almirante estava sentado, pois avançou por entre as mesas até à outra ponta do salão e brindou com ele ali.

– Que gesto tão comovente! – disse Sophia.

Dez, vinte, quarenta brindes se fizeram, e ela perdeu conta até que de súbito, surpreendentemente, chegou a vez *dela*.

– Sophia Zeitlin! – O fôlego abandonou-lhe o corpo e Sophia sentiu-se completamente sozinha no magnífico salão. – A sua beleza inspirou os nossos soldados em tempos sombrios!

Sem saber como, ela caminhou até lá, cinco metros que pareceram um quilómetro. Estaline beijou-lhe a mão: – Katyusha! – brindou. – Um exemplo para todas as mulheres soviéticas. – Como envelhecera durante a guerra, pensou enquanto o defrontava. Um velho pançudo, cinzento, grisalho, de pele amarela com pintas vermelhas nas faces. Mas que cabeça bela e nobre, que olhos.

Quando os brindes terminaram, Estaline e o Politburo saíram em fila, mas Sophia apercebeu-se de que nunca conseguiria dormir depois de tanto vinho, *vodka* e emoção. Não podia ir para casa. Ainda queria beber um copo antes de se deitar. O marechal Shako piscou-lhe o olho. E então lembrou-se da tensão de Satinov, da pergunta dele sobre Serafima, e, sendo uma mulher que seguia o seu instinto, chamou o motorista e disse-lhe para ir depressa para casa.

Serafima ainda estava com o vestido azul com a gola à Peter Pan branca quando Sophia e Constantin entraram.

– Mamã!

– Não vais perguntar quem brindou à tua mãe hoje à noite? – começou Sophia, mas depois viu o rosto da filha. – O que foi?

– Senta-te e conta-nos – sugeriu Constantin, juntando-se a Serafima no sofá e pegando-lhe na mão. Sophia tinha de admitir que ele era bom nestes momentos.

Sophia preparou um conhaque e acendeu um cigarro: – Vá lá, querida – disse. – Sabes que nada me choca! Sou atriz, pelo amor de Deus.

– Deixa-a falar, Sophia – disse-lhe Constantin.

Então ela contou tudo: o Jogo, a ponte, os disparos e as duas crianças mortas. E os pais viram de repente que ela tinha o vestido salpicado de sangue.

– Oh, meu Deus – disse Sophia, chocada, mas ao mesmo tempo aliviada por Serafima estar bem. – Sempre achei que o Nikolasha Blagov era louco. Mas a querida Rosa, e os seus pobres pais. Que diabo estavam eles a fazer?

– Os Órgãos estão a investigar – disse Serafima, limpando os olhos. – Não acredito que a Rosa...

– Não te preocupes, querida – disse Sophia, olhando para o marido para ver se ele estava tão preocupado como ela. Inclinou-se e pôs ambas as mãos no rosto de Serafima, como que para a manter a salvo, e depois endireitou-se e começou a andar de um lado para o outro. – Estou tão triste por causa da doce Rosa, mas... o Estaline beijou-me a mão hoje. Vais ficar bem. Ninguém se atreveria a tocar na filha de Sophia Zeitlin!

– Quem me dera que isso fosse verdade – disse Constantin, beijando as mãos de Serafima. – Gostava mesmo que isso fosse verdade.

Satinov só chegou a casa às quatro horas da manhã seguinte. Estaline tinha-o convidado para ir até à Dacha Próxima depois do jantar. A sessão de copos parecera interminável. Passara o tempo todo preocupado com os filhos e Tamara.

Ela estava à sua espera quando ele abriu a porta de casa.

– Sabes o que aconteceu, não sabes? – perguntou Tamara.

Ele confirmou com a cabeça.

– Pobres crianças – disse ela. – E as mães delas! Nem quero pensar no que estarão a sofrer.

– Conta-me o que sabes – disse ele, e ouviu atentamente. – Tamriko, temo que os nossos rapazes tenham sido insensatos.

Tamara deixou-se afundar lassamente no divã. – Reparei na clique lá na escola; todos reparámos. E avisei o George para não se envolver naquilo. Mas, Hercules, eles não passam de crianças.

– Provavelmente vai correr tudo bem – disse Satinov, baixando os olhos para ela ao seu jeito sério.

Tamriko – ele usava sempre o diminutivo georgiano – era loira, com olhos castanho-esverdeados e uma estrutura óssea perfeitamente delicada. Quando ele lhe abraçava o corpo, ela parecia vulnerável e suave como um passarinho. Esperava-se que as mulheres bolcheviques trabalhassem e ele admirava a carreira dela como professora na Escola 801. Quando quisera trazer da Geórgia os quatros filhos crescidos da sua falecida primeira mulher, ela concordara, tratando-os como se fossem seus. Não passava sem ela nem sem o lar acolhedor que criara à sua imagem.

– Hercules, o que virá disto tudo? – sussurrou.

Ele fitou-a com uma vigilância resoluta nos olhos frios e cinzentos que ela interpretou como um sinal de que o apartamento provavelmente estaria sob escuta. Mas ele era capaz de imaginar uma série de cenários diferentes, incluindo um em que estava tudo bem. – Podes falar com as crianças agora? Estão cheias de medo do que lhes vais dizer.

– Mas já vamos a meio da noite.

– Mas eles ainda estão completamente acordados.

Ele suspirou e levantou-se. – Rapazes! – chamou.

Segundos mais tarde, George e Marlen estavam de pijama, quase em sentido, diante do pai, que, ainda com a farda de general, estava ele próprio rigidamente direito, emoldurado pelo retrato marcial de Estaline que tinha atrás de si. Sentia-se exausto, mas, ao examinar agora os filhos, corados da noite e muito ansiosos – o atrevido e jovial George e o convencional e sério Marlen –, viu que na verdade ainda eram crianças, chocadas por aquela tragédia, de luto pelos amigos. Sentiu tanto amor por eles que de repente teve de fazer um grande esforço para não os abraçar.

– Foram muito estúpidos, seus tolinhos – disse, sabendo que tinha de ser severo. Era a sua maneira de ser, e não conhecia outra.

– A Tamriko contou-me o que aconteceu. Se tiverem alguma coisa a ver com esta confusão, eu próprio vos estrangulo. Agora vamos para a cama dormir!

– Obrigado, papá – disse George.

– Boa noite, papá – disse Marlen, que parecia conter as lágrimas.

Tamara seguiu-os até aos seus quartos e, fazendo um sinal de calma com as duas mãos abertas, informou-os de que aquilo tinha acabado e o pai já não estava zangado. Depois, beijou-lhes a testa como se ainda fossem pequenos.

Quando veio ter com Satinov, ele estava sentado no divã. Acendeu um cigarro e ela sentou-se a seu lado, dando uma palmadinha no próprio joelho. – Vá lá, então – disse ela, e ele ergueu as pernas para o seu colo. Ela ajudou-o a tirar as botas, desapertou-lhe o coldre e desabotoou-lhe a túnica.

Quando foram para a cama, ela adormeceu rapidamente, pois não tinha dificuldade em dormir e fora um dia longo e uma noite ainda mais desgastante. Mas Satinov ficou deitado de olhos abertos a estudar as possibilidades, até aos primeiros trinados da madrugada.

## TREZE

– Crianças, por favor! – disse a diretora Medvedeva na manhã seguinte, batendo no atril com o seu bastão depois de cantarem o «Obrigado, Camarada Estaline». Tap, tap. – Como todos sabem, a escola sofreu um acidente trágico. Perdemos dois dos nossos alunos. Contudo, nós, soviéticos, somos fortes. Sofremos muito na Grande Guerra Patriótica, mas o Grande Estaline ensinou-nos que a dureza é uma virtude bolchevique. Não somos diferentes aqui na Escola 801. Concordamos – e aqui olhou para a fila de professores, e o Dr. Rimm, o professor Golden e a menina Begbulatova acenaram vigorosamente com a cabeça – que aqui não haverá choros, nada de sentimentalismo burguês. A loucura autocomplacente da juventude insensata não é nada comparada com os sacrifícios dos nossos povos soviéticos.

Estava prestes a mandar os alunos para as suas aulas quando as portas ao fundo do ginásio se abriram.

– Podemos ajudar-vos, camaradas? – perguntou, muito consciente do ligeiro tremor na sua voz.

Com o som de pastas largadas e cadeiras arrastadas a ecoar pelo soalho do ginásio, as crianças também se viraram, e os seus olhos arregalaram-se. Três homens de fato azul aprumado estavam parados lá ao fundo com o ar de resolução, urgência e intrepidez que todos reconheciam. Fez-se silêncio absoluto quando os homens desceram a coxia do salão, olhando para os rostos das crianças até chegarem a Vlad Titorenko, imediatamente reconhecível pelo seu rosto branco e cabelo preto comprido.

– Titorenko, Vladimir? – perguntou um dos homens.

Vlad abriu a boca e tentou dizer sim, mas o som não saiu.

– Vem connosco! – Mas ele não se conseguiu mexer, por isso os homens levantaram-no pelos sovacos e arrastaram-no dali para fora. Ao partirem, um deles voltou-se para trás, para os professores que estavam no estrado.

– Continue, camarada diretora! – gritou, e depois desapareceram pelo corredor abaixo. Todos conseguiram ouvir os soluços de Titorenko.

As crianças correram para as janelas e ali, para lá das Portas Douradas, viram Vlad a ser empurrado para um *Emka* cinzento, que partiu com o som de pneus a derrapar.

Havia uma calma ominosa na sala dos professores durante o intervalo de almoço. O vetusto Dr. Noodelman dormitava na poltrona funda, mas todos os outros apenas fingiam ler os seus jornais e corrigir trabalhos.

Golden olhou sobre o seu exemplar dos contos de Pushkin para Agrippina Begbulatova, que, como era habitual, preparava o *chai* no bule chinês. Não estava a considerar a suavidade das coxas e o sabor inebriante da excitação dela nos seus lábios *apesar* das mortes e da detenção de Vlad naquela manhã, mas sim, pelo contrário, ainda mais intensamente *por causa* desses factos.

Agrippina tinha os dons essenciais para alcançar a felicidade na vida, e o maior era a sua capacidade ilimitada para o prazer. Havia muito que Benya se apercebera de que no sexo, como na vida, a inteligência e a técnica não contavam para nada; a capacidade para o prazer era tudo. Ela dizia sempre: – És velho – Benya tinha quarenta e sete anos – e eu sou jovem, por isso tenho de me casar em breve. Mas, quando eu for casada, ainda fodes comigo uma vez por mês?

Mais uma vez, a escuridão tinha-se aproximado dele. Golden, que já conhecera tormentos insuportáveis, sabia que tinha de gozar a proximidade do prazer sensual enquanto ainda podia. Mas, na verdade, não precisava de um pretexto. Dava por si envolvido em deliciosos *flirts* aonde quer que fosse, e uma vez que mesmo nas melhores alturas padecia de fatalismo judeu e de uma hipocondria violenta, acreditando sempre que a morte estava iminente, agarrava todas as oportunidades com um entusiasmo pueril.

Quando ouviu cantarolar a música «Camarada Estaline, Obrigado...», voltou-se para a porta. O Dr. Rimm entrou, sentou-se à mesa e começou a alisar as páginas amarrotadas do *Komsomolskaya Pravda*. Depois, largou-o e disse: – Camaradas e cidadãos, peço a vossa atenção. Preciso de dizer uma coisa.

Precisas?, pensou Benya Golden. Preferia que não o fizesses.

– Tendo em conta a detenção do nosso aluno, proponho um voto, uma demonstração unânime de apoio à nossa estimada diretora, a camarada Medvedeva, pela forma como tem governado a Escola Josef Estaline n.º 801. – Todos os professores levantaram a mão em concordância.

Depois, quando passou por Agrippina no corredor, Golden sussurrou: – Voto unânime de apoio do Dr. Rimm: agora sabemos que a diretora Medvedeva está em sarilhos.

E ela sussurrou: – Mais tarde, Benochka?

Naquela tarde: pancadas frenéticas na porta do apartamento dos Satinovs. Quando Leka, a criada, a abriu, Irina Titorenka quase caiu na entrada e correu diretamente para os braços de Tamara Satinova. Chorava histericamente e parecia tentar chegar ao gabinete de Hercules Satinov.

Tamara travou Irina antes de ela conseguir irromper pelas portas de vidro duplas e levou-a para a cozinha, sentando-a à mesa e oferecendo-lhe umas iguarias georgianas. Tal como as judias, as donas de casa georgianas consideram que a comida é a melhor cura para a infelicidade, e as guloseimas valeram a Tamara uma trégua – mas não por muito tempo.

– Vi toda a gente ao final do dia – soluçou Irina. – As crianças saíram. Mas não o meu filho. Então, a diretora Medvedeva diz-me que o Vlad está com os Órgãos desde as nove da manhã. Ninguém me telefonou. Ninguém sabe onde ele está, nem o que fez. Ninguém sabe nada. Que posso eu fazer? O camarada Estaline adora crianças. O camarada Estaline vai resolver tudo. – Agora aos gritos: – Tamara, tenho de telefonar ao camarada Estaline!

Tamara estava sentada ao lado de Irina. – Já ligaste ao teu marido?

– Sim, sim, ele está perturbado. Tem tentado ligar ao camarada Beria, a qualquer um, mas ninguém lhe aceita as chamadas. Por isso é que vim aqui. O camarada Satinov é o patrão do meu marido: ninguém está mais próximo do camarada Estaline do que ele. O camarada Satinov vai falar com o camarada Estaline, não vai? Diz-me que sim.

Tamara escolheu as palavras cuidadosamente: – Os Órgãos só atuam com um bom motivo, e o bom motivo neste caso é que estão simplesmente a investigar as mortes do Nikolasha Blagov e da Rosa

Shako. Mais nada. O teu filho vai contar-lhes o que sabe e depois eles vão libertá-lo. Tens de te acalmar, Irina.

– Não, não, eles vão-lhe bater. Ele é muito sensível e vulnerável. Qualquer um vê isso. Ele pode matar-se. Eles podem matá-lo.

– Não, isso não poderia acontecer.

– Mas eles são capazes de tudo. Ambas o sabemos. Tenho de falar com o teu marido. Eu sei que ele está cá. *Ele* tem de telefonar ao camarada Estaline!

Tamara pegou nas mãos de Tamara e apertou-as com força. – Fica aqui. Calmamente. Eu falo já com o meu marido.

Ao dizê-lo, a voz de Tamara quase falhou. Hercules fora pessoalmente buscar as crianças naquele dia. Tencionava fazê-lo todos os dias até o caso esmorecer. Dissera-lhe que à hora de saída as Portas Douradas fervilhavam com a notícia da detenção de Vlad e rumores sobre os jogos esquisitos de Nikolasha. Mas não havia nada de especialmente sinistro no facto de os Órgãos interrogarem Vlad, dissera ele. As mortes tinham de ser investigadas e Vlad era o melhor amigo de Nikolasha e Rosa. Não havia motivo para preocupação.

– Hercules? – disse Tamara, batendo suavemente à porta e entrando.

– Estou a trabalhar, Tamara.

– A Irina Titorenka está aqui. Está histérica. Quer a tua ajuda para apelar à... à mais alta autoridade.

Satinov levantou os olhos dos seus documentos e abanou muito ligeiramente a cabeça. – Leva-a a dar um passeio no pátio e dá-lhe um conselho. Diz-lhe para confiar na justiça soviética. Mais nada.

Tamara beijou-lhe o cocuruto, e voltava apressada à cozinha quando viu George e Marlen a espreitarem do corredor para Irina Titorenko, que assoava o nariz.

– O que se passa, mamã? – perguntou George.

– Aquela é a mãe do Vlad? – perguntou Marlen.

– Chiu! Para os vossos quartos, ou o vosso pai terá de falar convosco. – E eles desapareceram.

Alguns minutos mais tarde, Tamara conduziu Irina Titorenka até lá abaixo, ao pátio. Losha Babanova e os outros guarda-costas estavam ali a fumar. Um par de idosos, a tia de Molotov e o pai de Andreyev, o membro do Politburo, de calções e camisola de rede, estavam sentados ao sol a jogar xadrez. Eles sabiam. Todos trocaram sussurros quando viram a mãe perturbada.

Quando ninguém as podia ouvir, Tamara pousou as mãos nos ombros de Irina. – Agora ouve o que te vou dizer – disse. – Eu sei que este assunto é preocupante. Mas não debes falar disto a ninguém. Nunca menciones o camarada Estaline. Nunca tentes telefonar-lhe, nem a nenhum outro líder. Isso só irá atrasar a libertação do Vlad. Os Órgãos vão informar-te do paradeiro do Vlad quando estiverem prontos. Leva o teu filho mais novo à escola. Toda a gente tem os olhos postos em ti. O meu marido diz que debes confiar na justiça soviética. Estás a perceber?

Mas quando Irina partiu, Tamara reparou que as suas próprias mãos estavam a tremer.

## CATORZE

– Qual foi o teu papel na conspiração criminosa para assassinar Nikolasha Blagov e Rosa Shako?

– Conspiração? Assassinar? Não estou a perceber. – Era o início da manhã seguinte, e Vlad estava sentado numa sala cinzenta a uma mesa de fórmica com um único candeeiro.

– Vamos começar de novo, sim? Como te chamas?

– Vladimir Ivanovich Titorenko.

– Idade?

– Dezassete anos e nove meses.

– Eu chamo-me Pavel Mogilchuk e pertenço à Secção de Casos Especiais do Ministério da Segurança do Estado, percebeste?

– Sim.

– Vá lá, Vlad, para de chorar – disse Mogilchuk, passando-lhe um lenço. Vlad olhou para ele, para os seus óculos redondos e cabelo arruivado com um toque de grisalho. Tinha alguns traços de professor. – Sei que têm sido uns dias duros e que estás preocupado, mas eu quero tranquilizar-te.

– Mas eu quero ver a minha mãe. Ela sabe onde estou...?

– *Tu* sabes onde estás, Vlad?

Os caracóis românticos de Vlad haviam sido cortados e, sem eles, o rosto do rapaz parecia triste e desamparado. Ele abanou a cabeça.

– É segredo de Estado, rapaz, mas eu digo-te: estás na Prisão Interior de Lubianka, na Praça Dzerzhinsky. Foi muito assustador entrar aqui? – Vlad assentiu com a cabeça. – O processo de admissão é terrível, ser despido e revistado por dentro e fotografado. Mas é apenas rotina. Dormiste bem?

– Não me deixaram dormir. Mantiveram a luz acesa; acordaram-me; obrigaram-me a pôr as mãos em cima dos cobertores. Não consegui dormir. Onde está a minha mãe?

Mogilchuk inclinou-se para a frente sobre a mesa simples e redirecionou a luz para os olhos de Vlad. – Vamos lá, rapaz. Mostra alguma dureza bolchevique! Eu vou-te fazer perguntas e tu vais responder detalhadamente. Não mintas sobre nada. Se mentires, será pior para ti. Se disseres a verdade sobre tudo, vais para casa em breve. Está bem?

Vlad assentiu com a cabeça.

– Qual foi o teu papel na conspiração para assassinar o Nikolasha e a Rosa?

– Qual conspiração?

– Vamos começar do princípio, sim? Senão nunca mais vais para casa.

Vlad respirou fundo e olhou para as mãos. – O Nikolasha Blagov tinha um clube e gostava de jogar uma coisa chamada o Jogo.

– O Jogo? O que era isso? Brancos e vermelhos? Cossacos e tártaros? Futebol?

– Não, nós vestíamos trajes de época.

– Então é um grupo de teatro?

– Sim, fingíamos ser o Pushkin...

– Continua – disse Mogilchuk. – Eu compreendo. Também sou escritor. Nós, os russos, adoramos poesia, não é?

Vlad acenou em concordância. – Interpretávamos personagens do *Onegin*.

– O que poderia ser mais normal do que isso? – Mogilchuk abriu as mãos. – Onde se encontravam? Na escola?

– Não. Normalmente encontrávamo-nos no cemitério da Colina dos Pardais.

– No cemitério? Porquê?

– Porque era um clube secreto.

– E esse clube tinha nome?

– Sim, o Clube dos Românticos Fatais.

– E o que faziam nessas reuniões secretas?

– Falávamos de romantismo. Poesia.

– E política?

– Não.

– Falta aqui qualquer coisa. Vá lá, pensa! – Mogilchuk estalou os dedos.  
– Como é que passou de representação de poesia para o homicídio de duas crianças?

Vlad soltou um sonoro e inesperado soluço. – Não faço ideia.

– Eras o braço-direito do Nikolasha no clube, não eras? Então, o que é que debatiam?

– O amor. A morte. O Nikolasha dizia que, se não pudéssemos viver com amor, era melhor morrer. Como o Pushkin.

– A Rosa falava na morte?

– Não.

– Dirias que era provável que tivessem feito um pacto de suicídio?

– Não. Nunca!

– Dirias que é possível que o Nikolasha a tenha matado e depois se tenha suicidado?

Vlad tinha o rosto nas mãos. – Não sei.

– Naquela noite, na Ponte de Pedra, viste-os de perto?

– Não.

– Estás a mentir.

A porta abriu-se de rompante, como que a pontapé, e um tenente-general da Segurança do Estado entrou na sala. A palavra «bravata» podia ter sido inventada para este homem robusto, pensou Vlad miseravelmente. Parecia demasiado inchado, demasiado brilhante, demasiado grande para ser real. Uma série de anéis preciosos adornava dedos tão gordos e peludos como larvas. E Vlad pensou que os músculos dos braços dele, para não falar nas pernas de calções listados, pareciam tão grossos como a sua cintura.

– Camarada Kobylov! – Mogilchuk pôs-se em sentido.

– Peço desculpa por interromper a sua conversa afável. – Kobylov pôs o rosto rechonchudo e moreno muito perto de Vlad. Usava uma água de colónia fortíssima e cheirava a cravinho. – Aviso-te já: se me mentires, podes nunca mais sair daqui. Não importa quem são os teus pais! – Bateu com o punho na mesa, e Vlad estremeceu de medo.

– Então o Nikolasha alvejou a Rosa? – disse Kobylov.

– Se você o diz, talvez. Sim.

– Onde estava a arma?

– Eu não a vi!

Kobylov revirou os olhos a Mogilchuk. – Ele não viu a arma! – Imitou Vlad numa voz intelectual e efeminada. – Vais acabar por falar. – Despenteou o cabelo de Vlad e riu-se. – Mogilchuk, uma palavrinha!

Os dois oficiais do MGB saíram. O general Bogdan, «o Touro», Kobylov era o braço-direito de Beria, e o coronel Mogilchuk, em sentido com a sua túnica e platinas azuis, apressou-se a acender o cigarro de Kobylov.

– Camarada coronel – disse Kobylov –, lembra-se das ordens do camarada Beria?

– Um homicídio. Uma conspiração. A resolver sem olhar a posto ou posição. Palavras do próprio *Instantsiya*. – Mogilchuk fez uma pausa. – Mas eles não passam de miúdos.

– Seu copinho de leite! Está a ficar mole. Neste preciso momento, há duas crianças com ferimentos de bala na mesa do professor Schpigelglaz, no Kremlevka. E não são uns adolescentes quaisquer. Já ouviu falar do caso Lakoba, na Geórgia?

Mogilchuk fingiu não o conhecer.

– Bom, eu tenho alguma experiência a trabalhar com miúdos – disse Kobylov com modéstia. Os camaradas Beria e Kobylov haviam matado Lakoba, o líder abecásio, e depois infligido tormentos indescritíveis aos seus filhos pequenos, mas estes não podiam ser executados antes dos doze anos, por isso mantiveram-nos vivos. No dia do seu décimo segundo aniversário, Kobylov matou um a tiro e o outro à pancada. – O camarada Estaline diz: «Não se pode fazer uma revolução com luvas de seda» – continuou. – Mas até agora a ordem é: nada de pancada, e isso agrada-me. Eu também não quero magoar um punhado de miúdos.

– Então o que sugere, camarada general? Esperamos pela autópsia do Schpigelglaz?

– O *Instantsiya* quer que isto seja resolvido rapidamente, Mogilchuk. É óbvio o que aconteceu. Vamos arrumar isto depressa e pegar em trabalho a sério. – Kobylov deu uma passa no seu cigarro e depois abriu a porta da sala de interrogatório com um pontapé.

Vlad, assustado, recuou, derrubando a cadeira para trás e agachando-se no outro canto da sala.

– Ei, calma aí! Não fiques tão nervoso, hein? Anda. Volta a sentar-te. – Kobylov persuadiu Vlad a regressar à sua cadeira. – Quem mais pertencia a este clube de *strip*, poesia, travestis, brochistas, lambe-cus e duelos à Pushkin?

- Não era nada assim, juro!
- Olha, basta desembuchares os nomes e podes ir para casa. Quem ajudou o Nikolasha a planear o homicídio? Ou ele fê-lo sozinho?

\*

O guarda-costas de Satinov, Losha, foi buscar George ao jogo de futebol ao final daquela tarde.

– O que contas, Losha? – perguntou George, ansioso, quando entrou no carro.

– Sobre o caso do tiroteio? Ainda nada. Ditado chinês: Nunca preocupes a preocupação até a preocupação te preocupar a ti!

George acenou em concordância. – Como estás, Losha?

– Fantástico, miúdo. Então, já beijaste aquela rapariga? – Acelerou pelo meio do trânsito no *Packard*.

– Qual rapariga?

– A Minka Dorova, seu maricas. É tua namorada, não é?

– Bem, suponho que sim, mas ainda não a beijei.

– És um maricas ou um homem? – bramiu Losha. – Ela anseia por um homem georgiano. Vê-se pela maneira como está sempre a olhar à volta debaixo daquelas pestanas compridas. Está na altura de a beijares. Agora tens de a beijar esta noite. Senão eu... rapo metade do meu bigode em protesto!

– Estás a brincar, Losha!

– Não, juro. Todos vão perguntar: «Losha, onde está o teu bigode?», e eu digo-lhes que tu és um grande maricas. Convida-a a dar um passeio no Parque Sokolniki. Oferece-lhe uma refeição completa. Com as raparigas, uma barriga cheia vai diretamente para o meio das pernas. *Kerboosh!* Como um comboio quando se lhe põe carvão na fomalha. O comboio acumula vapor e, *kerboosh*, toca o apito! E dá-lhe uns *shots* de conhaque. Aqui o Losha sabe. Liga-lhe agora.

George pensou por uns momentos. Losha tinha razão. Ele gostava de Minka. Sonhava com ela. Era agora ou nunca. – Deixa-me na Casa da Margem.

– *Kerboosh!* Assim é que é!

George, ainda com a sua camisola de futebol do Spartak e calções brancos, observou a limusina a afastar-se rapidamente pela ponte. Espreitou para o oitavo andar da ala este do complexo modernista ao lado do Moskva. As luzes brilhavam no apartamento dos Dorovs. Rezou para que o pai de Minka, o Frango Cru, não atendesse: com alguma sorte estaria na Praça Antiga a maltratar o seu pessoal, como era costume. E a mãe dela, a Dra. Dorova, estaria com certeza na Clínica do Kremlin, não? Ludmilla, a governanta, devia estar a fazer o jantar para Senka, Demian e a adorável Minka. Pegou no telefone da cabine pública, ouvindo-o tocar, e depois meteu o copeque.

– Estou. – Vitória! A voz de Minka, suave como o zumbido de um abelhão.

– O que contas? É o George. Os meus pais estão-me a pôr maluco com... com o caso. E tu?

– A mesma coisa. O papá diz que o clube era antibolchevique, uma heresia burguesa. Ele acha que é tudo uma conspiração. Mas a mamã diz que isso é um disparate. A escola está a fervilhar com rumores. É ridículo! Convidamos o Andrei e a Serafima para virem ter connosco a algum lado? Liguei ao Andrei, e ele disse que podíamos...

George entrou em pânico de repente. O Losha teria de rapar metade do bigode. Coragem!

– Não, vamos estar só os dois esta noite. Há tanta coisa para discutir.

Uma pausa. Teria ela adivinhado? – Ah, está bem. Isso é um convite para jantar?

George ergueu um polegar: *Kerboosh!* A barriga cheia!

– Estou no telefone à beira-rio. A olhar para a tua janela. Que tal se nos encontrarmos no lugar habitual?

– Dá-me dez minutos. Tenho de mudar de roupa. Até já!

Encostado à cabine telefónica, George preparou-se para esperar. Já não faltava muito.

\*

Minka saiu do vestíbulo da Casa da Margem com um vestido vermelho de verão que sabia ficar-lhe bem. Mas, ao sair para o ar ventoso da noite, dois homens de fato pegaram-lhe nos braços com um ímpeto tão suave

que ela deu por si sentada entre eles no banco de trás de um *Volga* quadrado, o carro da burocracia intermédia, antes sequer de ter tempo para dizer alguma coisa.

– O que se passa? Quem são vocês? – gemeu enquanto o carro acelerava noite dentro.

O homem que estava ao lado do condutor voltou-se. – Só algumas perguntas – disse. – Quando deres por ela, já estás de volta ao teu encontro escaldante.

Do outro lado da rua, o rapaz com o equipamento de futebol do Spartak que estava ao lado de um telefone público tinha visto tudo.

– Minka! *Não* – disse George, quando também ele foi praticamente arrebatado e conduzido para um pequeno *Emka*. Enquanto o carro acelerava pelo trânsito e atravessava o rio, não parava de dizer para consigo: o Losha vai ter de tirar o bigode... Isto era só por causa das mortes na ponte, disse a si mesmo alguns minutos mais tarde. Não tinha nada a esconder. Os Órgãos tinham de as investigar, e ele ia responder a todas as perguntas que lhe fizessem.

Mas, se era tão simples, porque estava tão assustado? Porque tinha a camisola de futebol empapada em suor? E porque estava preocupado com Minka também? De certeza que o pai o ia tirar dali em breve. Então, lembrou-se de ouvir o pai dizer à madrasta: «Por este andar, vou ter de os ir levar e buscar todos os dias até isto passar.» George ouvira-os sussurrar atrás das portas do quarto de banho muitas vezes e embora a parte principal da conversa fosse sempre inaudível, acabava quase sempre com as palavras: «Não digas nada a ninguém. Comporta-te normalmente.»

O coração latejava-lhe nos ouvidos. Isto só podia significar uma coisa: o pai não ia fazer nada.

No alto do seu apartamento *kommunalka*, Andrei planeava a noite. Losha estava a caminho para o vir buscar, e depois ia encontrar-se com George e os amigos.

– Diverte-te – disse-lhe a mãe. – Mas tem cuidado também. Tem tento na língua.

– Não sejas tonta, mamã. Até logo.

Mas, quando desceu, não era Losha quem estava ao volante, mas sim um motorista diferente.

– Entra, rapaz – disse o motorista. – Vais estar com os teus amigos mais cedo do que pensas.

– Mas isto não é o caminho para a Rua Granovsky – disse Andrei, cinco minutos mais tarde, quando o carro entrou na Praça Dzerzhinsky, onde os edifícios pareciam túmulos de granito colossais.

– Tu não vais para a Rua Granovsky – respondeu o motorista.

Andrei fechou os olhos por um momento e teve a horrível sensação de estar a cair num abismo sem fim.

– Não me digas que estás admirado, miúdo! – disse o motorista.

Andrei abanou a cabeça. Mesmo que quisesse, não sabia se conseguiria falar. Sentiu que as articulações dos braços e pernas eram feitas de gelatina e o seu sangue gelou.

– A minha... – Não conseguia dizê-lo.

– A tua mãe? Ela fica bem. Afinal, está habituada a isto, não está?

\*

Restaurante Aragvi nessa noite. Longuinoz, o chefe de mesa, acompanhou Sophia Zeitlin e alguns dos seus amigos dos Estúdios Mosfilm até à mesa preferida dela, mesmo por baixo da banda. Segurou-lhe o pulso por mais um segundo do que era necessário: sabia alguma coisa importante.

– Sigam para a mesa! – gritou ela aos amigos. – Peçam-me um *cosmopolitan*. – Enquanto se detinha ao lado do chefe de mesa, ele sussurrou: – Mais de férias. No cimo da colina.

– No cimo da colina? Quantos? Quem? – respondeu sem fôlego, com a boca encostada ao ouvido dele, que tinha um brinco de pérola.

– Um caça *Yak*. Segundo modelo. *Check-up* no médico local. Consulta às duas horas.

O coração dela disparou: – Meu Deus. – Percebera logo o código.

De férias significava presos. No cimo da colina era a Prisão de Lubianka. *Yak* era a marca de um caça produzido em Satinovgrad. Portanto, «*Yak*» era Satinov. «Segundo modelo» significava segundo filho

– George. «Médico local» – Dra. Dorova. «Duas horas»: segundo filho, ou seja, Minka.

Sophia supôs que Longuinoz sabia isto porque fazia favores discretos aos «trabalhadores responsáveis» chekistas, favores que sem dúvida envolviam comida, raparigas e informação. Ele estava livre de perigo desde que a informação só seguisse uma direção.

Longuinoz ergueu duas mãos como que para dizer «Desculpe, mas é rotina». Enquanto a levava à mesa, sussurrou: – Um conselho, Sophia. Tenha cuidado, querida!

Nessa noite, Sophia não conseguiu comer. Será que isto ia afetar a sua Serafima?, pensou. Dizem que sou a atriz favorita do Estaline e que ele adora os guiões do Constantin. Ou estarei a acreditar na minha própria publicidade? O camarada Satinov é o predileto do Estaline e isso não protegeu o George. O Estaline despromoveu o Vasily e deserdou o outro filho, o Yakov, quando ele foi capturado pelos alemães. Qual era a lição a tirar disto tudo? As mortes seriam investigadas, independentemente de quem estivesse envolvido. E ela não pôde deixar de se lembrar daqueles anos terríveis, no final da década de trinta, quando a sua querida prima Sashenka desaparecera com o marido e os filhos, desaparecera da face da Terra.

Pensou na sua própria vida: nos seus casos amorosos, nos filmes do tempo da guerra, no temperamento feroso que herdara do seu pai incorrigível, na sua dependência das intrigas que tornavam suportável a labuta diária da respeitável instituição que era o casamento. Mas e se prendessem a Serafima? Será que ia aguentar?

## QUINZE

A viagem para a escola: oito e um quarto da manhã seguinte. No parque de estacionamento do edifício Granovsky, Sophia Zeitlin entrou no *Rolls* com Serafima.

– Porque é que tens de vir? Detesto que venhas. – Serafima franziu o sobrolho à mãe. – Já é embaraçoso que chegue estar neste carro.

– Só estou a cumprir o meu dever maternal – respondeu Sophia. Tinha medo das cenas à porta da escola. – Olha! Ali estão os Satinovs.

Viram Hercules e Tamara Satinov entrar no carro deles com Marlen e Mariko. Tamara estava com um ar horrível. Tinha olheiras, a pele parecia esticada sobre as suas feições estreitas – e agora a pobre mulher tinha de dar aulas em que a cadeira do seu próprio enteado estava vazia.

Serafima olhou para a mãe com urgência. – Onde está o George? Mamã, tu sabes alguma coisa, não sabes?

– Bom dia, Khirochenko – disse Sophia em voz alta ao seu motorista. Seguiram viagem em silêncio.

Nas Portas Douradas, Sophia estudou os pais e as crianças ausentes de uma olhada. Os outros pais moviam-se demasiado depressa, demasiado nervosos, olhando em volta mas com medo do que pudessem descobrir. Quem perdera um filho na goela dos Órgãos? A pequena multidão que se reunia à porta da escola, antes tão elegante e sociável, parecia de repente lúgubre e desanimada.

Encontrou Hercules Satinov quando ele estava a sair. Tamara levava as crianças para dentro consigo.

– Hercules! – disse Sophia. – Mas que bons pais somos a trazer os nossos filhos à escola com tanto zelo!

– Zelo. É o meu apelido – respondeu Satinov.

Os Titorenkos passaram por eles, saudando Sophia e Satinov.

– Sim, camaradas, está um belo dia, não acham? – respondeu Satinov.

Sophia tentou imaginar como os Titorenkos se sentiriam, e apercebeu-se de que a aparente cordialidade era uma mistura de solidariedade e alívio. Agora que os Satinovs e os Dorovs estavam no mesmo barco, Vlad já não estava sozinho.

Sophia pôs-se na fila para apertar a mão da diretora Medvedeva. Os Dorovs estavam à sua frente – com Demian e o pequeno Senka, mas sem Minka. Dashka não se maquilhara e prendera o cabelo preto atrás num puxo, mas ainda assim estava bonita, com uma blusa florida e folgada, e tinha a audácia de tagarelar frivolamente como se nada se passasse.

– Não parece que o banquete foi há séculos? – perguntou Sophia.

– Sem dúvida – respondeu Dashka, atarefada com os filhos. – Ora bem, será que me lembrei dos manuais todos? Cada dia há mais para me lembrar! Querem que organize um concurso de perguntas e respostas para a caridade. Parece que se esqueceram de que tenho o meu próprio trabalho para fazer. Oh, Demian, esqueci-me do trabalho de casa de matemática? Pronto, vai lá.

Normalmente, Dashka só dava um beijinho a Demian, mas naquele dia abraçou-o.

– Larga-me, mamã. – O rapaz de dezassete anos libertou-se dos braços dela. – Pareces uma jiboia.

– Oh, querido – suspirou Dashka. – Enganei-me.

– A *mim* podes beijar-me quantas vezes quiseres, mamã – disse Senka. Como era rapazinho e, portanto, estava apaixonado pela mãe, Senka entregou-se a Dashka, fechando os olhos com um sorriso beatífico, até Genrikh tocar no ombro da mulher.

– Não sufoques a criança – disse Genrikh bruscamente. Estava mais pálido e mirrado do que nunca. – Já te disse. Mimas demasiado esse rapaz. Não é assim que nós, bolcheviques, agimos.

– Hoje não faço nada direito. – Dashka encolheu os ombros, sorrindo com bravura.

À frente da fila, a diretora Medvedeva estendeu a mão. – Bom dia, camarada Dorov, Dra. Dorova, vejo que hoje falta gente. As constipações de verão são as piores, não são, doutora?

– Esperemos que não se espalhe – concordou Dashka.

– Ah, madame Zeitlin, bom dia – disse a diretora Medvedeva a Sophia.  
– Hoje temos cá os pais todos. Deve ser o sol.

Mas Sophia não estava a ouvir. Estava a ver a filha afastar-se pelo corredor.

A Serafimochka está segura, pensava ela. Até agora.

Na sala de interrogatório da Prisão de Lubianka, Kobylov inclinou-se sobre a secretária para cheirar o cabelo espesso de Minka.

– Até o teu cheiro é doce. Cheiras a mel. Que champô usas? Quero dizer às minhas meninas o que usar. Andam a precisar de uma lição de uma princesinha como tu.

Minka encolheu-se, com medo daquele homem corpulento com os seus anéis e uma água de colónia tão forte que ela conseguia sentir o sabor do cravinho na língua.

Não sabia quem mais estava na prisão a ser interrogado.

De início, enquanto jazia acordada a noite toda na cela que fedia a detergente e urina, preocupara-se com George: teria ele esperado por ela? Será que achava que ela o tinha deixado pendurado? Mas então apercebeu-se de que a sua detenção fora planeada. Ou os chekistas andavam a escutar o telefone dos pais ou George a tinha aliciado para que a prendessem. Mas de certeza que ele não faria isso. Não o George.

De manhã, quando os carcereiros recolheram o balde de dejetos e repartiram a *kasha* aguada e o chá fraco com meio torrão de açúcar, o encontro marcado com George já parecia ter sido há um século. E depois havia os pais. Saberiam onde estava? Também eles pareciam distantes. Mesmo com poucas horas de Lubianka, Minka estava a tornar-se uma pessoa diferente.

Um carcereiro abriu o postigo da porta da cela a que os presos chamavam «a vigia de Judas», e depois os fechos abriram-se com um rangido e ela foi levada ao longo dos corredores, pelas escadas acima, por uns degraus de metal abaixo, através de uma porta almofadada com mais fechos, para dentro de um edifício novo sem o cheiro a urina e detergente, até à sala onde agora estava sentada diante de uma secretária com um único candeeiro. Momentos mais tarde, a porta abriu-se e um gigante com estrelas de general nas platinas e cabelo aos caracóis oleoso surgira e ficara parado a olhar para ela, de mãos nas ancas.

– Minka – disse ele então –, ajuda-me a esclarecer isto. Fala-me da Rosa e do Nikolasha.

– Estavam juntos.

– Como casal? Fodiam?

– Oh não, ninguém faz esse tipo de coisas. Mas estavam juntos.

– Amavam-se?

Minka baixou o olhar para os sapatos: ainda tinha as suas sandálias cor-de-rosa.

– Mais ou menos – disse ela, sentindo uma espécie de traição.

Kobylov levantou-se e partiu, fechando a porta com um pontapé. Desceu todo emproado o corredor até à porta seguinte e abriu-a. Lá dentro estava outra criança, sentada sozinha.

George Satinov ergueu a cabeça, sobressaltado.

– A rapariga chamada Rosa Shako amava o Nikolasha Blagov? – perguntou Kobylov. George pestanejou, como se um pouco desorientado. Ainda tinha o seu equipamento de futebol. Ali estava um rapaz que respirava privilégio, reparou Kobylov, o filhinho de um barão.

– Sim.

– Que tipo de amor? Uma paixoneta? Ela queria casar com ele?

– Amor a sério. Sim. Ela era tão doce, tão romântica em relação a ele.

– Não te pedi a biografia dela. Era uma paixoneta da parte dela ou uma coisa séria?

– Ela provavelmente queria casar com ele, mas...

– Responde às perguntas. Ela amava-o. Ele amava-a. Caso encerrado.

O olho de George contraiu-se e Kobylov percebeu que ele se estava a concentrar, a escolher cuidadosamente as palavras. – Bem...

– Lindo menino. Aquela Minka é uma beleza. É tua namorada?

– Não.

– Já a beijaste?

– Não.

– Já a fodeste?

– Não, claro que não. – George levou as mãos ao rosto, corando.

– És o quê, um maricas? – Kobylov sorriu, apreciando o seu poder sobre o rapaz. – Vês? Eu sei tudo sobre ti. O Losha é um velho amigo meu. Sim, posso dizer-te que passámos alguns momentos juntos.

Kobylov levantou-se, bateu com a porta e entrou na sala de interrogatório onde Andrei Kurbsky estava a ser entrevistado pelo seu fervoroso subordinado, Mogilchuk.

– A Rosa adorava o Nikolasha – dizia Andrei. – Faria qualquer coisa por ele.

– Como é que ele a tratava? – perguntou Kobylov, assumindo as rédeas.

– Berrava-lhe. Rebaixava-a. Era um autêntico tirano. Ele tinha de mandar.

– Este está a cooperar? – perguntou Kobylov a Mogilchuk.

– Estou – disse Andrei.

– Acho bem que estejas – disse Kobylov. – Porque nós sabemos quem tu és, e não és como os outros. Contigo não temos de usar luvas de seda, Kurbsky. És filho de um Inimigo do Povo que se infiltrou naquela escola, na juventude dourada. E o que estamos a ponderar agora é: foste tu que planeaste os assassínios?

O rosto de Andrei ficou branco. – Não!

– Se se vier a descobrir que estás ligado a este homicídio, serás punido com a *Vishka*. – Kobylov usou o acrónimo para «Medida Mais Alta de Castigo»: a morte. – Nove gramas na nuca. – Voltou-se para Mogilchuk. – Acredita nele, camarada coronel?

– Não sei, camarada general – disse Mogilchuk.

– Eu também não. Então a Rosa e o Nikolasha eram um casal jovem e apaixonado. Diz-nos o que mudou, Andrei.

– Eu não diria que o Nikolasha estava...

– O que mudou? O que o fez matá-la? Diz-me ou eu desfaço-te em pó.

Kobylov viu que Andrei estava a entrelaçar as mãos para impedir que tremessem.

– Acho... acho que o Nikolasha soube do destacamento do pai para o México.

Kobylov bateu palmas: – Claro! O destacamento! O Nikolasha ia embora!

Agarrou no bracinho de Mogilchuk e arrastou-o para fora da sala e pelo corredor abaixo. A perspetiva de resolver um caso em apenas algumas horas dilatou-lhe as narinas de avidez.

Minka levantou o olhar quando os dois homens entraram na sua sala de interrogatório. Um era o gigante dos anéis com o cabelo encaracolado, o

outro o coronel ruivo de óculos, enfadonho o suficiente para ser um contabilista.

– Minka – disse o gigante –, quando é que o Nikolasha soube do destacamento para o México?

– Um dia antes da Parada da Vitória.

– Ficou contente com isso? – perguntou o ruivo, debruçando-se sobre ela. De repente, sentiu-se enjoada.

– Não. Disse que se recusaria a ir.

– Muito bem! – disse o gigante, batendo palmas. – Camarada Mogilchuk, vamos fumar.

No corredor, os dois homens juntaram-se para conversar.

– O que acha, camarada general? – A figurões como Kobylov, pensou Mogilchuk, devia-se tratá-los pelo título e a patente sempre que possível.

– Estamos perto de uma solução, camarada general?

– Valeu a pena trazê-los a todos – respondeu Kobylov. Esfregou as mãos. – Vamos informar o Lavrenti Pavlovich Beria. Ele vai ficar contente connosco, não vai?

## DEZASSEIS

A Dra. Dashka Dorova vestiu a sua bata branca distraidamente, fechou a porta do consultório no último andar da Kremlevka, a Clínica do Kremlin – e sentou-se no seu divã de veludo.

Era uma sala acolhedora decorada com um conforto antiquado, com tapetes persas sobrepostos, pinturas a óleo de *dachas* e bosques da viragem do século, um bengaleiro em couro castanho, duas cadeiras de couro macio e o divã. À direita ficava uma marquesa com uma cortina branca à volta.

Normalmente, sentava-se a uma secretária antiga com couro verde no tampo e dois telefones de baquelite na mesa de apoio. O retrato de Estaline – sempre um guia para a importância de um funcionário – era médio, não um Gerasimov original nem um óleo, mas o cofre dela era grande, porque as fichas médicas dos líderes eram um segredo de Estado.

Finalmente só, apercebeu-se de que estava ofegante. Controla-te, Dashka, disse a si mesma. A pressão dos seus diferentes papéis – mãe, esposa, médica, ministra – era sufocante; e havia mais. Era demasiado, e alguma coisa, por muito preciosa que fosse, tinha de ser sacrificada. Mesmo em casa, tivera de ter cuidado: Genrikh acreditava que o Partido e os seus «cavaleiros destemidos», como chamava à polícia secreta, nunca erravam. Havia uma forma bolchevique de agir e ele, enquanto consciência do Partido, seu agente, decidiria qual era, porque o camarada Estaline confiava no seu juízo. Genrikh decidia cada detalhe da vida deles. Tinha de o fazer. Era um líder bolchevique e nada – nem a decoração da *dacha* deles, nem a receita para o almoço, nem as regras para os filhos –, nada era demasiado pequeno para ele julgar. E isso fazia com que Dashka se sentisse segura. Só a sua paixão pela moda pudera de certo modo escapar ao controlo de Genrikh.

Mas agora Minka fora presa, a sua adorável Minka. A personalidade exterior de Dashka era luminosa e exuberante, mas, por dentro, sentia-se um emaranhado de emoções e ansiedades. Minka, querida, onde estás? Estás bem?, sussurrou. Responde às perguntas deles e vem para casa. Graças a Deus, os seus outros filhos estavam a salvo.

Ela amava os quatro apaixonadamente, claro, mas Senka, o quarto, o bebé que tivera aos trinta anos, o último, aquela miniatura de si própria com o seu rosto afilado, os lábios carnudos, as sardas no nariz, a pele morena, era o seu encanto. Mais nada, nenhuma ambição, nenhuma outra paixão, por muito estimada que fosse, valia mais do que o seu Senka, o seu Pequeno Professor.

Fechou os olhos. O rufo de um tambor atrás deles; as suas têmporas latejavam. Se ao menos Genrikh falasse com ela; se ao menos ele pudesse contornar as suas regras, controlos e regulamentos um bocadinho. Perante a intransigência dele, sentia-se completamente sozinha.

O telefone interno tocou. – Camarada doutora, tem uma consulta daqui a cinco minutos – anunciou-lhe a assistente.

Dashka tinha dois gabinetes: um era no Ministério da Saúde e o outro ficava ali na Kremlevka, o sítio onde os trabalhadores responsáveis eram tratados pelos melhores especialistas. Quando começara a trabalhar ali, a Kremlevka ficava no próprio Kremlin, mas agora era na Rua Granovsky, perto do edifício onde muitos dos líderes viviam.

Filha de uma família judia culta da Galícia (doze gerações de rabis, dizia a mãe), Dashka estudara Medicina em Odessa. Após vários anos a trabalhar como cardiologista, fora promovida à Kremlevka, onde se tornara a médica de confiança de muitos dos líderes. A maioria deles padecia de hipertensão, arteriosclerose e outras maleitas associadas ao excesso de trabalho, a uma dieta gorda, *stress*, falta de exercício, obesidade e alcoolismo.

Camarada Andreyev: dores de cabeça. Tratamento: cocaína. Camarada Zhdanov; doença do coração e alcoolismo. Tratamento: descanso absoluto e abstenia. Camarada Beria: obesidade. Excesso de álcool. Tratamento: dieta vegetariana.

Então, no final de 1944, o camarada Molotov convocara-a ao Sovmin – Conselho de Ministros –, no Kremlin. – Sente-se, camarada doutora – disse naquela sua voz robótica. Dashka reparou que a cabeça esférica dele,

com as suas lunetas, estava ligada ao torso sem grande pescoço que se visse. – Deixe-me ir direto ao assunto. O que acha de se tornar ministra da Saúde?

Dashka recuou de surpresa, choque mesmo. – Sou médica – protestara. – Mesmo gerir a Kremlevka não é ideal. Nunca trabalhei no governo.

– O camarada Estaline quer que comece amanhã. – Ele olhou para baixo. À sua frente, na secretária, estava um bilhete rabiscado a lápis vermelho. Durante aquela curta reunião, ela conseguira ver que dizia: *Cam. Molotov. O ministro da Saúde trabalha mal. Remova-o e nomeie a cardiologista da Kremlevka. J. Est.*

Percebeu que o camarada Estaline nem se lembrara do nome dela, mas a verdade é que nunca estivera com ele. Não era particularmente ambiciosa e nunca procurara uma promoção destas, por isso alguém a devia ter recomendado. Zhdanov ou Beria?

Dashka tinha uma vocação forte: adorava medicina, adorava ajudar pessoas e sempre aspirara a ser médica. Sim, gostava das coisas boas da vida, sobretudo moda (de preferência, importada de Paris), mas vivia para a família, mais especificamente para os filhos.

Agora, às nove e meia da manhã, tinha uma consulta que normalmente não a deixaria preocupada. Mas não conseguia parar de pensar em Minka e de se preocupar com as outras crianças. Não dormira, e o pior era que não havia nada que pudesse fazer para as ajudar. Absolutamente nada.

Conhecia os líderes. Vira-os sem camisa. Conhecia os seus segredos médicos e mais do que isso, muitas vezes, porque até os figurões bolcheviques sentiam a necessidade de fazer confidências ao médico.

Estava à espera do paciente seguinte, com certeza um homem poderoso que conseguiria que Minka fosse libertada. Mas mesmo pedir ajuda especial era contra as regras.

Não, tinha de continuar a agir como se a sua querida Minka não estivesse a dois quilómetros de distância, numa cela da prisão mais temida da Europa. Levou as mãos ao rosto. Não se permitiria chorar. Não podia!

Um dos telefones da sua secretária tocou e, recompondo-se das lágrimas silenciosas que lhe caíam pelo rosto, ergueu-se e atendeu-o.

– Camarada doutora, o camarada está à sua espera.

Dashka olhou-se ao espelho. Pusera um bocadinho de rímel para esconder o cansaço dos seus olhos castanhos e tinha o cabelo preto

penteado para trás num puxo severo, mas estava com ar apresentável. A mãe ensinara-lhe que, quanto maior o desafio, melhor devia ser a aparência. Dashka sabia que era uma mulher bonita.

Puxou os ombros para trás, prendeu o estetoscópio à volta do pescoço, abriu a porta e fez o seu sorriso deslumbrante. – Camarada, entre.

\*

– O camarada Beria não está no gabinete – disse o assistente que geria a complicada agenda de Beria. – Aguarde, por favor. – Fez sinal a Kobylov para que se sentasse ao fundo da antessala vazia.

Kobylov grunhiu e pousou o seu peso considerável sobre o sofá de pele, resignando-se a esperar.

Passados dez minutos, um dos telefones de baquelite da mesa de apoio do assistente tocou. – Camarada Kobylov, o camarada Beria está ao telefone para si – disse o assistente.

Kobylov agarrou-o avidamente: – Lavrenti Pavlovich – disse –, está resolvido. Sim, estou-lhe a dizer. Fechámos o caso! Bom... – Aqui, Kobylov sorriu triunfante a Mogilchuk, que ainda estava assombrado com Beria. – É assim: o Nikolasha Blagov ama a Rosa Shako; ela ama-o a ele. Querem casar. Ele é um degenerado do caraças que está sempre a falar na morte; ela é uma pétala de rosa murcha e afetada, mas ele ama-a de morte. Literalmente. Ele descobre que o pai vai ser destacado para o México. Vai perder a Rosa. Talvez nunca mais a veja. Por isso, mata-a e depois suicida-se. Resolvido!

Um silêncio, exceto uma voz metálica a retinir levemente do auscultador. Kobylov endireitou-se gradualmente até ficar em sentido. – Muito bem. Claro. Vamos já para aí, Lavrenti Pavlovich!

Kobylov pousou o telefone com força, sentindo o coração acelerado e as mãos a suar.

– Seu idiota! – Agarrou em Mogilchuk pelo braço e arrastou-o para fora da antessala de Beria. Assim que chegou cá fora, deu-lhe um murro na cara. – Isto está longe de estar resolvido e tu fizeste-me fazer figura de parvo em frente ao camarada Beria!

– Mas eu... aah! – Mogilchuk recuou e apalpou a face. Estaline recomendara uma vez a Gestão pelo Murro. Era liderança bolchevique.

Mas tinha o lábio a sangrar. – Os seus anéis cortaram-me!

– Queres levar outro murro na boca, seu larilas? Vamos! – bramiu Kobylov, marchando pelo corredor e saindo para o pátio, onde um grupo de motoristas aguardava.

Viajaram num *Packard* pela colina abaixo, contornando o Kremlin, subindo para a Rua Gorki e virando à esquerda para a Rua Granovsky. Não pararam no edifício onde os Satinovs viviam, contudo, seguindo antes em frente.

Ao fundo da rua, o carro virou à esquerda para um edifício novo sem nome. Foi-lhes permitida passagem em dois postos de controlo. Kobylov e Mogilchuk, que por esta altura pressionava a boca com um lenço, saíram do carro e subiram as escadas a correr. Enfermeiras de avental e um médico de bata branca fumavam no átrio do edifício, onde quatro guarda-costas com as insígnias azuis do MGB montavam guarda empunhando metralhadoras *PPSh*.

Ao fundo do átrio, o coronel Nadaraia, chefe dos guarda-costas de Beria, um homem pequeno e robusto com cabelo loiro e olhos um pouco protuberantes, aguardava-os. Beijou Kobylov com a camaradagem dos companheiros de copos. – Despacha-te, Touro – disse em georgiano, língua materna dos dois. – E quem é o teu amigo ruivo com o lábio a sangrar? Despachem-se. Ele está pronto!

Um dos homens de Nadaraia segurava a porta do elevador, embora um punhado de médicos e enfermeiros estivessem à espera para entrar. Desceram dois pisos e, quando as portas se abriram, encontraram mais dois guarda-costas à espera.

– Por aqui! – disse um terceiro, conduzindo-os por um corredor com ladrilhos azuis e duas portas duplas de vaivém. Kobylov reparou que, quanto mais penetravam o edifício, mais frio se tornava o ar, mais acre o fedor a formaldeído e sabão carbólico. Por fim, entraram numa sala fria com paredes de azulejos brancos e canais esculpidos no chão de betão, como um matadouro. Estavam de frente para uma parede inteira de portas de aço.

– Ah, aqui estás, Sherlock Holmes! Porque demoraste? Estiveste a resolver mais casos, seu gordo imbecil? – Lavrenti Beria, de casaco creme

de verão, camisa florida georgiana aberta no pescoço e calças de linho folgadas, estava parado entre duas mesas de autópsia brancas. – Achas que não tenho nada melhor para fazer? A minha mulher está em Gagra e eu tenho uma rapariga de catorze anos à minha espera na *dacha*.

– Peço desculpa, Lavrenti Pavlovich – disse Kobylov, curvando-se ligeiramente.

– O camarada Estaline vai querer um relatório hoje à noite. Mas não te apresses tanto, Touro. É assim que cometemos erros. As coisas demoram o tempo que for preciso. – Beria olhou para Mogilchuk. – O que te aconteceu ao lábio?

– Bati com ele numa porta.

Beria riu-se. – Estou a ver a marca dos anéis do Kobylov. Mas não culpes os teus subordinados, Touro. A teoria foi tua, certo? Professor Schpigelglaz, onde está?

– Aqui! – trinou uma voz nasalada com um sotaque iídiche. – Simples, muito simples, camaradas. – Beria afastou-se para revelar o professor Schpigelglaz, cujos óculos angulosos com uma armação preta enorme diminuía o seu rosto bicudo. Tinha uma bata branca e uma nuvem de cabelo branco frisado a condizer.

O professor era tão espectral que fora completamente ocultado pela corpulência pançuda de Beria. – Cavalheiros, tenho uma coisa para vos mostrar.

– Se acertar – disse Beria –, volta ao seu cómodo laboratório *sharashka*. Se se enganar, vai arrastar troncos para o Ártico.

– Não corro esse risco! – O professor Schpigelglaz parecia encantado por ter um caso tão interessante. – Posso continuar? Vamos trazer os nossos jovens hóspedes. É o que lhes chamamos aqui, hóspedes. – Fez sinal a um jovem de olhos encovados com ar de quem passara demasiado tempo na companhia dos mortos. O assistente abriu as portas de aço e puxou uma plataforma de metal sobre a qual jazia o corpo nu e céreo de um adolescente ruivo. Quando a plataforma saiu, pernas com rodízios desdobraram-se dela, permitindo que o jovem assistente a empurrasse para o lado de uma das mesas. Depois, ele e outro assistente içaram-na para a mesa.

– Vejamos agora, cavalheiros. – Kobylov gostava de ser tratado por cavalheiro. O professor falava como se a Revolução nunca tivesse

acontecido e ele e Beria fossem um par de generais aristocratas. – Quem são os nossos hóspedes? *Ach ya*. Blagov, Nikolasha. Dezoito anos – disse o professor, lendo uma etiqueta atada ao dedo grande do pé.

Aos olhos de Kobylov, era como se o corpo tivesse sido desossado: linhas vermelhas serrilhadas – como carris num mapa de carne ou um fecho de correr feito de pele – contornavam a linha de cabelo da cabeça e iam do pescoço até ao centro do peito, dividindo-se na cintura. Tudo estava limpo e asseado – exceto o queixo e a boca. Nem toda a limpeza do mundo chegaria para recompor aquilo. Os assistentes regressaram então às portas de aço. Desta vez pousaram o corpo de uma rapariga na outra mesa. Mais uma vez, uma etiqueta no dedo.

– Shako, Rosa. Dezoito anos.

Beria assobiou por entre os dentes, olhando para a rapariga. – É pena não a termos apanhado quando estava viva, hein, Touro?

– Não é o meu género – disse Kobylov, sorrindo. – Um bocado delicada para mim.

Beria voltou-se para o professor. – Comece pelo rapaz – ordenou.

– *Ach* sim, Lavrenti Pavlovich. Bem, é bastante óbvio quando se examinam os ferimentos. O rapaz tem um ferimento de bala, disparada de um revólver regulamentar *Mauser*. Um disparo. – Inclinou-se sobre o rosto de Nikolasha. – Aqui está o ferimento de entrada, na boca, que despedaçou o maxilar e passou pela câmara craniana, provocando um trauma catastrófico. – Rodou a cabeça do rapaz, com o cabelo ruivo penteado para trás. – E aqui está o ferimento de saída, na parte de trás da cabeça. Morte instantânea.

– E a rapariga? – perguntou Beria.

– *Ach* sim, a rapariga. – Dirigiu-se à outra mesa. – Aqui no seio direito, cavalheiros, vemos um único tiro no coração. Muito limpo. Extraímos a bala. Aqui está. Pode guardá-la, caro general, como recordação minha, ha ha. Sim, foi usado um revólver regulamentar. *Mauser*. Morte também instantânea.

– Aí está – disse Beria.

– Então *ele* matou-a e depois suicidou-se? Como eu disse? – perguntou Kobylov.

– Queira elucidar o meu camarada estúpido, professor – disse Beria.

– Muito bem, cavalheiros. O Nikolasha Blagov foi morto por um tiro disparado a cerca de sete metros. Veem o ferimento. – Inclinou-se sobre a mesa de autópsias até ficar muito perto da boca despedaçada. – Não há queimaduras de pólvora. Agora, olhem para o ferimento dela. – Passou para a outra mesa com uma agilidade surpreendente. – Olhem! O dela está claramente enegrecido na orla. O ferimento dela foi à queima-roupa. Foi *ela* quem o matou e depois se suicidou. A ele, desfê-lo, mas, como é típico no suicídio de uma mulher, para si, foi um tiro no coração. Uma senhora gosta de uma casa arrumada, não é? O rosto dela está imaculado. Como veem, é simples, tudo muito simples.

– Obrigado, professor. – Beria olhou para Kobyllov e Mogilchuk e abriu as mãos: – Perceberam tudo ao contrário, seus imbecis. Lembrem-se de que os mortos são a filha de um marechal e o filho de um vice-ministro. Lembrem-se de quem são os pais das crianças que prendemos. Mexam-se ou vão acabar a guardar a escumalha em Kolyma. O *Instantsiya* está impaciente. – Virou-lhes as costas, esfregando as mãos. – Agora tenho uma rapariga à espera que é tão boa que dá vontade de comer! Fresca como morangos no verão. E depois um jogo de *netball* com os guardas.

Saiu da morgue, seguido pelo coronel Nadaraia e os outros guarda-costas.

– Que energia tem o camarada Beria – murmurou Kobyllov. – E que cabeça. Cada momento de cada dia é organizado com a precisão de um relógio suíço. Nós somos pigmeus ao lado dele. Vamos, Mogilchuk, regressemos aos nossos jogos escolares.

## DEZASSETE

Tamara mal falara com Hercules no apartamento. Estaria sob escuta? Ele achava que sim. Não podia falar com ele no carro por causa dos guardas; nem nas Portas Douradas.

Por isso, muito involuntariamente, depois de deixarem os filhos na escola, ela disse: – Preciso de falar contigo.

– Tens tempo para ir a pé comigo até aos Jardins Alexandrovsky? – perguntou-lhe Satinov.

Tamara só tinha aulas às dez, por isso caminharam em direção ao Kremlin em silêncio. Nesse dia, Hercules não envergava uniforme, mas sim um fato de verão e um *fedora* branco baixado sobre os olhos, e Tamara pensou que ele era um homem muito atraente.

Dois guardas caminhavam à frente, Losha atrás, e o carro deles rumorejava a vinte metros de distância. A tempestade estival de ténues sementes rodopiava em torno deles. Jovens soldados, uma rapariga com um uniforme naval e pensionistas com chapéus de pano caminhavam pelas ruas, de olhos semicerrados, confortados pelo ar suave e agradável. Tamara notou que por vezes esses cidadãos sonâmbulos eram despertados com um sobressalto, pela centelha do reconhecimento. – Aquele não era...? – perguntavam aos seus companheiros quando passavam por Satinov.

Se soubessem que a nossa vida não é tão fácil como parece, pensou Tamara.

Depois de confirmar que ninguém os conseguia ouvir, passou a mão pelo braço de Satinov. Desde que George desaparecera, estava ansiosa por falar com ele.

Adorava o seu Hercules. Entre aqueles líderes rudes e bêbedos, com as suas mulheres gordas e deprimidas e filhos mimados e perturbados, as amigas de Tamara diziam com frequência «Quem me dera ter um marido

como o Satinov. Tamara, tens tanta sorte», e ela respondia: «Ele é um marido maravilhoso, mas só gostava que falasse mais comigo...»

Apesar de todos aqueles anos juntos, Tamara sentia dificuldade em respirar perante a frieza, a indiferença dele. Porque é que ele não a acarinhava? Porque não podia ela estar com um homem que falasse consigo e lhe contasse como corra o seu dia? O mesmo acontecera aquando da morte do filho mais velho dele, Vanya. Ela queria berrar e rasgar a roupa – mas ele parecera simplesmente *absorver* aquilo. Perguntou-se se na realidade ele não seria assim tão profundo, se não seria simplesmente descomplicado ou, pior, insensível. Ele chorara uma vez, mas, depois, disse-lhe simplesmente: – Toda a pátria está a chorar, Tamriko. Nós não somos diferentes. – E regressara à frente, deixando-a a reconfortar os outros filhos. Agora, o filho estava na prisão e, mesmo assim, ela não conseguia aproximar-se dele.

– Hercules, há notícias do George? – perguntou-lhe então.

– Nada.

– Mas tu viste... viste-o ontem à noite? – Referia-se a Estaline, claro.

– Sim.

– Ele disse alguma coisa?

Satinov abanou a cabeça. – Está exausto.

– O Beria disse alguma coisa?

– Não.

– Odeio aquele homem. É nojento, Hercules. Como é que consegues trabalhar com ele?

– A Revolução precisa de gente como ele. É o nosso administrador bolchevique mais capaz, por muitos defeitos que tenha.

– É um violador, um criminoso.

– Tamriko! – Suspirou. – Estejamos gratos por eu me dar bem com ele agora, que é importante.

– Meu Deus! – Então, George estava nas mãos de Beria. Os olhos dela encheram-se de lágrimas. – Não consigo dormir, Hercules, tamanha é a minha ansiedade. Normalmente adoro as minhas aulas, mas a escola é como um ninho de vespas. Olho para o lugar do George... e o Andrei, o Vlad, a Minka, todos ausentes! E a doce Rosa. Tenho vontade de chorar. As crianças também não se conseguem concentrar; algumas andam apavoradas, outras estão ansiosas por denunciar os amigos. A sala dos

professores está... como nos anos trinta. O Dr. Rimm anda a aprontar alguma coisa... – Hesitou em partilhar as pequenas intrigas da sala dos professores com o marido, mas não conseguiu controlar-se e contou-lhe tudo.

– Soa-me muito familiar – disse ele depois, com um sorriso ténue. – É como o Politburo em miniatura.

– Sinto muito a falta do George, e ele nem sequer é meu filho. Como é que estás?

– Não durmo muito. Por uma vez, o horário do Estaline convém-me.

– Foste tão forte em relação ao Vanya...

– Ouve, Tamriko – disse Satinov secamente –, tens de te manter firme. Sobretudo na escola.

– Mas a Mariko tem perguntado pelo George, e o Marlen também.

– Tens de lhes dizer para não o fazerem. O George e os amigos dele serão bem tratados e em breve estarão em casa. São simplesmente testemunhas. Duas crianças morreram. Eles têm de investigar. Descobrir o que aconteceu. Mais nada.

– Então porque é que é tão secreto?

– É assim que nós, bolcheviques, agimos.

– Mas tu és um dos homens mais poderosos do país. Porque é que não podes falar com alguém? Descobrir quando é que o George vem para casa.

– O Estaline opõe-se totalmente a qualquer favoritismo.

E devo sentir-me melhor por isso?, pensou Tamara. – Claro – respondeu.

– Olha, nós construímos o Estado do Lenine, vencemos a guerra. Quando se parte madeira, voam lascas.

Outra vez a porra daquele lema! Mas ela assentiu com a cabeça, submissa.

Satinov parou. – Tenho de ir. – Beijou-lhe a testa e ela viu-o entrar no Kremlin pela Porta Spassky.

Por vezes, pensou Tamara, é bom estar casada com um herói de ferro; outras vezes, é simplesmente demasiado doloroso.

Beria deixou-se cair ofegante ao lado da sua rapariga nova, com os seus seios masculinos verde-acinzentados a pender oscilantes como as bossas de um camelo velho. Que sessão! Nesse momento, a *vertushka*, a linha especial do Kremlin, tocou. Um homem não tem direito a um momento de paz?, pensou, atendendo.

– Camarada Beria?

– Sim.

– O camarada Estaline quer vê-lo – disse a voz inexpressiva de Poskrebyshev. A linha caiu.

Era meia-noite e cinco, mas, no mundo de Estaline, o dia ia a meio. Beria vestiu rapidamente a sua vistosa camisa georgiana e casaco folgado habituais, mas depois voltou-se para olhar uma última vez para a rapariga de catorze anos que jazia nua na cama dele, com a pele da barriga lisa um pouco corada e vincada pelo peso dele.

– O coronel Nadaraia leva-te a casa – disse suavemente, sentando-se ao lado dela por um momento. Graças a Deus que conseguira tratar a sífilis antes de descobrir aquele tesouro. Mas tinha de perder peso! Andar aos saltos com uma rapariga daquela idade cansava um homem. Memorando para o camarada Beria: comer mais salada! A mão dele até tremia quando lhe afagou o cabelo comprido, o cetim do fundo das costas dela. – Mas primeiro o coronel Nadaraia vai-te mostrar o apartamento que escolhi para ti e para a tua mãe.

– Oh, Lavrenti, obrigada! Que bom. A mamã vai ficar tão feliz.

– Pois vai – concordou ele. Conhecia a mãe dela. Fora amante dele primeiro.

– Está satisfeito comigo, não está? – perguntou ela, franzindo docemente o sobrolho.

– Sim, sim, estou. Vemo-nos amanhã.

Gosto mesmo muito dela, pensou enquanto o seu *Packard* acelerava pela Porta Spassky no Kremlin e contornava o Pequeno Canto do triangular Palácio Amarelo. Sim, esta rapariga perfeita está a derreter o coração de um dos homens mais duros da nossa era carnívora.

Beria apanhou o elevador para o segundo piso, mostrou o passe a dois grupos de guardas (nem ele estava isento) e apressou-se pelos corredores intermináveis com o tapete azul fixo por argolas de latão ao parquê. Mais dois postos de controlo e, finalmente, estava a entregar a sua pistola

*Tokarev* aos homens que guardavam a porta do escritório do camarada Estaline.

Dois globos do tamanho de um homem ladeavam as portas. Um par de ministros e vários generais aguardavam rigidamente na antessala, homens adultos que seguravam os seus documentos sobre os joelhos, como crianças assustadas. Uma analogia bastante adequada, pensou Beria, pois crianças eram uma das coisas que viera discutir.

No entanto, já não estava tão impressionado com o Grande Estaline. Vira os terríveis erros de Estaline nas primeiras semanas da guerra, a sua obstinação, o seu pânico, o desperdício de milhões de vidas; sim, Estaline não teria vencido a guerra sem a ajuda dele. Será que Estaline não se apercebia de que ele, Beria, e os Órgãos haviam assegurado a coesão do Estado? Beria via-se não só como um chekista, mas também como o estadista mais capaz de toda a liderança.

O velho bêbedo não aprecia os meus talentos, pensou, embora agora se ache um génio e nunca pare de se gabar!

– O Mestre vai recebê-lo agora – disse Poskrebyshev, com a pele vermelha e lívida do rosto encarquilhada como se tivesse sido queimado. Os dois homens não gostavam um do outro: Poskrebyshev era um mísero escriba servil que detestava Beria e o culpava pela execução em 1939 da sua jovem e querida mulher, após a qual continuou a servir Estaline lealmente. Beria não lhe podia dizer, claro, que, embora tivesse levado a Estaline provas de que a mulher dele tinha ligações trotskistas, fora Estaline quem ordenara a sua execução.

Enquanto Poskrebyshev, de túnica e calções, o acompanhava pelo curto corredor que conduzia às portas duplas, Beria perguntou calmamente: – É uma boa noite? – Queria dizer: Estaline está bem-disposto?

– Está uma bela noite de verão – respondeu Poskrebyshev, querendo dizer: Sim, está. – Vai ver os uniformes novos dele. Aqui estão!

Três jovens robustos, todos atletas, entraram na antecâmara envergando uniformes cremes, galonados e dourados que não ficariam deslocados numa ópera de Offenbach. Um até tinha uma capa dourada. No seu encaço, arrastando os pés, vinha Lerner, o alfaiate, com os seus ágeis dedos de pontas brancas a contorcer-se com fita métrica e giz.

– Muito elegantes – troçou Beria.

– Ponham-se aqui – disse Poskrebyshev aos jovens. Depois, levantou um dos muitos telefones e disse: – Camarada Estaline, o Lerner está aqui. Os uniformes.

Por vezes, a vida era simplesmente demasiado absurda, refletiu Beria quando as portas duplas se abriram e Estaline surgiu, de rosto cansado e com o cabelo grisalho em pé como se tivesse sido rapado. Trazia uma túnica simples com apenas as suas platinas de marechal e uma única Ordem de Lenine.

– Quem são? – perguntou rudemente, olhando para os jovens. – O que é que estes pavões estão a fazer aqui? – Os três modelos fizeram continência. Lerner curvou-se.

– Os uniformes de generalíssimo para sua aprovação, camarada Estaline – disse Poskrebyshev. – O Lerner está aqui para lhe mostrar os detalhes mais subtis.

Lerner, que iniciara a sua carreira a coser os uniformes do czar, fez outra vénia.

– O camarada Estaline está-lhe grato, Lerner – disse Estaline, sempre educado com os «trabalhadores do serviço». Mas, para Beria e Poskrebyshev, rosnuu: – Quem é que teve esta ideia? Foste tu, Lavrenti? Pois isto não serve para mim. Preciso de qualquer coisa mais modesta. Lerner, quer que eu pareça um porteiro ou o regente de uma banda? – Virou costas e entrou de novo no escritório.

– Você está a desenhar roupa para o camarada Estaline, não para o Hermann Göring! – sibilou Beria a Lerner. – Volte para o estirador!

Lerner torceu as mãos e recuou para a antecâmara.

Enquanto Poskrebyshev fechava as portas depois de sair, Beria entrou na espaçosa sala de Estaline com os seus estores brancos aos folhos a cobrir a maioria das janelas. Na parede do fundo estavam retratos de Marx e Lenine e a máscara mortuária deste. Uma mesa comprida com vinte lugares, cada um com cadernos e mata-borrões, ocupava o centro da sala. Ao fundo, havia uma secretária com uma extensão que suportava cerca de oito telefones em baquelite e, perpendicular à secretária, uma mesa pequena que formava um T. A secretária estava muito arrumada, e não tinha quase nada em cima, exceto um mata-borrão, um cinzeiro com um cachimbo e um copo de chá fumegante. Atrás, havia um cofre cinzento do tamanho de um homem e uma porta pequena da qual Estaline agora

surgia, segurando uma garrafa de conhaque arménio. Sentou-se à secretária, deitou duas colheres da bebida no chá, que mexeu, e depois levantou a cabeça.

– *Gamajoba*. – Falava muitas vezes georgiano com Beria quando estavam sozinhos. – O que tens para mim?

– Muita informação, Josef Vissarionovich.

– Qual é o plano para a viagem à Alemanha?

Beria abriu o seu portfólio de couro e sacou alguns documentos. Mesmo depois de todos estes anos, de todos os esquemas, triunfos de guerra e construção partilhados, dos pequenos segredos de «trabalho negro», assassínio e tortura, Estaline ainda tratava Beria como um servo de confiança cuja especialidade era o trabalho sujo. Sim, houvera férias em família no mar Negro – Estaline gostava da mulher de Beria, Nina, e confiava no seu filho Sergo –, mas, ainda assim, Beria sentia-se menosprezado. Ainda em janeiro, num dos jantares em Ialta, Estaline apresentara-o ao presidente Roosevelt como «o meu Himmler». Foi nesse momento que começou a odiar Estaline. Bêbedo fanfarrão! Onde estaria Estaline sem ele?

– As reuniões com o presidente americano e o primeiro-ministro britânico começam dia 17 de julho – disse Beria.

– Serei o último a chegar. Os outros que cheguem primeiro – disse Estaline.

– Entendido.

– Tenho saudades do Roosevelt. Este Truman não chega aos calcanhares do Roosevelt. Quanto ao Churchill, é capaz de nos ir ao bolso para roubar um coque, sim, até um coque.

– Está tudo pronto para si em Berlim – disse-lhe Beria. O percurso para Potsdam tem 1923 quilómetros. Para garantir a segurança adequada, 1515 operacionais do MVD/MGB e 17 409 tropas do MVD estão colocados do seguinte modo: na URSS, seis homens por quilómetro; na Polónia, dez homens por quilómetro; na Alemanha, 15 por quilómetro. No percurso, oito comboios blindados farão a patrulha. Sete regimentos do MVD e 900 guarda-costas irão protegê-lo. A segurança interior do Sexto Departamento funcionará em três círculos concêntricos de 2041 homens e...

– Muito bem – disse Estaline, agitando a mão. Voltou a acender o cachimbo, soltando nuvens de fumo e vendo-as subir, com os olhos como

frestas húmidas, quase fechados.

– Está tudo aqui no memorando. – Beria passou-lhe algumas folhas datilografadas.

– Não quero guardas de honra nem bandas filarmónicas quando chegar. A sério. Estou cansado.

– Entendido.

– Mais alguma coisa sobre a nova arma americana?

– O dispositivo nuclear. Os nossos agentes no Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico dizem que está quase completo. É possível que a América o use contra os japoneses. Tem um poder destrutivo espantoso.

– Mantém-me informado. Então e as crianças?

– Fizemos algum progresso...

– Algumas delas estão contigo?

Beria sabia que «contigo» significava nas prisões dele. – Sim, quatro. – E deu os nomes.

– Um dos filhos do Satinov, hein? A que é que andavam a brincar?

– Investigámos e descobrimos que foi a rapariga, a filha do marechal Shako, que alvejou o filho do Blagov, o Nikolasha.

– Ah, Romeu e Julieta, é?

– Ela estava apaixonada por ele. Mas ele gostava de outra rapariga, Serafima Romashkina... sabe, a filha da atriz?

– Tal como eu pensava. Um triângulo amoroso.

– Tinha razão. Quando a Rosa Shako descobriu que o embaixador Blagov ia ser colocado no estrangeiro e que o filho ia com ele, qualquer coisa cedeu e ela matou-o.

– E depois matou-se? – O suicídio era um tema sensível para Estaline: Nadya, a mulher, suicidara-se. Um longo silêncio. – A Nadya teria quarenta e três anos agora. – Estaline suspirou e depois recompôs-se. Silêncio. Apenas o brando franzir de lábios de um velho a fumar cachimbo.

Beria aguardou. Sabia que Estaline estava a pensar no Caso das Crianças. Beria não tinha vontade nenhuma de interrogar adolescentes. Era complicado, de algum modo demasiado próximo do seu querido filho, que também frequentara a Escola 801. «São apenas crianças inofensivas. Libertemo-las», sentia-se tentado a dizer. Mas ele e Estaline sabiam melhor do que ninguém que nenhuma ferramenta no mundo era tão

poderosa na gestão de homens como uma ameaça aos seus filhos. Ergueu os olhos turvos e incolores para enfrentar o impiedoso olhar de Estaline.

– Disseste que estavam fantasiados? – Um sorriso de tigre.

– Correto – disse Beria. Estaline bateu no cachimbo. Agora era ele quem estava à espera. Beria mexeu nos documentos e leu o relatório de Kobylov. – «Ambas as crianças mortas eram membros de um grupo secreto chamado o Clube dos Românticos Fatais. Filiação oculta e selecionada. Encontros clandestinos em cemitérios. Obsessão por romance e morte.»

– Andavam a ler o *Drácula*? – perguntou Estaline, perplexo.

– Pushkin.

– Pelo menos estavam a estudar boa literatura.

– Como viu de imediato, é uma história de amor adolescente. Nada de novo. Libertamos as crianças agora? – Beria arrependeu-se logo das suas palavras.

– Sabes o que estavam a fazer?

– O Kobylov diz que era uma coisa chamada o Jogo.

– E o Kobylov não se lembrou de descobrir o que era esse Jogo? E onde é que a Rosa Shako arranjou a arma? – Beria sabia que Estaline nunca perdoara o cunhado por dar à mulher a pistola que ela usara para se suicidar. – Há mais a fazer no Caso das Crianças.

Estaline recostou-se na cadeira e premiu um botão que fez soar uma campainha lá fora.

Poskrebyshhev abriu a porta e pôs-se em sentido, de caderno erguido e lápis pronto. – Sim, Josef Vissarionovich?

– Sasha, vamos convidar alguns camaradas para ver um filme e comer qualquer coisa. Liga ao camarada Satinov e ao resto dos Sete.

Já era meia-noite e meia. De Vladivostok, a leste (onde os exércitos soviéticos se reuniam para atacar o Japão), a Berlim, a ocidente, os russos e os povos por eles dominados dormiam, mas não os seus líderes. Em Moscovo, ministros, marechais e chekistas aguardavam às suas secretárias que o camarada Estaline saísse do escritório. Agora que Estaline convocara os Sete para jantar, Poskrebyshhev informaria alguns amigos mais próximos de que também podiam ir para casa.

– Estás ocupado mais tarde, camarada Beria?

– *Didi madlobt*, muito obrigado – disse Beria em georgiano. Ocupado mais tarde? Quem se atrevia a estar ocupado mais tarde? Não ele, certamente.

## DEZOITO

À uma da manhã, a vigia de Judas da porta da cela de George Satinov abriu-se com um estalido. Estava a dormir bem pela primeira vez, porque tinha a certeza de que os interrogatórios tinham terminado. Os interrogadores haviam parecido satisfeitos com as suas respostas e, depois, tinha sido levado de volta à cela e fora-lhe dada uma refeição. Agora, de repente, temia que houvesse mais. O tinido de porta-chaves, o som de botas sobre betão e, depois, momentos mais tarde, as fechaduras rangiam.

– Veste-te. Agora. – Ouviu outras portas a abrir, outras fechaduras a rodar e pensou em quem mais da sua escola estaria ali. Enquanto era escoltado pelos corredores, ouviu outro preso segui-lo. Seria Vlad? Ou Minka? Desejou que Minka se encontrasse bem e que mais ninguém estivesse em dificuldades: nem Serafima, nem Andrei. Ansiava ver Minka, para que ela soubesse que ele estava perto e que não a traía. Será que estou apaixonado por ela?, pensou. Como é que se sabe uma coisa dessas?

Filas de portas de celas, detergente a rivalizar com suor, escadas metálicas. – Olhos em frente! Nada de conversa! – berrou um dos carcereiros.

– Prisioneiro, entra na caixa – disse o outro, e ele foi guiado à força para dentro de uma caixa de metal que parecia um caixão em posição vertical: cerraram a porta e rodaram a fechadura. Ofegante, George começou a suar. Ouviu outro preso chegar, tal como ele, e também a esse preso foi ordenado: – Olhos em frente! Nada de conversa!

Pela maneira de andar, pela respiração do prisioneiro, imaginou que fosse Minka. Por um momento retesou as cordas vocais e preparou-se para gritar: «Minka! És tu? Sei que estás aqui!» Mas em breve o corredor estava vazio de novo, o caixão aberto, e ele podia respirar livremente. Escadas acima e abaixo, através de mais portas vedadas. Enquanto era

conduzido para as salas de interrogatório, pensou na fúria do pai: – Eu próprio vos estrangulo – dissera a George e Marlen, se descobrisse que estavam envolvidos no tiroteio. E agora George estava. O que diria o pai?

Dentro da sala, George encontrou não só Mogilchuk, o ruivo dos óculos, mas também o gigante Kobylov. Ambos estavam tensos, concentrados. Tinha acabado a brincadeira.

– Estamos quase prontos para te mandar para casa – disse Mogilchuk. Passou-lhe uma chávena de café – Para ti! – e pô-la à frente dele.

– Obrigado – disse George. Sorveu o café. – Trabalham sempre à noite?

– Sabes como funciona, pelo teu pai – respondeu Mogilchuk.

– Agora – disse Kobylov, com os dedos carregados de anéis a tamborilar como baratas com diamantes às costas –, diz-nos só uma coisa: o que era o Jogo?

– O Jogo? – disse George, surpreendido.

– Queremos os pormenores – explicou Mogilchuk.

– Era uma pantomima, na realidade.

– Quem é que a dirigia?

– O Nikolasha e o Vlad.

– E vocês fantasiavam-se?

– Sim, mas porque é que isso importa? Não tem nada a ver com o que aconteceu.

– Isso cabe-nos a nós decidir – disse Kobylov. – Continua.

\*

Minka abanou a cabeça. – Eu nunca o levei a sério. Achava aquilo absurdo.

– Mas em que *consistia* o Jogo, prisioneira Dorova? – perguntou Kobylov. Mogilchuk estava sentado a seu lado, a escrever.

– Era uma reconstituição.

– De quê?

– De literatura ou história.

– Não estás a ser clara, rapariga, desembucha. Precisamos de resolver isto até ao nascer do sol.

– Por vezes era a morte do próprio Pushkin. Reconstituíamos o duelo em que ele foi morto...

... e por vezes – continuou Vlad na terceira sala de interrogatório – era o duelo do *Onegin* de Pushkin.

– Quem decidia? – perguntou Mogilchuk.

– O Nikolasha.

– E depois o que acontecia?

– Íamos buscar os trajes e aparecíamos no cemitério, onde o Nikolasha dirigia os nossos rituais.

– Rituais? – repetiu Kobylov, que por esta altura estava encostado à parede, a fumar compulsivamente.

– Entoávamos cânticos.

– Que cânticos? – Kobylov inclinou-se sobre Vlad, soprando-lhe fumo para o rosto.

– Está a assustar-me – disse Vlad.

– Assusto-te a sério se não me respondes.

– Bem, primeiro... o Nikolasha via quem estava presente no seu Livro de Veludo do Amor e dizia qualquer coisa do género: «Camaradas românticos, estamos aqui para celebrar a supremacia da paixão sobre a ciência. Sem amor, que morramos jovens.» E todos repetiam: «Sem amor, que morramos jovens!»

Kobylov abanou a cabeça e exalou uma baforada de fumo com uma tosse húmida. – Isso soa-me a vudu!

– Foi o que eu pensei – concordou Andrei. – Só fui uma vez ao clube secreto. Preocupava-me. Era antissoviético. Mas ninguém o levava a sério, a não ser o Nikolasha, o Vlad e a Rosa.

– Ela participava nos cânticos?

– Sim, e depois dizia: «Quem morre hoje?»

– Isso é sinistro – disse Kobylov. – Continua, prisioneiro Kurbsky.

– Depois, o Nikolasha decidia quem fazia de Onegin e de Lensky. O Onegin mata o Lensky no duelo.

– E depois?

– Encenámos o duelo, a ler poesia.

– Usando que armas?

- As pistolas de duelo do teatro.
- E as pistolas de duelo disparavam cartuchos sem balas?
- Sim.
- Portanto não havia armas a sério?
- Que eu tenha visto, não.

– Depois, eles escolhiam as pistolas do estojo e a seguir, erguendo-as, davam os passos – disse George.

– Como um duelo a sério? – perguntou Mogilchuk, parecendo interessado pela primeira vez nessa noite.

– Sim, às vezes eu fazia a contagem.

– Contagem de quê?

– Dos passos no duelo. Eu tinha de dizer: «*Aproximem-se à vontade!*» Naquela noite, o Nikolasha estava a fazer de Onegin e a Rosa estava a fazer de Lensky, e eles começaram a dar os passos ao fundo da ponte. Trajados. Estava a abarrotar de gente, mas nós seguíamos sempre o poema à letra.

– O que é que eles disseram?

– Não me lembro exatamente.

– Raios partam, prisioneiro, não estou aqui para uma aula de Literatura.

– O Lensky tentou apontar, mas o Onegin, isto é, o Nikolasha, foi mais rápido.

– Então tu viste as pistolas? – perguntou Kobylov.

– Sim. Só as pistolas de duelo do teatro – disse Minka.

– E qual era o aspeto delas naquela noite?

– O mesmo de sempre. Não estávamos a prestar assim tanta atenção, general.

– O que estavam a fazer?

– A beber *vodka*. E a rir. O George, o Andrei, a Serafima...

– Não estavam a assistir?

– A ponte estava cheia de gente, por isso eu estava sempre a perder o George e a Rosa de vista e... De qualquer modo, achámos que era uma piada. – Minka começou a chorar.

– Eu levava-o a sério – admitiu Vlad. Esfregou os olhos, com os dedos a agitarem-se compulsivamente, e Kobylov percebeu que ele ainda estava em choque. – Alguns dos outros andavam a fazer palhaçadas e a estragar a noite. Mas o Jogo era um tributo sério ao Pushkin. O Nikolasha ficava zangado quando os outros brincavam.

– Concentra-te, prisioneiro Titorenko. Diz-nos o que aconteceu.

– Como a Rosa era o Lensky, era ela quem ia morrer.

– Como é que se preparavam para os papéis?

– Eu tinha o traje: sobrecasaca, botas, tricórnio. Quem fazia de Lensky, neste caso a Rosa, tinha sangue artificial do teatro preparado.

– *Sangue artificial* – escreveu Mogilchuk.

– Deram os passos. O Nikolasha armou a pistola.

– E a Rosa fez pontaria com a dela?

– Sim.

– O Nikolasha apontou a dele?

– Sim, e recitou os versos do Pushkin que relatam o duelo: *E foi então que Onegin disparou!*

– Não quero a merda da vossa poesia! – Kobylov deu uma pancada na mesa. – Anda para a frente com isso!

– Era muito dramático. O Nikolasha disparava a pistola e depois a Rosa caía enquanto nós recitávamos:

*Nenhum poder terreno*

*Pode trazê-lo de volta: o cantor partia,*

*Abatido pelo destino ao romper do dia!*

Mogilchuk inclinou-se para a frente. – Mas ele não disparou a pistola, pois não?

– Não – disse Andrei. – O Onegin devia matar o Lensky. Depois, eles iam pôr:

*O cadáver gelado no trenó, preparando-se  
Para mais uma vez levar o corpo para casa*

– Mas isso não aconteceu?

– Não, porque uns marinheiros bêbedos estavam sempre a interferir, e a ponte estava tão cheia que a maioria de nós separou-se...

– Mas o Nikolasha e a Rosa ainda seguravam as pistolas?

– Acho que sim. Nós andávamos à procura deles. Tínhamos todos bebido *vodka* e estávamos na palhaçada. Mas eu não conseguia vê-los e então de repente ouvi dois tiros. – Levou as mãos aos ouvidos e olhou para Kobylov, aflito. – Ainda consigo ouvi-los. Bum! Bum! Mesmo agora!

– *Aquilo* era o Jogo? – Kobylov coçou o cabelo encaracolado. Eram quatro da manhã e faziam uma pausa à porta das salas de interrogatório. – Era só aquilo?

– Crianças ridículas – concordou Mogilchuk.

– E eles morreram por causa desta pantomima infantil. – Kobylov esfregou o rosto lassamente. – Vamos, camarada. Antes de fazermos o relatório, precisamos de mais uma peça do *puzzle*.

– Muito bem, George – insistiu Mogilchuk. – Estamos quase lá. Mas preciso de te fazer umas perguntas sobre a arma do crime. Era uma pistola de serviço *Mauser* e nós encontrámo-la no chão. Ora, sabemos quem matou quem...

– O Nikolasha matou a Rosa, o filho da mãe – respondeu George avidamente.

– Responde à merda da pergunta, rapaz. O Nikolasha tinha uma pistola?

George recostou-se na cadeira. – Não faço ideia. Tenho a certeza de que os pais dele têm armas em casa.

– Com certeza. Mas suponhamos que não foi o Nikolasha quem disparou a *Mauser*. Suponhamos que foi a Rosa.

\*

– Viste a Rosa com uma pistola *Mauser*, prisioneira? – perguntou Kobylov a Minka.

– Não. O Nikolasha é que era obcecado por armas e pela morte.

– Então viste o Nikolasha com uma pistola?

– Sim.

– Uma pistola de duelo?

Minka pôs a cabeça entre as mãos para pensar. Quando olhou de novo para cima, Kobylov percebeu que ela estava tão cansada, que já não se conseguia concentrar.

– Não – disse lentamente. – Era uma pistola a sério.

Kobylov sorriu. Finalmente estavam a chegar a algum lado.

– Onde é que ele a arranjou?

De súbito, Minka pareceu preocupada. – Não sei.

– Então como é que *tu* viste a *Mauser*?

– Eu estava a observar o Nikolasha quando ele tirou as pistolas de duelo do estojo antes de o Jogo começar. Ele pôs a pistola verdadeira no lugar delas.

– Ele tencionava usar a pistola verdadeira e mudou de ideias no último minuto?

– Possivelmente. Ele acreditava em todo o tipo de coisas estúpidas. Disse que o duelo era a linha da frente entre a vida ordinária e o romance extraordinário. – As lágrimas começaram de novo a correr pelo rosto de Minka. – Costumava dizer coisas desse género. Talvez uma arma verdadeira tornasse o duelo ainda mais real.

– Não nos escondas nada, Andrei – disse Mogilchuk. – Sabes que a tua mãe está sozinha. Está preocupada, Andrei. Tu és tudo o que lhe resta.

– Como é que o Nikolasha arranjou aquela pistola? – perguntou Kobylov.

– Depois do jantar em Aragvi, no parque de estacionamento, o Nikolasha perguntou se algum de nós tinha uma arma.

– Porque haveria ele de perguntar isso?

Andrei encolheu os ombros. – Ele estava sempre a dizer coisas parvas. Disse: «A morte é melhor do que a rotina.» Um perfeito disparate.

– E alguém tinha uma arma?

Andrei hesitou, fitando a mesa.

– Não gostava nada de ver a tua mãe nos comboios para Norilsk – insinuou Mogilchuk. – A maioria das pessoas não chega aos campos. Morre pelo caminho e, quando o comboio abranda, os outros presos deitam fora os corpos. Sabias isto, Andrei?

– Não. – Ele tremia.

– Pensa, Andrei, quem é mais importante para ti? A tua mãe ou aqueles fedelhos?

Andrei endireitou-se e olhou diretamente para Mogilchuk. – O Nikolasha perguntou ao George, que disse que não tinha uma arma. Mas os guarda-costas do pai tinham.

Kobylov sentou-se ao lado de Vlad Titorenko e pousou um braço em cima do ombro dele. – Estás a ver? Isto pode ser divertido. Agora, onde é que a Rosa arranjou a arma?

– A Rosa? Eu não a vi com ela.

– Mas viste-a abrir o estojo das armas?

– Sim. – Vlad sussurrava.

– Em que a Rosa pegou. Foi *assim* que ela arranjou a arma – disse Kobylov devagar.

– Mas a Rosa adorava o Nikolasha – disse George. – Ela nunca se interessou por armas. Nunca fez mal a uma mosca.

Kobylov e Mogilchuk estavam de frente para George. – Deixa o trabalho de detetive para nós, George – disse Kobylov, rodando os anéis nos dedos. Era de manhã cedo e algures sobre as muralhas de Lubianka o horizonte resplandecia de luz. Em breve resolveriam o caso e poderiam ir para casa. – Quem é que deu a *Mauser* ao Nikolasha?

Um espasmo. Como a primeira mordida de um peixe na ponta da linha. Kobylov olhou para Mogilchuk e reparou no seu queixo inchado.

– Não sei.

Kobylov inclinou-se para a frente sobre os cotovelos, de tal modo que George quase conseguiu saborear-lhe o hálito a especiarias, e sentir o seu poder.

– Deste aquela arma ao Nikolasha, prisioneiro?

George suave. A sua confiança, o seu privilégio, a sua própria vontade de existir pareciam ter desvanecido. Estava simplesmente assustado, uma criança assustada em graves dificuldades, e Kobylov estava satisfeito.

– Mas vocês disseram que a Rosa alvejou o Nikolasha. Eu não lhe dei nenhuma arma. Juro!

– Nós sabemos onde a Rosa foi buscar a arma. Ao estojo. E sabemos como é que a arma chegou ao estojo. Foi o Nikolasha quem a pôs lá. Então como é que o Nikolasha a arranjou?

George dobrou-se e começou a soluçar. Kobylov aproximou-se para dar o golpe final.

– Oh, meu Deus! O meu pai vai matar-me.

– Esquece o teu pai, George. Não nos interessa quem é o teu pai. Até podia ser o rei de Inglaterra. Temos ordens do Comité Central para te desfazermos em pó se for preciso. Agora, deixa-me perguntar-te outra vez: deste...

– Sim! – berrou George. – Eu dei a pistola ao Nikolasha. Ele pediu-ma e eu não fiz caso disso. O meu pai tem uma pistola. O meu irmão tem uma pistola. Meia Moscovo tem pistolas, pensei eu. Ele podia ter arranjado uma em qualquer lado.

– Mas ele não arranjou uma pistola em qualquer lado, pois não, George? Arranjou-a através de ti.

George assentiu com a cabeça, com o rosto inchado de chorar.

– E onde é que tu a conseguiste? Foste ao gabinete do teu pai e pegaste nela? A *Mauser* que matou duas crianças pertence-lhe?

George ficou muito quieto. Depois, debruçou-se sobre a secretária e vomitou.

## DEZANOVE

Desde o momento em que chegou à Dacha Próxima, de Estaline, nessa noite, Satinov só conseguia pensar no filho.

Estaline, os Sete Líderes e Poskrebyshv estavam sentados à mesa comprida na sombria sala de jantar com lambris de madeira. Discutiam a guerra iminente contra o Japão imperial, mas Satinov só conseguia pensar no que George estaria a fazer. A dormir? Mais interrogatórios? George, o seu filho impertinente; o seu filho desobediente e antibolchevique; sim, o seu filho preferido.

– Podemos entrar? – Valechka Istomina, a alegre governanta de Estaline, e as suas assistentes, senhoras anafadas de batas brancas, como enfermeiras, trouxeram o jantar em carrinhos: um festim georgiano com espetadas *shashlik*. Pousaram os pratos no aparador. Valechka foi ter com Estaline, bamboleante. – Está tudo pronto para si, Josef Vissarionovich – disse num tom indulgente. Estava muito à vontade com ele. – Tal como gosta!

– Obrigado, Valechka. Bebe um copo de *Telavi*. Mereces. – Estaline tratava a governanta como família, e Satinov pressentiu que a ligação deles era mais próxima do que se pensava. – Venham. – Estaline ergueu as mãos para Satinov e os outros. – Sirvam-se!

Os líderes seguiram-no até ao aparador.

– Está tudo bem, *bicho*? – Estaline estava mesmo ao lado dele, a servir a *lobio* com uma concha e depois a absorvê-la com pão.

– Sim, claro – respondeu ele, tirando o facto de o meu filho estar na prisão, como bem sabes, pensou secamente.

– A Tamriko está de boa saúde? Ainda a dar aulas de Inglês?

– Sim, está.

– A família? – Estaline olhou-o nos olhos, desafiando-o a mencionar George, a pedir perdão, a interceder e infringir todas as regras, a revelar

uma amargura que mancharia toda a família e provocaria a sua destruição total. Não hesites numa única pergunta, disse Satinov a si mesmo. Não fujas ao olhar dele. Não tens nada a esconder de Estaline, nem sequer um vestígio de ressentimento.

– Está tudo como deve ser – respondeu com firmeza.

Os olhos cor de avelã de Estaline não o deixaram. – Ótimo! Serve-te do jantar.

Satinov expirou. A ferocidade fria e comprimida de Estaline nunca deixava de o espantar.

Depois da comida: brindes. Estaline escarneceu de Beria por não comer as *shashliks*: – Continuas a comer aquela erva? Estás a tornar-se uma espécie de vaca. – Depois, gozou com Malenkov e o seu queixo triplo: – Come menos! Sugiro ginástica com o Satinov.

– Ou dança? – sugeriu Nikita Khrushchev. Satinov observou esta personagem atarracada: verrugas no rosto, dentes de cavalo, um fato tão folgado como um saco. Era um autêntico camponês. – O camarada Satinov não é um perito na *lezginka*?

Estaline voltou-se para ele. – Pensava que *tu* é que eras o grande dançarino, Nikita.

– Eu? Mal consigo dar dois passos.

– Acho que precisamos de te ver dançar, não é, camaradas? – sugeriu Estaline, com os olhos a brilhar.

– Ouvi dizer que o Khrushchev é o melhor dançarino que temos! – gritou Beria.

– O melhor de todos! – acrescentou Malenkov.

Zhdanov soluçou. Estava pálido como um cadáver. Nunca participava neste tipo de palhaçadas. Era um homem sério.

– Mostra-nos – ordenou Estaline.

– Eu não posso... não devo... Não depois de um banquete destes! – disse Khrushchev, ansioso.

– Acho que vais sobreviver – troçou Estaline. – Camaradas, vamos votar. Quem deseja ver se o camarada Khrushchev consegue dançar o *gopak*?

Satinov ergueu a mão. Beria, Poskrebyshev, Zhdanov e Molotov imitaram-no.

– Unânime! – declarou Estaline.

– Dança! – berrou Beria, que já começara a bater palmas.

– É uma ordem do Politburo! – brincou Estaline.

Os outros, todos exceto Estaline, também bateram palmas a compasso, cantando: – Dança, Khrushchev! Dança, Khrushchev!

Khrushchev olhou para Estaline, que encolheu os ombros em jeito de desculpa e abriu as mãos. Khrushchev levantou-se e, erguendo as mãos e dobrando os joelhos, começou a dançar o *gopak*.

– És como uma vaca sobre gelo! – Estaline marcou o tempo, batendo com a mão na mesa. – Não tens sentido de ritmo nenhum, Nikita. Senta-te, já!

Khrushchev afundou-se ofegante na sua cadeira.

Beria, que estava a servir de *tamada*, aquele que anuncia os brindes numa festa georgiana, fez uma série de brindes aos dançarinos e às dançarinas – sobretudo às dançarinas.

Estaline estava concentrado em Zhdanov. – Estás aí sentado muito virtuosamente como Cristo em pessoa, mas não bebeste grande coisa.

– Ele devia beber um *shot* de multa – disse Beria. Satinov sabia que Beria detestava Zhdanov, o companheiro de Estaline em questões intelectuais. A escolha de Estaline para seu sucessor.

Fios de suor corriam pelo rosto de Zhdanov, e era evidente para Satinov que ele estava doente. – A Kremlevka diz que eu tenho de me refrear. É o meu coração – explicou ele.

– A Kremlevka? A médica de lá? – perguntou Estaline.

– A Dra. Dashka Dorova.

– A receber ordens de uma mulher, hein? Pois então obedece à tua médica – disse Estaline com um sorriso. – Mulheres com ideias são como arenques! – Detestava mulheres independentes.

– O camarada Poskrebyshev também não bebeu aquele último brinde como deve ser – disse Beria sorrateiramente.

– É verdade, Sasha? – perguntou Estaline.

– Bebi, sim. Não viram?

– As regras dizem que o camarada Poskrebyshev tem de pagar uma multa: três *shots* em um! – disse Beria.

Estaline ergueu as sobrancelhas, sorrindo. Beria encheu um copo com *vodka* e Malenkov, seu comparsa, passou-o a Poskrebyshev, que se levantou. Respirando fundo, bebeu-o de um trago: glu glu glu. Corado,

vacilou. Um soluço abalou-lhe o corpo, e ele correu para as portas envidraçadas, abriu-as de rompante e vomitou para o lago de peixes lá fora. Beria começou a rir às gargalhadas.

– O Sasha é a pessoa mais teimosa que já conheci – disse Estaline, tentando não se rir. Mas, depois, a expressão dele mudou de repente. – Acho que estás a exagerar, Beria. Para de te meter com as pessoas que estão à minha mesa. Não gosto. Estás a baixar o nível da festa!

– Tem razão – disse Beria. – Peço desculpa.

– Vai ver se ele está bem.

Beria levantou-se e seguiu Poskrebyshev até lá fora, à luz cinzenta.

– Acho que está na hora de dormir. – Estaline ergueu-se, ligeiramente vacilante. Apoiando-se no caixilho da porta, saiu para o alpendre à frente da casa. Guardas de fatos brancos estavam parados como estátuas nos jardins iluminados. O sol erguia-se sobre Moscovo.

Os líderes saíram cambaleantes para o alpendre, perros, de olhos congestionados e pálidos como um prato de *kasha*. Ocorreu a Satinov que nunca vira um bando de homens de meia-idade tão pouco saudável fora de uma enfermaria.

Olhou para trás e viu Beria a tentar levar Poskrebyshev da sala de jantar pelo corredor. – Tragam-no cá para fora! – gritou Estaline.

Juntos, arrastaram Poskrebyshev até ao exterior. Passaram por Estaline, desceram os degraus e enfiaram-no no banco de trás do carro dele.

Enquanto o faziam, Beria pegou na mão de Satinov, apertou-a com força e sussurrou-lhe tão perto do ouvido que o molhou com saliva: – O George está bem. As crianças vão para casa.

– O que estás a dizer? – gritou Estaline.

– Estou-lhe a dizer que o Poskrebyshev vai vomitar outra vez – disse Beria.

– Pah! – disse Estaline em voz rouca.

Satinov sentiu-se fraco de alívio. Os Órgãos haviam investigado o tiroteio, e estava tudo resolvido. Não ia repreender George de novo, decidiu. O rapaz já tivera castigo que chegasse.

A estrada era de um malva profundo, o céu, lilás com rasgos de rosa: uma perfeita madrugada de verão russa. Um doce aroma a flores e resina emanava do bosque. Um pavão no jardim de Estaline trinou um agudo liii-at! Liii-at! Um rouxinol arrulhou as suas últimas notas.

Estaline colheu uma rosa, cheirou-a de olhos fechados e deu-a a Satinov.  
– Para a Tamriko – disse.  
Satinov percebeu. Era pelo George.

## VINTE

Às sete e vinte daquela manhã, o Dr. Rimm, vice-diretor da Escola 801, apelidado de Cantigas pelas crianças, aguardava na arrecadação do encarregado da limpeza. Tinha o pressentimento de que estava prestes a ouvir uma revelação. Há algum tempo que não havia cartas de amor da enigmática «Tatiana», não desde o tiroteio. Mas ele não estava a pensar nisso. Estava a pensar no bilhete que recebera dois dias antes.

Estava na sua sala, a preparar-se para a aula de Ética Comunista, quando reparou no envelope que espreitava do seu exemplar da *História do Partido Comunista-Bolchevique da URSS*. Quando o viu, o seu coração palpitou: seria outra carta de amor? Aquelas cartas haviam-no mantido vivo durante o último período. Rimm estava há muito divorciado de uma instrutora do Partido Comunista que conhecera num acampamento dos Pioneiros na Crimeia – e desde então que não tinha namorada. Mas não merecia ele ser feliz como o resto das pessoas? (Porque é que as mulheres adoravam Benya Golden? O que é que aquele melífluo e afetado mulherengo tinha que Rimm não tivesse? Não sabiam que ele tinha a reputação manchada?) A sensação de que alguém – ele achava que sabia quem era – o amava havia restaurado o seu orgulho ferido. Sabia que a paixão deles era impossível, pelo menos por enquanto, mas esta aura de amor dava-lhe confiança nas suas ambições.

O envelope estava endereçado numa caligrafia infantil. As cartas de amor de Tatiana eram sempre datilografadas em maiúsculas. Mas a desilusão passara depressa. A escola estava em aflição: duas crianças mortas, outras presas, todas elas descendentes de figurões bolcheviques. Por esta tragédia, estava convencido, a podridão da chefia da diretora Medvedeva seria exposta. Ela cometera erros, permitindo que heresias bacterianas alastrassem pela escola. Ele avisara-a do perigo de contratar Golden como professor e permitir que a facção dos Românticos Fatais se

entregasse ao romantismo burguês. E fora-lhe dada razão da forma mais horrenda possível. Apenas ele podia livrar a escola dos erros antibolcheviques e antipatrióticos dela. Abriu o bilhete. *Preciso de falar com uma pessoa da autoridade. Podemos encontrar-nos junto à arrecadação do encarregado da limpeza às sete e meia? Um jovem camarada.*

– Tra-la-la Estaline... – Desatou a trautear a sua cantiga preferida. Soubera logo, com um ímpeto de energia no seu âmago, que este bilhete prenunciava o seu momento.

Por isso, estava ali à espera agora. Acordara às quatro da manhã, com o coração a palpitar, e passara por Moscovo desde a madrugada, tomando um café no Hotel Moskva apenas para celebrar. Não servira na guerra (demasiado velho, e os seus problemas de ancas), mas ansiava ser espião ou líder. Conhecia pessoas nos Órgãos e elas apreciavam-no. E, agora, era o único comunista honesto e vigilante na escola, pronto a cumprir o seu dever. Que hora era agora? Sete e quarenta e ainda ninguém chegara. Dentro da arrecadação, começou a cantarolar por entre dentes.

A porta abriu-se e ele sobressaltou-se. Era o homem da limpeza, aquele tajiique encanecido de bata castanha.

– O que está a fazer aqui? – perguntou o homem.

Rimm não pensara no aspeto que daria: um professor importante como ele a esconder-se num armário cheio de lixívia e papel higiénico.

– Como se atreve! – rosou. – Continue a trabalhar! E nem uma palavra a ninguém! Ou vai no próximo comboio para casa, para o Turquestão!

– Sim, patrão – disse o homem, recuando rapidamente.

Cinco minutos mais tarde, Rimm abriu a porta da arrecadação para apanhar um pouco de ar – e ali estava ele, um rapazinho escuro a aproximar-se com os passos hesitantes e a vigilância ágil de uma criatura noturna. Quando viu Rimm, paralisou.

A arte furtiva de um espião é-me natural, pensou Rimm, enquanto conduzia o rapaz para a sua sala de aula. Fechando a porta, sentou-se à secretária e apontou para a primeira fila de carteiras. O rapaz sentou-se.

– Demian Dorov, porque me escreveste aquela mensagem? – perguntou.

Demian fitava Rimm com um ar aterrorizado.

– Se alguém perguntar, podemos dizer que eu te estive a dar explicações sobre a poesia stakhanovita – disse Rimm mais suavemente. – Foste muito corajoso em ter vindo falar comigo.

Demian assentiu com a cabeça e relaxou um pouco, mas mesmo assim não falou.

– O que tens para mim? – perguntou Rimm de novo.

Demian abanou a cabeça. – Nada – disse ele. – Eu... eu estava só a brincar.

Pensa como um chekista, como um bolchevique, disse Rimm a si próprio. Analisa o teu informador e a família dele. Aí estará a chave.

A família Dorov. O pai, Genrikh, era presidente da Comissão de Controlo do Partido, um bastião admirável da disciplina e da moral; a mãe, aquela bonita médica e ministra da Saúde. Tinham quatro filhos. Depois de um filho no exército, a filha, Minka, tinha a beleza da mãe mas não se interessava pelo Partido e era frívola e impertinente. Os Órgãos tinham feito bem em detê-la. Senka, o miúdo, era esperto mas demasiado mimado pela mãe. Portanto, Demian Dorov, que se parecia com o pai e tentava imitá-lo chefiando os Jovens Pioneiros da escola, estava no meio dos dois favoritos. Rimm sentiu uma súbita simpatia por ele: também Demian era menosprezado. As outras crianças chamavam-lhe o Fuinha, mas talvez também ele tivesse visto o veneno do romantismo burguês infiltrar-se naquela escola podre...

Rimm desceu do seu lugar no estrado e sentou-se na carteira ao lado de Demian.

– O Partido já reparou em ti, e eu sempre soube que tu vais longe.

– Obrigado – disse Demian. Rimm notou que ele estava um pouco corado.

– Acho que os teus pais não te dão o devido respeito. Andam demasiado ocupados com o trabalho importante deles. Ou, no caso da tua mãe, com o teu irmão mais novo, o preferido dela. Estou certo?

Demian acenou ligeiramente com a cabeça.

– Se fizesses alguma coisa pelo Partido, acho que podíamos mudar isso – continuou Rimm. – Deixa-me ajudar-te. – Mas Demian tinha começado a agitar-se nervosamente de novo. – Podes escolher – disse Rimm devagar. – Podes ser um herói, como o Pavlik Morozov, que denunciou os seus pais malvados, e contar-me tudo, ou podes guardar um segredo. Mas,

se o fizeres, e nós descobrirmos, podes destruir a tua família. – Fez uma pausa, dando tempo ao rapaz para assimilar as suas palavras. – Diz-me o que sabes. As mais altas autoridades do Partido estão interessadas. Agora!

Os olhos de Demian pestanejaram rapidamente. Rimm pôs as mãos nos ombros estreitos do rapaz. – Eu sei que és capaz de fazer boas ações bolcheviques. – Por fim, relutante, Demian foi à sua sacola e tirou-o. Um caderno com capa de veludo.

– Eu reconheço esse caderno. Era do Nikolasha. Onde é que o arranjaste? – perguntou Rimm.

– O Senka encontrou-o na noite das mortes e levou-o para casa.

– Escondeu-o?

– Debaixo do colchão no quarto dele.

– Deve ter pegado nele mesmo nas barbas dos Órgãos. Leste-o?

– Não.

Rimm não acreditou nele. Abriu o caderno e por um momento ficou desiludido. «O Livro de Veludo do Amor.» Sarrabiscos de uma criança. Mas, ao olhar para o seu conteúdo – listas de nomes, crónicas de reuniões, rituais estranhos –, pressentiu que havia ali um tesouro.

– Demian, fizeste uma coisa maravilhosa pelo Partido. Fica descansado, que isto vai ser o nosso segredo. Fizeste bem em trazer-me isto. Agora, prossegue com o teu dia. E não contes nada a ninguém.

Demian retirou-se apressadamente, deixando Rimm com o caderno. Pensativo, Rimm dirigiu-se à nova Biblioteca Lenine e sentou-se a uma mesa num dos cantos mais remotos. Deveria mostrar o caderno à diretora Medvedeva? Talvez, mas ela podia recusar-se a levar o caso mais longe. Ou podia denunciá-lo por se intrometer numa investigação oficial. Ela tinha todos os motivos para abafar isto, para os seus próprios fins. Além disso, ele, Dr. Rimm, era secretário do comité do Partido Comunista da escola, enquanto ela era uma mera professora.

De resto, se ele mantivesse o caderno na escola, este permaneceria um assunto da escola, ao passo que o caso dizia certamente respeito a autoridades superiores. E se o levasse ao pai de Demian, Genrikh Dorov, presidente da Comissão de Controlo Central? Em circunstâncias normais, sim, mas a filha dele, Minka, estava a ser investigada e o papel de Demian na obtenção do livro poderia afetar o discernimento do camarada Dorov.

Talvez devesse levar a informação ao próprio camarada Satinov. O camarada Satinov diria «Camarada Rimm, há alguém que quer vê-lo, para ouvir isto da sua boca», e uma porta de um escritório do Kremlin abrir-se-ia, e ali estaria o Grande Estaline em pessoa, a fumar o seu cachimbo: «Camarada Rimm, finalmente encontramos-nos. Ouvi falar muito de si», diria Estaline. Mas não, não, a mulher de Satinov era professora e o filho dele, George, também havia sido preso.

Portanto, era evidente. Rimm teria de tratar disto sozinho. Resumindo, este era um caso para os Cavaleiros da Revolução.

Estaline estava deitado no sofá do pequeno gabinete revestido de lambris da Dacha Próxima, a sentir-se cansado, ressacado e mal do fígado. Era final de tarde. Abriu um romance de Zola com indiferença e depois leu o guião do filme *Ivan o Terrível: A Conspiração dos Boiardos*. Não lhe agradava. Tinha de ser re escrito. Quem iria fazê-lo?

Uma pancada na porta e aquela suave voz de embalar: – Café para um homem cansado que nunca tem paz!

Era a sua querida governanta, Valechka Istomina. Serviu-lhe uma chávena, tal como ele gostava, com dois torrões de açúcar. Estaline olhou em volta do seu gabinete. Todas as superfícies estavam cobertas de pilhas de livros e revistas literárias, que ele adorava ler. Mas, agora, trajado com a sua velha túnica favorita (cosida por Valechka em três sítios), botas de pelica suave, calças largas de lona, como um artista, e a fumar um cigarro *Herzegovina Flor*, tentava recobrar forças para ir ao Kremlin. Em breve teria de partir para a Conferência de Potsdam. Terei força para isso?, pensou.

A *vertushka* tocou. Era Poskrebyshev. – O camarada Abakumov quer vê-lo. Diz que há uma novidade.

Uma novidade. Estaline encarava com prazer uma nova manobra no jogo de sombras que era a contrainformação. Era o seu habitat natural. Mesmo antes da Revolução, mesmo na clandestinidade, dominara o jogo dos agentes e agentes duplos, do dinheiro em envelopes, dos tiros na noite, das facadas nas costas. Os Órgãos eram a única parte do governo, exceto a política externa e militar, a que nunca renunciaria.

Um carro parou. Um dos guarda-costas bateu à porta. Abakumov havia chegado.

Estaline levantou-se, de joelhos vacilantes. Sentiu-se tonto; tinha a visão turva e uma tensão assustadora na parte de trás do pescoço. Teve de se agarrar à secretária para recuperar o equilíbrio.

– Mande-o entrar – disse.

Victor Abakumov estava parado na entrada com um uniforme de general, a olhar para o outro lado. Estaline percebeu que o homem contava que ele viesse do escritório grande do outro lado do vestíbulo. Era sempre bom manter os responsáveis pela segurança em estado de alerta.

– Entra, camarada Abakumov!

– Oh. – Abakumov voltou-se, sobressaltado. – Bom dia, camarada Estaline.

Estaline conduziu-o para o gabinete maior, onde havia mais espaço. Indicou com a cabeça um dos divãs e ocupou o seu lugar atrás da secretária. – O que tens para mim? – perguntou. – Como vai a limpeza e filtração de traidores no Báltico?

– Prendemos e deportámos trinta mil estónios esta semana – disse Abakumov. – Mas vim por causa do Caso das Crianças.

– Então andas outra vez a enfiar o focinho na gamela do camarada Beria?

– Não é esse o meu objetivo. – Abakumov sabia que Estaline ficava encantado por ele interferir nos ministérios de Beria. O MGB respondia a Beria, mas Abakumov, chefe da Contrainformação Militar, SMERSH (Morte aos Espiões), respondia diretamente a Estaline. E Estaline acrescentara o nome dele à lista de distribuição de documentos sobre o Caso das Crianças. – Obrigado pela sua confiança, camarada Estaline.

– Mas não me parece que este caso seja para ti. Os jovens desordeiros estão prestes a ser libertados. Acho que devíamos perdoá-los.

– É por isso que vim. Os meus operacionais descobriram um aspeto do caso que foi ocultado ao Comité Central.

– Que aspeto? – Se havia coisa que Estaline detestava, era que lhe escondessem assuntos importantes.

– O aspeto político.

– Continua.

– O camarada Kobylov diz que o clube romântico das crianças era inofensivo. Mas eu acredito que era mais grave do que isso. Muito mais grave.

Estaline estava agora bem desperto e a sentir-se muito melhor. A sua visão estava mais nítida, e a dor no pescoço desaparecera.

– Em que é que te baseias para dizer isso, camarada Abakumov?

– Nisto. – Abakumov abriu a sua pasta e tirou o que parecia ser um caderno escolar com veludo vermelho colado à capa.

– Não vejo uma coisa dessas desde a última vez que assinei o trabalho de casa da Svetlana – disse Estaline.

– Pertencia a Nikolasha Blagov, o rapaz que morreu na ponte.

– E como é que o obtiveste?

– Parece que o camarada Kobylov – Estaline sabia que, quando Abakumov mencionava Kobylov, estava na verdade a referir-se a Beria – pode ter ignorado deliberadamente esta prova. Chegou às nossas mãos porque, aparentemente, o camarada Kobylov – Beria de novo – não estava interessado.

– O que queres dizer com isso?

– Os dois chekistas nomeados pelo camarada Beria para investigar o Caso das Crianças foram desleixados e baixaram a vigilância. Permitiram que esta prova crucial fosse surripiada do local do crime, obviamente para a esconder das forças da justiça soviética. A extraordinária recolha de informação dos operacionais da SMERSH descobriu isto há algumas horas através de um informador, um professor chamado Rimm, da Escola 801, e eu trouxe-lho diretamente.

– O que contém?

– Camarada Estaline, dá-me permissão para me aproximar e lhe mostrar uma página que acho relevante?

Estaline ergueu uma mão quase feminina e chamou-o à secretária. Abakumov curvou-se ligeiramente ao passar-lhe o caderno aberto numa certa página. Estaline leu:

*Reunião do Politburo do Comité Central Romântico*

*Agenda*

## *Eleição do Conselho de Ministros*

*Eu, Nikolasha Blagov, primeiro-secretário do Politburo dos Românticos Fatais, auxiliado por Vlad Titorenko e George Satinov, proponho que os seguintes membros sejam nomeados ministros no nosso novo governo...*

Estaline pousou o caderno com alguma surpresa. – Os filhos do Satinov estão envolvidos?

– Receio que sim – disse Abakumov sombriamente. – Parece que descobrimos uma conspiração para derrubar o governo.

## VINTE E UM

As crianças vinham para casa; Tamara Satinova estava muito feliz.

– És tu, Losha? – gritou da cozinha.

– Sim – respondeu Losha Babanova. – Posso entrar?

– Sim, entra. Como estás?

– Fantástico. – O sorriso de Losha era todo ele escaldão, bigode e dentes brancos. Losha guardava Hercules Satinov desde que ele estava em Tbilisi como primeiro-secretário da Transcaucásia. Assistira ao casamento de Hercules nos anos vinte; guardara-o em expedições de recolha de cereais à Ucrânia durante a coletivização; estivera ao lado dele em férias de sol e descontração com Estaline, no mar Negro, quando eles comiam ao ar livre e entoavam canções georgianas; vira Hercules viúvo e sozinho, e depois a conhecer e desposar alegremente Tamara; lembrava-se do Terror, quando os amigos de Hercules foram presos e desapareceram; e, nos dias mais sombrios de 1941, acompanhara-o até à frente, quando os exércitos estavam a ser desbaratados pelos nazis. Por isso, Tamara sabia que ele estava tão ansioso como qualquer um deles por ver George regressar a casa.

– Há alguma novidade? – perguntou ele, olhando para o relógio.

– Não – disse Tamara. – Mas não deve faltar muito. São sete da noite, afinal... – Hercules tinha a certeza de que George chegaria a casa em breve, e Hercules acertava sempre nestas coisas.

Na cozinha, Leka estava a preparar a refeição favorita de George, *strogonoff*, e Mariko brincava com a sua amiga Raisa, a única rapariga que também gostava do jogo dela, a Escola de Cadelas de Moscovo.

– Tenho de ficar aqui, Losha, para o caso de o telefone tocar – disse Tamara. – Não te importas de ir buscar a Mariko? Está em casa dos Bolshakovs. Perto da Praça Pushkin.

– Com certeza – disse Losha. Losha sabia onde toda a gente vivia, onde se podia arranjar o que quer que fosse, todos os segredos. Partiu, e Tamara olhou para o relógio de pulso pela enésima vez.

Do outro lado do rio Moskva, na Casa da Margem, Dashka Dorova não olhava para o relógio porque Genrikh lhe dissera que a burocracia do MGB era sempre mais lenta do que seria de esperar, pelo que o telefonema viria provavelmente logo de manhã. Mais uma noite!, pensou. Para Minka, uma noite talvez fosse uma eternidade. Pelo menos Demian era fiável – e ela tinha o seu Senka.

– Deixa-me ver como ficas! – disse Dashka, batendo palmas. Tinha o hábito de lançar a cabeça para trás quando se ria. – Vira-te.

Mesmo de pijama, Senka Dorov parecia em todos os aspetos um pequeno professor. Enquanto outros meninos de dez anos usavam pijamas com imagens de ursos ou coelhos, o de Senka era azul-escuro com riscas e vivos vermelhos, feito de seda chinesa.

– Gostas dele, Senka?

– Sim, adoro-o, *mamochka*. – Dançou à volta dela. – É tão elegante, que acho que podia dar aulas com ele vestido, não achas, *mamochka*?

– Oh, és tão meigo, querido! – exclamou Dashka, puxando-o para si e abraçando-o. – Se me fizeres a tua cara de galã, terei de te beijar.

Senka focou os seus grandes olhos castanhos no horizonte e inclinou um pouco a cabeça, sabendo muito bem que, pelo menos para ela, era adorável.

Dashka encheu-lhe a cara de beijos. Depois, ele pôs-lhe os braços à volta do pescoço e puxou-a para baixo para lhe beijar as faces. – Gosto mesmo de ti, *mamochka*!

Dashka olhou para o filho mais novo, para as pestanas compridas e a covinha que tinha no queixo. Enterrou o nariz no cabelo dele e inalou o cheiro. Os rapazes tinham um cheiro mais intenso do que as raparigas. – És tão bonito, meu Pequeno Professor. E tão original. E encantador. Um dia, uma rapariga vai ter muita sorte por estar casada contigo.

– Eu não me quero casar com mais ninguém a não ser contigo! – disse ele.

– Não vais querer estar comigo quando fores um adolescente e eu uma velhota enrugada.

– Mamã, tu serás sempre a mulher mais bonita do mundo inteiro.

– Que disparate. – Ela riu-se. – Quem me dera!

Senka franziu o sobrolho. – Porque é que estás tão feliz se a Minka ainda está fora?

– Isso não te posso dizer. – Mas ela sorriu.

– Ohhh! – gritou ele. – Já percebi, a Minka vem para casa!

– Chiu – disse Dashka. – Nunca fales dessas coisas. – Mas ela tinha a certeza de que Minka vinha para casa: os indícios estavam todos lá. Ao jantar, no Aragvi, na noite anterior, Longuinoz, o chefe de mesa, pegara-lhe nas mãos e dissera: – Dra. Dorova, deixe-me levá-la à sua mesa. – Aproximara-se tanto, que ela conseguira ver o rímel que usava. – Alguns dos meus clientes preferidos

estiveram constipados nos últimos dias. Constipações de verão. Mas hoje estão todos melhores e amanhã estarão completamente curados.

– Amanhã?

– Amanhã. Eis a sua mesa. Bom jantar.

Desde a detenção de Minka, Dashka não tivera um momento de descanso. Mesmo o consultório, que adorava, mal a distraíra. Estava sempre preocupada: estaria Minka a dormir? Será que havia uma retrete na cela dela? O que é que comia? E se lhe viesse o período ali? Estavam a tratá-la bem? Espero mesmo que a estejam tratar bem: suplico-lhe, camarada Beria ou seja quem for que mande, não destrua a alegria de viver da Minka. Dashka sabia que Genrikh também sofria, embora lhe tivesse dado um sermão sobre a justiça bolchevique. Num acesso de mau génio, ela tinha-lhe gritado: «Quero a minha filha de volta, Genrikh! Podes ficar com a tua justiça bolchevique!» Mas agora que Minka vinha para casa, podia divertir-se com a família, e isto implicava divertir-se com o seu Pequeno Professor.

– *Mamochka?* – Senka segurava-lhe o rosto nas mãos e abanava-a um pouco. – Acorda!

Ela sonhava ir a Lubianka buscar Minka. Quando chegaria o telefonema? Como iam celebrar? Vou fazer-lhe panquecas com compota de morango, o prato preferido dela, e deixá-la comer panquecas todos os dias, decidiu, para sempre!

– *Mamochka*, sabias que apanhei o Demian no meu quarto no outro dia, a vasculhar as minhas coisas? Estava a pilhar o meu quarto.

Ela sacudiu-se e voltou ao presente. – A pilhar, é?

– Ou podia estar a saquear. Ou seria um ato de pirataria oportunista?

– Boas palavras, Pequeno Professor. Mas o Demian é demasiado velho para usar os teus brinquedos, querido. Tenho a certeza de que ele não levou nada.

– Mas é aborrecido.

– Eu falo com ele, prometo.

– Obrigado, *mamochka*. – Outro beijo. – Posso ir aqui ao lado pedir um livro emprestado ao papá da Lulu Nosenko? Para o trabalho de casa.

– Que livro vais pedir?

– *Música, coreografia e Libreto na Ópera e no Ballet de Tchaikovski*.

– Bom, isso é uma leitura essencial. – Dashka sorriu, complacente. – Veste o roupão a condizer, e podes ir. O papá deve estar a chegar e depois jantamos. Despacha-te!

Dashka entrou na cozinha. Demian estava no quarto dele. Luda, a criada, mexia a sopa favorita de Genrikh, borche picante com muito chili. Alguns minutos mais tarde, ouviu a porta fechar-se com o trinco. Genrikh chegara.

Ele beijou-a, e ao fazê-lo ela sussurrou: – As notícias ainda são boas? – E ele disse:

– Até agora. Luda, serve-nos um copo de vinho.

Tonta de entusiasmo, Dashka beijou o marido, e até Genrikh teve de sorrir.

Em breve o jantar estava pronto. – Demian! Senka! – chamou Genrikh. Demian apareceu e sentou-se à mesa. Dashka reparou no cabelo sujo e na pele borbulhenta do seu filho adolescente. Estava a passar por uma fase muito mal-humorada. Era a imagem do pai, ao contrário das outras crianças, que eram exatamente como ela.

– Vai chamar o Senka – disse-lhe ela.

– Não está no quarto dele.

– Não, ele foi aqui ao lado a casa dos Nosenkos. Vais buscá-lo?

Demian partiu um pouco amuado, mas voltou passado um momento. – Ele saiu com o livro há dez minutos.

Dashka olhou para Genrikh – e, naquele momento, foi como se o seu estômago estivesse a cair, a cair para sempre, pelo corpo dela, o chão, a terra, a eternidade. Depois, saiu disparada da cozinha.

– Senka! Senka! – berrou, saltando de uma divisão para outra. Voltou a correr para a sala de jantar, onde Genrikh e Demian ainda estavam sentados à mesa em silêncio. – Mas ele ainda estava de pijama. Onde andará? Genrikh, o que raio se passa? Ajuda-me a procurá-lo, pelo amor de Deus! *Senka!*

Fora um dia longo e confuso para George Satinov. Assim que revelou onde arranjou a arma, soube que tinha feito uma coisa terrível. De súbito, toda a gente em Lubianka estava a ser amável com ele e isso deixou-o ainda mais preocupado.

Depois do pequeno-almoço, foi levado para a sala de interrogatório, onde Mogilchuk conversou com ele sobre futebol e Kobylov apareceu à porta, como que para lhe desejar boa sorte. De regresso à cela, pôs-se a andar de um lado para o outro. Talvez vá para casa, pensou num delírio de esperança. O almoço era costeletas de borrego e batatas, um festim especial, não a comida habitual de Lubianka.

Mas as horas passaram, e nada aconteceu. E, quando chegou a hora de jantar, já estava nervoso. Depois chegou a comida: a papa de aveia aguada com uns pedacitos de gordura a flutuar e o quadrado minúsculo de pão com manteiga. Ninguém veio chamá-lo, buscar as coisas dele e libertá-lo. Anoiteceu. A luz ficou acesa. Não conseguia dormir, mas, quando começava a fechar os olhos, a vigia de Judas abriu-se. – Mãos em cima do cobertor. Acorda!

A fechadura abriu-se com um gemido e ele foi levado pelo corredor até à sala de interrogatório. – Nada de conversa, senão vais para a cela de castigo! – disseram-lhe. – Olhos em frente.

Estava na mesma sala, mas esperava-o um interrogador novo.

– Senta-te, prisioneiro Satinov – disse um homem de rosto afiado, maçãs do rosto lisas e uma boca e um queixo que sobressaíam como o focinho de um cão. Prisioneiro? As palavras «prisioneiro» e «Satinov» não ficavam nada bem juntas. Satinov era normalmente mencionado como «herói» ou «... mais próximo do camarada Estaline».

– Responde às perguntas diretamente e com verdade. Não nos ocultes nada.

– Mas eu já lhe contei tudo o que sei.

– A mim? A *mim* não me contaste nada. Eu sou o coronel Likhachev e vamos começar de novo, rapaz. Quando é que planeavas tomar o poder, prisioneiro Satinov?

– Por favor, estou confuso. Sou uma criança. Nem sequer me interesso por política. Deixo isso para o Partido.

– Aqui não se tolera insolência, prisioneiro. – Likhachev deu-lhe uma bofetada com as costas da mão. George viu estrelas a piscar; a boca ardia-lhe.

– O que está a fazer?

– Não brinques comigo – disse Likhachev –, senão transformo-te numa poça de líquido no chão.

O estômago de George paralisou. De súbito sentiu-se muito assustado.

– És membro de uma conspiração para derrubar o governo soviético, matar membros do Politburo e instalar um novo ministério – declarou Likhachev.

– Quero responder, mas não compreendo. Sou absolutamente leal ao camarada Estaline e ao governo soviético. Sou um *komsomol*.

– Qual era o teu papel no governo provisório do Nikolasha Blagov?

– Oh, meu Deus, isso era uma piada.

– Cuidado, prisioneiro. Uma conspiração contra o governo soviético não é uma piada.

– Mas não era uma conspiração. Era o jogo idiota do Nikolasha.

– Reconheces isto?

– Sim. Sim, é o Livro de Veludo do Nikolasha.

– Deixa-me ler-te uma coisa: *Hoje, eu, primeiro-secretário romântico Nikolasha, vou-me encontrar com os membros do Comité Central Romântico para debater a nomeação de um novo governo.* Leste isto e concordaste, não foi?

– Não!

– Mas assinaste. Olha, aqui está a tua assinatura.

– Não levei isso a sério. Eu achava que o Nikolasha era louco e ridículo. Todos achávamos!

– Meteste-te em grandes sarilhos, rapaz. Isto é traição.

– Eu conto-vos tudo, tudo mesmo. Basta perguntar!  
– Porque é que ias ser ministro de... – Likhachev examinou a lista de nomeações. – ... do Desporto?

– Isso mostra que não era uma coisa séria. O desporto não é importante. Eu disse que aceitava porque gosto mais de futebol do que de literatura.

– Podes ser executado por isto, prisioneiro.

– Só tenho dezoito anos. Por favor, eu não percebo nada disto.

– Quem é que teve a ideia de formar um governo anticomunista?

– Foi ideia do Nikolasha. Veio tudo dele.

Likhachev pigarreou. – Isso é conveniente, uma vez que ele está morto. Quem estava por trás dele? Esquece o teu pai. Esquece os teus amigos importantes. Esquece o Aragvi. Agora és só tu contra a onipotência do Estado soviético.

George estava exausto. Limpou a cara, tentou concentrar-se. – O Vlad Titorenko era o melhor amigo dele, mas acho que o Nikolasha nem a ele mostrava o caderno.

– Mas quando se lê este caderno, é evidente que alguém tinha de aprovar as ideias dele, a conspiração, o governo. Quem era?

O choque estava a fazer com que George se sentisse sonolento. Tinha as pálpebras pesadas e queria bocejar. – Desculpe, estou tão cansado...

– Concentra-te, prisioneiro. É evidente que o cérebro por trás desta traição era outra pessoa. Deixa-me ler-te isto: *NV aprovou as minhas ideias*. Ou aqui: *NV tem de aprovar o governo*.

– Não tinha a ver com política. Nunca teve. Tinha a ver com amor.

Likhachev deu um soco na boca a George, fazendo-o voar pela sala.

– Temos a prova escrita deste caderno. E é bastante claro que este «NV» é a eminência parda da conspiração dele. Quem é o «NV»?

– Prisioneira Minka Dorova, segundo o artigo 158, a pena para a conspiração é a morte. Estiveste envolvida numa conspiração terrorista? – perguntou o coronel Komarov. De voz suave, com o hábito de passar as mãos pelo cabelo castanho-claro aos caracóis, o coronel concentrou-se em Minka, sentada diante de si. A testa dele, concluiu Minka, tinha as rugas vincadas que marcavam a sinceridade dos verdadeiramente estúpidos.

– Não. – Minka fechou os olhos. Nunca pensou vir a ter saudades de Kobylov e Mogilchuk, mas agora cada pergunta a fazia sentir-se mais enjoada. Reprimiu ondas de pânico e disse a si mesma: Mantém-te calma!

– Então porque é que o teu nome consta no governo como ministra do Teatro?

– Mas isso é uma piada. Não se percebe pelo título do ministério?

– Acreditamos que tu e o Nikolasha Blagov e os vossos outros amigos eram peões nesta conspiração desprezível. Alguém está por trás dela. Alguém importante.

– Não sei a quem se refere.

– Responde à pergunta. Quem é que está realmente por trás desta conspiração para formar um novo governo?

– Ninguém. – Minka tinha consciência das lágrimas que lhe caíam pelas faces.

– Neste caderno, Nikolasha diz que «NV» aprova todas as decisões dele. Quem é este «NV»?

Concentra-te, Minka, disse a si própria, não confesses nada, e vais ultrapassar isto. Abanou a cabeça.

Komarov acendeu um cigarro. – Vem comigo, prisioneira – disse ele, e premiu um botão na secretária.

Dois carcereiros entraram e pegaram nela pelos braços.

– Para onde me levam? O que me vão fazer?

– Vamos-te mostrar uma coisa para melhorar a tua concentração.

Foi levada para uma sala com uma parede de vidro pela qual conseguia ver uma sala de interrogatório vazia, tal como aquela em que estivera. Mesa, candeeiro, duas cadeiras.

– Vê-se para dentro, mas ninguém pode ver para fora – disse Komarov.  
– E ninguém te pode ouvir.

A porta da sala vizinha abriu-se e um rapazinho de cabelo despenteado e grandes olhos castanhos entrou, vestido com um pijama azul de seda com vivos vermelhos.

– Senka! – gritou ela, lançando-se contra o vidro. – *Senka!*

## VINTE E DOIS

Andrei Kurbsky estava deitado na cela. Agora, sabia que nunca escaparia à maldição da sua biografia maculada; seria sempre filho de um Inimigo. Mas havia um consolo: sentia-se mais próximo do pai.

O pai devia com certeza ter passado pelo mesmo registo, as mesmas celas, talvez aquela. Andrei olhou para as marcas nas paredes: desenhos, palavras, riscos. Leu os nomes, as datas, as mensagens. Alguns presos deviam ter morrido ali; outros deviam ter sido executados nas caves e escreveram ali os seus nomes para que fossem lidos. Procurou o nome do pai e sonhou que também ele seria enviado para os *gulags* – e que um dia, na clareira coberta de neve de uma floresta, encontraria o pai a cortar madeira...

A noite foi solitária. Alguém gritava; outra pessoa tossia. Andrei estava cansado e cheio de medo. O mais duro era a incerteza. Quem mais estava naquelas celas? O que teria dito? O que era seguro dizer?

O som de botas lá fora. Fechaduras a rodar. A porta abriu-se, e ele estava a caminho das salas de interrogatório, mas desta vez esperava-o um oficial novo. Bastou um olhar para os olhos encovados e ardentes e os dentinhos amarelos do coronel Likhachev para que Andrei soubesse que o caso tinha sofrido outra reviravolta.

– Prisioneiro Kurbsky, estiveste envolvido numa conspiração antipartido com o Nikolasha Blagov. – Likhachev tirou um caderno de uma pasta bege, um caderno que Andrei reconheceu logo, e começou a ler: – *Nós, membros do Clube dos Românticos, já não estamos interessados naquele disparate do progresso da história, da dialética, da luta de classes: a paixão do indivíduo é suprema.* O que pensas das ideias dele?

– São antileninistas, antimarxistas: fiquei profundamente enojado. Enquanto comunista, rejeito-as. O Nikolasha era um palhaço, mas ainda

assim um palhaço perigoso. – Era um alívio, pensou Andrei, ver o caderno e saber como devia responder a estas perguntas.

– Mas tu não fizeste nada acerca disto?

– Fiz alguma coisa...

– Não mintas. Deixa-me continuar. *Serafima é nomeada ministra do Amor. NV deve aprovar todas as nomeações. Reunir com NV para mais instruções.*

Andrei esforçou-se por se sentar direito e concentrar-se. – Olhe, eu não conheço nenhum «NV», mas fui o último a entrar no Clube dos Românticos Fatais. Isto não tem mesmo nada a ver comigo.

– Interessa-me esta «ministra do Amor». Diz aqui que a Serafima Romashkina foi eleita para esta posição pelo Politburo.

– Não sei. – Andrei não queria falar sobre Serafima. Não menciones a Serafima, disse a si mesmo. Mantém-te acordado! – Com o Nikolasha Blagov não se podia levar nada a sério. Era desequilibrado.

Likhachev folheou o caderno. – Mesmo assim, aqui ele escreveu: *A ministra do Amor é suprema, porque o amor é supremo, superior ao seger.*

Andrei estremeceu. «Seger» era o acrónimo para «secretário-geral» do Partido, e só houvera um seger: o próprio Estaline. Isto era traição.

Likhachev debruçou-se sobre a secretária, e Andrei ficou mais uma vez impressionado com os seus olhos amarelos e injetados, que lhe fizeram lembrar um ovo com sangue na gema. – Tens de me dizer quem é o NV.

– Acho que o NV é imaginário.

Likhachev bateu com as mãos na mesa. – Não te atrevas a deturpar esta investigação. Nós sabemos que tu, prisioneiro Kurbsky, sabes quem é o NV. E vais dizer-nos. Nem que eu tenha de raspar o nome com uma colher do teu crânio morto.

Minka perdera a noção do tempo. Estava de volta à sala de interrogatório e esforçava-se por não entrar em pânico. Mas a visão do seu irmão mais novo mexera com ela, sobretudo porque agora sabia que, se caísse, arrastaria Senka e os pais para a perdição. Fechou os olhos, imaginando-se a si e a Senka a serem alvejados na nuca. O que havia de fazer? O que havia de dizer?

– Porque é que o Senka está aqui? – perguntou. – Ele tem dez anos. Por favor, imploro-vos, levem-no para casa. A minha mãe deve estar desesperada.

– Fala-nos do caderno do Nikolasha Blagov. Aquele a que chamam o Livro de Veludo do Amor.

– Eu nunca soube o que continha. Se soubesse que ele estava a fazer uma coisa tão má, algo contra o nosso grande Estado soviético, tê-lo-ia denunciado. Mas juro que não sabia nada sobre nenhuma conspiração. Nada.

– Quem é o «NV»?

As paredes pareceram inclinar-se sobre Minka enquanto pensava em Senka, o irmão mais novo. O que era o NV? *NV*? Tinha de inventar alguma coisa para libertar Senka, para os libertar a todos. NV tinha de significar alguma coisa. Talvez devesse inventar um código, criar uma manobra de diversão, uma distração para desviar os chekistas dela e de Senka, de George e Serafima. Presumiu que, uma vez que não existia nenhum código, eles não o descobririam – e portanto nada sairia dali. Já tinha uma ideia a amadurecer na cabeça, a tomar forma na ponta da língua, quando o experiente Komarov se antecipou.

– Diz-me – insistiu ele.

– Nunca ouvi falar do NV. Mas posso sugerir uma hipótese? Poderá «NV» significar «Novo Líder»? *NV. Novi Vozhd.* Alguém que nenhum de nós conhecia?

– Continua.

– Talvez fosse o candidato do Nikolasha para novo líder do Clube dos Românticos – propôs Minka.

– Então estás a confirmar que isto era uma conspiração? Pois só pode haver um líder, o pai dos povos, o chefe do governo soviético.

– Bem, não, eu estava só a fazer uma sugestão...

– Aqui não há sugestões, miúda. Só há provas. Vamos encontrar esse tal novo líder desta conspiração.

– Eu estava a dar um palpite – disse Minka, começando a sentir-se insegura de novo.

– Estás a mentir-me? Estás a usar uma máscara?

– Não, claro que não... Eu nunca lhe mentiria.

– Muito bem, então explica-me isto. Aqui no caderno, o Nikolasha escreveu isto: *Serafima e NV. NV e Serafima. Reunião para aprovar o governo romântico*. Qual era a relação da Serafima com o Nikolasha?

– Não havia nenhuma relação. Ela nem sequer gostava dele.

– Então se a Serafima não tinha uma relação com o Nikolasha, com quem é que ela andava? – Komarov recostou-se na cadeira. – Andava com o NV, não andava? O NV é o namorado da Serafima.

– Não! Ela não tinha namorado. Eu sou a melhor amiga dela e saberia se tivesse.

Komarov abriu bem os braços e esticou-se, como um mergulhador a saltar para uma piscina, e depois passou a mão pelo cabelo fofo, que parecia alheio ao uniforme, ao trabalho dele, aos seus olhos inanimados. – Vamos ter de começar de novo. Fala-me da Serafima e da relação dela com o NV.

Minka sentiu o suor a começar a brilhar através da sua pele; os seus dentes cerraram-se, os ombros retesaram-se. Queria proteger Senka, e Serafima. Agora percebia que a visão do seu irmão mais novo distorcera tudo. Para o salvar, cometera um erro terrível e pusera Serafima no centro de uma conspiração que nunca existira.

Percebeu, demasiado tarde, que neste mundo cada respiração tinha consequências.

## VINTE E TRÊS

– Vou ser sincero, madame Zeitlin, sou seu fã. Por isso, tinha de vir cá pessoalmente – disse Victor Abakumov no seu barítono profundo. – Adoro cinema. Vejo tudo. Claro que tenho alguns dos filmes do Goebbels de Berlim. Tenho olho de realizador de cinema. Mas o seu papel no *Katyusha*... Chamar-lhe-ia uma obra-prima. O guião do seu marido contribuiu para o sucesso do filme, mas a sua interpretação...

Era de manhã cedo, e Serafima conseguia ouvir Abakumov a falar enquanto fazia rapidamente uma pequena mala sob o olhar dos dois chekistas fardados que já tinham vasculhado o quarto dela, recolhendo livros e cartas.

– Bem, camarada Abakumov, é muito amável, mas preferia que nos tivéssemos conhecido em circunstâncias diferentes – dizia a mãe. A sua voz de atriz não tinha o vigor habitual, mas Serafima estava grata por a mãe não gemer de histeria. Também ela esperava que, se Sophia fosse delicada com os chekistas, isso pudesse de algum modo ajudá-la.

– É um cartaz do filme que vejo ali?

– Sim, é. – Um silêncio. – Qué-lo?

– Quero, e gostava que viesse assinado: «Para o Victor, com amor.»  
Sim, os meus amigos vão ficar impressionados.

– Sinto-me lisonjeada, camarada general.

– Gostava de debater a arte do cinema consigo.

– Eu também gostava, mas não pode interrogar a Serafima aqui? Tem mesmo de a levar?

– Talvez nos pudéssemos encontrar mais tarde. Só os dois...

O chekista está a tentar seduzir a minha mãe, pensou Serafima, mas não era o que todos os marechais e *apparatchiks* faziam, sem olhar aos sentimentos do seu muito sofrido pai?

Serafima sentiu um formigueiro nas articulações do corpo: é medo, disse a si mesma. Dois dos teus amigos morreram; o incidente tem de ser investigado; é por isso que os teus amigos estão na prisão. Não há nada a temer! No entanto, quando os Órgãos investigam, encontram sempre mais qualquer coisa, e é isso que devo esconder a todo o custo.

Ainda com o uniforme escolar vestido, Serafima terminara de fazer a mala. Pasta de dentes. Uma camisola. Pijama. Um par de livros: Hemingway e Pushkin.

– Estás pronta? – disse um dos chekistas.

Serafima acenou com a cabeça. Queria que o ato de fazer a mala durasse para sempre. Queria que Abakumov continuasse a falar com a mãe eternamente. Voltou a sentar-se na cama. Tinha as pernas fracas. Pôs o rosto entre as mãos e começou a chorar, e no momento seguinte, a mãe estava ali e tinha-a abraçado.

– Pronto, pronto, Serafima, em breve estarás de volta, só tens de responder às perguntas deles... Não és a única, por isso não te preocupes. Querida, gosto tanto de ti. – Mas isto só tornou a despedida pior. A mãe também tentava não chorar, mas a sua voz esmoreceu, e agora Serafima estava a chorar tanto que não se conseguia levantar. Desejou que o pai também estivesse ali, mas ele estava longe, a fazer a cobertura da guerra contra o Japão. Contudo, havia uma coisa pior do que isso, muito pior. Não podia despedir-se do homem que amava.

Sempre soubera que podia ser presa. Sentira a sombra sobre si desde aquele dia na ponte, porque percebeu (e sempre soubera) que as ideias de Nikolasha estavam impregnadas de loucura. Viu claramente que os membros do Clube dos Românticos Fatais estavam ligados uns aos outros: quando um caísse no abismo, os outros também cairiam.

– Ela volta em breve – disse Abakumov jovialmente, como se a levasse para uma viagem de campismo. – Estamos a falar com as crianças todas e depois vamos libertá-las. É só uma formalidade. – Ele enchia a porta como um bloco de virilidade soviética. Limpando os olhos, Serafima levantou a cabeça e fitou o cabelo espesso e penteado para trás deles, as sobrancelhas carregadas, o uniforme de general com as suas filas de medalhas e o peito bojudo de desportista. Com um ar aborrecido, ele cruzou os braços e apoiou-se na ombreira da porta.

Por fim, ela conseguiu levantar-se. Quando se ama alguém, pensou, aguenta-se tudo. Devagar – insuportavelmente devagar –, a mãe acompanhou-a à porta e deu-lhe a mala.

– Está na hora de ir embora! – disse Abakumov alegremente. – Madame Zeitlin, foi uma honra. – Pegou na mão de Sophia e beijou-a. – *Enchanté!*

Pronunciou mal o francês, mas a humanidade do beijo quebrou qualquer coisa no âmago da mãe de Serafima.

– Por favor, camarada general, por favor... Tem de levá-la? Não precisa. Ela não fez nada. É uma criança! Leve-me antes a mim!

Os dois chekistas que ladeavam Serafima pegaram-lhe nos braços e, juntos, desceram os degraus amplos do edifício Granovsky; depois, recuaram enquanto Abakumov passava energicamente por eles, com o boné galonado na cabeça, os olhos escuros fixos em frente sob a viseira, e o cartaz de cinema debaixo do braço.

– Vem comigo, Serafima – disse Abakumov, apontando para a porta aberta do seu carro, um desportivo da *Fiat*, outrora o brinquedo de um general italiano. – Poucas são as raparigas que resistem a um passeio nesta máquina.

O couro creme rangeu quando ele se instalou ao lado dela, no lugar do condutor. – Gosto de ser eu a conduzir – disse ele, calçando as luvas e agarrando o calfe bege do volante. – Ficas mais confortável do que num «corvo negro». – Olhou para Serafima, que estava muito calada no seu lugar.

Pondo a alavanca de velocidades em primeira, acelerou e saiu do pátio do edifício Granovsky, seguido por uma das carrinhas da polícia secreta, conhecidas como «corvos negros», e um pequeno *Zhiguli* cheio de guardas. Enquanto percorriam velozmente as ruas, Abakumov viu que Serafima ainda estava a chorar. Foda-se, porque é que a trouxe no meu carro?, pensou. Por causa da mãe, claro. Era duro para um homem ver raparigas a chorar, mesmo para ele, cuja ascensão fora lubrificada com o sangue de homens, mulheres e crianças, aqueles que desfizera com os seus próprios punhos, ou despachara com a sua própria pistola – e as outras centenas de milhares que nunca conhecera mas cujas vidas destruíra. Suprimiu um espasmo de raiva ante as lágrimas dela: será que a tontinha não percebia quão amável estava a ser com ela? Podia estar presa na parte de trás de um «corvo negro».

– E eu achava que era apenas uma história de amor. – Abakumov repetiu as palavras que Estaline lhe dirigira no dia anterior. Estaline sugerira que o Caso das Crianças era uma conspiração grave que Abakumov tinha de investigar vigorosamente. Bom, ele prendera as crianças – mesmo o pequeno Senka Dorov, de dez anos –, mas estas eram crianças VIP. Era preciso usar luvas de seda. Estaline estava a preparar-se para a Conferência de Potsdam, mas o que é que realmente queria que Abakumov fizesse com elas? Estaline falava por códigos hieroglíficos e fábulas esópicas, e até Abakumov ficava muitas vezes perplexo com a obscuridade das intenções dele. Abakumov precisava de outra pista.

Os altos portões de aço da Rua de Pequena Lubianka foram abertos pelos guardas e o carro virou para o pátio. Os portões fecharam-se e dois chekistas abriram as portas do carro.

– Levem-na para dentro e registem-na – disse Abakumov.

Viu Serafima Romashkina sair do carro como se estivesse num transe e olhar em volta, sem saber para que lado ir, para os muros altos com as pequenas janelas gradeadas ou, para outro lado, a fila de «corvos negros» estacionados. Pousando-lhe a mão no ombro, empurrou-a suavemente para duas figuras de bata castanha que pareciam assistentes laboratoriais. – Por ali! E não te preocupes, rapariga. Não tarda muito estás em casa. É só rotina, já sabes. Não chores.

O fedor a detergente, urina destilada, suor compactado – o perfume da vida prisional – fê-lo torcer o nariz, embora o conhecesse muito bem. Viu o rosto dela quando a atingiu pela primeira vez. As suas pernas compridas cambalearam um pouco e o medo toldou-lhe os olhos verdes. Esperava-se que os prisioneiros tivessem medo, e esta prisão fora concebida para os assustar, porque o poder dos Cavaleiros da Revolução devia ultrapassar a imaginação dos Inimigos que tinham de vergar. Mas, para ele, o mais importante era estar sempre em cima. Ganhava sempre. Estaline confiava nele, e ele acreditava absolutamente no seu próprio destino invencível.

Segurando a sua pequena mala, Serafima desceu os degraus para o átrio da prisão e pôs-se diante do balcão. O verniz deste estava estalado, a superfície gordurosa das mãos de milhares e milhares de prisioneiros, e havia duas ligeiras mossas formadas pelos seus cotovelos quando se inclinavam para a frente, tal como esta nova prisioneira estava a fazer agora.

– Apelido, nome, patronímico e idade – disse uma mulher de bata castanha.

– Romashkina, Serafima Constantinovna. Dezoito anos.

Era bonita, esta Serafima, pensou Abakumov, mas era a mãe, a estrela de cinema, que ele queria. Pensou no que mais estaria Serafima a dizer, mas não eram as palavras, como as lágrimas, sempre iguais?, e as dela perderam-se na cacofonia de portas a bater, carros a chegar, fechaduras a ranger, ordens berradas e o estalido das botas dele sobre as escadas polidas por décadas de pés vacilantes a entrar no mundo perdido pela primeira vez.

– Assina aqui, prisioneira – disse a carcereira. – Entra por aquela porta. Revista pessoal.

A secção de registo funcionava como um relógio, pensou Abakumov, que aperfeiçoara as fases que reduziam uma pessoa livre a um prisioneiro com um número: registo, entrega de pertences, revista pessoal, fotografia. Não importava quem eram antes. Podiam ser um príncipe polaco, um general alemão, um figurão comunista ou a filha de uma estrela de cinema, mas era esta a glória do Estado soviético e do Partido.

Eu sou um funcionário deste Estado onnipotente, sou a espada do Partido, pensou Abakumov, e posso reduzir qualquer pessoa a um número, a uma mancha de gordura no chão. Lamentava ver esta rapariga entrar na goela da sua máquina – mas ela fora muito insensata.

Avançou pelo edifício gigantesco adentro, e agora reinava o silêncio. Deixara a secção de registo para trás; aqui as portas já não eram abertas por homens com chaves à cintura. Agora, as botas dele vogavam sobre um tapete azul enquanto homens de platinas e calças listadas lhe faziam continência. Um secretário abriu as portas do seu gabinete. Abakumov lançou algumas palavras joviais ao assistente: orgulhava-se da sua falta de formalidade com os subordinados.

Um gabinete revestido de madeira. Tapetes persas, seis telefones (e uma *vertushka*, a linha especial para o Kremlin), um cofre da altura de um homem, um óleo de Estaline em tamanho real. O chefe da SMERSH deitou-se por um momento no divã, cruzando as pernas e admirando as suas botas reluzentes.

Naquela noite, depois de ler os relatórios do interrogatório às crianças, será que devia ver o jogo de futebol do Dynamo? Ou ir dançar *jazz*? Tinha

orgulho da sua alcunha no salão de dança do Clube Dzerzhinsky, onde a Banda de *Jazz* do MVD tocava as músicas novas: *Vitya-foks-trotochnik* – Victor, o dançarino de *foxtrot*. Ou ao teatro? Por vezes, até conversava com pessoas comuns durante o intervalo.

É o homem que eu sou, disse para consigo. Ao contrário do Beria, tenho outros interesses para além do sexo e do poder. Aprendera a trabalhar com Beria, mas agora eram praticamente iguais. E Beria odiava-o.

Congratulou-se por roubar o Caso das Crianças a Beria. Mas o sucesso elevava a parada. O telefone tocou na sua secretária e ele gritou: – Manda-os entrar!

Eram os seus dois interrogadores principais, Komarov e Likhachev, que fizeram rigidamente continência.

– À vontade. Sentem-se. – Acenou-lhes do divã e eles sentaram-se nas cadeiras de couro. – Camaradas, antes de passarmos à nossa nova prisioneira, quero que trabalhem os outros fedelhos esta noite. Precisamos de ter nomes amanhã de manhã.

Eles partiram e, no divã, Abakumov fechou os olhos. Serafima Romashkina era a chave. Teria ela uma vida secreta? O chefe da Contrainformação Militar sorriu: sei algumas coisas sobre vidas secretas. Toda a gente tem uma.

## VINTE E QUATRO

Senka Dorov foi o primeiro a ser chamado para o interrogatório naquele dia. Embora tivesse dez anos e fosse pequeno para a idade, passara a noite anterior numa cela de adulto. Só crianças com mais de doze anos podiam ser executadas, e ele era mais novo, por isso eles não podiam executá-lo, mas e se as regras tivessem mudado e...

A cada dois segundos, sussurrava para consigo em voz alta: Mamã, onde estás? Eu estou aqui. Por favor vem buscar-me. Estou assustado. Adoro-te. Sabes onde estou?

Estas palavras tinham-no confortado desde a noite anterior, quando, em casa (um lugar radiante que agora parecia distante), experimentara o seu novo pijama de seda, azul-marinho com vivos vermelhos, feito na China especialmente para ele. A mamã adorara o pijama, até batera palmas quando o viu com ele vestido, e beijara-o muitas vezes. Ela lançava sempre a cabeça para trás quando se ria, e fazia um som agudo, como se estivesse a cantar. Embora fosse muito ocupada, uma vez que era ministra e médica, levava-o sempre à escola, com Demian e Minka, e muitas vezes também ia buscá-los.

Acho que sou o preferido dela, embora ela diga que ama os outros três de igual modo, pensava ele agora. Beija-me mais a mim do que a eles, sobretudo o Demian. Sim, eles são mais velhos, mas, mesmo assim, ela diz que eu sou irresistível. É a mãe mais bonita do mundo e, quando eu crescer, posso casar com ela. (Mas ela é casada com o papá, claro. Será que o papá se ia importar? Ele está muitas vezes rabugento e triste, por isso acho que não. De certeza que o papá se ia afastar, não?)

Na noite passada, decidira pedir um livro emprestado aos vizinhos, por isso saiu para o patamar e desceu as escadas, ainda com o seu pijama incrivelmente elegante e um pequeno roupão vermelho e azul a condizer.

Minka dizia que ele era um dândi. Isso era mau? – Sou meramente um acadêmico extravagante – dissera-lhe ele.

Bateu à porta dos vizinhos e a sua amiga Lulu veio abrir. A mãe estava atrás dela.

– Olá, Pequeno Professor – disse a mãe de Lulu.

– Emprestam-me um livro, por favor? *Música, Coreografia e Libreto na Ópera e no Ballet de Tchaikovski*.

– Para os teus pais lerem?

– Não, para eu estu dar – disse Senka, muito sério.

– Não gostas das histórias de Marshak? *Terem-Teremok?* Ou *Timur e a Sua Equipa?*

– Isso é para bebês! – disse ele, indignado.

– És um ponto, Senka – disse a mãe de Lulu.

O livro era muito pesado, mas Senka estava a levá-lo para cima quando viu quatro homens, dois de fato e dois de uniforme com insígnias azuis.

– És o Senka Dorov, não és? – disse um dos homens, cuja cabeça careca tinha a forma de uma cúpula bulbosa.

– Sim. Quem são vocês?

– Esse livro parece muito interessante. Podemos vê-lo lá em baixo?

– Tenho de ir jantar. A mamã está à espera.

Mas o homem pegara no livro e começara a examiná-lo muito intrigado.  
– Ópera, hein?

– Qual é a tua obra favorita de Tchaikovski? – perguntou Senka. – Não respondas *Lago dos Cisnes*. É demasiado previsível.

– És um rapaz engraçado – disse o homem enquanto guiava Senka para o elevador.

– Ei! Esperem aí – gritou Senka, mas naquele instante prenderam-lhe os braços atrás das costas, um dos outros homens cobriu-lhe o rosto com um pano e ele adormeceu. E, quando acordou (não sabia quanto tempo depois), estava entre os mesmos dois homens num carro que se aproximava da Praça Dzerzhinsky.

– Para onde me levam? Quem são vocês? – perguntou, sonolento.

E o da cúpula disse: – Vamos levar-te a jogar Vermelhos contra Brancos com os teus amigos. Não tens com que te preocupar!

– Devem achar que sou muito estúpido ou que nasci ontem – disse Senka destemido, ainda que, à medida que a droga perdia o efeito,

começasse a sentir o medo subir-lhe pela barriga e pela garganta, onde sentia a sua amargura, uma sensação que só tivera uma vez, quando um dos amigos horríveis do Demian lhe apertara o nariz na escola e ele achou que estava a sufocar, até se lembrar de que podia respirar pela boca.

Percebeu que ainda segurava no colo o livro *Música, Coreografia e Libreto na Ópera e no Ballet de Tchaikovski*. Olhou pelas janelas: conheço este edifício, pensou, quando o carro entrou na montanha de granito cinzenta de Lubianka. Ouvira os pais mencioná-la ao passarem ali, e notara o respeito, medo até, nas suas vozes. Antes de conseguir dizer mais alguma coisa, os portões de aço abriram-se e o carro acelerou para um pátio, as portas foram abertas e ele foi levado à força por uns degraus abaixo até um balcão imundo sobre o qual não conseguia ver.

– Onde é que ele está? – gritou uma velha com uma bata castanha. – Nem sequer consigo vê-lo. Pequenito o rapaz, não é?

– Vão levar-me a ver a minha irmã?

– Apelido, nome, patronímico.

– Telefonem à minha mamã. Ela vem buscar-me. Não sabe onde estou. – Então, lembrou-se de uma coisa importante e animadora. – A minha irmã Minka está cá? Trouxeram-me cá para a vir buscar?

– Nada de conversa, prisioneiro – rosnou a mulher. – Responde às perguntas! – Mas Senka estava tão aliviado por se ter lembrado disto, e tão habituado, em casa e mesmo na escola, a ser tratado com um amor complacente, que a ignorou.

– Porque a mamã diz que a Minka vai para casa em breve. Agora percebo porque estou aqui.

– Mais uma palavra tua – berrou um homem de uniforme – e levas um sopapo ou mesmo uma tarefa! Estás a perceber?

– Sim – disse Senka, agora chocado e profundamente preocupado. – Posso telefonar ao meu papá, por favor? Ele trabalha no Comité Central. – Achou que mencionar o pai poderia assustá-los, mas eles pareciam não se importar. Tiraram-lhe o livro e deram-lhe um recibo ao qual ele não sabia o que fazer. Então, uma guarda anafada de bata castanha levou-o por uma porta: – Revista pessoal. Exame médico – disse ela. – Despe-te, rápido.

Senka sentiu-se envergonhado. – Até as calças do pijama?

– Despacha-te! Depois vens buscar a tua roupa. – Empurrou-o por outra porta.

– Mas estou com umas dores de barriga horríveis. A mamã manda-me deitar quando as tenho e depois passa. E tenho asma.

– Anda cá – disse um homem com um quisto no nariz e um estetoscópio e uma bata branca. Estava sentado numa velha cadeira de metal ao lado de uma cama com rodas e cujo colchão tinha manchas de um castanho desbotado. Senka percebeu que ele era médico, mas não um médico como a mãe. – Levanta- -te!

Senka pressentiu perigo. – Não! – Correu para a porta. Mas o médico premira um botão na parede e a porta abriu-se de rompante, dando entrada a três guardas, um homem e duas mulheres. Senka chorava agora, soluçando: – Quero a minha mamã. Quero ir para casa, dói-me muito a barriga! – Mas eles agarraram no seu corpo nu e pálido e levaram-no para a cama, onde o pousaram bruscamente.

– Deixa-me examinar-te, senão eles seguram-te – disse o médico por entre uma pieira acentuada. – E vai ser pior do que uma dor de barriga, aviso-te já.

Senka parou de se debater, mas percebeu que estava a tremer de medo e mau pressentimento. O médico disse-lhe para abrir a boca. Então o homem com o quisto no nariz introduziu os dedos, que sabiam a metal e lixo ao mesmo tempo, e apalpou os dentes e a língua de Senka. – Vira-te – disse. – Respira fundo!

Senka sentiu qualquer coisa no rabo e começou a debater-se de novo e a gritar, mas aquilo terminou rapidamente, e em breve estava de volta à primeira sala e de novo com o pijama e o roupão vestidos. Outra sala: um velho de cabelo oleoso ao lado de uma máquina fotográfica disse-lhe para se sentar na cadeira, mas ele era demasiado pequeno, portanto o fotógrafo arranjou-lhe uma almofada, antes de desaparecer atrás de um manto negro – Olha para a máquina – e bum: houve um lampejo e um som sibilante. – Muito bem, miúdo. – O fotógrafo despenteou-lhe o cabelo.

Senka viu uma oportunidade.

– Posso telefonar à minha mãe, por favor? Tenho tantas saudades da minha mamã!

– És novo para estar aqui – sussurrou o fotógrafo rapidamente. – Vais sair, miúdo, ao contrário de mim. Mas o meu conselho é que te deixes levar pela corrente. Não lutes contra ela. – Depois pigarreou e gritou: – Prisioneiro para transferência!

Senka foi devolvido aos carcereiros das batas castanhas, que o passaram a dois guardas fardados. Cada um lhe segurou num braço. Porta-chaves muito carregados tilintavam nos cintos, ao lado das pistolas deles. – Nada de conversa. Olhos em frente. Vamos. – Escadas de aço, para baixo, de novo para cima, através de portas trancadas. Senka sentia-se minúsculo naquele enorme mundo oculto. Sempre que uma porta se fechava e outra se abria, ele estava em mais um salão muito alto cheio de patamares de metal, cada um com fila após fila de portas de aço reforçadas.

Aquele sítio fedia a chichi, cocó, suor, detergente, humidade. Repulsivo. Repelente. Revoltante. Asqueroso. Nauseabundo. Egrégio. Emético. O léxico reconfortava-o, mas o coração dele batia como um comboio a viajar a alta velocidade.

Quando ouviu mais passos a aproximar-se, o coração dele disparou. – É a Minka? – disse, com a voz trémula. Mas eles empurraram-no para dentro de uma caixa que parecia um caixão na vertical, e trancaram a porta. Senka pensou que ia sufocar e a dor de barriga voltou, mas ouviu os passos a afastar-se, e depois eles libertaram-no e finalmente abriram uma cela com o número 235 e empurraram-no lá para dentro.

– Alguém fez chichi na minha cama! – berrou Senka quando viu o colchão fino sobre a cama de metal: tinha uma mancha amarela com a forma da Crimeia. Também queria fazer chichi, mas não havia sanita. Não sabia o que fazer. Então, a vigia de Judas abriu-se e fechou-se, as fechaduras rodaram e um guarda entrou.

– Tenho fome e preciso de ir ao quarto de banho – disse.

– Essa hora já passou – disse o guarda. – Usa esse balde de despejos.

– Acho que não consigo usar um balde.

– Então aguente até amanhã de manhã, vossa majestade. As rações não tardam.

– Por favor telefone à minha mamã – disse Senka, desatando a chorar. Em breve estava a chorar em espasmos, com as lágrimas a correr-lhe para dentro da boca e até pelo pescoço abaixo. – Por favor!

A porta bateu outra vez, e o postigo foi aberto e fechado repetidamente, mas ninguém veio, por isso Senka estendeu a manta sobre o colchão. Reparou que a almofada tinha uma mancha vermelho-acastanhada da forma de África.

Por fim, teve de usar o repugnante balde de despejos; depois, a exaustão obrigou-o a deitar-se e começou a chorar de novo. A porta abriu-se e, desta vez, era uma senhora com um carrinho. Deu-lhe uma taça de sopa (que na verdade era apenas água cinzenta com dois pedaços de gordura amarela a flutuar lá dentro), um quadrado de pão escuro e um retângulo minúsculo de manteiga. Estava cheio de fome, mas a sopa fedia e a gordura era horrível, por isso só comeu o pão.

– Posso comer mais um pedaço de pão?

– É contra as regras. A tua porção é essa.

Ela deu-lhe uma chávena de chá com um pedaço minúsculo de açúcar; depois, a porta foi fechada de novo e ele deitou-se na cama, apavorado com os sons da vastidão da Prisão Interior de Lubianka. A sinfonia das prisões, concluiu, é mais percussão do que cordas: portas a bater, chaves a tinir, fechaduras a ranger, tosse, cuspidelas, espasmos, uivos, soluços, gritos, o choque de botas sobre patamares e escadas de metal. Tudo era áspero, e tudo o que conhecera até àquele momento havia sido suave.

Quem eram os estranhos que arquejavam, roncavam e tossiam nas celas ao lado? Haveria alguém da idade dele? Estariam as outras crianças da escola perto dele? Onde estava Minka? Fechou os olhos e sonhou com a mamã, a sua casa, os irmãos e a irmã. Mamã, estou aqui. *Por favor* vem buscar-me. Sabes onde estou?

Chorou e chorou, mas, mesmo quando as lágrimas acabaram, o medo permaneceu. Como fora cometido este erro terrível? De certeza que eles não sabiam que ele tinha dez anos. Se ao menos lhes tivesse dito isso, eles teriam percebido que haviam prendido a pessoa errada. Não acreditava que não soubessem quem a mamã e o papá dele eram.

Reviveu a noite do tiroteio na ponte: estava preso por causa daquelas mortes; sabia isso. Mas teriam George e Andrei sido presos só com o pijama vestido?

Senka apercebeu-se de que não tinha nada para abraçar e de que ninguém o beijara naquela noite: como é que podia dormir sem o seu urso de peluche, o Aristóteles? Nunca dormira sem o urso. Em casa, deitava-se na cama com o cobertor puxado até ao pescoço, a sentir-se como um príncipe aconchegado no centro do mundo inteiro. A mamã sentava-se na cama e contava-lhe histórias e tomava-lhe o rosto nas mãos e beijava-lhe o nariz e a testa e as faces e por vezes até os olhos e ele levantava o olhar

para ela e às vezes fazia-lhe a sua expressão de galã, baixando o rosto e erguendo os olhos, e a mamã dizia: «Oh! Quem poderia resistir a esses olhos castanhos? Um dia, vais-te casar e ela vai ser uma rapariga sortuda!» E depois lançava a cabeça para trás e ria-se.

Isto fê-lo chorar outra vez, mas pelo menos começava a perceber porque estava ali. Quando a Minka desapareceu, a mamã disse: «Dois amigos dela foram mortos, por isso é óbvio que eles têm de investigar. Depois ela vem para casa.» Mas a mamã e o papá disseram que a Minka vinha para casa hoje à noite. Então porque é que ele também estava na prisão? E porque é que não conseguia dormir? O postigo estava sempre a abrir-se, e a luz estava acesa. Quando se enroscou, uma voz disse: «Mãos fora do cobertor!» Estava desesperado por dormir. «Dormes tão bem», dizia sempre a mamã. Fechou os olhos, mas, quando a escuridão começava a envolvê-lo, a porta abriu-se abruptamente e ele foi arrancado da cama, levado a passo de marcha pelo corredor, por umas escadas de metal acima, para baixo, e de novo para cima através de várias portas.

Uma sala luminosa. Duas cadeiras de metal. Diante dele estava um homem com um rosto grotesco pontado por milhares de manchinhas vermelhas, um queixo protuberante que parecia o focinho de um cão e mãos como tenazes de lagosta.

– Eu sou o coronel Likhachev – disse o homem. – Tratámo-vos com demasiada brandura, mas, agora que sabemos que são criminosos e inimigos, vamos lidar convosco exatamente como lidamos com os adultos. Não me importa se tens dez ou oitenta anos: responde às minhas perguntas e diz a verdade. Se mentires ou ocultares alguma coisa, parto-te os dentes. Estás a perceber?

Senka olhou para aquele sabujo feroz e soltou um soluço sonoro. O homem bateu com o punho na mesa com tanta força, que o candeeiro saltou e Senka recuou, derrubando a sua cadeira. O homem ergueu-se rapidamente e agarrou Senka pelo queixo, apertando-o tanto com as suas garras que ele ficou com a boca toda desfigurada.

– Nunca mexas um músculo que seja sem a minha permissão. E não chores também.

Senka começou a ofegar cada vez mais rápido, até ficar com falta de ar.

– Responde-me a esta pergunta e podes voltar para a tua cela.

Senka acenou com a cabeça.

– Conheces a Serafima Romashkina?

– Sim – sussurrou, ainda ofegante.

– Conhece-la bem?

– Tem dezoito anos, mas... bem, é muito simpática comigo. – Senka sentiu que era capaz de desmaiar, mas sabia que devia evitá-lo. Tomou fôlego rapidamente algumas vezes. – Ela é amiga da minha irmã Minka.

– Agora pensa bem. Não digas que não. Não protejas ninguém. Nós descobrimos tudo e, se tu mentires, vais para os campos de trabalho e nunca mais vês os teus pais. Mas, se disseres a verdade, vais para casa muito em breve. Estamos a investigar as mortes da Ponte de Pedra. Estavas lá, não estavas?

– Sim.

– O que viste?

– Dois amigos da minha irmã mortos no chão.

– Mas reparaste numa coisa?

– Sim. O caderno. O Livro de Veludo do Nikolasha. E peguei nele.

– Sabes que, quando o apanhaste, cometeste um crime grave, ao roubar provas de um homicídio?

– Não sabia isso.

– Então porque é que agiste como um traidor? – perguntou o homem lívido e borbulhento que Senka percebia agora ser uma lagosta mascarada de humano. – Porquê apanhá-lo? Porquê escondê-lo?

– Não pensei. A minha mamã vem aí?

– Só quando nos disseres a verdade. O que fizeste com o caderno?

– Levei-o para o meu quarto e escondi-o.

– Porquê?

– Achei que seria interessante lê-lo. Não sabia que era um crime. Lamento muito.

– Disseste a alguém que o tinhas?

– Só ao meu irmão. O Demian. Mais tarde, apanhei-o a abrir as gavetas da minha secretária e fiquei tão zangado, que contei à minha mãe, mas o caderno tinha desaparecido.

– Não chegaste a lê-lo?

– Não, juro que não.

– Sabias que continha planos para formar um governo e assassinar os nossos líderes?

Senka abanou a cabeça, tentando lembrar-se das conversas dos pais. As suas primeiras memórias eram dos elevadores da Casa da Margem a ranger à noite quando a polícia secreta chegava para prender outra pessoa. Uma vez a mãe lançara um olhar tenso ao pai: – Que andar? – perguntara.

– Décimo primeiro.

– Os Larins. Eles não são Inimigos, Genrikh.

– O Partido nunca comete erros, Dashka. É melhor matar cem inocentes do que falhar um Inimigo. Estamos numa luta de vida e morte para nos prepararmos para a guerra contra o fascismo e há Inimigos por toda a parte. Não falemos disto em frente ao... – E o pai olhara para ele.

– O Senka é demasiado pequeno para perceber – dissera a mamã. E de facto na altura não percebera, mas lembrava-se de os Larins terem sido levados e nunca mais voltarem.

Depois do tiroteio na ponte, a mamã de Senka levava-os a todos a passear no bosque perto da *dacha* deles e dissera: «Se alguma vez vos interrogarem sobre isto, digam-lhes o que sabem. Mas mais nada. Nada de mexericos; não falem de política. Os segredos são como um campo de minas: só se sabe que a mina está lá quando a pisamos. A tagarelice pode destruir uma família.»

– Isto vem da mais alta autoridade da União Soviética – dizia agora o Lagosta. – Puxa pela memória: coisas que viste, coisas que ouviste. A Serafima tinha namorado?

– Claro que não. Se tivesse, seria *eu*!

– Credo! – O Lagosta dobrou as mãos para trás e fez estalar os ossos dos dedos. – Um amigo especial então?

– Mas a Serafima estava sempre sozinha.

– Havia alguém que lhe desse uma atenção especial?

Senka hesitou. Pressentia perigo, sabia que as suas palavras poderiam de algum modo magoar pessoas. Mas onde estaria aqui o perigo? Era crime um rapaz admirar uma rapariga? Não tinha a certeza.

– Todos os rapazes gostavam da Serafima – disse. – Principalmente eu.

O Lagosta estava a escrever num pedaço de papel. Depois, empurrou-o sobre a mesa. – Confessas ter roubado esta prova de conspiração do local do crime?

– Não percebo – disse Senka.

– Não podes negar que pegaste no caderno e o escondeste. O teu irmão Demian encontrou-o.

– Oh! – Demian não só encontrara o caderno, como o entregara à polícia secreta. Por isso é que estava em liberdade. Demian tinha inveja de Senka e estava obcecado por ascender nos Pioneiros e no Komsomol e tornar-se tão importante como o pai. Demian era um bufo e um patife.

– Se queres voltar a ver a tua mãe, assina isto agora – disse o Lagosta, empurrando o papel para Senka, que o assinou rapidamente.

– Se tivesses doze anos, este papel podia sentenciar-te à mais alta medida de castigo: morte com um tiro na nuca. Mas, como só tens dez anos, estás sujeito a dez anos nos campos, segundo o artigo 158 – disse o Lagosta.

Senka tinha a cabeça a andar à roda e agarrou-se à beira da mesa.

– Mas se nos ajudares com a Serafima...

– A Minka disse que ela tinha... admiradores... pretendentes... cavalheiros.

– Nomeia-os agora antes que te dê um murro.

Senka adorava Serafima e faria tudo menos metê-la em sarilhos, mas como podia isto prejudicá-la? Como poderia prejudicar alguém? Cuidado com as minas! Deu voltas à cabeça em busca de alguma coisa sobre os admiradores de Serafima. Não ouvira Minka e Serafima a rir do Príncipe Herdeiro? Elas achavam que ele não percebia este código – tomavam-no por estúpido? Mas ele sabia que não devia mencionar Vasily Estaline. Tudo o que tivesse a ver com Estaline era perigoso. Tinha de encontrar alguma coisa que não fosse perigosa, mas era difícil porque Senka não sabia o que o Lagosta queria. As minas eram invisíveis. O estômago de Senka começou a revolver-se e a sua respiração tornou-se penosa de novo.

– Acho que vou vomitar – disse.

O Lagosta ergueu-se, fazendo com que a cadeira rangesse no chão, e começou a contar: – Quando chegar a três, arranco-te as respostas à pancada. – Sacou uma moca grossa de borracha e bateu com ela na mesa. – Já abri o crânio de um homem com este brinquedinho – e Senka notou que a moca repousava alegremente nas tenazes do Lagosta como se ele estivesse habituado a usá-la. – Um, dois...

– Bem, sim, houve uma vez... – Não metas a Serafima em sarilhos, disse Senka a si mesmo. Não menciones o Vasily Estaline. Não envolvas a mamã e o papá. Não prejudiques a Minka. Havia tanto a considerar. Reviu as possibilidades: *isto* não é nada, *aquilo* é secreto; *isto* não o vai satisfazer, *aquilo* é perigoso. Tinha a mente a ferver com responsabilidades, armadilhas, campos de minas, coisas que não podia dizer, tabus, tudo isto comparado com a sua confissão de ter roubado o caderno e os dez anos que o esperavam nos *gulags*: a viagem de comboio, a nevosa tundra, a ameaça de nunca mais voltar a ver os pais.

– Houve uma vez...

– Quando? – O Lagosta pousou a moca e pegou numa caneta.

– Foi há algumas semanas... A Minka e eu estávamos a caminhar na Rua Gorki e... e...

O cacete abateu-se violentamente sobre a mão de Senka. Doeu desesperadamente e ele começou a chorar, segurando a mão ferida com a outra. As lágrimas turvaram-lhe os olhos até ele deixar de ver. – Eu conto-lhe, eu conto-lhe!

Mas ainda não decidira *o que* contar.

– Por favor não me magoe outra vez. Eu quero ver a minha mamã... Uma vez, a Minka e eu estávamos a caminhar na Rua Gorki e vimos a Serafima e... – Tentou lembrar-se e, depois, conseguiu. Sim, isto era perfeito e não magoava ninguém que ele amasse. – Atrás dela, uns cem metros atrás dela, vimo-*lo* a segui-la.

O alívio foi inebriante quando Senka se acalmou e começou a contar a sua história.

## VINTE E CINCO

Kapitolina Medvedeva estava no seu gabinete à espera que Innokenty Rimm falasse. Nos últimos dias, aquele hipócrita difamador pavoneara-se pelos corredores como um conquistador de ancas largas. Alguma coisa – nada de bom – havia acontecido para lhe dar este acesso de confiança. O que era? Kapitalina Medvedeva estudara o Dr. Rimm como um zoologista estuda uma aranha rara e venenosa. Sabia que aquela altivez tinha de estar ligada ao Caso das Crianças.

A diretora Medvedeva era uma disciplinadora severa, um membro do Partido de longa data, mas do que realmente gostava era de ensinar e das crianças. Este caso estragara-lhe o período escolar – e sabia que também lhe podia estragar a vida.

À noite, não conseguia dormir. De dia, sentava-se à secretária mas não conseguia trabalhar. Os pais (o camarada Satinov alguma vez visitara os portões da escola com tanta frequência?) traziam as crianças; as crianças iam às aulas, que os professores davam, mas estavam todos a fingir. Não estavam realmente ali. Estavam nas masmorras de Lubianka. Se ela tivesse sorte, as crianças seriam libertadas rapidamente e o caso morreria, mas ela sabia que estas crises eram muitas vezes exploradas por metediços com interesses pessoais, pedantes enfatuados e obcecados pelo Partido que conseguiam tornar escândalos inofensivos em tragédias. Tenho de ser forte, decidiu, tenho de ser como o aço. A *tverdost* – dureza – é uma virtude bolchevique.

Rimm não batera à porta; simplesmente irrompera pela sala dentro. Agora ela escrutinava o nariz dele – era como o bico de um pato – e o cabelo da cor de arame ferrugento.

– Quero convocar uma reunião extraordinária do Comité do Partido da Escola – disse ele.

– Porquê?

– Para analisar se foi cometido algum erro na sua administração da escola.

Kapitolina recostou-se na cadeira. Eu é que mando aqui, pensou. Não ele. Não o Cantigas. – Veto essa ideia, Dr. Rimm.

– Não pode fazê-lo, camarada diretora. Eu sou o secretário do comité.

– Há três membros no comité e eu já falei com o camarada Noodelman, e ele está contra.

A diretora Medvedeva percebeu que Rimm estava preparado para isto. – Talvez se lembre de que as regras permitem que eu convoque uma reunião extraordinária do Comité do Partido *com a comparência de todo o pessoal da escola* para ler anúncios do Partido. Como este, sobre os manuais de Matemática do Setor de Educação do Comité Central.

Ele ergueu as sobrancelhas, e a diretora Medvedeva viu o brilho de vitória naqueles olhos aquosos e orlados de vermelho. – Vemo-nos lá, então?

A sala dos professores encheu-se para a reunião especial do Comité do Partido do Dr. Rimm. Os professores estavam pálidos, tensos, preocupados – e a diretora Medvedeva lembrou-se das reuniões trágicas no final dos anos trinta, quando dois professores haviam desaparecido da face da Terra e eles tinham votado unanimemente que «os Inimigos do Povo deviam ser mortos a tiro como hienas».

Agora apenas um professor, Benya Golden, estava suficientemente descontraído para se recostar num dos sofás com as pernas cruzadas e um sorriso cansado no rosto.

Ela abriu a reunião, mas o Dr. Rimm interrompeu-a imediatamente. Enquanto secretário, a reunião era dele, e avançou rápido para aprovar uma série de resoluções: que o comité devia analisar se o Caso das Crianças expunha algum erro da diretora da escola; que, durante esse processo, ele, o Dr. Rimm, devia assumir o controlo da escola...

As propostas foram recebidas com silêncio.

– Isto é um golpe de Estado, Dr. Rimm? – perguntou Benya Golden por fim. – Quer ser o Napoleão da Escola 801? – Houve um riso suave de algures, e depois silêncio.

– O seu escárnio surpreende-me! O seu ensino burguês e desligado do Partido, sobretudo nas suas aulas de Pushkin, desempenhou um papel neste caso trágico, professor Golden.

– Está bem, Dr. Rimm – disse Golden, suspirando e espreguiçando-se. A diretora Medvedeva sabia quão duras haviam sido as mortes e as detenções para Golden, e pressentiu que ele tinha mais experiência com homens como Rimm do que ela. – Faça a sua votação, mas eu só voto em si se prometer que a sua interpretação do «Que o Camarada Estaline Viva Muitos e Muitos Anos» vai melhorar drasticamente. O senhor por acaso canta-a *deliberadamente* mal? Isso pode ser um ato subversivo de sabotagem musical.

Em resposta, houve um arquejo de surpresa e uma tentativa de reprimir o riso por parte de alguém, mas o comportamento oficioso de Rimm, adornado com insinuações de ligações poderosas, enfeitiçou os professores assustados, que votaram unanimemente nele.

Depois, Kapitolina Medvedeva, que a cada passo se sentia mais pequena e mais insignificante, caminhou lentamente pelo corredor para se encontrar com os pais nas Portas Douradas. Conseguia sobreviver a isto. Este tipo de intrigas estava sempre a acontecer. Mas a preocupação com as crianças detidas, aumentada por este golpe, deixou-lhe os membros pesados como chumbo. Nos portões, cumprimentou o primeiro pai, a Dra. Dorova. Demian estava a seu lado, mas onde estava Senka? A diretora Medvedeva olhou para o rosto dela e a expressão de desespero insone que obteve em resposta revelou o impensável. Tinham prendido uma criança de dez anos! O que viria a seguir?

Ouviu o cantarolar agourento a aproximar-se, e o Dr. Rimm pôs-se mesmo à frente dela, com as ancas efeminadas, sob a túnica do Partido, a tapar-lhe o caminho. – Esta manhã sou eu que cumprimento os pais e presido à assembleia – disse. – Este sítio está crivado de elementos podres e um peixe apodrece a partir da cabeça.

Ela recuou no instante em que Dashka Dorova partia e o camarada Satinov chegava.

– Estimado camarada Satinov – ouviu Rimm declarar no seu soprano ofegante –, enquanto diretor interino, é um prazer saudá-lo à porta da nossa escola! Viva o camarada Estaline!

Era de manhã cedo, mas o bom humor dos chekistas, pese embora tivessem os olhos cansados e os queixos cobertos de barba, mostrou a Andrei que estavam a fazer progressos, e isso significava que alguém tinha bufado. Andrei sabia que era o único forasteiro entre as crianças, e simplesmente não aguentava voltar atrás, ao exílio, à penúria. Estava determinado a sobreviver a isto. Ainda tenho cartas para jogar, lembrou-se. Ainda posso sair daqui.

Andrei sabia que o coronel Likhachev lhe ia bater, mas nesse conhecimento havia força, pois a violência é mais potente quando inesperada. Andrei reduziu todos os seus medos a duas preocupações: a primeira era a mãe. Por esta altura, saberia onde ele estava. Até podia ter ido à prisão, tendo esperado à porta de tantas prisões pelo pai dele. Enquanto os outros pais podiam provavelmente telefonar ao próprio camarada Beria, ela era a única que não tinha a quem recorrer.

A moça atingiu-o no rosto com tanta força que não doeu. Sentiu uma escuridão, com uma pulsação e sangue bombeado que transformaram a luz num céu noturno pontado de faíscas vermelhas em vez de estrelas. Estava deitado de costas no chão de betão quando Likhachev e outro guarda o levantaram.

– Isto foi só para te acordar, canalha. Para te mostrar que aqui não és nada. Digas o que disseres, podes nunca mais ver as ruas de Moscovo nem a tua mãe. – Andrei sentia o rosto a pulsar como se fosse uma criatura com vida própria. Tentou limpar o sangue.

Tem calma, disse para consigo, volta para a tua mãe, protege aqueles que amas. Acima de tudo, Andryusha, sobrevive a isto para te refazeres. Joga xadrez com estes brutos, mesmo que tenhas os olhos cegos de sangue.

Likhachev colocou o bastão, a cintilar com o sangue de Andrei, ao lado do caderno e da caneta: – A conspiração de Nikolasha Blagov contra o Partido foi inspirada por um mentor conhecido como NV. Os teus amigos já nos disseram que isto significava *Novi Vozhd*. Novo Líder. Sabemos que esta serpente estava ligada a Serafima Romashkina.

– Não me parece – disse Andrei rapidamente. Um sorriso afetado cruzou o rosto de Likhachev. – Ninguém estava próximo dela.

– Mesmo depois de uma cacetada nos beijos, estremecees quando se fala nela – disse Likhachev. – Talvez sejas *tu* o namorado dela. És *tu* o NV?

– Não sei do que fala. – Mas Andrei sabia, porque proteger Serafima era a sua segunda prioridade.

– Sabemos que andavas a segui-la como um cachorrinho e que conspiraste avidamente para derrubar o governo soviético.

– Não é verdade.

– Não é o que os teus amigos dizem.

– Bem, eles não sabiam que eu a observava às vezes. – Pronto. Dissera-o. Jogara o seu trunfo. Agora a pergunta era: Como é que ia ser recebido?

Likhachev estremeceu. – O que queres dizer com isso?

– Eu sei que parece... estranho, obsessivo...

– Porque é que a observavas?

Andrei corou, mesmo ali, mesmo na beira do precipício. – Gostava dela... Queria saber aonde ela ia.

– Outro cachorrinho apaixonado! Não tinhas nada melhor para fazer? Então viste tudo. O que viste? Os conspiradores? Podes testemunhar que o Nikolasha estava a planear um golpe, não?

– Não me apercebi de que ele tinha ido tão longe.

– Estavas a esconder provas dos Órgãos?

– Não, ele não nos mostrava os escritos dele.

Viu Likhachev inclinar-se para a frente, tentar uma estratégia diferente. – Serafima Romashkina. Achas que a conheces bem? A única coisa que nós, chekistas, sabemos é que ninguém conhece outra pessoa bem. Podes estar casado vinte anos com uma mulher e não perceber que ela é uma Inimiga, uma traidora, uma pega. Deixa-me partilhar contigo que sabemos pelo caderno do Nikolasha Blagov que a Serafima Romashkina era fundamental para a conspiração.

– Eu sei que isso não é verdade porque andava a observá-la.

Likhachev sorriu. – Os teus amigos já nos disseram os nomes dos amantes dela. Todos lhe eram dedicados. Novos e velhos. Qual era o truque dela? Quem a ensinou? As geixas do Japão? Deve ser uma rapariga e peras.

Andrei estava a tentar manter o equilíbrio numa derrocada. Uniu as pontas dos dedos para se concentrar. Salva-te a ti, à tua mãe e à Serafima, repetiu. Tinha de lhes dar outra pessoa. Mas quem?

– A Serafima é uma patriota decente e honrada – disse Andrei. – Não tinha namorado. Eu via com quem ela se encontrava. Sim, como toda a gente, encontrava-se com pessoas. Talvez tivesse mentores, como todos temos. Mas não um namorado.

Likhachev estava a afagar a moca. – Agora estás a aborrecer-me. Mencionaste um mentor, não foi?

Andrei tocou no rosto. Tinha a face direita e a boca dormentes e inchadas. E estava cansado. Sentia que ia morrer se não dormisse. A resposta era óbvia: Vasily Estaline. Talvez houvesse alguma coisa entre Serafima e ele. Vasily Estaline fora buscá-la, e ela conhecia-o. Se o NV – Novo Líder – fosse Vasily Estaline, não iriam eles encarar este caso como uma piada inofensiva, e não uma conspiração? Mas George Satinov avisara-o: nunca menciones o Vasily Estaline, e ele deixara-o de fora dos seus relatórios aos Órgãos. Em todo o caso, quem acreditaria nele, filho de um Inimigo? E que horrível vingança caucasiana iria o Grande Estaline em pessoa infligir a um rapaz que se atrevia a mencionar o Nome em vão? No entanto, apesar de tudo, a palavra Vasily dançava-lhe nos lábios.

Likhachev inclinou-se para a frente e pôs o queixo tão perto das feridas no rosto de Andrei que este conseguiu sentir o sabor a salsicha no hálito do seu interrogador. – Vá lá, pinga-amor – disse. – Prova-me que a Serafima é mais pura do que a neve.

\*

À hora do almoço, o inspetor do Setor de Educação do Departamento Agitprop, do Comité Central, chegou para ouvir as acusações do Dr. Rimm.

– Camarada diretora – o inspetor Ivanov lambeu o dedo enquanto virava algumas folhas –, devido ao Caso das Crianças, recebemos quatro queixas anónimas sobre a direção da Escola 801.

Kapitolina Medvedeva olhou miseravelmente para Rimm, que lhe dirigiu um sorriso jubilante. Que importava se ela sabia que fora *ele* quem escrevera as quatro denúncias?, pensou Rimm. Quem quer que as tivesse escrito dizia a verdade.

– Portanto, fui incumbido de consultar o camarada Rimm, que confirmou algumas das acusações. Estou correto, camarada Rimm?

– Sim, camarada Ivanov. Mas com grande relutância e sincera tristeza.

O Dr. Rimm estava encantado com a forma como as coisas corriam. Descobrira que tinha talento para o trabalho de agente secreto. Demian dera-lhe o Livro de Veludo e ele passara-o a um funcionário que conhecia nos Órgãos. Sim, Senka Dorov fora detido graças a ele, mas o camarada Estaline dizia muitas vezes «Não se pode fazer uma omelete sem partir ovos», e, além disso, os chekistas tinham prometido que nada de mal aconteceria a Senka, e o choque talvez ensinasse o fedelho a ter respeito.

– Muito bem – disse Ivanov, lambendo a ponta dos dedos repetidamente enquanto virava mais páginas. – Vemo-las uma a uma, camarada diretora?

Kapitolina Medvedeva assentiu com a cabeça.

– Quem aceitou Andrei Kurbsky, filho de um Inimigo do Povo, na escola este período?

Kapitolina pareceu um pouco surpreendida. – Fui eu.

– Porquê?

– O camarada Estaline disse que os filhos não devem pagar pelos pecados dos pais – respondeu.

– É bem verdade. – Ivanov fez um apontamento. – Quem paga as propinas?

– Eu. Do meu próprio salário.

– Camarada diretora, permitiu – duas lambidelas dos dedos – o ensino de Pushkin, contra a ética comunista, com um sentimentalismo romântico-burguês?

– Se eu desconfiasse de filistinismo burguês de algum professor, tê-lo-ia despedido.

Ele anotou isto.

– Temo que essas acusações mesquinhas sejam um desperdício do seu tempo, inspetor – continuou Kapitalina. – Em reconhecimento disto, proponho que o camarada Rimm, juntamente com o camarada Noodelman, investiguem e apresentem um relatório dentro de um mês.

Era uma jogada inteligente. Até Rimm tinha de o admitir, embora percebesse que ela estava a tentar ganhar tempo.

– Parece-me uma boa ideia – disse o inspetor Ivanov. – Talvez de momento seja a melhor solução, não acha, camarada Rimm? O Comité Central ficaria satisfeito com isto.

– Obrigado, camarada Ivanov – disse Rimm. A diretora vencera-o: cabra matreira. Agora, teria de provar as suas próprias acusações, o que seria muito mais difícil do que enviar denúncias anónimas.

Mas ele omitira a acusação mais grave.

– Tenho uma pergunta, camarada Ivanov. Está sem dúvida ciente da biografia do professor Golden e do papel que ele desempenhou na tragédia.

O inspetor Ivanov pareceu interessado. – Queira contar-nos, camarada.

Rimm debruçou-se para a frente. – O Golden criou a ideologia venenosa que inspirou estas crianças a matar. Proponho que investigue porque é que este hipócrita dissimulado está a lecionar nesta escola. Quem o contratou? E, ainda mais importante, quem é que o protege, mesmo agora?

## VINTE E SEIS

Quando George era jovem, um conhecido dos seus pais chamado Mendel Barmakid, um velho bolchevique famoso, fora detido. Os pais dele haviam sussurrado sobre isso no quarto de banho como todos os pais faziam naquela altura – com as torneiras abertas.

– Ele pode ser culpado? – perguntou Tamara.

– Lê isto – respondeu o pai.

Tamara leu calmamente: – «Protocolos de interrogatório de Mendel Barmakid...» Mas eles podem ter usado métodos excessivos – disse ela. – «Métodos excessivos» significava tortura em linguagem bolchevique.

– Duvido – respondeu Satinov. – Olha. Confessa tudo e todas as páginas estão assinadas por ele. Vês? Isto é convincente. Se não fosse culpado, não confessava. A confissão é a mãe da justiça. A lição é dizer a verdade, mas nunca confessar nada!

George Satinov estava a repetir isto para si mesmo agora.

– Quem é o NV? – perguntava o coronel Likhachev. – E qual era a relação dele com a Serafima Romashkina?

George pensou em Vasily Estaline. Lembrou-se de ouvir o seu irmão David dizer: «O Vaska é doido pela Serafima, e ele consegue sempre o que quer. Quando o patife leva as raparigas a voar de avião, elas caem na cama com ele por puro medo!» E se Likhachev descobrisse que George não lhe falara das saídas de Serafima com Vasily Estaline? E se Andrei já lhes tivesse contado, e eles o estivessem a testar? George manteve-se calmo e não disse nada.

Likhachev ergueu-se abruptamente e bateu à porta, que se abriu quase de imediato. – Major – disse em tom áspero –, traga o prisioneiro 72.

O coração de George disparou enquanto pensamentos horríveis lhe corriam pela cabeça. Seria Minka? Ou Serafima? E rezou para que, se fosse um dos amigos, não estivesse ferido. Esperava que não tivessem

esmurrado Andrei ou Vlad como o tinham esmurrado a ele e também que eles tivessem sido tão fortes como ele e não se tivessem incriminado. Então, por um momento, o pesadelo: seria o pai? Mas isso era simplesmente impensável. Ouviu o som de passos a aproximar-se. Pela primeira vez, George, tão confiante, tão imprudente, experimentou o medo mais elementar. A sua barriga contraiu-se. Por entre a marcha marcial dos guardas, pressentiu algo mais: o arrastar de pés de outra presença que mal conseguia andar. Então dois guardas puxaram para dentro da sala uma figura que depositaram na cadeira em frente à sua. Viu um inchaço do tamanho de um saco de cereais e uma cabeça grande caiu para a frente, mas o coronel Likhachev agarrou no cabelo e levantou-a como um guerreiro primitivo com o escalpe de um inimigo derrotado. George arquejou. De início foram apenas os ferimentos atrozes que o chocaram: o rosto estava desfeito, inchado para o dobro do tamanho normal, o nariz esmagado, faltavam-lhe dentes, o lábio estava cortado até ao nariz, o cabelo cheio de sangue seco.

A cabeça começou a andar à roda, os dentes cerraram-se, a barriga contraiu-se e George vomitou no canto da sala. O rosto estava praticamente irreconhecível, mas quando George limpou a boca e voltou a olhar, o coronel Likhachev disse: – Não te lembras do teu caro amigo? Olha com mais atenção!

O homem parecia quase inconsciente. Resmoneava consigo mesmo e tinha um dos olhos completamente fechado e sangrava. Usava uniforme, embora a túnica não tivesse metade dos botões, o peito estivesse rasgado no sítio de onde as medalhas haviam sido arrancadas e as platinas, cortadas. George tapou parcialmente os olhos. Mesmo assim, o homem era-lhe bastante familiar.

– Losha? – disse. – Losha, oh, meu Deus, o que é que te fizeram?

– Fffffa! – O som veio da boca de Losha Babanava, mas era incompreensível. Ele abriu o olho bom, que de algum modo quase parecia piscar a George. – Fffffaan.

– Fantástico? – disse George.

A cabeça acenou em concordância.

George deixou-se cair na cadeira. Pensou que ia vomitar de novo. Depois do pai, Losha Babanava era o homem que George mais amava e respeitava. Conhecera-o toda a sua vida. Acontecesse o que acontecesse, o

que quer que ele precisasse, Losha conseguia ajudá-lo. Agora, Losha, este príncipe dos homens, era a ruína sangrenta que o encarava, flanqueado por dois guardas, naquela maldita prisão. Se Losha estava prostrado, tudo era possível. O pai dele também podia estar ali.

– George, George, acalma-te – disse Likhachev. – Podes ver o que acontece quando não nos contam tudo o que sabem. Ninguém se pode meter no caminho do Estado, por muito forte que seja, não é assim, prisioneiro Babanava? O Losha é forte como um boi, mas nós vergámo-lo, não foi? – Fez uma pausa, e depois sorriu a George, com o rosto a brilhar de suor. – Devíamos agradecer-te, George. Como é que íamos saber onde arranjaste a arma que a Rosa Shako usou para matar o Nikolasha e se suicidar?

George sentiu-se praticamente derrotado com a vergonha daquilo, e também zangado. Não faltavam armas em Moscovo. Nikolasha podia ter arranjado a arma em qualquer lado. Sim, ele, George, pedira-a emprestada a Losha e dera-a ao seu colega, mas não lhe ocorrera que Losha se pudesse meter em sarilhos. E agora percebia que esta ruína de bolhas, sangue e pisaduras era obra sua.

Mas Losha estava a tremer e a tentar dizer alguma coisa. – Não te culpes – pareceu a George. – Faz o que tiveres de fazer.

– Silêncio, prisioneiro! – berrou Likhachev. – Ou acabamos contigo!

Losha balbuciou mais uma palavra até George a reconhecer: – Família! – A família era tudo para um georgiano, e Losha adorava a família deles. George enterrou o rosto entre as mãos.

– Avancemos com isto – disse Likhachev. – Aqui o Losha diz que há uma coisa que não nos contaste, George.

George mal o ouvia. Sentia que os fogos do Inferno lhe estavam a berrar aos ouvidos.

– Se queres ganhar uma visita do médico para o Losha, diz-nos quem era o homem importante que perseguia a Serafima. Concentra-te, George. Sem um médico, o Losha pode morrer.

George olhou para Losha e a cabeça incrustada de sangue acenou. Ele tinha razão. Não importava. Tinha de falar, senão Losha ia sofrer mais.

– Eu conto-lhe, se lhe arranjar um médico. Era o Vasily... – Losha acenou com a cabeça. – Vasily Estaline.

Likhachev retesou-se quando ouviu o nome. – Vasily Estaline e Serafima?

George leu no rosto de Likhachev que mais ninguém mencionara aquele nome com respeito a Serafima. Bom, agora dissera-o, e não importava porque Vasily Estaline era intocável.

Likhachev esfregou a testa estreita. – Vasily Estaline, dizes tu?

– Sim.

Likhachev gritou aos guardas: – Chamem o coronel Komarov! – Komarov juntou-se a eles, e Likhachev virou-se de novo para George. – O general Vasily Estaline andava a cortejar a Serafima? – perguntou.

– Sim – disse George.

– Tinham uma relação imoral?

– Não sei.

– Podes confirmar isto, Babanava?

Losha assentiu com a cabeça e George contou a história que ouvira ao irmão sobre a noite em que Vasily saíra com Serafima. Os dois interrogadores olharam um para o outro em silêncio pelo que pareceu uma eternidade e George compreendeu que, como ele, estavam a analisar todas as possíveis consequências desta revelação – mas de uma perspetiva muito diferente. George só podia esperar ter conseguido um médico para Losha. Os interrogadores teriam de informar os seus superiores e George perguntou-se se o nome mágico poderia travar completamente esta investigação disparatada. De certeza que, se o camarada Estaline fosse informado, se Vasily se queixasse ao pai, as crianças seriam libertadas... Mas este foi o último ímpeto de otimismo de George: estava tão esgotado que, independentemente das consequências que pudesse sofrer, a única coisa que queria fazer era dormir, escapar àquele inferno.

– Regressemos ao Novo Líder – disse Likhachev. – Isto se ainda queres ajudar o Losha...

George esfregou os olhos. – Não me parece que NV signifique Novo Líder. O Nikolasha podia estar a referir-se a alguém do *Onegin*. Precisam de um especialista em Pushkin...

Enquanto os guardas o arrastavam para a porta, Losha olhou para George e tentou dizer mais alguma coisa. – Mmma... – E então George percebeu o que era: – *Maricas*.

George chorou. Por si próprio. Por Losha. Pelos maricas em geral.

\*

Innokenty Rimm nunca estivera tão feliz. No passado, sentira-se muitas vezes diminuído pela sua figura, por aquele rabo que parecia grande em qualquer fato ou túnica que escolhesse. (Lembrou-se da dor dos seus tempos de escola, graças às calças que lhe faziam as ancas parecer deselegantes, por muito apertadas ou largas que fossem! E os acessos de mau humor que tinha quando a mãe lhe comprava calças e ele se via ao espelho!) Quando recebera aquelas cartas de amor de «Tatiana», pensara muitas vezes no que uma Helena de Troia como ela teria visto nele. Mas agora o poder havia aliviado a sua cintura volumosa, agora sentia-se esguio como uma serpente com a exaltação do sucesso. Se ela gostava dele antes, quando era apenas vice-diretor, agora devia adorá-lo. Contava que a próxima carta aclamasse o seu novo estatuto.

Estava nas Portas Douradas, a cumprimentar os pais com ditos espirituosos. Que natural: todos o tratavam como se sempre tivesse sido o diretor.

Assembleia. Escola, em pé! Um gesto simples para se sentarem. Uma canção alegre. Um sermão contundente.

Depois: – Bom dia, professor Golden. Posso falar consigo? – disse, abordando Benya enquanto as crianças se levantavam. Observavam-no discretamente, perguntando-se se iria repreender Golden, interessadas em todos os seus atos agora que ele era diretor (interino).

– Sim, Innokenty – disse Benya Golden. – Sou todo ouvidos.

– As suas aulas de Pushkin ficam suspensas enquanto a escola estiver sob este escrutínio e enquanto repensamos o programa de literatura. Percebido?

Benya Golden abriu a boca para fazer um dos seus comentários trocistas quando Rimm detetou quatro estranhos de fato que eram obviamente agentes à paisana dos Órgãos. Agora que estava no comando, esperava que não estivessem ali para prender nenhum dos seus alunos. Convencera-se de que as crianças detidas seriam libertadas muito em breve. Se o Partido acreditava que Kapitolina Medvedeva cometera crimes, então ele não se atreveria a desafiar o Partido. – Bom dia, camaradas! – disse-lhes num tom imperioso. Na verdade, sabia porque estavam ali: para prender Benya Golden depois da sua denúncia.

Os agentes marcharam com determinação pelo corredor central. Também as crianças os reconheceram como os camaradas que haviam detido Vlad Titorenko no dia a seguir ao tiroteio, e puseram as sacolas ao ombro mais devagar, assustadas mas ainda assim curiosas. Os professores ficaram imóveis nos seus lugares. Rimm sorriu à medida que eles se aproximavam, sabendo porque estavam ali, preparado para guiá-los. De facto, um deles gesticulou vagamente para onde ele e Golden estavam. Então, tinha razão. Como sempre.

Rimm olhou para Golden e ficou espantado por ver que, embora estivesse pálido, se mantinha calmo. Uma espécie de coragem.

Rimm avançou para os chekistas. Agora que estavam perto, não podia deixar de assumir o controlo (como diretor interino e conselheiro dos Órgãos). Fez um gesto discreto na direção de Golden, para os guiar para o sítio certo, e eles ficaram gratos, porque puseram as mãos nos braços de Golden, leve mas firmemente.

– Não se importa de nos acompanhar? – disse o chefe deles. – Não demora muito. Só lhe queremos fazer algumas perguntas. – Voltaram Golden, ele lançou um olhar a Agrippina Begbulatova, e estavam prestes a levá-lo embora quando o chefe disse: – O senhor é o Innokenty Rimm, não é?

– Não, não sou – disse Golden.

– O Dr. Rimm sou eu – disse Rimm. – Mas de certeza...

– Peço desculpa – disse o chefe, tocando com uma palmadinha no braço de Golden de um modo completamente diferente do que fizera um segundo antes. – Continue o que estava a fazer e tenha um bom dia.

Então, movendo-se com a agilidade robusta de homens que vivem no reino da força física, eles puseram as mãos em Rimm de tal modo, que tomaram imediatamente posse dele. Este sentiu-se preso e pesado, como se fosse feito de barro. Não conseguia mexer as pernas e sentia o rosto a arder.

– Innokenty Rimm? Venha connosco, por favor. É apenas uma formalidade. Daqui a duas horas está de volta à sua aula. Não tem motivos para se preocupar...

Enquanto era levado do salão pelos braços, Rimm olhou para trás, esperando ver um sorriso de triunfo em Benya Golden – mas, em vez

disso, viu apenas profunda compaixão, e isto de um homem que tinha todos os motivos para o desprezar.

E ponderou, naquele assustador momento de queda livre, se não se teria enganado quanto a Golden, quanto à diretora, quanto a *tudo*, desde o início.

## VINTE E SETE

Era manhã ou meia-noite, pleno verão ou pleno inverno? Os dias e as noites confundiam-se: interrogatórios que começavam a meio da noite pareciam durar pela tarde dentro. Mas o próprio facto de Senka se ter adaptado à rotina quase reconfortante da Montanha de Granito Cinzenta provava que muito tempo passara. Mais de uma semana. Talvez até duas semanas. Como podia ele perceber? Senka Dorov só sabia que estava muito cansado e faminto, e de regresso à sala de interrogatório que se tornara todo o seu mundo, diante do coronel Likhachev.

Eu sou mais esperto do que tu, seu fanfarrão velho e feio, pensou enquanto olhava para o Lagosta. Senka confessara ter pegado no Livro de Veludo, mas de forma inocente. Quando viu o caderno, ali na ponte, pegou nele. Quando leu todos aqueles disparates sobre o Politburo Romântico e o Ministério do Amor no seu quarto, depois de se deitar, percebeu que devia esconder o caderno. Mas cometera dois erros graves: o primeiro era não o ter destruído, e o segundo era ter contado ao bufo do seu irmão. Mas naquela tão importante sessão, conseguira encontrar uma coisa para dar aos chekistas uma nova linha de investigação: – Uma vez, estávamos a caminhar na Rua Gorki e vimos a Serafima, e, cem metros atrás dela, vimos o Dr. Rimm a segui-la. – Sim, ele oferecera o grotesco Rimm como admirador secreto de Serafima e ponderou se também o teriam detido.

O fedor de Likhachev fê-lo regressar à Terra. Senka analisou o Lagosta (afinal, passara horas com aquele homem horrível). Identificou: água de colónia, suor, salame, alho, demasiada *vodka* e *chichi* – sim, um pouco como o odor do quarto de banho da escola. Contudo, sentia um desejo tremendo de agradar àquele rufia, de conquistar a aprovação dele. Este homem tinha poder absoluto sobre ele e a sua família, e no entanto estava determinado a não contar nada a ninguém, nada de importante, pelo menos. Lembrou-se de que o papá dizia muitas vezes: «A descrição é uma

das principais virtudes bolcheviques.» O camarada Genrikh Dorov era um homem esperto e importante (ainda que lugubrememente solene – alguma vez se ria?). Sim, até a mamã admitia com uma risada que o papá era um homem carrancudo. E como ele adorava a mamã. Mesmo ali, Senka conseguia invocar a sua presença: o seu perfume encantador (vinha de Paris, dizia ela), que conseguia distinguir perfeitamente do aroma doce da pele e do cabelo dela. Mas o papá percebia mais de bolchevismo e política do que a mamã: Genrikh Dorov fora um dos secretários de Estaline e o papá dizia: «O Partido tem sempre razão.» Mas porque é que os pais falavam em sussurros se o Partido tinha sempre razão? Havia ali uma inconsistência, pensou Senka, uma inconsistência que não podia ser explicada, nem sequer pelos seus pais.

Uma coisa era óbvia entre todos os mistérios esotéricos das perguntas do Lagosta: ele estaria muito mais confortável com o seu fato profissional do que com aquele pijama. E agora tinha a sua oportunidade.

– Então – disse o Lagosta num novo tom divertido –, ouvi dizer que andas sempre de fato e estás sempre a pedir dispensa em vez de fazer a aula de Ginástica. És um rapazinho esquisito, não és?

– Camarada coronel – exclamou Senka, encorajado por aquela afabilidade lúgubre –, quando a minha mamã vier, pode por favor pedir-lhe para trazer o meu fato?

O sorriso afetado pairou em redor da boca do coronel Likhachev. – Uma criança soviética devia usar meias e calções.

– Sim. Mas a minha dignidade depende de um fato.

– A tua dignidade? Um fato? – Likhachev sacou o seu bastão e bateu na mesa.

Senka baixou a cabeça, de olhos fixos na moca. Estava assustado, claro, mas era esperto o suficiente para *parecer* ainda mais assustado, e viu que esse medo agradava ao Lagosta.

– Uma pergunta rápida para ti esta noite, Senka. Qual de vocês conhece realmente o *Onegin*, de Pushkin?

Senka suspirou. Será que fazia parte de um código? Muitas vezes havia códigos em coisas triviais: ele gostava de ler as fábulas de Esopo, e o papá explicara-lhe que os líderes do Partido usavam com frequência uma linguagem secreta especial que era esópica, com muitas ambiguidades, por isso Senka estava sempre atento à linguagem esópica quando lia os jornais

ou ouvia as notícias na rádio, e aqui em Lubianka examinava constantemente cada pergunta com a diligência de um criptógrafo.

Portanto, Senka ponderou a pergunta literária do Lagosta. Como é que isto podia prejudicar a mamã e o papá? Não imaginava que pudesse. Podia prejudicar a sua irmã Minka? Não, também não via isso. Estava perplexo. Parecia uma pergunta a que podia responder, mas qual era o seu significado em linguagem esópica? Seria Pushkin, neste caso, poeta nacional (bom) ou nobre romântico (mau)?

– Despacha-te, rapaz, senão vais sentir isto na cara. – O Lagosta brandiu o bastão. – Qual dos amigos da tua irmã conhece melhor o *Onegin*?

Escolheu o rapaz que esperava fazer menos mal. – Andrei Kurbsky. Pode perguntar-lhe a ele.

\*

Kapitolina Medvedeva fora suspensa. Embora o seu principal acusador, Rimm, estivesse detido, as decisões dela quanto a Andrei Kurbsky e Benya Golden estavam sob investigação. Em casa, naquela noite, perguntou-se se ia ser destruída. Ia comparecer perante um tribunal do Setor de Educação do Departamento Agitprop do Comité Central, na Praça Antiga. O mais provável era que fosse despedida e depois detida. Nunca mais voltaria a dar aulas. Os *gulags* eram uma possibilidade. Até a execução era possível. No mínimo, exílio. Era altura de conceber um plano. Um plano de sobrevivência.

Eu sei quem sou, disse Serafima a si mesma enquanto Likhachev a interrogava. Sei que amo e sou amada. Nada mais importa. E tocou na cicatriz, a marca a que chamava a sua pele de cobra, e ouviu a voz dele a recitar o poema dos dois. Mas Likhachev estava a fazer-lhe outra pergunta.

Likhachev Quem era o teu namorado, sua pega? Quem era o NV? Diz-me o nome do Novo Líder.

Serafima Não havia nenhum Novo Líder e eu não sei o que NV significa.

Likhachev Não te faças de santa comigo, rapariga. Tu prostituíste-te a uma conspiração contrarrevolucionária e o teu belo corpo atraía homens de toda a cidade. Agora responde às perguntas ou vais-te arrepender. O George Satinov era teu namorado? O Vlad Titorenko? Ou o Andrei Kurbsky?

Serafima Não. O Andrei queria proteger-me. O George é um amigo. Não sei do que está a falar.

Likhachev O Kurbsky é filho de um Inimigo do Povo. O Innokenty Rimm era teu namorado?

Serafima Não! O Dr. Rimm é mesmo velho. Deve ter uns quarenta anos! Acho que nenhuma rapariga poderia apaixonar-se pelo Dr. Rimm.

Likhachev Uma traidora degenerada que é capaz de conspirar o derrube do governo soviético também é capaz de ter relações sexuais com o Dr. Rimm. Não mintas ao Partido! Nós temos as cartas! Encontrámo-las no teu quarto. Deixa-me ler-te esta: *Minha querida «Tatiana», eu sei que és tu, Serafima Constantinovna – as tuas cartas tocaram o coração palpitante deste amante bolchevique, o teu belo pedagogo. Nas minhas aulas de Ética Comunista, contemplo-te. Canto para ti nos corredores da escola! O teu «Onegin» (sim, claro que sou eu, o Innokenty). Prisioneira, os teus amigos disseram-nos que viram o Rimm a seguir-te na rua. Confessa que este professor te seduziu. Que depravação exigiu ele? Sodomia? Se me mentires, vais apodrecer nos campos de trabalho! Confessa!*

Serafima Não. Ele enviou-me essas cartas, mas eu fiquei espantada. Depois ri-me. Mais nada.

Likhachev Porque é que não fizeste uma denúncia?

Serafima Não sabia o que fazer. Se o denunciasse, não ia a culpa recair em mim? Ele era importante na escola, e eu vou sair em breve. Achei melhor guardá-las e ignorá-lo.

Likhachev És uma prostituta mentirosa. Quando revistámos a casa dele, encontrámos as *tuas* cartas de amor para ele! Ora lê esta. *Cantor harmonioso... doce Onegin... Beija-me como um verdadeiro comunista. «Tatiana»*. Estás a mentir aos Órgãos do Partido Comunista. Toma!

Serafima Por favor não me magoe. Meu Deus, estou a sangrar.

Likhachev Confessa, senão parto-te os dentes. Vais parecer uma velha desdentada, a chupar as gengivas. São estas as cartas que lhe escreveste?

Serafima Nunca tinha visto estas cartas. Não fui eu quem as escreveu, juro. Alguém andava a pregar uma partida ao Dr. Rimm. O senhor sabe tudo e tenho a certeza de que até sabe quem andava a gozar com o Dr. Rimm. Talvez um dos alunos dele?

Likhachev Os Órgãos sabem tudo. E o professor Golden? Também era teu amante?

Serafima Não!

Likhachev Eras a aluna preferida dele?

Serafima Porque é que me está a fazer estas perguntas?

Likhachev Porque tu és uma rapariga bonita e ele é um fornicador. [Pausa.] Tenho de te fazer uma pergunta que é sensível devido à sua ligação ao chefe do governo soviético. Conhecias o general Vasily Estaline? Tu e ele alguma vez tiveram relações imorais?

Uma casa de campo branca, austera, em Babelsberg, Berlim. Estaline jazia num divã idêntico ao da sua *dacha* numa biblioteca preenchida com os mesmos livros e revistas. As suas primeiras reuniões com Churchill e Truman estavam marcadas para a tarde e ele envergava o seu novo uniforme de generalíssimo: uma túnica branca com uma única estrela e dragonas douradas, calças azuis vincadas com uma lista vermelha, e botins com cordões, em vez das calças largas enfiadas em botas de cano alto que geralmente usava.

No exterior da sala, ouvia o barulho do quartel-general de um império: motores aceleravam, telefones tocavam, botas ecoavam sobre um chão de mármore, jovens funcionários afadigavam-se, máquinas de escrever estrepitavam.

Não estava completamente sozinho, contudo: o seu filho Vasily estava diante dele com o uniforme completo, quase em sentido, como se não fosse seu parente mas sim um modesto general da força aérea.

– Senta-te, senta-te – disse Estaline.

Vasily sentou-se nervosamente.

– Como estás, Vaska? – disse Estaline num tom suave. Ia perguntar como estavam a pobre mulher e a criança de Vasily, mas pareceu-lhe uma perda de tempo. Sabia exatamente como estavam, e não era felizes.

– Bem, pai.

– Como vês, estou ocupado. Ninguém consegue fazer nada sozinho, sabes? Diz-se-lhes o que fazer e eles ou nos ignoram ou fazem asneira.

– Claro, pai. Só tu podes tomar decisões.

– Vês que estou cansado. Não estou bem.

– A mim parece-me muito bem, pai. Parabéns pelo teu novo posto de generalíssimo.

– Bah! – Estaline fez um gesto de desdém. – Temos muito que fazer aqui.– Sabia, pelos seus agentes britânicos, que Truman lhe ia dizer nos próximos dois dias que a América tinha a sua bomba nuclear e que ia agora largá-la sobre o Japão. Ia fingir que não sabia nada sobre isso. Se o poder impressionante da bomba não estivesse a ser exagerado, Estaline teria de acelerar o programa nuclear soviético para obter a sua própria bomba o mais rápido possível. Um esforço titânico. Apenas o seu melhor organizador, Beria, podia consegui-lo... Estaline vencera a guerra; por vezes, nas crises iniciais, a dormir numa cama portátil no seu gabinete por dias a fio. Mas agora tinha derrotado a Alemanha e conquistado metade da Europa. E, no preciso momento em que triunfara, os americanos tinham arranjado esta bomba nova e ele teria de começar tudo de novo. Os seus inimigos ainda estavam fortes e teria de ser mais severo, mais forte, mais vigilante do que nunca. Ninguém podia descobrir quão doente estava.

– Pai... – começou Vasily e Estaline, cuja mente estivera longe, concentrou-se no rosto pálido e doente do filho. Era o rosto de um alcoólico. Como o pai de Estaline.

– Vaska – disse Estaline, de súbito mais frio e formal. Não tinha muito tempo e o rapaz era em igual medida motivo de tédio, vergonha e irritação. O que pensaria a sua falecida mulher Nadya deste rapaz patético e inútil? Tê-lo-ia culpado a ele, claro. – Foste mencionado a propósito do Caso das Crianças. Os chekistas dizem que andavas atrás da filha da Sophia Zeitlin. Agora és um general, e um homem casado. Já te demiti e despromovi uma vez. Para de andar atrás de saias, para de beber. Estás a denegrir a tua figura e a minha. Vão fazer-te algumas perguntas. Responde-lhes como deve ser para eu não ter de voltar a ouvir falar disto.

Vasily baixou a cabeça. – Sim, pai, prometo. Mas este caso envolve a filha do marechal Shako, a Rosa, e eu queria falar contigo sobre ele.

– Diz.

– É sobre os nossos caças e o facto de caírem com demasiada frequência.

Estaline endireitou-se abruptamente: – O que estás a dizer? – Tecnologia militar era a sua especialidade, pelo que, se as coisas corressem mal, isso significava ou incompetência ou sabotagem. Ambas eram crimes.

– Os nossos aviões, sobretudo os caças *Yak* e *MiG*, caem sete vezes mais do que os *Hurricanes* americanos ou os *Spitfires* britânicos. Muitos pilotos morreram e há uma raiva considerável no seio da força aérea.

– Porque é que não me contaste isto antes? – Agora Estaline estava a prestar toda a sua atenção a Vasily, e Vasily, que segundos antes não passava de um jovem fraco e delinquente, deliciava-se com o sol ardente da sua concentração.

– Transmíti isto integralmente ao marechal Shako e ao ministro da Produção Aeronáutica, o Titorenko.

– E a reação deles?

– Basicamente sugeriram que eu te ocultasse as provas. Que se prosseguisse com a produção. Que se sacrificassem mais máquinas e pilotos.

Estaline ficou furioso: pensou naqueles jovens pilotos patriotas a cair nos aviões defeituosos, e nos criminosos que os haviam sabotado. Respirou fundo. Tinha de se manter calmo, preservar-se para a sua missão sagrada na história mundial.

– Não estás a denegrir o nome de um herói soviético como o Shako só porque ele me fez queixa do teu comportamento? Isso seria imperdoável no meu filho, Vaska.

– Não, isto é sabotagem – respondeu Vasily. – Tem de se fazer alguma coisa.

Estaline viu logo como esta revelação encaixava perfeitamente numa das suas preocupações mais urgentes. Afinal, talvez o rapaz não fosse assim tão parvo.

Caminhou até à secretária e pegou no telefone especial para Poskrebyshv, que estava sentado à porta do escritório: – Diz ao Abakumov para voltar aqui. – Voltou-se para Vasily. – Espera lá fora, rapaz.

Quando entrou, Abakumov fez uma vénia a Estaline e, com um pouco menos de obséquio, a Vasily, que passou por ele à saída.

– Já visitaste a Chancelaria do Hitler? – perguntou Estaline.

– Sim, camarada Estaline.

– Estava a planear ir lá dar uma olhada, mas depois mudei de ideias. Deixo isso para o Churchill e o Truman. O camarada Estaline não faz visitas turísticas.

Falou-lhe das alegações de Vasily. – Investiga o Shako e o Titorenko. Faz o que for preciso. – Abakumov sabia que, quando dizia «Investiga», Estaline queria dizer «Prende».

– Os filhos deles estão envolvidos no Caso das Crianças – disse Abakumov.

– Oh, aquelas pobres crianças. – Estaline acendeu um cigarro e os dedos de fumo azul enrolaram-se em volta dele. – Mas têm de ser castigadas. As famílias delas podem muito bem estar podres até ao tutano.

– Camarada Estaline, o camarada Satinov é responsável pela indústria da aviação. Também o investigo?

– Não. Descobre o que puderes. Um bocado de pressão não faz mal nenhum. Temos a atenção do camarada Satinov? Se for culpado, terá de prestar contas ao Comité Central, mas ele é um camarada trabalhador. – Estaline fez uma pausa, absorto nos seus pensamentos. – Sabes que alguns dos nossos generais se comportam como se tivessem ganhado a guerra sozinhos.

– Foi o senhor quem ganhou a guerra, camarada Estaline – disse Abakumov.

Estaline franziu-lhe o sobrolho. – Não digas disparates, Abakumov. O povo é que ganhou a guerra, o povo.

– Sim, claro, camarada Estaline, mas muitos dos nossos grandes generais são corruptos. Mudaram com os títulos e o aplauso. Têm os apartamentos cheios de pinturas, tapetes e mobília trazidos em comboios de toda a Europa.

Estaline resmungou em concordância. – Nós, bolcheviques, não toleramos a corrupção. Regressa a Moscovo e tira as luvas de seda. Investiga os generais e prende quem tiveres de prender. O Vasily diz que neste momento os pilotos mal se atrevem a voar nos seus aviões. É um crime.

Estaline semicerrou os olhos. Abakumov era um bronco, mas desta vez parecia ter compreendido os seus semáforos codificados. Não era verdade

que todos os heróis da história – Gengis Khan, Ivan, o *Terrível*, Nadir Xá, Napoleão – falavam por enigmas?

Abakumov fez continência. – Eu informo-o, camarada Estaline. – Dirigiui-se à porta.

– Ah, e camarada Abakumov? – O chekista voltou-se. – Quando eu era criança, no seminário, sempre tive curiosidade pelos meus amigos, por isso estudava os pais deles. Conseguia saber tudo sobre os pais a falar com os filhos. Lembra-te disto quando estiveres em Moscovo, está bem?

\*

Era quase noite quando Hercules Satinov chegou a casa, mas, assim que abriu a porta, Tamara lançou-se para os seus braços como se tivesse estado à espera dele. Estava tão perturbada que mal conseguia falar e tinha a pele manchada de lágrimas. Ao fundo, também conseguia ouvir Leka, a criada, a soluçar.

– Tens de fazer alguma coisa. Tens de falar com o Estaline! – gritou Tamara.

O Nome fez retesar as faces de Satinov e aguçou-lhe o olhar. Pegou nas mãos da mulher e levou-a para o seu gabinete. George estava em Lubianka há umas semanas, e longos dias haviam passado desde a altura em que pensavam que ele ia ser libertado. E continuava a não haver novidades.

– Liga ao Estaline! – berrava ela. – Agora! Ou eu própria lhe telefono!

Tinha de ser as crianças... ou seria... não: teria acontecido alguma coisa ao George? Ele já perdera um filho. Conseguiria suportar a perda de outro?

– Tamriko, acalma-te. Conta-me o que aconteceu.

– Levaram a Mariko. Ela tem seis anos, Hercules. Faz com que a libertem! Como é que ela vai sobreviver ali dentro?

Oh, meu Deus: a pequena Mariko, a sua única filha, a joia da sua coroa. Uma pulsação surgiu no alto da sua face, e a fúria percorreu-o. A humilhação feria-o. Analisa o que isto significa, disse a si próprio. Junta as peças do *puzzle* num jogo onde não há coincidências.

Estaline era especialista em surpresas, e Satinov passava o tempo a prevê-las se conseguisse. Naquele dia, o marechal Shako e outros cinco

gerais haviam sido detidos. Sabia que isso estava relacionado com os aviões. Era dirigido a ele enquanto patrão da indústria de aviação. Mas a Mariko! Isto era indigno de um bolchevique, indigno de Estaline.

O telefone tocou. Ambos estremeceram. Satinov atendeu. – Satinov. Estou a ouvir... Camarada Abakumov, obrigado por telefonar. – Olhou para Tamara e fez um gesto tranquilizador enquanto ouvia. Enquanto segurava o telefone, Tamara ergueu-se e encostou-se a ele, pousando a cabeça no seu ombro; envolveu-a com o outro braço. – Sim, é natural que estejamos preocupados... Sim, a Tamara está abalada. A Mariko tem apenas seis anos, camarada general, deve estar apavorada e...

– Diz-lhe que a Mariko não come ovos – disse Tamara. – É alérgica e, se não comer um biscoito às onze, sente-se fraca. Não tem os peluches dela e não consegue dormir sem eles. Diz-lhe, Hercules! – Mas Satinov ergueu um dedo a pedir silêncio.

– Camarada general, eu sei que a Mariko estava na ponte naquela noite e percebo que cumpre aos Órgãos investigar. Se a Mariko é essencial, então, sim, ela deve ser interrogada. – Ouviu. – Percebo que... A Tamara estará aí duas vezes, às oito da manhã e às oito da noite... Cumprimentos bolcheviques para si também.

Quando pousou o telefone, agarrou em Tamriko com firmeza e disse-lhe que podia ir visitar Mariko a Lubianka logo de manhã e duas vezes por dia enquanto ela estivesse a ser interrogada, e podia levar um cesto de comida.

– Como podem eles fazer isto? – disse Tamara. – Que tipo de homens são? Diz ao Estaline! Telefona-lhe!

Ela não sabia que Estaline estava na Conferência de Potsdam, pois os movimentos dele eram segredo de Estado. Satinov envolveu Tamara num abraço muito apertado, com o cabelo e o cachaço dela, cujo aroma doce lhe lembrava o lar e as crianças, a tocarem-lhe no rosto.

– Os Órgãos só atuam com a mais alta autoridade – disse Satinov, e isto ela percebeu. Abakumov nunca se teria atrevido a prender a filha de um membro do Politburo sem a permissão de Estaline.

– Hercules – disse ela suavemente –, como é que eu vou ultrapassar isto? Não sei se consigo. Sinto que estou a morrer por dentro. Amo-a tanto... – Estava a chorar nos braços dele, e parecia tão frágil, tão

delicadamente minúscula, que Satinov sentiu que seria capaz de contar cada osso do seu corpo. – Como vamos nós sobreviver?

– Vamos sobreviver – sussurrou ele em resposta – porque temos de sobreviver.

– Para de brincar connosco, Andrei. Achamos que estás a ser muito teimoso para quem é filho de um Inimigo do Povo – disse o coronel Komarov a Andrei ao final do dia. – O meu chefe está a ficar farto de estudar Pushkin, por isso ou te arrancamos essa merda à porrada, ou tu simplesmente respondes à pergunta.

– Sobre Pushkin?

– Sim. Dizem que és o especialista no *Onegin*.

O que andam os Órgãos a aprontar agora?, pensou Andrei. Estarão a preparar um curso de poesia? Afinal de contas, tinham departamentos para tudo, desde alfaiataria a medicina e pesquisa de ouro, por isso porque não Pushkin também? O mais provável era que fosse alguma espécie de truque.

– Há quem saiba muito mais sobre isso do que eu – disse ele.

– «NV». O que significa?

– Os senhores disseram que significa Novo Líder.

– Agora pensamos que tem alguma a coisa a ver com o *Onegin*.

Andrei acenou lentamente em concordância. – Acho que talvez tenham razão. O meu palpite é que NV podia ser um nome de código de Rosa Shako.

– Isso é conveniente – troçou Komarov. – Uma vez que ela está na mesa de autópsias com nove gramas no peito.

– É apenas o que eu penso.

– Deixa-me ajudar-te com o teu raciocínio – e de súbito Komarov moveu-se muito rapidamente. Torceu o braço de Andrei, arrastando-o e lançando a cadeira pelo ar. A porta abriu-se e dois carcereiros entraram. Agarraram-no enquanto Komarov lhe tirava o equilíbrio com um pontapé nos joelhos que o deixou a arquejar de agonia. – Vamos.

Atravessaram o corredor e entraram na sala do espelho sem estanho, com os guardas a prender-lhe os braços de um modo doloroso. Na sala

contígua, uma mulher lia um jornal em voz alta. Andrei soltou um gemido quando olhou para o espelho. Era a mãe, ali em Lubianka.

– Oh, meu Deus, mamã! O que fazes tu aqui? – gritou-lhe.

– Ela não te consegue ver nem ouvir. Estamos fartos de vocês, seus fedelhos, e o nosso chefe disse-nos para resolver isto hoje à noite, custe o que custar. Se nos ajudares, deixamos-te ver a tua mãe. Mas, se não disseres tudo, ela apanha dez anos em Kolyma. – Komarov encolheu os ombros. – Mas tu sabes que ela não vai sobreviver. É só pele e osso. – Baixou um estore bege, manchado com pontos castanho-escuros. – Então, Andrei?

Voltou-se para encarar Komarov. Diante de si estava um papagaio ignorante, insignificante em todos os aspetos exceto o facto de ter o poder da vida e da morte sobre ele e a mãe.

– NV só pode ser uma pessoa – disse ele. – É a Nina Voronskaya.

– Nina Voronskaya. Ela anda lá na escola? Detemo-la imediatamente.

– Não, estimado investigador, é uma personagem fictícia do *Onegin*, uma bela anfitriã da alta sociedade em Petersburgo.

Komarov franziu o sobrolho. – Mas não pode ser – argumentou. – Porque haveria o Nikolasha Blagov de a pôr no caderno se ela não era real?

Andrei notou que a evolução deste caso parecia uma peça de teatro. Nada daquilo era verdade, e ele não fazia ideia de como o enredo ia acabar. No entanto, esta fantasia mortal podia ser empurrada para um lado ou para o outro por uma palavra a mais aqui, ou um pouco de azar ali.

– Despacha-te, rapaz, ou acontece-te o mesmo que aconteceu ao teu pai. Vinte e cinco anos, lembras-te?

– Sem direito de correspondência.

– Claro – zombou Komarov. – Sem direito de correspondência.

Aquele sarcasmo trocista abriu os olhos de Andrei com uma claridade cristalina. O pai dele já não estava no mundo dos vivos. Morrera ali mesmo em Lubianka.

Andrei nunca soubera porque o pai fora preso, mas sabia que, em 1937 e 1938, milhares de camaradas como o pai haviam sido executados. Sempre presumira que o pai tinha cometido algum tipo de crime político – mas ocorreu-lhe, depois das suas próprias experiências com a «justiça soviética», que o pai podia ser completamente inocente. Provavelmente

não fizera nada e fora morto por um crime fabricado – traição ou espionagem ou trotskismo – baseado numa falsa denúncia. Estas revelações, acompanhadas pela visão da mãe, quase o quebraram pela primeira vez.

Mas as lágrimas também podem mentir. Porque, para Andrei, a sobrevivência era tudo. Tinha mais uma opção – jogar a sua última carta, aquela que o fazia odiar-se a si mesmo.

## VINTE E OITO

Meia-noite em Lubianka. No centro de uma Moscovo escurecida, as luzes brilhavam em todas as janelas, como o casco de um navio gigantesco. Victor Abakumov entrou apressado na Prisão Interior, movendo-se com o passo rígido de quem está muito cansado. As luzes elétricas brilham intensamente aqui, pensou, e ninguém dorme bem no meu reino noturno.

Um oficial de platinas azuis aguardava e fez continência: – Ela está cá, camarada general!

– Deixa-me dar uma olhada. – O oficial abriu uma porta no corredor longo e estéril. Abakumov olhou pela janela da sala de interrogatório para a menina que, ainda de uniforme escolar, estava sentada à mesa. Likhachev, a fumar um cigarro, andava de um lado para o outro a berrar-lhe: – Vamos lá, sua pega, com quem andas a foder? Sua cabrazinha, pergunto-te mais uma vez... – Abakumov desligou o som.

O único candeeiro da secretária iluminava os fios dourados do seu cabelo. Serafima Romashkina aguardava, a brincar com os caracóis, e parecia cansada, e demasiado magra. Tinha o lábio cortado e inchado – um dos meus rapazes foi longe de mais, refletiu Abakumov. Abanou a cabeça ao ver aquela criatura gloriosa com um ar tão desamparado e abatido. A sua intenção era só dar uma olhada antes de entrar, mas agora, encostado à parede, a acender um cigarro e a descontrair pela primeira vez naquele dia penoso, podia fitá-la intensamente – enquanto conhecedor da beleza feminina e manipulador, por vezes até carrasco, de homens, famílias, aldeias e nações.

Não era tão atraente como a mãe, cujos encantos eram famosos, mas mesmo assim ele admirou a curva perfeita da testa branca dela, a forma de coração do rosto e os impressionantes olhos verdes de pestanas escuras e exuberantes. Aquela rapariga adorável estava em seu poder, à espera dele

e de mais ninguém. Não era de admirar que os seus amigos estúpidos e mimados tivessem feito disparates para lhe cair nas boas graças. Mas ela possuía a última chave para o caso deles, uma chave que ele precisava de usar sem demora.

Abakumov entrou de rompante na sala de interrogatório de Serafima. Likhachev pôs-se em sentido.

– Eu tomo conta disto agora, camarada coronel. Fecha a porta ao saíres.  
– Likhachev fez continência e desapareceu; a porta fechou-se. Abakumov sentou-se, a fumar o seu cigarro, com as botas na secretária e os olhos fixos em Serafima. Não disse nada, mas algo nela fazia com que o seu poder parecesse fútil. Sim, podia desfazê-la à pancada, podia violá-la, mas ainda assim ela não seria sua.

– Estava em Berlim há algumas horas e no voo de regresso tive oportunidade de pensar em ti e no caso. – Abakumov suspirou num tom rouco.

– Ai sim? – disse Serafima com ar aborrecido.

– Há muito em que pensar. – Abakumov ainda estava a refletir sobre os enigmas de Estaline, que se tornavam cada vez mais obscuros e gnómicos. Não lhe fora permitido deter Satinov, que Estaline respeitava, por isso concebera uma forma de «chamar a atenção do camarada Satinov», como Estaline disse: detivera Mariko.

Estaline também dissera que as crianças «têm de ser castigadas». O que queria ele dizer? Já estavam na prisão. Mais trabalho de casa? Uma boa sova? Nove gramas na nuca? Se me engano, estou tramado! Mas Abakumov tinha uma certeza: os verdadeiros alvos de Estaline eram os generais arrogantes e os patrões presunçosos.

Serafima tocou no lábio e olhou para o dedo: ainda sangrava.

– Estamos todos a lutar com a verdade, Serafima, principalmente o coronel Likhachev. Lamento o que aconteceu ao teu lábio. Não é nada de grave, espero.

– Não. Obrigada – disse ela, suavemente.

– Dormiste? Pareces cansada, querida.

– Estou bem.

Silêncio. Abakumov pensou mais uma vez no Caso das Crianças. Um clube de teatro, que era uma fachada para esconder paixões adolescentes, levava à morte de duas crianças. A investigação desvendara um jogo

pueril. Se não fossem fedelhos da elite, Estaline nunca saberia o que acontecera. Mas agora que sabia, ia usar as crianças de uma forma que conviesse às suas manobras naquele momento. Ele, Abakumov, pressionara as crianças para descobrir o cérebro da conspiração, mas era óbvio que nenhuma delas sabia quem era. Podia torturar Serafima, mas era possível que nem ela soubesse. Enquanto as outras crianças aguardavam o juízo de Estaline, ele decidiu, naquele preciso momento, fazer um jogo especial com ela. E a única forma de o jogo resultar era libertá-la.

– Vais dizer à tua mãe que fui amável contigo, não vais? Vais dizer «O Abakumov tratou-me mesmo bem!», hein?

– Sim, general. – A esperança surgiu no rosto dela e ele viu Serafima a reprimi-la. Mas quando ela inclinou a cabeça para um lado, aquele seu maneirismo encantador, ele não pôde deixar de sorrir.

– Vai buscar as tuas coisas – disse. – Tens um banho à tua espera. Levanta-te, vá lá... – E pegou-lhe nas mãos e ajudou-a a levantar-se.

A porta da sala abriu-se. Dois guardas estavam prontos para a acompanhar até uma refeição e, sim, o tal banho.

Serafima ergueu-se e ele percebeu o alívio que sentia, a exaustão; corou do pescoço para cima e cerrou os lábios trémulos, como se estivesse a tentar não perder o controlo. Mas estava a hesitar.

– Então e os outros? Os meus amigos, a Minka, o George, o Andrei... Também vão para casa?

De súbito, Abakumov sentiu-se irritado com a arrogância daquelas crianças numa altura em que tinha tanto com que se preocupar. Bateu na mesa com as mãos e viu-a estremecer. – Isso não é da tua conta, rapariga. Sai, antes que eu mude de ideias.

Com lágrimas a correr-lhe pelas faces, ela saiu da sala, e Abakumov ficou a ouvir os passos dela a desaparecer pelo longo corredor.

Agora é a minha vez, pensou. Agora fazemos o *meu* jogo.

Serafima percorreu os corredores da prisão ainda a desconfiar que aquilo podia ser um truque. Os guardas já não a seguravam, limitando-se a tocar-lhe no cotovelo para a conduzir a uma nova secção da prisão, a uma sala onde estava disposta uma refeição. *Pirozhki*. Sopa de legumes *shchi*. Um bife de esturjão, acabado de grelhar e servido com batatas. Ela sentou-

se e regalou-se com a refeição, comendo demasiado rápido e acompanhando-a com água mineral de Borjomi. A seguir deram-lhe um banho, deixando-a saboreá-lo por algum tempo, e depois disseram-lhe para se despachar e se secar. Vinham buscá-la.

Depois de se vestir, aguardou numa sala de espera guarnecida de lambris de madeira, sozinha, até que a porta se abriu e a mãe entrou. Sophia estava coberta de maquilhagem e vestida com um uniforme do exército, tendo vindo direta da rodagem do seu novo filme. Muda de alívio, Sophia abraçou-a; depois, acompanhou-a até ao carro que as aguardava. Era hora de ir para casa. Hora de dormir.

Quando acordou no dia seguinte, Serafima pensou que ainda estava na prisão. Depois, lembrou-se de que estava em casa, de que tudo voltara à normalidade. Levantou-se e percebeu que passara o dia quase todo a dormir. A mãe estava nos Estúdios Mosfilm, mas a empregada preparou uma refeição, que ela comeu a pensar *nele*. Tomou banho e depois pôs um vestido amarelo – e saiu. Desceu as escadas do edifício Granovsky e, olhando para trás para se certificar de que ninguém a seguia, saiu para a rua, em direção à Casa do Livro.

– Ficas ainda mais bonita no meio de todos esses livros velhos – disse Benya Golden a Agrippina Begbulatova.

Era hora de almoço, e Benya estava em pé, nu, no seu minúsculo apartamento perto da Rua Ostozhenka. Mostrava-lhe um livro novo. Encadernação de velino, antigo. Agrippina estava deitada de costas com as pernas cruzadas, realçando com beleza a colagem de capas de livros: algumas de pelica clara, outras de dispendiosa laca preta, muitas de papel moderno, gorduroso e rasgado.

– Todas as tuas coisas preferidas num só sítio! – disse ela, rindo. – Livros, comida e mulheres. Conheço-te tão bem, Benochka. És um rabelaisiano e um epicurista. Deve ser confuso tentar perceber qual consumir primeiro. Mas escolhe-me a mim enquanto estou aqui. Podemos comer juntos e fazer amor; e podes ler depois de eu ir embora.

Em apenas dois anos, Benya conseguira reunir uma bela coleção de primeiras edições e impressões do princípio do século XIX. Em tempos de guerra, um homem pobre com bom olho tinha muitas oportunidades de

comprar raridades refinadas por uma ninharia. Os livros que estavam mais próximos da banca e do forno serviam também de mesas de cozinha para pão de centeio *Borodinsky*, queijo de cabra e uma garrafa de vinho meio vazia. Olhou em seu redor. O quadro – livros, comida, *lingerie*, as curvas pálidas, caracóis despenteados e pelos púbicos loiros da jovem professora – teria funcionado bem como arte absurdista.

– Já percebi o que queres – disse Benya. Começou a beijar-lhe os pés. – Mas quanto tempo vais ficar aqui? – O riso dele era exuberante e frequente: havia muita coisa que o divertia e nada o encantava tão profundamente como a doçura de Agrippina. Ela era muito culta e inteligente, e tinha um futuro promissor pela frente, ao passo que ele tinha passado pelo inferno, e isso via-se.

Subiu lentamente pelo corpo dela, beijando-a. Ela levantou gradualmente os joelhos e envolveu-o até pousar os tornozelos nos ombros dele. Benya beijou-a ali muito devagar, absolutamente encantado com o prazer de Agrippina, o seu sabor, o calor; os tendões das suas coxas eram os mais bonitos que alguma vez vira.

– Adoro a maneira como me fodes – disse ela.

– E eu adoro foder-te.

Depois, ficaram deitados em silêncio, até que ela pigarreou. – Benochka... – começou, num tom que ele nunca ouvira, mas cujo significado percebeu de imediato. O coração dele palpitou e sentiu-se gelado por dentro. – Benochka? Tenho um mau pressentimento.

– Agrippina, não estraguemos isto.

– Benochka, estás a ouvir?

– Estou a tentar não ouvir.

– Benochka, se alguma coisa acontecer... Quero dizer-te que eu...

– Eu sei. Não tens de dizer nada. Lembra-te de onde estive...

– Nunca me contaste.

– No nosso mundo, o que não sabes não te pode magoar.

– Acho que és o melhor professor que já vi.

– Professor? – Ele riu-se. – Que se fodam as minhas aulas! Então e os meus dotes na cama?

Riam e ele estava a beijá-la de novo quando alguém bateu à porta.

Ela afastou-se dele. – Mentiram-me. Prometeram que não vinham agora...

Ele notou-lhe o medo na voz. Mas estava estranhamente sereno enquanto pegava na roupa interior e nas calças e as vestia. – Vou abrir a porta! – gritou.

Como um homem a afogar-se revê a vida inteira comprimida num instante, Benya reviveu a felicidade dos dois anos a que chamava a sua Segunda Vinda: as suas aulas de Pushkin – o melhor emprego da sua vida, a partilha do seu amor pela literatura com os jovens; os seus passeios por livrarias e feiras de segunda mão; o prazer de encontrar um livro e ter dinheiro para o comprar. Nem Gengis Khan, ao saquear mais uma cidade rica cheia de ouro e joias, poderia ter apreciado tanto um prémio como Benya ao trazer para casa um livro novo em triunfo. E, depois, as horas passadas a fazer amor com Agrippina.

Abriu a porta. Agrippina, esquecendo-se completamente de que estava nua, tapara o rosto com as mãos enquanto os chekistas de uniforme azul entravam no apartamento. Benya juntou as suas poucas poses na mala de tapeçaria que já preparara. Percebeu que o investigador-chefe vestido à paisana ficou fascinado com Agrippina e, francamente, não era de admirar.

– Veste-te, rapariga! – disse o chekista careca. – Onde está o teu pudor bolchevique? Já fizeste a tua parte. Agora põe-te a andar!

– Benya, eu tinha de... – Mas Benya, agora completamente vestido e pronto para ir, mandou-a embora com um aceno. Conseguia imaginar a pressão que os Órgãos haviam exercido sobre ela. As ameaças que tinham feito.

– Agrippina, desejo-te boa sorte. Nunca te deixes limitar por isto. Promete-me isso.

Ela baixou os olhos, vestiu-se rapidamente e partiu.

Golden estava sozinho na gaiola da parte de trás da carrinha «corvo negro» (na qual estava escrito «Ovos Leite Artigos de Mercearia»), em queda livre para o abismo, perto do fim da vida normal. Ocorreu-lhe uma coisa: Agrippina conseguira vir-se duas vezes, embora estivesse com certeza ansiosa. Nem Judas conseguira isso! À meia-luz ribombante da carrinha, sorriu de admiração ao lembrar-se da sua audaz fome de prazer mesmo sob tensão. Que descaramento! Então, abanou a cabeça com um

fatalismo sentimental. Sabia o que tinha pela frente, e que um homem que ressurgiu dos mortos não podia esperar repetir o feito.

## VINTE E NOVE

Início da manhã em Lubianka. Uma mulher loira e delicada sentada de modo hirto, sozinha e em silêncio numa sala de cadeiras simples de madeira, uma parede de vidro, manchas de humidade no papel de parede amarelo, tinta a descascar rigidamente como flocos gigantescos de pele seca. Ela olha para o relógio. Já está aqui há quarenta minutos, mas não se importa de esperar o dia todo.

Tem um saco no assento a seu lado e abre-o várias vezes, verificando e voltando a verificar obsessivamente se está tudo lá. A cada rangido, eco e passo, volta-se para olhar para a porta, fica tensa, estremece, escuta, e depois acalma-se de novo, com o rosto entre as mãos.

A porta abre-se. Entra uma carcereira roliça de bata castanha.

Tamara Satinova levanta-se, com medo de que tenham mudado o plano. Mas depois, passado um momento, ali está Mariko, atordoada, pálida, e ainda com o uniforme escolar.

– Mariko! – grita Tamara, precipitando-se para ela.

– Mamã! – Mariko corre para os braços da mãe.

Não chores, não chores, diz Tamara a si própria. Não tornes as coisas piores.

Tamara senta-se. Mariko está no colo dela; duas carcereiras observam em pé, de braços cruzados; um guarda de platinas azuis à porta. Tamara beija Mariko, no rosto, na testa, na têmpora, no cabelo. As mãos tremem-lhe.

– Mamã, quando é que posso ir para casa?

– Em breve, Mariko. Em breve. Mas eu posso visitar-te duas vezes por dia.

– Mas, mamã, porque é que estou aqui?

– Não podemos saber nada sobre as investigações dos Órgãos, mas eles sabem o que estão a fazer e, assim que terminarem, mandam-te para casa.

Uma das carcereiras assoa o nariz.

– Quero ir para casa agora. Estou assustada.

– O papá manda beijinhos. Diz que tens de ver isto como uma aventura, como o *Timur e a Sua Equipa*, mas responde às perguntas sem mentir, está bem?

– Não quero ficar aqui. É horrível.

– Eu sei – disse Tamara. – Eu sei, mas tens de ser corajosa. Agora... – Está a tremer com o esforço de não chorar. Cerra os dentes para travar o espasmo das lágrimas.

– Mamã, estás com um ar estranho. Estás a tremer.

Tamara acena com a cabeça enquanto se volta para o seu saco de rede. Concentra-te nas coisas práticas, diz a si mesma. – Estás bem agasalhada? – pergunta.

– Não, tenho frio no meu quarto. E a cama é horrível.

– Pronto, então primeiro aqui tens um roupão, um pijama e uma camisola para vestires e não teres frio. Queres vestir a camisola agora? – Ajuda Mariko a vesti-la. – Deves ter fome, querida.

– A comida era nojenta. Não consegui comê-la.

– Aqui tens pão, o teu queijo preferido e biscoitos, e iogurte. E bolo de fruta. Tudo do Gastronom Um. – Fazem lá compras com frequência. Mariko abre o bolo e começa a comer um pedaço.

– Não vou conseguir dormir, mamã.

– Tens de tentar, querida.

– Sinto falta das minhas cadelas e da Escola de Cadelas.

– Bom, olha quem eu tenho para ti! Olá, *Panqueca*! – Saca uma cadela preta e branca.

Mariko sorri pela primeira vez e agarra no peluche.

– E quem é esta?

Mariko pega na cadela seguinte e abraça-a com a primeira.

– E ainda! – Tamara saca outra.

– Oh, mamã, estão todas aqui! – Mariko diz os nomes delas: *Panqueca*, *Bolinha*, *Pirata*.

Tamara guarda a comida e as roupas no saco de rede.

– Acabou o tempo – diz uma das carcereiras. – A prisioneira tem de regressar à cela.

Prisioneira! A palavra atinge Tamara com violência e ela tem novo ataque de choro. Para! Não podes chorar!

Mas Mariko, tentando segurar as cadelas de peluche, abraça a mãe. – Mamã, não vás!

– Tenho de ir – sussurra Tamara. – Mas volto hoje à noite com todas as tuas coisas preferidas, e mais cadelas.

– Não podes ir. Eu não te deixo ir! – grita Mariko. Ela larga as cadelas e Tamara põe-nas no saco, que dá a uma das carcereiras.

– Está na hora – diz a carcereira. Ela e outro guarda aproximam-se e, ao fazê-lo, Tamrika sente as suas sombras, o odor a perfume barato da Praça Vermelha e detergente, suor, talvez *vodka*.

Abraça Mariko e depois começa a recuar. – Agora tenho de ir. Porta-te bem. Não te preocupes. Gosto muito de ti e não tarda muito estás em casa. Vejo-te muito em breve. O que queres que traga?

Mas Mariko lança-se para a sua mamã, como que tentando aninhar-se nela, e Tamara agarra-a.

– Mariko! – Tamara luta para se controlar, mas não tem a certeza se consegue. Todo o seu corpo lhe diz para não largar a sua menina.

– Mariko, tens de largar a tua mãe – diz a carcereira, severa.

– Não!

– Ou a largas ou nós separamos-vos.

Tamara larga a filha, mas Mariko continua a abraçá-la. Com a sensação de estar num tornado rodopiante de detritos e pó que ensombra o mundo, Tamara enterra o nariz no cabelo de baunilha-leite-e-feno de Mariko e inala como se ele fosse oxigénio.

– Mariko, solta-me, senão eles obrigam-te e vai ser horrível. Eu... eu volto já!

– Não te deixo ir. Não vás, mamã! – Mariko soluça, treme, debate-se para respirar, esgotada pelo seu próprio desespero. Tamara fecha os olhos enquanto os guardas abrem à força os dedos da criança, a levantam e levam embora. Ela ouve a porta fechar-se e os gritos de Mariko enquanto a levam pelos corredores. Tamara dá por si no chão da sala vazia, de gatas como um animal, a uivar de raiva e desgosto. Pensa por um momento que pode morrer ali mesmo. Sente as paredes do coração finas como papel, os pulmões sem fôlego, tem o estômago forrado de gravilha e quer morrer.

Está alguma coisa ao lado dela. Uma das cadelas caiu do saco, e ela pega nela. Cheira a Mariko. Abraça o peluche e embala-se, espantada por ela, esposa de um líder, professora respeitada, mãe orgulhosa, estar estendida no chão, a abraçar um peluche e a chorar.

Fica ali deitada por muito tempo. Por fim, segurando a cadela contra o peito como um bebê, sai a cambaleiar da sala, tão despedaçada que não sabe se alguma vez será capaz de se recompor.

Os raios de um sol-poente – dourados e roxos e brancos – apaziguam Serafima. Que linda é a luz depois daquela cela de prisão. Ergue o rosto como uma flor a seguir o sol, reparando como se pela primeira vez na tempestade de delicadas sementes que dançam nos raios de luz. Está livre, preservou o seu segredo, e agora está emocionada com a beleza daquele fim de tarde.

Percorre a Rua Gorki até à Casa do Livro. Sobe as escadas até à secção de Literatura Estrangeira. Hemingway? Galsworthy? Ali está. Edith Wharton. Abre o livro avidamente, lê o que está lá dentro; depois desce as escadas a correr e sai de novo para a rua.

São sete horas e as multidões de moscovitas, e alguns estrangeiros, bem vestidos aguardam para entrar no Bolshoi e ver o *Lago dos Cisnes* de Tchaikovski. Serafima entra e dirige-se à bilheteira. Há fila. Quando chega a sua vez, o seu bilhete está lá guardado num envelope.

Serafima é uma das últimas pessoas a sentar-se na plateia e, quando o faz, com um velho grisalho de um lado e uma rapariga da idade dela do outro, sente que está a corar. Nunca se sentiu tão feliz – mas é mais do que isso. Ele tem os olhos postos nela, e ela consegue pressentir o amor que contêm. Olha para o camarote dele e vê-o. À sua espera, a amá-la, como acontece desde os dias que antecederam o tiroteio e a detenção dela em Lubianka.

Mais tarde naquela noite, Satinov está no gabinete do seu apartamento, que, com apenas uma criança em casa, está muito mais tranquilo do que devia. Tamara está nos seus braços e fala-lhe de Mariko.

Satinov fecha os olhos. A sua pequena Mariko com os olhos castanhos e o cabelo entrançado, suave como o feno. Um espasmo sacode-o do estômago à garganta e alastra aos seus olhos e boca, a todo o seu ser, pois, apesar de ser o Comissário de Ferro, apesar de ser o camarada Satinov, está descontrolado.

Pestaneja. No espelho da parede em frente, vê o seu reflexo, a abraçar Tamara, com o seu cabelo preso num puxo, pescoço comprido, ombros trémulos. E olha bem fundo para os seus próprios olhos e vê que estão cheios de uma terrível traição. Chocado, desvia o olhar, para as fotografias alinhadas na secretária. Mas, em vez dos filhos e Tamara, vê apenas o rosto de uma mulher.

Sim, chora por Mariko, por George, por Tamriko, mas também chora por egoísmo. Por si próprio. E pela mulher por quem se apaixonou desesperadamente.

## PARTE TRÊS

### *Quatro Amantes*

*Uma terna feiticeira  
Deu-me o seu talismã.  
E disse-me prazenteira:  
«Não deves perdê-lo.  
O seu poder é infalível,  
Foi o amor quem to deu.»*

Alexander Pushkin, «O Talismã»

# TRINTA

*Seis meses antes*

Ele viu-a pela primeira vez em janeiro de 1945, logo depois de o Exército Vermelho invadir a Prússia Oriental. Lembra-se do dia, da hora, do minuto. Estavam longe de Moscovo, na Primeira Frente Bielorrussa. Como comissário da frente, ele e o seu comandante, o marechal Rokossovsky, haviam batalhado através da Bielorrússia, e depois pelo território desolado da Polónia, para invadir a Alemanha em si. Mesmo as casas de campo mais humildes da Alemanha tinham despensas cheias de açúcar, pão, ovos e carne, camas suaves e almofadas brancas. A maioria dos agricultores fugira dos russos, mas os poucos que ficaram tinham as faces rosadas e vestiam-se bem. Até usavam relógios de pulso.

O céu fora-se tornando mais esbranquiçado o dia todo, mas, quando a tempestade de neve chegou, apanhou-os a todos de surpresa. Sentado no seu jipe *Willys*, com Losha Babanova ao volante, o coronel-general Satinov viu o exército passar. Morteiros fustigavam posições nazis alguns quilómetros mais abaixo. Eram, pensou, uma horda mongol na era das máquinas: os tanques raiados de lama estavam agora cobertos de tapetes garridos sobre os quais se agachavam soldados de infantaria imundos, de uniformes esfarrapados escurecidos com óleo lubrificante, envergando chapéus de coelho, casacos felpudos de pele de carneiro, e muitas vezes vários relógios de pulso, brandindo armas embrulhadas em trapos brancos como ligaduras, dando goladas de garrafas, entoando canções que se perdiam no guincho ruidoso da maquinaria.

A seguir vinham os artilheiros, que oscilavam sobre as suas caixas de munições amaciadas com almofadas bordadas a seda, a tocar acordeões alemães com joias embutidas. Tanques, morteiros, jipes *Willys* americanos

e caminhões *Studebaker*: todos passaram numa fila lenta e inexorável. E depois: o que era isto? Uma berlinda antiga com lanternas a balouçar, puxada por cavalos, e o vislumbre das platinas de um oficial e dos olhos vidrados e escurecidos com *kohl* de uma rapariga.

Uma tempestade de neve ao crepúsculo numa aldeia deserta, neve densa a assentar rapidamente nos campos circundantes e nos telhados das casas rústicas de Gross Meisterdorf. Os soldados abrigavam-se na casa que ficasse mais próxima. Ainda no seu jipe, Satinov inclinou-se para a frente com lassidão ante a continência de um suboficial.

– Camarada general, o corpo médico está a montar um hospital no salão paroquial. Estão prontos para a sua inspeção.

À porta do salão paroquial, Satinov viu soldados a tirar macas de um camião. Dois dos seus soldados já tinham morrido. Não feridos pelos nazis, mas envenenados por álcool caseiro feito com anticongelante.

Dentro de um salão revestido a madeira, iluminado com candeeiros a petróleo pendurados nas vigas, homens jaziam no soalho. Satinov sentiu o cheiro bafiento de tantos *bunkers* em tempo de guerra: tecido húmido e odor corporal, aqui misturado com iodo. Enfermeiras de bata branca tratavam dos recém-chegados. Um pouco à sua direita, uma médica do exército estava agachada sobre um soldado. Estava de joelhos, a massajar e a bater-lhe no peito nu. – Vamos, volta, respira! – dizia. O rapaz cuspiu e o seu peito começou a mexer-se aos abanões, como um motor enferrujado. A médica, que usava a cruz vermelha no braço, auscultou o peito dele por um momento e depois ergueu-se. – Muito bem, este safa-se. Quem está a seguir?

Satinov viu-a aproximar-se de um segundo soldado envenenado. Mais uma vez conseguiu reanimá-lo, mas depois, quando estava de pé, limpou a testa e disse para ninguém em particular: – Dois salvos; três estáveis; quatro mortos.

Fez continência a Satinov. – Bem-vindo ao Hospital de Gross Meisterdorf, camarada general. Não é grande coisa, como pode ver. Eles morrem depressa com o anticongelante. Todos os segundos contam.

Ela ainda vestia o seu casaco branco de pele de carneiro. Tinha uma pistola no cinto, um estetoscópio preso à volta do pescoço, e usava uma

boina *pilotka* azul. Não tivera tempo de a tirar, pensou Satinov, reparando que a sua cara era longa e oval e que tinha o nariz alto e direito e as faces levemente polvilhados com algumas sardas. Mesmo ali, na frente, quando estava a investir toda a sua energia em salvar uma vida, Satinov reparou que ela alterara um pouco o uniforme, subindo a saia caqui alguns centímetros, para revelar as meias de *nylon* americanas, que eram escuras e contrárias aos regulamentos.

Uma enfermeira trouxe uma travessa de canecas de *chai*, muito doce, a fumar. – Fico contente por a senhora estar aqui para cuidar destes rapazes – disse Satinov.

– Está a inspecionar ou apenas de passagem? – perguntou ela. Tinha um sotaque cativante, percebeu, sem dúvida da Galícia, provavelmente de Lvov, com um toque centro-europeu de ídiche.

– Apenas de passagem. Estou a caminho do quartel-general.

– Claro que está. – O olhar dela, com um brilho de inteligência aguerrida, era ligeiramente trocista. De certeza que o reconhecia; a maioria das pessoas sabia quem ele era. – Já que temos aqui um general, será que nos consegue arranjar uns colchões, no caminho para o quartel-general? – Dirigiu-lhe um sorriso um pouco travesso.

– Farei os possíveis – disse ele, sentindo-se um tanto embaraçado, como se ela o estivesse a desafiar a justificar o seu posto.

– Obrigada, camarada – disse ela, levantando-se e dirigindo-se ao ferido seguinte. As suas enfermeiras seguiram-na.

Satinov abriu a porta. A neve parara. Sentiu que o campo dormia sob o manto branco e que algures, bem fundo debaixo dele, a natureza respirava.

Losha prosseguiu devagar pela noite escura, sem faróis, com as correntes das rodas a retinir, e o caminho periodicamente alumado pelo arco de projéteis luminosos e explosões que tingiam o céu com o brilho do dia. Satinov olhou pela janela. Por vezes o céu diante deles lampejava num tom escarlate, por um momento, quando os morteiros disparavam as suas barragens. Pensou na médica. Lembrou-se do nariz dela, das sardas que o salpicavam e da sua pele morena. Não lhe perguntara como se chamava.

## TRINTA E UM

Janeiro de 1945 em Moscovo: longos dedos de gelo pendiam das goteiras das casas, mas Serafima sentia que a primavera estava perto.

– Vamos ao Bolshoi hoje à noite – sugeriu Minka. Caminhavam pelo corredor em direção às Portas Douradas, depois das aulas. Porque ainda estavam em guerra, e todos os pais serviam na frente, os motoristas, as mães e as avós é que os iam buscar. – Diz que vens, Serafimochka!

– Mas, Minka, ainda ontem fomos – respondeu Serafima. – Há uma nova produção?

– Não, é o *Romeu e Julieta*, mas eu adoro-o.

– Esquece o Prokofiev, tu gostas é de te aperaltar, Minkushka – disse Serafima com uma das suas raras risadas. – Mas eu detesto isso. Nunca gosto do meu aspeto.

– Ficas tão bonita com aquele teu vestido verde. Todos os rapazes pensam o mesmo. Toda a gente te estava a admirar, mesmo os oficiais nos seus camarotes.

– A sério? – Serafima tinha a certeza de que era demasiado alta e demasiado simples; não se sentia nada atraente comparada com a sua bela mãe e a sua amiga generosa e confiante. – Eu sei que queres ir outra vez – disse. – Aqueles oficiais estavam a olhar para ti, e não para mim. És tão namoradeira.

– Declaro-me culpada – disse Minka com um risinho. – Adorei a forma como eles olharam para nós. Mas mais nada!

– Oh, eu não estava a dizer... – Serafima sabia que Minka nunca ultrapassaria os limites puritanos da moralidade soviética. Naqueles tempos, as frentes militares pareciam bacanais babilónios, mas, para aquelas crianças, tudo o que passasse de um beijo e alguns versos de poesia era impensável.

– Além disso, aperaltar-me é divertido – dizia Minka. – Diz que vens hoje à noite. Divertes-te sempre quando estás lá. Acho que também gostas da atenção dos oficiais. E eu já tenho bilhetes.

E assim foi que nessa noite, às sete horas, Serafima, Minka e Rosa Shako, a amiga delas, chegaram de metro ao Bolshoi para ver *Romeu e Julieta* pela sétima vez. O céu estava branco, o ar mudava para anunciar a vinda de neve. Moscovo fora fustigada por três anos de guerra, o Kremlin ainda estava adornado de redes caquis, com as suas estrelas vermelhas escurecidas, e a Rua Gorki estava marcada por bombas e casas em ruínas. As lojas impunham o racionamento e as pessoas na rua pareciam diminuídas e andrajosas. Mas a vitória estava perto, todos sabiam isso. Todos os ministérios, embaixadas e teatros que haviam sido evacuados para Kuybishev, no Volga, estavam de volta. As noites já não eram iluminadas por ataques aéreos nazis e armas antiaéreas, mas sim pelas salvas de vitória de parques inteiros de morteiros, ordenadas por Estaline.

E, como Minka previra, assim que abriram caminho e entraram no teatro, começaram a receber atenção – e ainda nem sequer haviam tirado as suas peles e *shapkas*. Sabendo que condizia com os seus grandes olhos castanhos, Minka trouxera o casaco de marta da mãe. Rosa usava a sua melhor pele de raposa, mas Serafima, cuja mãe possuía a melhor coleção de peles de Moscovo, usava as suas peles de coelho baratas. No *foyer* do teatro, o aquecimento, o único luxo soviético, estava a arder. Alho, *vodka* e um cheiro a couve pareciam transpirar do amontoado de gente, mas nunca se vira um grupo de moscovitas mais feliz. Todos, até os rabugentos funcionários da bilheteira, até os idosos, até os soldados e marinheiros ébrios, estavam alegres. A vitória era iminente; vinham aí tempos felizes.

As raparigas, a rir enquanto eram empurradas e puxadas para um lado e para o outro, puseram-se na fila para deixar os casacos no bengaleiro. Agora podiam voltar a respirar e os oficiais que passavam podiam admirar os seus vestidos. Minka Dorova era a mais sofisticada. Trazia um vestido cor-de-rosa copiado da revista *Bazaar*, no *atelier* de costura de Abram Lerner e Kleopatra Fishman, onde as esposas da elite e os líderes mandavam fazer a sua roupa.

– Estás escandalosa! – exclamou Serafima, olhando para os ombros e braços de Minka, vistosos e seminus. – Não admira que quisesses vir ao *ballet*!

– A tua mãe é a maior! – disse Rosa a Minka, com inveja. – A minha mãe nunca me levaria ao *atelier* do Lerner.

– A minha está sempre a pedir-me para ir – admitiu Serafima –, mas eu não suporto ir às compras com ela. É uma déspota, passeia-se como uma ingénua envelhecida e faz-me sentir mal.

– E mesmo assim estás com um ar irresistível – disse Minka, tentando perceber porque é que o vestido de Serafima, fechado até ao pescoço e de mangas compridas, parecia tão sedutor.

– Oh, que disparate. – Serafima deu um toque com o cotovelo a Minka, que lhe fez cócegas, enquanto Rosa as repreendia por a envergonharem no *ballet*. Não eram miúdas a passear, lembrou-lhes ela, mas sim raparigas de dezoito anos, prestes a tornar-se mulheres, com os seus melhores vestidos.

– Bebemos um copo de *champagnski* antes de entrarmos? – sugeriu Minka, sempre a mais boémia das três.

No bar, chamaram a atenção de uns aviadores americanos. Bem-dispostos, atraentes e jovens, estavam muito elegantes com os seus uniformes, e tinham a pele tão imaculada como a de um bebé – e que dentes, notou Serafima, comparados com a pele estragada e as presas douradas dos homens russos. Possuíam uma leveza que ela ficou a admirar, mesmo enquanto recuava, um pouco acanhada. Ficou contente por Minka e Rosa estarem a namoriscar com eles, e os homens pareceram nem sequer reparar nela.

Um dos americanos, capitão da força aérea, um atleta espadaúdo com o cabelo à escovinha, pediu o número de telefone a Minka, mas ela não lho deu, o que a tornou ainda mais desejável. Os outros americanos provocaram-no: – Oh, é raro ele ser rejeitado! Tens aí um desafio, Bradley!

Minka sensata, pensou Serafima, por muito divertido que isto possa ser. As regras haviam afrouxado durante a guerra, mas o pai avisara-a de que, depois, o Partido ia reforçá-las. Bradley, incentivado pelos amigos, não só insistiu em pagar-lhes quatro rodadas de bebidas, como lhes ofereceu uns bilhetes num camarote. – Temos uns lugares a mais – disse.

– Porque é que não precisam deles? – perguntou Minka no inglês perfeito que aprendera na aula de Tamara Satinova.

- Não podemos ficar para o espetáculo, por isso aceitem-nos, por favor
- disse Bradley. – O camarote fica vazio se não aceitarem.
- Estão aqui só para beber? – disse Minka.
- E pelas miúdas! – gritou um dos amigos de Bradley.
- Vamos jantar fora assim que a peça começar – disse Bradley.

Cheio de estrangeiros fardados e raparigas russas, o Bolshoi era o centro de toda a vida social em Moscovo, pelo que Serafima não estranhou que Bradley e os seus amigos americanos não estivessem minimamente interessados em Prokofiev. Até ela, Rosa e Minka já tinham visto o *ballet* tantas vezes que eram capazes de o dançar.

– Ei – continuou Bradley, mostrando os seus fabulosos dentes americanos, brancos e limpos e grandes como icebergues –, querem vir jantar connosco?

– Tenho a certeza de que vão encontrar umas raparigas que não estejam aqui para o *ballet* – respondeu Minka, com súbita altivez e falsa seriedade.

– Mas nós estamos.

## TRINTA E DOIS

Satinov ainda estava na Prússia Oriental passado uma semana. Era final de tarde e ele estava no grande salão de uma casa de campo que era agora o quartel-general da Primeira Frente Bielorrussa. As primeiras tropas soviéticas a entrar no *schloss* haviam urinado e defecado na cama de dossel do conde (outrora usada por Frederico, *o Grande*, segundo um jardineiro que lhes mostrou a propriedade) e disparado contra os óleos de *junkers* com suíças e, embora a casa tivesse sido limpa entretanto, Satinov ainda conseguia ver as marcas de balas nas paredes.

– Acho que todo o estado-maior pode vir jantar connosco hoje à noite, não achas, Hercules? – disse o marechal Rokossovsky. Eram amigos, embora Rokossovsky fosse um soldado a sério, e ele, Satinov, fosse um homem do Partido, membro do Comité de Defesa do Estado, e o representante de Estaline.

– Porque não? – respondeu Satinov, que por «todo o estado-maior» entendeu que Rokossovsky queria dizer que os generais podiam convidar as suas PPZh (significava *pokhodno-polevaya zhena* – uma mulher de campanha, um trocadilho com a metralhadora soviética, a *PPSh*). – Está na altura de toda a gente relaxar. Merecemo-lo, afinal.

Olhou para Rokossovsky e ergueu as sobrancelhas quando ambos reconheceram o som de tiros e gritos de alegria lá fora. Losha e os guarda-costas estavam a abater o jantar na tapada de veados, dos seus jipes. Também eles estavam animados.

Quando desceu para jantar nessa noite, Satinov saboreou o delicioso aroma de veado a assar, o doce fumo de madeira de macieira na lareira, e, pensou ele, o perfume das mulheres presentes. Rokossovsky, elegante descendente da nobreza polaca, gostava de companhia feminina mas

desprezava qualquer sinal de deboche no seu decoroso quartel-general. Isto convinha a Satinov, que tinha um casamento feliz, detestava a embriaguez e não aprovava os mulherengos.

No salão, o marechal Rokossovsky e os seus oficiais estavam à mesa. Raparigas de caqui, ordenanças, serviam pratos de veado fumegante coberto de legumes e copos de vinho aos oficiais. O ordenança de Rokossovsky atiçava o fogo na grande lareira aberta, e os guardas de Satinov transportavam caixas de vinho da adega.

Rokossovsky estava sentado ao lado da jovem telefonista que era a sua PPZh. Satinov ocupou o seu lugar na outra ponta da mesa.

– Camarada Satinov – chamou Rokossovsky do outro lado da mesa, apontando para um homem pálido –, já conheces o camarada Genrikh Dorov do Comité Central?

– Com certeza. Seja bem-vindo, camarada Dorov! – disse Satinov. Sorriu, lembrando-se de que George e os seus amigos chamavam Frango Cru a Genrikh. Tinham toda a razão, pensou, sentindo uma inesperada pontada de saudade da companhia dos filhos (e daquele que perdera).

– Obrigado. Estou aqui para inspecionar os mantimentos e erradicar os ladrões e os especuladores – disse Dorov.

Ah, aquilo fazia sentido, decidiu Satinov, lembrando-se de como, em 1937, Genrikh Dorov passara de um assistente idólatra com os dedos manchados de tinta, no gabinete particular de Estaline, a um carrasco demente. Quanto mais execuções, mais branco o cabelo e mais pálida a sua pele ficavam. No primeiro ano da guerra, as suas execuções (por vezes usando a sua própria pistola) e erros militares haviam custado a vida de milhares de pessoas. Por fim, o próprio Estaline (que o via como um fanático devoto mas sem talento) despromovera-o.

– Amanhã vou informar o Comité Central – disse Genrikh, de modo que todos ouvissem. – Isto é um antro de iniquidade. Adultério. Bebida. Corrupção. Temos de restaurar os princípios bolcheviques.

Mas Satinov estava a olhar para a mulher sentada ao lado de Dorov. – É a minha mulher – disse Genrikh, seguindo-lhe o olhar. – Já a conhece?

E *ali* estava a médica do uniforme do corpo médico com as insígnias azuis e a cruz vermelha na manga.

– Dashka Dorova – disse ela, estendendo a mão. Satinov reparou no seu pulso um pouco rechonchudo e de pele âmbar. – Sim, já nos conhecemos.

– Claro, mas...

– Mas o quê? – Um sorriso travesso, olhos castanho-acaramelados desafiadores.

O que estava ele a tentar dizer? Que estava surpreendido por o pedante e desinteressante Dorov ser casado com aquela médica bonita?

Ela inclinou-se para ele. – Sabia que os nossos filhos andam na mesma escola? A minha filha Minka conhece os seus filhos.

– A Escola 801? Não sabia, mas eu nunca fui lá. Estou na frente há tanto tempo...

– Onde é que se conheceram? – perguntou Dorov. – Disseste que já se tinham conhecido. Gostava de saber.

– Num pequeno hospital numa aldeia há uns dias – explicou Dashka suavemente. – Uma unidade inteira apanhou uma intoxicação com álcool...

– Credo! Que desperdício de efetivos – disse Dorov. – Executaram os fornecedores por sabotagem?

– Não, querido – respondeu Dashka. – Eu estava a tentar salvar-lhes a vida.

– Perdemos mais alguém? – perguntou Satinov.

– Não – disse ela. – Ah, e muito obrigada pelos colchões e pelas provisões. Fiquei muito surpreendida quando chegaram.

– Achou que não me ia lembrar, não foi?

– Sim – disse ela, sorrindo, com as suas feições a suavizar-se. – Sim, achei.

– Ter-se-ia preocupado com as provisões se ela fosse um médico feio? – perguntou Dorov.

Satinov olhou-o com frieza. – Quanto tempo fica connosco, camarada Dorov?

Mas Dorov tinha virado a cara.

– Desculpem, camaradas, mas, camarada Dorov, o seu avião para Moscovo está à espera – informou um dos ajudantes de campo, fazendo continência.

– Eu ajudo-te a fazer a mala – disse Dashka, levantando-se.

Depois de os Dorovs partirem, fez-se silêncio na mesa. Genrikh despertava medo e aversão em igual medida. Então, Rokossovsky piscou o olho, todos se riram, e a conversa recomeçou.

Algumas horas mais tarde, o jantar terminou. Estaline telefonara para debater a ofensiva e o marechal Rokossovsky retirara-se. Em redor de Satinov, os outros oficiais e Losha cantavam «Katyusha» ao lado da lareira. Mas ele ansiava por um cigarro tranquilo e um pouco de ar fresco. Pondo o seu capote forrado a pele e o chapéu de pele de lobo, saiu para a noite pela porta das traseiras.

Estava um frio de rachar. A neve brilhava sobre as estátuas nos jardins bem cuidados. Onde estariam agora os donos da casa? Estariam vivos, sequer? A sorte podia mudar rapidamente. Satinov acendeu um cigarro e bebericou o conhaque do copo.

A guerra não passava de um matadouro sobre rodas, pensou. Para a maioria dos homens, o ofício de soldado era a tragédia sob a forma de uma profissão. E, no entanto, ele gostava desta vida, da camaradagem sincera da frente, do sentido de missão partilhada, da claridade moral da guerra contra o mal.

A ponta cor de laranja de outro cigarro: não estava sozinho.

– Ah, é você – disse calmamente. – Pensava que tinha regressado a Moscovo.

– Ainda vou ficar aqui algum tempo – respondeu ela. – Os serviços médicos desta frente precisam de ser reorganizados e eu não confio em mais ninguém para o fazer. – Ela usava, reparou, aquele capote comprido de pele de carneiro, que ali fora a fazia parecer um animal selvagem.

– Também prefiro ser eu a fazer tudo. Não sabia que era de Moscovo.

– Sou de Lvov originalmente. É assim tão óbvio que sou da Galícia? – Ela riu-se com um som cantado, lançando a cabeça para trás e permitindo que ele lhe visse de relance o pescoço.

– Não, de todo. Trabalha na Kremlevka?

– Sim, sou a nova diretora. Mas sou cardiologista. Qual é a sua especialidade?

– Não é corações – disse Satinov com secura. – Os corações são os últimos órgãos que considero.

Enquanto falavam, o vapor da respiração dos dois fundiu-se e, quando exalaram, o fumo de cigarro brotou enrolado dos seus lábios e rodopiou em volta deles como as pregas de um manto cinzento. Ele estava

consciente do distinto perfume dela, com laivos de especiarias, enquanto caminhavam pelos jardins, e depois pelos campos para lá da casa. A lua cheia havia tingido a neve de um azul estranho, pelo que, quando entravam na tapada de veados, a relva azul sob os seus pés estalava e cintilava. Os flocos de neve que se amontoavam no cabelo dela pareciam torná-lo ainda mais negro e espesso.

Satinov parou para deixar Dashka acabar o conhaque do seu copo.

À frente havia uma colunata branca – e viram então que era um pequeno templo grego.

– É da Guerra dos Sete Anos – disse ela. – Um disparate!

– Vamos explorar! – Sentindo-se como crianças, entraram nos portais frios, perseguidos por espirais de nevoeiro que desciam rodopiantes de pequenas cúpulas e saíam de alcovas. De repente, e sem saber bem porquê, Satinov foi invadido por uma alegria intensa. Lá em baixo, conseguiam ver a casa sombria, rodeada por filas de jipes, tanques, peças de artilharia. O fumo das fogueiras dos soldados erguia-se da aldeia. Ao longe, o som de um martelo batia em metal; soldados de engenharia reparavam os tanques; motores aceleraram; salvas de artilharia; jovens entoavam uma canção de amor – seria «Tiflis», a melodia georgiana? Um estrondo e o lampejo laranja de morteiros distantes fizeram a própria neve flamejar momentaneamente como se estivesse a arder.

Encostando-se à parede, ele acendeu outro cigarro e falou-lhe na sua família, na sua felicidade com Tamara, em como a morte do filho mais velho se fundira nas mortes de dezenas de milhares de homens nas batalhas onde estivera, do seu orgulho no seu segundo filho, David, na sua admiração pela malandrice bem-humorada de George (que ele invejava), nos sucessos de Marlen e em Mariko, a menina dos seus olhos.

– Disse-lhes essas coisas todas? – perguntou ela.

Ele abanou a cabeça.

– Mas diz-me a mim? Tem de lhes dizer; tem de dizer à Tamara.

Ele sorriu, voltando-se para ela, reparando na beleza dos seus olhos escuros, dos seus lábios. – Agora é a sua vez – disse.

Tinha um filho no exército, uma filha, Minka, que não levava nada a sério, e Demian, que levava tudo a sério, como o pai. E depois o seu filho mais novo: – O meu Senka, de quem gosto tanto que me faz ranger os dentes.

– Eu era assim com a minha mãe – disse Satinov.

– O meu Senka é bastante diferente de si, Hercules. É brando e adorável, mas você... todos sabemos que é o Comissário de Ferro. Gosta que o considerem frio como o gelo, silencioso como a floresta.

– Esta noite não pareço muito silencioso.

– Não – admitiu ela. – Surpreendeu-me.

– Surpreendi-me a mim próprio.

Dashka riu-se e ele viu-lhe o pescoço de novo. – É da minha companhia, claro. Sou responsável pela sua loquacidade. Pensei que era mais um taciturno disciplinador bolchevique.

Até agora, quase tinham evitado mencionar o marido dela. Pareceu a Satinov que era uma jogada significativa na conversa deles. – Ele também é severo em casa?

– Nunca nos deixa esquecer. É a consciência puritana do Partido. Mas eu amo-o, claro. E você?

– A Tamara provavelmente diria o mesmo de mim. O homem soviético é um produto dos nossos tempos cruéis. Mas eu também amo a minha Tamara, e os nossos amigos dizem que o nosso casamento é o mais feliz que conhecem.

– Que maravilha – disse ela. – É verdade. Conheço os boatos todos, mas nunca ouvi dizer que *você* era um sedutor.

Ele deitou fora o cigarro, um ponto vermelho na neve azul que se estendia diante deles. – Então e você, Dashka? É famosa pelos seus *flirts*? Beleza não lhe falta...

– Eu gosto do jogo de sedução, mas nunca passa disso. Casei aos dezanove e em vinte e um anos nunca olhei para outro homem.

– E no entanto...?

– Nada – disse ela. – Estou a gostar deste momento, mais nada.

Ele passou-lhe um cigarro e viu-a pô-lo entre os lábios. Aproximou-se para acendê-lo. Fechou os olhos por um momento e conseguiu sentir quão perto ela estava – pelo calor do seu rosto, o perfume do seu cabelo e da sua exótica pele âmbar, tão rara entre os russos.

Fez uma pausa, esperou que ela se afastasse; depois, aproximou-se mais e, sem qualquer decisão ou motivo, estavam a beijar-se, e Satinov conseguia sentir os lábios leves e largos dela nos seus.

Fora dos arcos e das colunatas, recomeçou a nevar, o que tornou a noite uns graus mais quente. Os flocos giravam em torno deles naquele pequeno templo. Assim que começaram a beijar-se, e que perceberam que ninguém os via, não conseguiam parar. As mãos de Satinov percorreram o casaco de pele dela; depois, ele estava a abri-lo, e a seguir a túnica verde e a blusa, deleitando-se com os suaves tons castanho-acaramelados do pescoço e dos ombros dela.

Estava a beijá-lo mais avidamente do que alguma vez fora beijado por Tamara. Estava a morder-lhe a boca, a rasgar-lhe os lábios, a respirar o seu hálito. Por um segundo, o comunista científico, o Comissário de Ferro, regressou e Satinov ponderou se isto era correto, normal, e afastou-se dela. Mas, ao inalar o seu sopro rápido, saborear o leve amargor dos seus cigarros e a doçura do *brandy*, a paixão de Dashka infetou-o. Ela enroscou-se à volta dele, de tal modo que ele conseguia sentir o corpo dela, a sua necessidade dele. Satinov tocou-lhe nas pernas, acima das botas, apercebendo-se de que adorava a sua deliciosa robustez. Quando a mão dele deslizou pelas meias de *nylon* acima, quando alcançou a sua pele sedosa, ambos gemeram alto.

Conseguiram parar, e uns minutos mais tarde estavam a descer a colina em direção à casa.

– Camarada doutora – disse ele, recobrando o seu tom de comando –, nós somos bons bolcheviques. Ambos amamos os nossos companheiros. Isto *nunca mais* pode voltar a acontecer.

– Concordo, camarada general. Claro.

– Entre primeiro – ordenou.

Dobrou-se, apanhou alguma neve e esfregou-a de modo revigorante no rosto e nos lábios, que conservavam o sabor dela. Satinov, seu idiota, disse a si mesmo, depois de todos estes anos sem sequer olhar para outra mulher, como é que pudeste fazer isto?

No entanto, sentia que ocorrera uma mudança metafísica dentro de si. Poderia um momento assim mudar tanto um homem? Abanou a cabeça. Não Hercules Satinov, de certeza.

## TRINTA E TRÊS

As três raparigas estavam sentadas no camarote do Bolshoi, animadas pelo champanhe da Crimeia e pela excitação de nunca terem tido uma vista tão boa do palco. Mas Rosa estava um pouco bêbeda: era tão magra que as bolhinhas lhe tinham subido logo à cabeça. Assim que se sentaram, fechou os olhos e levou as mãos às têmporas. – Oh, meu Deus, sinto-me tonta, sinto-me enjoada!

– Ela não pode vomitar aqui! – sibilou Minka.

– Imagina se ela vomita do parapeito para cima da orquestra! – respondeu Serafima. – Eu levo-a a casa.

– Não – disse Minka. – Eu vou. Exibi o meu vestido, fui admirada, bebi champanhe. Não preciso de ver o *ballet* outra vez.

– Estranhamente, agora estou com vontade – disse Serafima, despedindo-se com um aceno quando as duas amigas partiram.

Sozinha no seu esplêndido camarote, olhava para o palco, exultando com o seu isolamento até que, já a meio do Segundo Ato, um jovem de uniforme americano se juntou a ela. Pareceu surpreendido por encontrá-la ali, e em vez de se sentar a seu lado, deixou dois lugares vazios entre eles. Pousou o boné num lugar.

Serafima observou-o à socapa. Parecia muito diferente dos americanos que conhecera antes, que eram grosseiros e robustos. Ele, pelo contrário, era alto e magro, e claramente culto também, pois assistia ao *ballet* com atenção. Os seus lábios delicados sorriam quando os bailarinos executavam os passos mais difíceis, e por vezes limitava-se a acenar com a cabeça, pensativo, ao ouvir a música que parecia conhecer, com um dedo a marcar as melodias.

Quando chegou o intervalo, levantou-se e partiu sem olhar para ela. Serafima ficou no seu lugar, a pensar no que fazer. Era demasiado envergonhada para ir ao bar sozinha sem o apoio de Minka e Rosa, mas

sentia-se um pouco sozinha, sentada no seu camarote enquanto o público saía para beber e fumar. Assim, passado um minuto, aventurou-se no corredor de alcatifa escarlate para esticar as pernas, e ali estava ele: o americano magro, a fumar um cigarro. O resto das pessoas já devia ter ido para o bar, pois estavam sozinhos.

– Uma produção verdadeiramente maravilhosa – disse ele num russo perfeito. – A Lepeshinskaya é a melhor bailarina do mundo neste momento.

– Vai ao *ballet*... na América? – perguntou ela, em inglês.

Ele sorriu-lhe com doçura. – O teu inglês é melhor do que o meu russo. – Ofereceu-lhe um cigarro de uma cigareira de prata e ela aceitou-o.

– Acho que a Lepeshinskaya ainda está a evoluir como bailarina – disse Serafima.

– Não concordo – disse ele, acendendo-lhe o cigarro. – Acho que ela já alcançou a perfeição. A minha pergunta é: quanto tempo pode a perfeição durar?

– Importa quando é eterna?

Ele pareceu encantado com esta resposta e, olhando para as escadas (Serafima supôs que estava a calcular quanto tempo faltaria para as pessoas voltarem; segundos, pensou), começou a perguntar hesitante: – Normalmente não pergunto, mas... Estava a pensar... Seria demasiado...?

– Não, não seria – interrompeu-o ela, espantada com a sua própria certeza imprudente, e corando de súbito (como detestava aquela tendência ridícula para corar); estragara o momento ainda antes de ele começar.

– Queres ir dar um passeio depois? – perguntou ele timidamente, e ela ficou encantada por ele não a estar a convidar para um copo, afinal.

– Sim, gostava – disse ela.

– Vem ter comigo quinze minutos depois do *ballet* à rua atrás do teatro. – Calou-se, parecendo indeciso; quase, pensou Serafima, como se também estivesse a corar. – Posso saber o teu nome?

Ela disse-lhe.

– Romashkin? Como o escritor?

– É meu pai – disse Serafima, esperando que ele dissesse, como toda a gente, «Ahh, és filha da estrela de cinema», mas não disse mais nada e ela ficou grata pelo seu tato.

– E o teu? – perguntou ela.

– Chamo-me Frank Belman.

Na tarde seguinte, Satinov saía da conferência do estado-maior da frente, na biblioteca, quando esbarrou com a Dra. Dorova. Olharam um para o outro, sem saber o que dizer ou fazer.

– Ainda está cá? – perguntou, conciso. Demasiado conciso, pensou depois.

– Estou a trabalhar – respondeu ela. – Estive no campo com os nossos médicos desde madrugada e há muito mais para fazer. Vou informar o camarada marechal – e seguiu em direção à conferência na biblioteca.

O fumo encapelava-se à luz de candeeiros verdes baixos quando Satinov se juntou a eles mais tarde, e uma multidão de oficiais e assistentes estava debruçada sobre o mapa na mesa de bilhar.

– Camarada Dra. Dorova – disse o marechal Rokossovsky –, de que precisa?

– É necessário estabelecer um novo hospital de campanha antes da ofensiva – retorquiu Dashka.

– De acordo – disse Rokossovsky.

– Por isso, preciso de um local que seja facilmente acessível a partir da frente, com as instalações adequadas, espaço para quinhentas camas, e colchões, e transporte.

– As mulheres são muito mais eficientes do que os homens – disse Rokossovsky para um coro de riso masculino.

– E não é só para isso que servem – grasnou um dos generais. Satinov sentiu um súbito ímpeto de irritação que engoliu com alguma dificuldade.

– De que mais precisa, camarada doutora? – perguntou ele.

– Preciso de ver o local. Tenho de ir lá hoje à noite verificá-lo, para podermos começar a montagem de madrugada. Já está a escurecer.

Rokossovsky, com um cigarro entre os dentes, passou uma mão pelo cabelo loiro e grisalho cortado à escovinha e olhou de novo para o mapa. – Quem consegue ver um local adequado?

– Eu vejo – disse Satinov, esticando-se. – Aqui. Um pavilhão de caça. Na estrada principal. Perto da via-férrea. Poucos quilómetros atrás da frente.

– Aprovado! – disse Rokossovsky. – Obrigado, camarada Dorova. Avancemos. Quartel-mestre, por favor apresente o seu relatório!

Dashka pôs-se ao lado de Satinov. Ele tinha um pionés na mão. – Camarada doutora – disse –, aqui tem o seu sítio. Aqui! Eu marco-lho. – Espetou o pionés no mapa.

– Estou a ver – disse ela, inclinando-se para pôr o dedo no local e permitindo que ele sentisse o seu perfume a especiarias e visse os seus pulsos com covinhas.

## TRINTA E QUATRO

Frank Belman. Capitão Frank Belman do Exército dos EUA. Parecia demasiado jovem para ser capitão. Enquanto Serafima o esperava na rua pequena atrás do Bolshoi, perto dos camarins, ficou impressionada com a sua discricção: não lhe dissera palavra em frente a mais ninguém; depois daquela curta conversa, ignorou-a no camarote, como fizera antes; e ela viu que, embora tivesse ficado apinhada de espectadores do teatro durante dez minutos depois de o *ballet* terminar, a rua agora estava completamente deserta. Ao contrário dos americanos exuberantes do bar, ele parecia perceber o sistema soviético. Embora estivessem em guerra e muitas raparigas gostassem de fisgar um americano, Serafima sabia pelos comentários dos amigos dos pais na liderança que já havia sinais de que isso não seria aceitável por muito mais tempo.

Levantou a cabeça, e ali estava ele: uma figura solitária, já sem o uniforme, mas sim de boina e sobretudo azul-escuro, com um cigarro entre os lábios. Era ainda mais alto que ela, mas, com as suas faces suaves e rosadas, e olhos arregalados, parecia um estudante de poesia da província. Sorriu e fez uma desenvolta continência com dois dedos, como se para dizer: Aqui estou eu, e isto é muito divertido!

Em breve Serafima estava a seu lado. Ele segurou-lhe o braço e afastaram-se do teatro, como se o tivessem feito muitas vezes antes. Primeiro, discutiram o *ballet* com bastante seriedade, até ele dizer: Estou a ser um bocado fingido. Gosto mesmo de *ballet*, mas não sou um especialista. Só comecei a assistir aqui em Moscovo. Tu sabes muito mais do que eu.

– Vou muitas vezes – disse ela. – Mas não tanto pelo *ballet*. Para nós, é um...

– Um sopro do velho mundo? – sugeriu ele.

– Sim. Os anos trinta foram muito duros e a guerra tem sido terrível, mas, agora que estamos a ganhar, isso devolveu algum *glamour* a Moscovo. Não muito...

– Mas o suficiente?

– Bem, tudo é relativo, mas para um moscovita...

– O Bolshoi é como o baile aristocrático do *Guerra e Paz*?

– Frank, parece que estás a terminar as minhas frases.

– Ou tu estás a roubar os meus pensamentos, Serafima.

Ambos riram.

– Que idade tens?

– Vinte e dois – disse ele.

– Eu ainda estou a estudar – disse ela. – Mas é o meu último ano.

– Eu sei – respondeu ele, olhando-a abertamente pela primeira vez. – Percebe-se.

Ainda estavam a caminhar quando a tempestade de neve começou, e em breve a neve era tão densa que não conseguiam ver dez metros à frente do nariz.

Serafima sabia que a guerra havia intensificado a vida: as pessoas viviam, amavam e morriam mais rápido do que antes. Mas a afinidade entre ela e Frank deixou-a ansiosa e desconfiada. Nunca estivera em tal situação, nunca conhecera um homem como este, muito menos um homem que falasse assim. Tinha de ponderar: seria Frank Belman o tipo de homem que normalmente convidava raparigas russas para sair após apenas dois minutos de conversa? Como é que ele sabia que devia tirar o uniforme americano? Pode parecer um intelectual sincero, pensou, mas não seria na realidade um sedutor cínico que viera à cinzenta Moscovo dar a volta à cabeça de raparigas ansiosas pela mais ínfima sugestão de cidades longínquas? Um espião americano? Seria isto uma cilada? Como podia ela saber? E no entanto, de algum modo, achava que sabia.

– Como é que isto aconteceu? – perguntou, parando de repente e voltando-se para ele.

– O que queres dizer?

– Bom, o facto de eu estar aqui contigo agora. Escolheste-me especificamente ou foi por acaso?

Frank riu-se, e Serafima reparou na forma como os espessos flocos de neve pousavam nas pestanas escuras dele, ainda mais longas do que as

suas, notou com inveja. – Tu é que me escolheste. Primeiro, estavas sozinha no meu camarote; segundo, olhavas para o *ballet* e nunca para mim; terceiro, não correste para o bar como todas as outras raparigas, esperaste pelo ato seguinte. Por isso, percebi que não eras como as outras.

– Como é que eu sei que tu não és como os outros?

– Pareço-te igual a eles?

– Não. Mas a verdade é que não conheço muitos homens.

Ele pôs-lhe uma mão no braço. – Olha, eu sei aonde queres chegar, porque a verdade é que te convidei para sair muito depressa. Mas percebi que só tinha um minuto antes de partires e que nunca mais te voltaria a ver. Estás a pensar se não serei um agente dos poderes do capitalismo imperial, e eu devo admitir que estranhei encontrar uma rapariga bonita no meu camarote, sozinha, na mesma noite em que decidir ir ao *ballet*.

Ela sorriu vagamente. Não pensara nisto.

– Então estavas a pensar se eu não seria uma espia? – Fez uma pausa. – Não me parece que seja, a menos que se possa ser uma espia sem o saber.

– Isso é uma ideia muito russa – respondeu ele. – Mas deixa-me dizer-te que sou adido, um diplomata fardado, na Embaixada Americana. Sirvo de intérprete ao embaixador. Mas suponho que tu dirias que sou um verdadeiro capitalista.

– És de uma família rica?

– Sim.

– Vives numa mansão?

– Os meus pais vivem.

– Tens criados negros reprimidos de luvas brancas?

– Luvas não, mas o nosso mordomo é negro.

– Usa um casaco branco como nos filmes?

– Sim.

– Então, como boa comunista, declaro que és o inimigo. Suponho que sejas aquilo a que chamamos um sanguessuga da classe operária, hein?

Ele era, disse-lhe, um daqueles americanos que estavam tão confortáveis nas casas de campo de Inglaterra como nas mansões de Long Island. O pai dele chamava-se Honorius Belman, presidente da Southern-Eastern Union Railway Corporation, um texano nascido numa cabana de madeira, mas ele, o filho, fora educado em Groton e Harvard, onde estudara russo. Frank contou-lhe que jogava polo com plutocratas como os Rockefellers,

que o pai doava dinheiro para as campanhas de Roosevelt e que ele passara umas férias a trabalhar na Casa Branca. Tudo isto explicava porque é que não ficara impressionado com os seus pais famosos, percebeu Serafima.

Depois de caminhar durante horas, estavam de volta ao ponto de partida. Chegaram ao Hotel Metropole, que ficava do outro lado da praça em relação ao Bolshoi. Um hotel? Ele não parecia esse tipo de homem. Mas talvez todos os homens fossem esse tipo de homem, pensou Serafima enquanto o porteiro, com o seu uniforme verde galonado, fazia uma vénia e eles entravam pelas portas giratórias no vestíbulo escarlate.

Frank pagou-lhe dois *shots* de *vodka* no bar do Metropole, mas, para alívio de Serafima, não falou em reservar um quarto. Estava a tocar uma banda de *jazz* e, na pista, os uniformes de uma dúzia de nações dançavam o *foxtrot*. As platinas e botas lustrosas dos homens e os ombros desnudos e cabelos com permanente de raparigas de lábios escarlates tremeluziam em torno deles. Ficaram a vê-los por um momento enquanto a *vodka* a revigorava. Temia que ele a convidasse para dançar. Detestava dançar o *foxtrot*. Não tinha ritmo natural e a inépcia dela ia estragar tudo.

– Queres... d-dançar? – perguntou Frank sobre o som da banda. Depois de o conhecer melhor, viria a perceber que gaguejava um pouco quando estava nervoso.

– Se quiseres – respondeu ela, franzindo o sobrolho.

– Pareces zangada – disse ele. – Pareces zangada desde que entrámos aqui. Quando estás zangada, baixas as sobrancelhas e pareces um cisne furioso. Mais bonita do que nunca, mas bastante assustadora!

– Bom, o cisne furioso pede desculpa. É porque... Não sei se gosto de estar aqui.

– Mas eu pensava que todas as raparigas gostavam de dançar – disse ele, com ar ansioso.

– Sim, a maioria gosta, mas não todas.

Ele pigarreou um pouco. – Devo confessar uma coisa. Embora me digam que todos os homens devem conseguir dançar o *foxtrot*, eu não sei dançar nada. Detesto dançar... Desculpa. Não sou grande companhia, pois não?

– Oh, Frank, eu também detesto dançar. E não sei dançar nem o *foxtrot* nem nenhuma outra dança. Só sei falar e andar.

Saíram de novo para a noite, Frank a citar poetas que poucos ocidentais conheciam: Akhmatova, Pasternak, Pushkin, Blok. Atravessaram a Ponte de Pedra, em frente ao Kremlin. Através da neve, mal conseguiam ver as torres, as portas e as estrelas sob as redes de camuflagem.

Serafima sentia os salpicos gelados a pousar na sua pele quente e a derreter – era delicioso. Parou quando Frank tirou as luvas e lhe ofereceu um cigarro da sua caixa de prata. Sopraram o fumo azul para a luz cinzenta, onde os flocos de neve cintilavam como joias à luz dos candeeiros, e não falaram.

Frank parecia pensar muito em alguma coisa; depois, pigarreou. – Não sou um *playboy*. Nunca falei sobre muitas destas coisas com mais ninguém. Posso... p-posso... segurar na tua mão?

Ela ofereceu-lhe as mãos e, quando ele lhe tirou as luvas, a noite emudeceu e ela viu as mãos dele a tremer só um bocadinho. Era, pensou Serafima, verdadeiramente um momento do passado distante, de uma época mais romântica.

Quando Frank segurou as mãos dela nas suas, ela virou-as para entrelaçar os seus dedos nos dele, e quando os apertou, ele fez o mesmo; e ambos ficaram ali parados na neve, cara a cara, dominados pela excitação de se encontrarem um ao outro. A neve acolhoara a cidade de tal modo, que eles mal conseguiam ouvir ou ver o que quer que fosse. Haviam passado horas desde que se tinham conhecido, mas a relação deles, fresca como a neve de uma noite, parecia já durar há muito, muito tempo. Ela nunca beijara ninguém. Nunca o desejara. Mas queria que ele a beijasse agora.

– Serafima, posso...

Mas ela já erguera o rosto para o dele, e sentiu a boca dele sobre a sua enquanto a neve caía densamente em redor dos dois.

## TRINTA E CINCO

Satinov rastejou pelo espaço aberto que o separava da porta de um anexo. Os nazis estavam a apenas trinta quilómetros de distância e ainda lutavam por todas as aldeias. No entanto, ali estava ele, tendo fugido aos seus guarda-costas, e prestes a entrar numa casa desconhecida e a fazer uma coisa que ia contra todos os instintos e todas as regras. Hesitou e depois, praguejando para consigo e armando a sua metralhadora *PPSh*, abriu-a, pronto para uma rajada de fogo inimigo, mas em vez disso acolhendo com prazer o calor campestre do estábulo, que lhe recordou os passeios a cavalo em casa, na sua *dacha*. Os três cavalos que estavam amarrados lá dentro pareceram contentes por o ver e ele ficou ainda mais contente por os ver a eles.

Caminhando rapidamente pelo estábulo e atravessando o pátio, experimentou a porta das traseiras da casa grande. Não estava trancada, pelo que entrou sorrateiramente, de corpo tenso e encharcado em suor, dando por si na cozinha espaçosa de um *schloss*, concebida para receber legiões de criados. Havia campainhas marcadas com o nome dos quartos. Segurando a *PPSh* com a câmara redonda sobre o antebraço, entrou levemente por uma porta de baeta verde num corredor que dava para um salão.

Viu os olhos laranja primeiro. Dois, e depois outros dois. Depois par após par. Ergueu o cano da metralhadora: será que acaba aqui? Mas não, as cabeças do equivalente a um rebanho de alces, antílopes e ursos estavam fixas nas paredes altas, refletindo a luz carmesim de um fogo a crepitar na lareira. Um passo em frente; outro passo; o soalho rangia, mas agora ele movia-se depressa.

Um movimento mesmo à sua frente: – Quem é? Levante as mãos ou disparo! – Mas ele sabia, claro.

Ela estava a vigiar o lume.

– Aprovas o novo hospital para a Primeira Frente Bielorrussa? – perguntou ela, voltando-se para ele, a voz com o seu sotaque da Galícia tão ofegante que as palavras se lhe prendiam na garganta. – Fiz *chai*. Queres uma chávena?

Sentaram-se ao lado um do outro, e ela serviu a bebida em chávenas de porcelana e pires brasonados com uma cimeira aristocrática. As mãos tremiam-lhe, reparou ele, quando a porcelana tiniu e entornou um pouco de chá. Estava tão nervosa quanto ele. O seu perfume, disse-lhe, era *L'Origan*, da *Coty*, forte e doce e agudo, fazendo-lhe lembrar mel a derreter em chá e madeira a arder numa lareira. Estava a escurecer na sala, por isso ela tirou a boina e o capote de pele de carneiro e acendeu dois candeeiros a petróleo em cima da mesa.

– Não sabia se virias – disse ela. – Não sabia se estava a ser presunçosa. Ou, pior, ingénua... Mas sabia que eu viria de qualquer maneira.

Satinov não disse nada. Imaginou que duas das cabeças de animais fixas na parede estavam a falar com ele.

«Alguma vez desejava tanto uma mulher?», perguntou o bisonte dos olhos de vidro brancos. «O Estaline disse que depois da guerra todos os soldados merecem divertir-se um pouco.»

Mas a voz da cabeça de leão era mais severa e mais urgente. «Pensa no Estaline. Na Mariko. No marido dela, o Genrikh Dorov. Vai-te *já* embora! Isto vai contra a ética bolchevique. Sai já daí! Tens demasiado a perder se ficares.»

Mas de nada serviu. Satinov abanou a cabeça, apertou mais o seu capote e sentou-se ao lado dela.

– Bom, aqui estamos – disse Dashka, encostando-se a ele por um momento, em parte, supôs ele, por nervosismo, e em parte por timidez. Ela pegou numa garrafa de *vodka* e em dois copinhos. – Tu é que devias ter trazido as bebidas – disse –, mas sabia que não te ias lembrar disso. Portanto, aqui tens. – E pôs o copo na mão dele.

– Acho que estou a precisar.

– Céus, eu também. A uma amizade improvável e muito secreta.

Fizeram três pequenos brindes e depois ela beijou-o de novo; ele nunca beijara ninguém que beijasse como ela.

– Aqui não! – Pegou na mão dele e num candeeiro a petróleo e ele seguiu-a por uma ampla escadaria de madeira, adornada com uma gazela e

uma zebra. Satinov sentiu os olhos de vidro a fitá-los quando passavam. Fizeram-lhe lembrar os seus colegas do Kremlin.

Ao cimo das escadas, ela conduziu-o pelo sombrio corredor revestido a madeira e abriu a porta ao fundo; Satinov estava mais nervoso do que na sua primeira noite de núpcias, na Geórgia, nos anos vinte.

Era tão famoso pelo seu estilo de vida imaculado que Estaline, que dava alcunhas a todos, por vezes lhe chamava o Menino do Coro. Era capaz de governar o Cáucaso e construir uma nova cidade industrial no meio da Sibéria; sabia dançar e caçar lobos e esquiar; mas isto... e se não tivesse jeito para isto? E se falhasse completamente?

– Não vais beijar-me? – disse Dashka. Estavam num quarto com outra cabeça de alce gigante sobre a cama, e uma lareira já acesa. A porta fechou-se atrás dele. Estavam a beijar-se de novo e as dúvidas de Satinov desapareceram naquele instante. *Isto*, decidiu, era um recanto do paraíso. Encostou-a à porta. Tirou o gancho que lhe prendia o cabelo e este caiu-lhe em madeixas à volta do rosto. Agarrou num punhado, espesso e pesado e negro, embora aclarasse para castanho e fosse um pouco encaracolado nas pontas. – Não faz mal – disse ela. – Eu gosto que me puxem o cabelo.

Enfiou-lhe a mão pela saia acima, roçando no caqui espesso até chegar ao cimo daquelas meias de *nylon*. – Oh, meu Deus, oh, meu Deus – dizia ela. Abraçou-o, beijando-o freneticamente. Como um rapaz a fazer amor pela primeira vez, Satinov tinha de estar sempre a confirmar que isto estava mesmo a acontecer.

Saltitaram e coxearam pelo soalho, ele com as calças pelos tornozelos, ela com as pernas ainda de botas e as coxas morenas, cheias e nuas em redor da cintura dele, os braços à volta do seu pescoço, os lábios nos lábios dele, o cabelo a envolvê-lo como uma teia, entrelaçados, e deixaram-se cair na cama.

– Queria tanto sentir-te. Desde ontem à noite que não penso em mais nada – disse ela. – Não dormi e mal consegui comer hoje. Despes-me lentamente?

Satinov atrapalhou-se com os botões da blusa dela e ela ajudou-o, sempre a observá-lo, de pálpebras pesadas, quase a fechar-se, as orlas escuras das suas íris como que derretendo. Ele ficou espantado com a devassidão dela.

Não conheceu ninguém assim desde a sua juventude em Tiflis. Os rapazes do seminário (sim, tal como Estaline, estudara para padre no Seminário de Tiflis – mas muito mais tarde) tinham visitado uma prostituta, uma cigana de cabelo negro. – Aquele é demasiado pudico para isto – dissera ela, acenando com a cabeça para Satinov. – Aquele vai mesmo tornar-se padre. – E tivera razão, pois um bolchevique era uma espécie de padre armado.

– O que vamos fazer com ele? – perguntou Dashka, apontando para a cabeça de alce que estava por cima deles.

– Que tal isto? – Ele lançou a blusa dela para cima e tapou os olhos do alce, deixando apenas o focinho a espreitar. Depois, recomeçou a desabotoar-lhe a saia.

– Achas que existe um motivo para as saias do exército serem concebidas como fortalezas inexpugnáveis? – perguntou ela. Ele enrolou-lhe as meias até parecerem meias compridas, logo abaixo do joelho, e começou a beijar-lhe as pernas, envoltas no veludo da sua pele castanho-acaramelada. – Há anos que ninguém me despe assim.

Satinov também começou a tirar a roupa, mas: – Espera – disse ela. – Também te quero despir. – Baixou o olhar para ela; como uma tigresa, o corpo dela era matizado pela trémula luz laranja do fogo e tingido de um dourado mais profundo pelo candeeiro. Mas mal aguentava olhar por mais do que um momento antes de ter de a beijar de novo, nos lábios, no pescoço, em todo o lado; ela mordeu os dedos. Fizeram amor outra vez e, quando terminaram, ela riu-se numa voz aguda e cadenciada com a cabeça lançada para trás.

Satinov abriu os olhos e viu o quarto triste, a cama de madeira simples, a pesada mobília germânica, mal iluminados pelo fogo e a lanterna, como se estivesse a ver tudo pela primeira vez – incluindo ela.

– Conheces os poemas de Ovídio sobre o amor? – perguntou ela. – Escreveu que o quarto é o único sítio onde podemos fazer exatamente o que quisermos e sermos realmente nós próprios.

– És tão mais culta do que eu – disse ele. – Eu fui expulso por atividades marxistas aos dezasseis anos.

– Fui criada numa casa judia cheia de livros. – Ela hesitou. – Sinto-me tão abalada. Como se o mundo tivesse tremido e tombado, fazendo com que tudo, até a minha noção de tempo, esteja num sítio diferente, tenha

perdido o significado anterior. Nunca imaginei que a paixão nos quarentas pudesse ser mais intensa do que quando éramos jovens.

– Então nunca...?

– Fiz isto? Nunca. Nem uma vez em todos estes anos de casamento. Não sei o que me deu. Então e tu?

– Precisas mesmo de fazer essa pergunta? Não, também nunca fiz isto.

– Pensava que vocês, líderes, eram todos mulherengos.

– Nunca olhei para outra mulher... e agora isto.

– Está em pânico, camarada general?

– Tu não estás, Dashka?

– Devia estar, mas parece tão natural, como se nos conhecêssemos desde a juventude. Sabes, quando tinha dezoito anos, estudei Medicina em Odessa e tive um caso com um estudante de Literatura. Fumávamos ópio. Quase fiquei viciada naquilo, e nele. Pouco depois, conheci o Genrikh e casámo-nos. Com ele, sempre soube onde devo estar e que tenho um lugar. Isso também é amor. Eu preciso disso, sabes?

Satinov olhou para o relógio e suspirou. – O meu pessoal vai notar a minha falta. Temos de regressar. É quase meia-noite. – Vestiu-se rapidamente, e olhou para ela. Ainda estava deitada exatamente onde a deixara. – Em que pensas?

Ela fez-lhe o seu sorriso um pouco travesso, com os olhos escuros. – Estou a pensar em amanhã. Toda a gente vai ver-me e ninguém saberá o que andei a fazer.

## TRINTA E SEIS

Na manhã seguinte, Satinov foi chamado de volta ao Stavka (quartel-general) pelo Supremo (Estaline) para discutir a ofensiva. Depois, foi destacado para uma série de missões, à Bulgária, à Roménia, foi visitar Mao Tsé-tung à China... mas, durante aquele tempo todo, e ao longo dos meses seguintes, ansiou voltar a ver Dashka. Era difícil descobrir onde ela estava: não podia pedir aos seus subordinados para a procurarem, pois isto chamaria a atenção, e quase de certeza que alguém informaria os lacaios de Beria ou Abakumov. Estes começariam a compor um caso contra ele por deboche ou corrupção ou algo do género, e guardá-lo-iam até ao momento certo.

– Quem estava no quartel-general do Zhukov? – perguntava ao seu assistente, Chubin.

– O camarada Malenkov estava a inspecionar – respondia Chubin. – Ah, e aquela Dra. Dorova também estava lá...

Então, telefonava-lhe. – Sou eu – dizia.

– Olá, eu – respondia ela sempre.

Podiam falar pelas linhas entre as frentes, recém-instaladas pelo pessoal das comunicações e logo, provavelmente, ainda sem dispositivos de escuta, mas ele não dizia o nome dela e ela não dizia o dele, portanto, em vez disso, ela criou outra pessoa, o «Académico Almaz», um velho que não era nem um nem o outro, mas sim ambos, um hermafrodita que personificava o seu amor.

– Estava a telefonar só para perguntar pela saúde do velho Académico Almaz.

– O Académico Almaz é muito velho.

– Tenho tantas saudades do Académico Almaz.

– O Almaz fica sempre contente por saber notícias tuas. Devias telefonar-lhe com mais frequência. Está tão velho, é um autêntico eremita

hoje em dia...

Só ouvir a voz dela com aquele sotaque meio galiciano, meio iídiche, os seus «r» enrolados, era uma alegria para ele. Quando recordava, como acontecia constantemente, os seus encontros, não sabia bem o que o encantava mais nas várias identidades de Dashka: seria a sua capacidade espantosa de improvisar um hospital a partir do nada, de salvar calmamente uma vida, aquele riso cadenciado ou as suas coxas douradas? No entanto, nunca deixou de amar a sua Tamriko, mãe da sua única filha e centro da sua vida (sem a qual os seus sucessos teriam sido impossíveis). Também se lembrava do quanto Dashka insistia que amava Genrikh, acrescentando: «Além disso, se o deixasse, perdia tudo.»

Uma vez encontraram-se na antecâmara de Molotov, o «Cu de Pedra», no Kremlin. Para além de chefiar o corpo médico do exército, era agora ministra da Saúde. Quando o viu, estremeceu.

– Ah, olá, camarada Satinov, é você!

– Sim, camarada doutora, sou eu! – Ficaram sozinhos por alguns momentos naquela sala triste, à espera daquele homem triste que nenhum deles queria ver. Falaram – em código, claro – tão perto um do outro que ele sentia a respiração dela. Por um momento, conseguiu tocar-lhe na mão e ela apertou-lhe os dedos. Ah, pensou ele mais tarde, a loucura daqueles momentos!

– Como está o Académico Almaz? Dizes-lhe que tenho saudades dele?

– O Académico Almaz anda a trabalhar tanto, que até eu mal o vejo.

– Se de facto vires o estimado Académico – disse ele –, não te importas de dizer ao velho sábio que acho que ele tem a mente mais bela, e os pulsos e os olhos mais belos, que alguma vez vi? Para um octogenário, claro!

– O Académico nunca esteve tão entusiasmado por vir a uma reunião com o camarada Molotov – respondeu ela. Não podiam arriscar um beijo, mas, para ele, nunca dois pares de olhos se haviam devorado daquela forma, ao ponto de gerar calor suficiente para aquecer até o escritório enfadonho do Cu de Pedra. Então ela disse calmamente, daquele seu jeito, mal abrindo a boca: – Acho que devíamos parar de falar agora. Senta-te ali.

Dois generais entraram. Tinham-se separado no momento certo.

– Camarada Satinov! – Molotov, de fato escuro, com a cabeça redonda como uma bala de canhão e a figura quadrada como um tijolo, saiu do seu gabinete. – Vamos dar um passeio pelo Kremlin?

– Sim, façamos isso – concordou Satinov. Enquanto falava com o Cu de Pedra, olhou de novo para ela; Dashka fitou-o com uma intensidade amorosa nos seus olhos escuros, apenas por um momento, e depois desviou o olhar. Satinov quase arquejou com o prazer. Ansiava tocar-lhe e beijá-la outra vez. Enquanto passeava pelos pátios do Kremlin com Molotov, sentiu-se estúpida e vertiginosamente feliz.

Via-a e falava com ela tão raramente que não pensara muito no que esperava daquela relação incerta. Não tinha um futuro formal, mas ele decidiu saborear estes momentos especiais, que atribuía à loucura da guerra e da morte. Depois, chegasse como chegasse o depois, ele regressaria à sua natureza real, ao seu mundo verdadeiro.

Porém, uma noite, já tarde, quando estava sozinho no seu gabinete do Kremlin à espera de que o motorista o levasse a jantar com Estaline, reparou que o telefone do gabinete vazio ali ao lado estava a tocar. Mandara os seus assistentes para casa, por isso atravessou à pressa o corredor para o atender.

– É o Almaz. – Reconheceu logo a sua voz característica.

– Olá. Estou impressionado com a tua astúcia – disse ele. – Querido Académico!

– Este Académico não pode falar muito tempo – disse ela –, mas queria que soubesses que não posso continuar com isto. Não durmo há três noites. – Ouviu-a chorar e condoeu-se. – Perco os meus filhos, perco tudo, e sinto-me tão culpada! Tenho de desistir de ti. Consegues perdoar-me?

Satinov agarrou o telefone com firmeza, e obrigou-se a respirar fundo e devagar. Não era à toa que lhe chamavam Comissário de Ferro. – Eu compreendo – disse por fim, pousando o telefone.

Talvez, pensou ali sentado na sala vazia, a sua vida de revolucionário lhe tivesse dado a capacidade de aguentar segredos e pressões. Nascera para a conspiração. Outros, como Dashka, e na verdade Tamriko, não.

Regressou ao seu gabinete e marcou um número: – Tamriko?

– Sim, querido Hercules.

– Vou chegar tarde.

– Bom jantar. Querias alguma coisa?

- As crianças estão todas bem?
- Sim. Sentem a tua falta, como eu. Não te demores.
- Não – disse com severidade. Mas nunca fizera este tipo de telefonema, e sabia que ela ia gostar.

Uma hora mais tarde, no banco de trás do *Packard* blindado que acelerava pelo bosque prateado em direção à Dacha Próxima de Estaline, já era o Satinov de sempre, o Comissário de Ferro. Quase.

\*

– Depois da guerra – avisou Frank a Serafima –, achamos que o Estaline vai ser mais rígido. A América vai ser inimiga da Rússia, por isso temos de ter muito cuidado. Enquanto diplomata, sou vigiado e, com os teus antecedentes, é possível que também o sejas. A nossa sorte é termo-nos encontrado, mas a nossa maldição é estarmos numa época e num lugar em que não podemos viver como fazemos agora, no presente.

– Já pensaste em usar códigos? – perguntou Serafima.

– Por acaso, já. Eis como nos vamos encontrar. Eu deixo um marcador na secção de literatura estrangeira da Casa do Livro. Se estiver num Galsworthy, encontramos-nos na matinée. Se estiver numa Edith Wharton, à noite; num Hemingway, não perguntes por quem os sinos dobram, eles dobram por nós, por isso volta no dia seguinte. Haverá um bilhete com um nome falso no Bolshoi para o espetáculo dessa noite.

– Então eu simplesmente vou ao Bolshoi muitas vezes?

– Podes ver um ato ou dois, mas, quando eu sair, tu também saís, pela saída de emergência nas traseiras. Ninguém te vai seguir.

– E encontramos-nos na rua.

– Querida Serafima, tenho um apartamento. O que é bom é que não está registado como residência diplomática. Pertencia a um amigo russo que morreu na guerra e ninguém sabe da sua existência. É muito simples, mas podia ser o nosso sítio. É perto das traseiras do Bolshoi, por isso quando saíres... q-q-queres ir lá ter comigo?

Serafima sorriu. Sabia que isto estava certo – mas divertia-a que, de todas as raparigas da escola, e algumas pareciam muito libertinas, fosse *ela*, Serafima, quem ia fazer amor primeiro. Amava Frank e ele amava-a a ela e parecia absolutamente natural fazê-lo com o homem com quem

queria passar o resto da sua vida. Conhecia o básico, os factos da vida, mas, como realmente funcionava, não sabia bem. E se ficasse grávida? O escândalo destruí-la-ia. Não era dever do homem garantir que isso não acontecia? Mas havia um problema ainda maior que a consumia.

– Pareces preocupada – disse ele. – Não temos de fazer nada. Podemos só falar se quiseres.

– Não tenho a certeza...

– Queres esperar até nos casarmos?

– Não é isso.

– Então o que é?

– Sinto que não sou... perfeita. Que vais ficar desiludido.

– Nada em ti me poderia desiludir. Nada. – Os olhos de Frank ardiam com certeza enquanto dizia isto.

Mas havia uma coisa. Era a pele de cobra, a queimadura que tinha no corpo. Ninguém a não ser a família dela a vira desde que entrara na adolescência, mas nunca se esquecera de que estava ali, debaixo da sua roupa. Os vestidos que usava eram mais subidos e mais simples para proteger esta mácula indelével. Sentia-a sempre, mais rígida e mais áspera do que o resto do seu corpo. Era uma coisa feia de pele amarela e enrugada que a fazia sentir-se feia também. A sua única esperança era que Frank a amasse o suficiente para fingir que não existia.

Um medo persistente assombrava-lhe agora o sono, as aulas, todos os seus momentos, ameaçando destruir a sua felicidade, como ela sempre temera que acontecesse. E se Frank ficasse enojado com ela? E se deixasse de a amar? Deveria avisá-lo primeiro?

Combinaram ver-se e depois ela cancelou o encontro – duas vezes. Mas, por fim, decidiu que tinha simplesmente de confiar nele. Se ele fosse o homem que ela julgava ser, o Frank que amava, não ia ver a pele de cobra como uma parte indivisível da sua identidade? Ela teria simplesmente de descobrir.

## TRINTA E SETE

Satinov só voltou a ver Dashka Dorova quando Estaline o recompensou com um prêmio especial: ia ser o representante do Supremo no quartel-general do marechal Zhukov. Três frentes, dois milhões e meio de soldados soviéticos e sete mil e quinhentos tanques convergiam para Berlim. Mas Estaline escolhera Zhukov para tomar Berlim, e Satinov ia com ele.

A 15 de abril, Satinov apresentou-se no quartel-general de Zhukov antes da Batalha de Seelow. Na madrugada do dia seguinte, os morteiros de Zhukov abriram fogo – o estrondo da barragem abalou Satinov profundamente – e os homens entraram no combate. Mas o ataque não correu como previsto. Ao assaltarem aquelas colinas bem defendidas, os russos sofreram trinta mil baixas, e nessa noite Estaline telefonou a Satinov, furioso.

– Quem é responsável por este crime? – perguntou ele. – Descubra o culpado e nós cortamos-lhe a cabeça!

Até Zhukov exigiu hospitais novos para tratar aqueles feridos todos. E foi assim que a Dra. Dorova foi convocada urgentemente, arrancada da cama a meio da noite por um telefonema do próprio marechal Zhukov. Satinov não a viu; estava com Zhukov na linha da frente, mas ela andava perto e ele deu por si a procurá-la constantemente com o olhar.

A 19 de abril, as Colinas de Seelow finalmente caíram e Zhukov avançou para Berlim, mas foram precisos dez dias de combates brutais, rua a rua, para tomar a cidade. Só depois da queda do Reichstag e do suicídio de Hitler é que Satinov a viu entre os generais soviéticos no salão de estuque branco da Escola Técnica do Exército, em Karlshorst. Era dia 8 de maio, e Zhukov e os generais americanos e britânicos estavam à espera de que o *Feldmarschall* Keitel acabasse a guerra. Filas de luzes *Klieg* projetavam uma brancura elétrica e teatral sobre a mesa onde os nazis

assinariam a rendição. As medalhas de vinte países, o cabelo oleoso e a pele gasta dos calejados generais, as testas empoadas, lábios brilhantes e penteados ondulados das assistentes, datilógrafas, motoristas e PPZh eram iluminados pela implacável luz de zinco.

Ela usava o seu uniforme de parada, a túnica e a saia de corte elegante (contra todos os regulamentos) que exibiam a sua figura curvilínea. Era impressionante como o boné de um general do corpo médico, o dourado, o escarlate, as estrelas e o galão lhe realçavam a pele morena e os olhos castanhos.

Horas passaram e a rendição foi adiada enquanto os nazis tentavam pedir condições melhores. Zhukov e o representante de Estaline nas negociações, Vyshinsky, berravam um com o outro; generais entravam e saíam apressados e, por fim, os generais nazis chegaram.

Quando finalmente a cerimónia terminou, Satinov veio ter com ela. – Dra. Dorova.

– Camarada Satinov.

– Como tem passado?

– Estou bem. Que dia!

– Podemos dizer aos nossos netos que estivemos aqui.

Ela olhou-o nos olhos. – Estás a pensar no teu filho Vanya? – perguntou-lhe suavemente.

– Sim, estou. Hoje, por fim, posso mesmo pensar nele. – Apenas um pequeno tique na sua bochecha revelava o quão comovido ele realmente estava, mas ela viu-o.

– É melhor não falarmos muito... – Ela olhou para o egrégio Vyshinsky.

– Sim, mas é bom ver-te.

– E eu a ti.

O banquete de Zhukov durou a noite toda. Prato após prato, vinte e cinco brindes – a Estaline, ao Exército Vermelho, às mulheres soviéticas; a Churchill e Truman –, mas às seis da manhã, quando o jantar terminou, Satinov estava ao lado de Zhukov e Vyshinsky, para se despedir dos seus ébrios amigos ocidentais à luz azul da madrugada. A guerra acabara. Encontrou-a de novo, a ver os americanos partir nos seus carros.

– Sou eu – disse nas costas dela.

– Olá, eu – disse ela.

A pele das faces dela estava rosada de entusiasmo, cansaço e álcool. Era o fim de uma noite de brindes e quatro anos de guerra.

– Posso perguntar... Alguma vez pensas no...

– Académico Almaz? Todos os dias.

– Eu também – disse Satinov, afastando-se dela, do seu passado. – Todos os dias.

## TRINTA E OITO

Matiné no Bolshoi. Toda a cidade já estava nas ruas. O Exército Vermelho estava em Berlim. Os nazis tinham assinado a rendição na noite anterior. Assim que as luzes se apagaram, Serafima seguiu o plano de Frank.

Surgiu da saída de emergência e atravessou a rua. Mais tarde, não se lembrava bem de como dera por si no pequeno apartamento, com a sua única cadeira a verter estofos brancos de vários golpes e a cama de casal. Não havia nada – nenhum quadro – nas paredes húmidas e manchadas a não ser uma impressão barata e com manchas de água de Pushkin por cima da cadeira.

Frank aguardava. Tão nervoso como ela. Quando lhe deu um cigarro, tremia tanto que mal conseguiu acendê-lo e eles riram, o que quebrou um pouco o gelo.

– Acho que devíamos beber um copinho – disse ele, com uma garrafa de vinho na mão: *Telavi 2* da Geórgia. – O favorito do teu líder.

Serafima ficou tão grata pelo vinho que bebeu o copo todo de golada, e sentiu-se um pouco tonta quando ele começou a beijá-la e a levou para a cama. Estava tão consciente da sua pele de cobra, que sentiu que a usava *fora* da roupa. Até agora ele nem sequer sabia que existia e, no entanto, era a única coisa em que *ela* pensava.

Depois, deixou-a por um momento, correu as cortinas, desligou a luz e acendeu duas velas que estavam em cima da lareira. Mal se atrevia a emitir um som; queria sussurrar qualquer coisa, mas o coração pulsava-lhe no pescoço como um tambor. Quando regressou, ele beijou-lhe a boca e baixou-lhe suavemente o vestido enquanto lhe dava beijos no pescoço. Serafima foi inundada por uma sensação que não reconhecia: um arrepio que começou nas coxas e depois se insinuou na barriga, fazendo-a

cambaleiar com o seu poder ardente. Por um segundo, até se esqueceu da sua pele de cobra, mas então a mão dele pousou nela por fora do vestido.

– Para! – disse ela.

– O que foi?

– Tu... não fizeste nada de mal, mas tenho de te dizer uma coisa...

– Sei que nunca fizeste isto – disse ele, perscrutando-lhe o rosto. Ocorreu-lhe outra coisa. – Ou, se fizeste, não importa. Seja como for, não importa.

– Não, não, não é isso. Podemos... só parar, enquanto te digo uma coisa?

Acordaram nos braços um do outro. No quarto dela do último andar do Hospital Geriátrico para Mulheres de Tempelhof, que estava agora cheio de feridos soviéticos. Sem pó de arroz nem batom, apenas com o cabelo farto à volta dos ombros, o rímel esborratado, ela estava mais bonita do que antes. Este tempo era tão precioso, que ele tentou gravar na mente cada detalhe da beleza dela.

– Sonho andar na rua contigo – disse ela.

As ruas de Berlim estavam desertas, não fossem os soldados, tanques e jipes soviéticos. Todas as casas e ruas estavam em ruínas. A paisagem lunar desta cidade obliterada parecia tão irreal como os generais sob as luzes *Klieg* durante a rendição. A rua e os passeios estavam rachados, lamacentos e incrustados com estilhaços, pedaços de tecido, jornais a apodrecer, sapatos de criança e por vezes até um homem inteiro (filho e pai de quem?) espalmado entre tecido e cartão, esmagado pelas brutais lagartas dos tanques.

Ambos usavam túnicas simples sem insígnia, e ninguém reparou neles quando visitaram a Chancelaria, onde Hitler se suicidara, e o Reichstag. Mas, em geral, limitavam-se a vaguear pela cidade. Às vezes, quando estavam sozinhos por um momento, ele beijava-a e ela beijava-o a ele, apaixonadamente. Ela puxou-o para uma ruela arruinada. Ele agarrou-a pela cintura, enquanto as pernas dela subiam e, quando ela gritou, o som foi feroz e quase pagão.

A necessidade dela, o seu desejo, a sua coragem temerária cativavam-no. Satinov nunca fizera nada tão imprudente e despreocupado. Podia ter

sido reconhecido por qualquer soldado; podia ter sido denunciado por qualquer um dos milhares de chekistas que andavam a bisbilhotar em Berlim. Mas, depois de vinte anos de diligência disciplinada, mal podia acreditar no quão maravilhoso era estar com a mulher que de súbito amava naquele cenário de destruição.

Lenta e relutantemente, regressaram ao quartel-general antes da hora de almoço, e descobriram que ele fora chamado de volta a Moscovo. O idílio dos dois fora demasiado curto.

– Tem cuidado, meu anjo. Será difícil vermo-nos em Moscovo. Quase impossível.

– Hei de me lembrar de alguma coisa – disse ele.

– Tu sabes que eu amo o Genrikh e os meus filhos. Sinto-me segura com ele.

– E tu sabes que eu nunca deixaria a Tamriko, que também amo.

– É impossível. Impensável – concordou ela. Estaline nunca permitira que nenhum dos seus líderes se divorciasse. Fazê-lo não só destruiria a sua carreira, como poderia destruir a sua família inteira. Dashka tinha razão quanto a isso.

– Mas também te amo a ti – disse ele. – É possível?

Ela hesitou e, quando ele entrou no carro e se despediram formalmente, fez continência e depois abraçou-o *à la russe*. Quando os seus lábios estavam mais perto do ouvido de Satinov, sussurrou tão rapidamente – Amo-te, meu anjo – que ele mal ouviu. – Mais do que ontem. Menos do que amanhã.

– E eu a ti, Dashka – disse ele, também num sussurro. – Mais do que ontem, menos do que amanhã.

– Quando era pequena, uma criada entornou um tacho de água a ferver e eu queimei-me. Tenho uma cicatriz de lado que... nunca ninguém viu e... chamo-lhe a minha pele de cobra. Queria dizer-te para saberes o que esperar.

Frank voltou-se para ela. Estavam deitados na cama estreita de Frank, lado a lado.

– É por isso que estás tão ansiosa?

Ela acenou afirmativamente.

– Oh, querida, pensava que alguma coisa tinha mudado entre nós. – Deu-lhe um beijo suave nos lábios. – *Sladkaya*, meu doce – sussurrou. – Eu não me importo. Só tu é que estás preocupada e em breve vais deixar de estar, prometo.

– Mostro-ta agora?

– Não é preciso, querida, muito em breve ver-te-ei em toda a tua beleza...

– Mas eu preferia mostrar-ta para que saibas. Para acabar com isto.

– Se isso te deixa mais feliz, mostra-me. – Sentaram-se.

Embora estivesse ansiosa, tremia com o entusiasmo. Olhou para ele. Os seus doces olhos castanhos brilhavam com compaixão e amor por ela; a humidade que continham refletiu a luz da vela. Ele desapertou-lhe o vestido. Então, ela encarou-o de novo e baixou lentamente o vestido, até aos seios. Hesitou ali e considerou fugir – porta fora, para a rua. Mas ele abanou a cabeça como se costuma fazer quando se admira algo belo. Ela levou as mãos às costas e desapertou o *soutien*, também ali hesitando. Baixou um pouco mais o vestido, tapando os seios com as mãos. Fechou os olhos, não fosse haver uma expressão de nojo no rosto dele, e então ergueu gradualmente os braços e disse: – Pronto!

– Posso tocar-te? – perguntou ele, e Serafima percebeu pela voz que ele sorria, e ficou muito aliviada. Estremeceu um pouco quando a mão dele contornou a sua pele de cobra. As pontas dos dedos dele passaram sobre a pele suave e depois cruzaram o limite para a aspereza que se estendia da anca ao seio de Serafima. – Acho que és incrivelmente bonita e não consigo esperar muito mais tempo. – Os dedos dele voltaram a contornar a pele de cobra ao de leve, e ela tremeu.

– Tens a certeza?

– Nunca tive tanta certeza de nada. Pode ser o nosso segredo partilhado. Que isto seja o pacto do nosso amor. Sempre.

– O nosso talismã.

– Sim, o nosso talismã. Conheces o poema do Pushkin? – Recitou:

*Uma terna feiticeira*

*Deu-me o seu talismã.*

*E disse-me prazenteira:*

*«Não deves perdê-lo...*

Serafima interrompeu-o para terminar o verso:

*O seu poder é infalível,  
Foi o amor quem to deu.»*

Ela não podia acreditar que tinha sido tão abençoada por este homem amável que transformara o seu medo num talismã de amor. Ele limpou-lhe as lágrimas com beijos.

– Agora posso ser eu a despir-te, por favor?

O ato de se despir, com toda a sua tensão e ansiedade, seguidas de sucesso e alívio, comovera-a profundamente. Agora, via estrelas vermelhas diante dos olhos – seria o vinho? – e ondas de calor subiam-lhe pelo corpo. Agora, ansiava que ele a tocasse nos sítios onde o seu corpo vibrava com um prazer desconhecido que não podia nem aguentar, nem satisfazer, nem travar. Não quis parar, mesmo quando ele pegou numa embalagem que dizia «Trojan». Ele tapou-lhe os olhos, sorrindo.

– Isto é muito mais embaraçoso do que... – disse ele, e ambos se riram de nervosismo e ela percebeu que ele se referia à sua pele de cobra, e que ambos deviam ser celebrados.

Depois, sentiu-se bela pela primeira vez na vida. Libertara-se da sua fealdade; sim, sorriu para si mesma, tal como uma cobra se despoja da sua pele.

## TRINTA E NOVE

Dashka Dorova e Hercules Satinov só se voltaram a ver no primeiro dia do período na Escola 801. Era maio e, nas Portas Douradas, ele podia ver Dashka e ela podia vê-lo a ele e por vezes, quando passavam um pelo outro, ela sussurrava: «Mais do que ontem. Menos do que amanhã.» Ou apenas uma palavra: «Almaz!» Mas eram constantemente vigiados pelos respetivos companheiros, por camaradas, pelos seus próprios guarda-costas e assistentes, e ambos temiam magoar as famílias ou chamar a atenção dos Órgãos.

Quando Satinov sondava o coração, sabia que amava Tamriko. Também amava Dashka, mas era um tipo diferente de amor, e Tamriko estava em primeiro lugar. Não via qualquer contradição. Havia muitos tons de amor, disse para consigo. Juntas, completavam-no. Quanto ao secretismo, não lhe custava nada: era um bolchevique.

Tinham descoberto uma forma de telefonar um ao outro. Por vezes o telefone tocava na sala de conferências ao lado do seu gabinete.

– Olá, sou eu! – Ela usava as palavras dele.

– Olá, eu.

– Amo-te – dizia ela.

– Amo-te e amo ser amado por ti: é uma alegria inesperada para mim, esta joia secreta na minha vida.

– Mas até onde pode isto ir? – perguntava ela, subitamente ansiosa.

– Para mim, não tem de ir a lado nenhum. Simplesmente é.

Ela riu-se. – És mesmo tu, Comissário de Ferro? Como é que esse grande romântico sobreviveu todos estes anos na idade do gelo?

– Imagino-me a beijar-te quando tivermos sessenta anos.

– Um dia, se estivéssemos ambos sozinhos, de algum modo, Deus queira que não, então eu sei que ficaríamos juntos.

– O que tens vestido? – perguntava ele. – O que vais fazer hoje? – Odiava Genrikh, porque a verdadeira posse é partilhar o tecido da vida de outra pessoa, concluiu; tem a ver com proximidade; o amor enquanto geografia. Ansiava conhecer o som ameno do sono dela e o cheiro ensonado do seu cabelo de manhã; queria estar ao lado dela quando escovava os dentes e ao fundo das escadas quando as descia. Quando se sentava para ler, que sítio escolhia?

– Sinto-me no paraíso quando falamos – disse-lhe ele uma noite.

– Quando falamos, é como se não houvesse mais ninguém na sala – concordou ela. – Adoro os nossos telefonemas e adoro-te a ti. Mais do que ontem. Menos do que amanhã.

Naquele período, tudo foi diferente para Serafima. Antes de ela e Frank terem feito amor, os rapazes da escola mostravam-se intrigados com a sua seriedade, mas agora era como tivesse sido salpicada com um pó invisível de atração. Só muito mais tarde é que percebeu que era o sexo.

Os rapazes pareciam pressenti-lo, embora eles próprios não soubessem o que era. Procuravam a atenção dela. Observavam-na e, quando ela se voltava de repente, desviavam o olhar. Convidavam-na para aderir às suas sociedades desportivas, clubes de literatura, acampamentos do Komsomol. George e Minka chamavam-lhe «o Mistério»; o rapaz novo, Andrei Kurbsky, tinha uma paixoneta por ela; e Nikolasha Blagov estava apaixonado por ela de modo obsessivo. Até Vasily Estaline sentiu a diferença, que ela já era mulher. Na aula, era a favorita de Benya Golden. E então, do nada, o Dr. Rimm começou a escrever-lhe cartas de amor estranhas e desajeitadas.

– É ridículo! Provavelmente sou a única rapariga da escola que não é virgem. Mas como é que eles percebem? – perguntou a Frank.

– Há apitos que só os cães conseguem ouvir. – Ele sorriu-lhe, mas ela notou a tensão nos seus olhos. Preocupava-o um pouco. – Como um oásis no deserto: os homens talvez não consigam ver o poço, mas sentem o cheiro da água.

A verdade era que ela estava a gostar da atenção. Ponderou o que seria pior aos olhos da escola, do Partido – o facto de andar a fazer amor quase todos os dias (desde que conseguisse livrar-se da mãe, que queria sempre

levá-la às compras) ou estar apaixonada por um arquicapitalista americano. Todo o seu ser era dedicado a proteger o tesouro para o qual vivia. Era um segredo perigoso, com certeza. Mas não podia magoar ninguém, ou podia?

E então chegou o dia da Parada da Vitória e das mortes de Nikolasha e Rosa, na ponte. Na manhã seguinte, nas Portas Douradas, Dashka conseguiu um momento com Satinov. Certificando-se de que ninguém a ouvia, e depois falando muito rápido, disse: – Hercules, telefona-me hoje para a sala de conferências da clínica.

Losha levou-o ao Kremlin e ele subiu as escadas para o seu gabinete no Palácio Amarelo. Às dez da manhã, telefonou-lhe.

– Tenho de te deixar – disse ela. – Esta tragédia horrível muda tudo. Tenho de pôr os meus filhos em primeiro lugar. Não posso fazer nada que os possa magoar. Tenho de compensar a minha família.

– Claro – conseguiu ele dizer. – Tens razão, eu compreendo.

– Farás sempre parte da minha vida. Só te tive a ti e ao Genrikh, e nunca haverá mais ninguém.

A garganta dele contraiu-se e mal conseguia falar. Sou o Comissário de Ferro, disse a si mesmo, não posso estar a sentir-me assim. – Nunca amei desta maneira antes – disse – e vou amar-te até morrer.

– Não podes continuar a dizer-me isso – respondeu ela. Ele percebeu que ela estava a chorar. – Temos de ultrapassar esses sentimentos. Mas podes sempre contar comigo.

– E tu comigo. Não me vais esquecer, pois não?

– Como poderia esquecer-te? Espero que me possas perdoar.

– Terás sempre o meu perdão, Dashka – disse ele. – Sempre. – Mas, quando pousou o telefone, soube que nem um soco na barriga o poderia ter magoado mais. Depois de dar ordens aos seus assistentes, trancou as portas e ajoelhou-se. – Como posso eu viver sem o teu amor? – ouviu-se dizer. – Como posso continuar?

Quando foi ao Bolshoi alguns dias mais tarde, e ela não estava lá, Frank foi invadido por um medo tremendo. Ela não arranjava forma de lhe dizer

onde estava. E ninguém sabia dele, por isso ninguém podia ficar com o recado.

Deixou-lhe mensagens secretas na Casa do Livro e ia ao Bolshoi todos os dias, na esperança de a ver no seu lugar habitual. Mas não. As noites sucederam-se, e continuava a não haver sinal de Serafima.

Não dormia; não comia; imaginava as coisas mais diabólicas: que ela estava a ser violada, ou torturada, ou que já fora morta, ou despachada para os campos mais longínquos. Mas ao passo que os Satinovs e os Dorovs podiam falar do que estava a acontecer, e partilhar a dor com os seus familiares, ninguém no mundo de Frank sabia de Serafima. Não falara da sua relação com o embaixador nem os outros diplomatas, e não conhecera a família dela. Imaginava-se a ligar aos pais dela – vira tantos dos filmes da mãe –, mas agora era demasiado tarde para isso.

Teria preferido vê-la a entrar na escola, segura e feliz, mesmo que isso significasse que o abandonara e que não voltaria a vê-la. Mas ela não estava à porta da escola nos dias em que ele aguardara cá fora, a observar ao longe, desesperado por um relance de uma rapariga alta de cabelo loiro e comprido.

E então, uma noite no *ballet*, olhou para baixo, para a plateia, e ali estava ela. Tinha regressado!

Satinov abraçava Tamriko enquanto ela lhe falava de Mariko. – O maior privilégio da infância – disse ela – é viver em segurança no presente. Por isso é que me tornei professora. Queria isso para a Mariko.

A detenção da filha e as cenas atroztes em Lubianka deixaram-no tonto. Pela primeira vez na vida, estava a perder o controlo. Não vacilara quando os seus camaradas estavam a ser detidos e executados, quando o seu grupo do exército foi cercado, nem quando o filho mais velho foi dado como desaparecido e depois morto. Mas agora continha a custo as torrentes que bramavam à sua volta – os seus filhos em perigo, a sua obsessão por uma mulher que não era sua esposa.

O seu telefone especial *vertushka* estava a tocar. Libertou-se dos braços de Tamriko e ouviu o tom monocórdico de Poskrebyshv a convocá-lo para jantar em casa de Estaline. Sempre uma provação, um dever, agora parecia oferecer uma espécie de alívio. Pelo menos não ia acordar às

quatro e ficar estendido num tormento insone até mais uma madrugada ferida.

Ao jantar, Estaline gabava-se das suas proezas no exílio siberiano. – Um dia esquiei vinte quilómetros, matei quatro perdizes, librei-me de um lobo com um tiro na cabeça, e depois consegui regressar à aldeia no meio de uma tempestade de neve.

As histórias do exílio de Estaline tornavam-se cada vez mais incríveis e Satinov começou a pensar em Dashka. De repente, estava a falar com ela: «Farás sempre parte da minha vida, meu anjo, como poderia esquecer-te, mais do que ontem, menos do que amanhã.» Estaline continuava a falar, quase a falar com ele, talvez a pedir a sua opinião. Mas que importava Estaline quando Dashka estava a beijá-lo? Concentra-te, disse a si mesmo, não percas o fio...

Os olhos de Estaline lançaram-lhe o seu brilho amarelo, mas mesmo assim ele não conseguiu concentrar-se. Estava na jaula de um tigre devorador, mas não se importava de ser comida. Estaline estava a apontar para ele. Mil novecentos e quarenta e cinco é o teu auge, disse para consigo. Viste o ataque ao Reichstag, há cidades, ruas e fábricas com o teu nome – mas isto não é nada comparado a perdê-la. Pelo amor de Deus, concentra-te no teu trabalho. Mas não conseguia.

Os rostos esverdeados e manchados de Beria, Khrushchev, Molotov e o pálido e suado Zhdanov estavam todos a olhar para *ele* de repente. Estaline agitava um dedo. Khrushchev, verrugoso, de nariz arrebitado e careca, agitava as mãos no ar à medida que o ruído em redor de Satinov se tornava distante, e depois começava a esmorecer completamente.

Queria dizer a Estaline que finalmente percebia que todos os filmes, todas as músicas populares, eram sobre o mesmo dilema em que se encontrava: o amor perdido. Queria dizer a Estaline que agora era simplesmente um homem vulgar. Mais nada. Não perdera a sua fé no marxismo-leninismo, mas entregava-se ao mais crasso sentimentalismo burguês, o mesmo filistinismo romântico que tanto o enojara no Caso das Crianças. Lembrou-se de como rejeitara George, Andrei e a paixão deles por Pushkin. Quando George dizia que «O amor é tudo», escarnecera dele.

Agora, um medo puro dessa mesma fome consumia-o cruelmente dia e noite.

De súbito, Beria estava a dar-lhe cotoveladas fortes de lado. – O que é isto? Não estás a ouvir o Josef Vissarionovich? Estás a falar sozinho? Acorda, seu bêbedo. O camarada Estaline estava a perguntar-te por Berlim.

Estaline olhava-o nos olhos, perscrutando-lhe a alma.

– Talvez o camarada Satinov esteja cansado? Bem, todos nós estamos. O que é, rapaz? Álcool, cansaço, guerra ou amor?

Os outros líderes riram-se. – Álcool! – gritou Khrushchev.

– Ou será amor? – brincou Beria.

– Não o nosso Hercules. De certeza que não – disse Estaline. – É demasiado apaixonado pela esposa! O nosso Menino do Coro! O nosso modelo de honestidade.

– Seja como for, tens de beber um *shot* pela tua indelicadeza – disse Beria. – Aqui tens, agora bebe isso! Até ao fim!

Satinov bebeu a *vodka* num só gole castigador, e a seguinte que Beria exigiu, mas, quando muito, isto tornou as imagens de Dashka ainda mais vividamente deliciosas. Reprimiu a vontade de soluçar descontroladamente.

– O que foi, camarada? – perguntou Estaline, parecendo zangado e impaciente. – O camarada Satinov deseja retirar-se e recompor-se?

– Nem pensar – respondeu Satinov com firmeza, lembrando-se de que, nos anos trinta, Estaline tinha por hábito destruir os líderes que já não eram competentes e trabalhadores. (No entanto, mesmo ao contemplar essa perspetiva assustadora, uma loucura dentro dele, uma voz, a sua, mas demente e quase irreconhecível, dizia: apenas Dashka importa. Era capaz de morrer por ela.) – Na verdade, Josef Vissarionovich, teria todo o gosto em assumir mais ministérios se mos confiasse.

– Como por exemplo, *bicho*?

– Na frente, aprendi alguma coisa sobre equipamento médico... – Oh, meu Deus, ele devia retratar-se disto, mas era demasiado tarde. – Se desejar, teria todo o gosto em supervisionar o Ministério da Saúde.

Estaline semicerrou os seus olhos cor de avelã. Os seus pavões gritavam nos jardins, lá fora, emitindo um som inquietante. Ali dentro tudo estava

silencioso. – Muito bem – disse por fim. – Porque não? A Saúde está um desastre, como tudo o resto. Trata disso.

Mais tarde, Satinov deu por si ao lado de Mikoyan nos urinóis, lá em baixo. – Cuidado, Hercules – disse Mikoyan, arménio e o mais decente dos líderes. – Estás louco? Só um suicida adormece quando o Estaline está a falar com ele.

Satinov desejou que o jantar durasse a noite toda e que, a certa altura da madrugada, cambaleasse até ao jardim de pavões e rosas de Estaline – e nunca mais acordasse.

## PARTE QUATRO

### *O Jogo de Estaline*

*O verdadeiro bolchevique não deve e não pode ter família porque deve dedicar-se inteiramente ao Partido.*

Josef Estaline

## QUARENTA

Dashka lutava para viver. Era como se o ar nos seus pulmões se estivesse a transformar em cola, como se estivesse a caminhar sobre betão a solidificar. Sem Minka e Senka, cada momento era dominado por uma tristeza esmagadora. Se parasse por um momento, sabia que iria desmaiar e não tinha a certeza se alguma vez conseguiria levantar-se. A natureza mecânica de Genrikh e o seu bolchevismo fanático também começavam a enlouquecê-la. Seriam a sua obediência a Estaline e devoção à justiça chekista mais importantes do que ela, do que Senka e Minka? No entanto, o severo e forte Genrikh *era* a sua família; a sua única preocupação eram os filhos e eles só regressariam se estivesse com ele.

Agora, nas Portas Douradas, enquanto acompanhava Demian à entrada da escola, viu Hercules Satinov, magnífico no seu uniforme de verão, mas tão tenso e cansado quanto ela. Sabia que não devia falar com ele. No entanto, temia que a olhasse nos olhos, como outrora ela olhara nos seus, e se lembrassem de tudo o que se passara entre os dois.

Só de pensar no seu adorável Senka a sentir a falta dela, a chorar na sua cama, a detestar a comida, Dashka ficava literalmente doente – e isto era antes de pensar no medo dele durante os interrogatórios; e se ele sofresse um ataque de asma? Estes horrores pareciam estar a invadi-la, por dentro e por fora. Por favor, meu Deus, rezo para que sejam amáveis com ele e o deixem vir para casa em breve!

Olhou para os pais, guarda-costas e professores que a rodeavam. Era uma manhã típica, mas as vidas deles progrediam, ao passo que a dela estava agora completamente imóvel. Nada era igual para ela; tudo, até a luz do Sol e a beleza do verão, estava tingido de um negro fúnebre.

Hercules devia saber alguma coisa sobre Senka, não? Tinha de o interrogar. Depressa. Contudo, temia que alguém ouvisse aquela conversa angustiada, reparasse na forma como se inclinavam um para o outro.

Qualquer erro naquela altura podia sair caro a Senka e Minka, e isso fá-la-ia odiar Hercules. Quando ele a olhou, a sua face começou a pulsar e ela pressentiu um tempestuoso âmago de emoção reprimida.

– Bom dia. Será que o tempo não vai mudar? – perguntou-lhe então. – O Sol está... a ofuscar-me. Acho que não aguento muito mais.

– Não olhes para o Sol – respondeu Satinov, lenta e cuidadosamente. – Pode estar a ofuscar-te agora, mas não será sempre tão intenso. – Será que ele estava a dizer: deixa a investigação prosseguir e os teus filhos voltarão em breve? *O que* estava ele a dizer? Que sistema é este que criámos que trata as crianças desta forma? Queria gritar a Satinov: *O que sabes?* Mas não podia gritar, não podia olhar para o Sol, sabia que estava a ser testada e que devia ocultar o medo e a raiva. Dissimula, disse para consigo, mas era quase impossível. Atingiu-a na barriga de novo e uma contração torceu-lhe as entranhas como se alguém estivesse a rodar um saca-rolhas no seu ventre. Por um momento, sentiu que podia cair.

– Já percebi, já percebi – disse ela. – Mas o tempo vai mudar em breve?

– Está a mudar – respondeu ele. O que queria ele dizer? Que a investigação estava a chegar ao fim, que Senka e Minka vinham para casa? – Dashka – disse, inclinando-se para ela –, ouvi dizer que vem aí chuva...

– Chuva? – perguntou ela em desespero. – Mas as crianças não vão sentir a chuva porque estão dentro de portas?

– Precisamente – disse Satinov. – Podem cair algumas gotas sobre elas, mas *nós* é que nos vamos molhar.

– Vamos?

– O futuro do comunismo – disse ele cuidadosamente – depende apenas da juventude soviética.

Dashka pestanejou com força, concentrando-se no significado desta frase. De certeza que Hercules estava a dizer que eles já não estavam tão interessados nas crianças. As suas entranhas relaxaram e depois apertaram-se como um nó. Ou queria dizer que iam utilizar as crianças contra *elas*, os pais? Outra contração no ventre fê-la estremecer e Dashka levou as mãos à barriga. A dor profunda dentro de si significava que estava a sangrar. Não ficou surpreendida: toda a gente tinha um calcanhar de Aquiles e era sempre aqui que o desespero e o pânico a atingiam. Mas vestia um fato creme, e não estava preparada para isto. Estava atrasada

para uma reunião no ministério e agora estava a sangrar. Tinha de ir depressa a casa mudar de roupa. Mas então algo a fez parar: apercebeu-se de que nem perguntara pela família de Satinov. Como estava Tamara e onde estava Mariko? Apenas Marlen estava com ele. – Tenho de ir – disse ela. – A Mariko está aqui? Não a vi.

A expressão de Satinov abrandou por um instante revelador. – Não pode vir à escola de momento – respondeu, hesitante.

Mariko também? Só tinha seis anos, era quatro anos mais nova do que Senka! O que não estariam ele e Tamara a sofrer!

– Tu também? – sussurrou ela. Compaixão por ele e, sim, Tamara brotou dentro de Dashka. Reprimiu o impulso de lhe tocar.

O afeto que sentia por ele inundou-a. Se se demorasse, devorá-la-ia. Porém, um misto de nojo, arrependimento e culpa galopou sobre estes sentimentos e purgou-a. Estremeceu ante o que fizera outrora.

De súbito, percebeu que os filhos iam ser usados contra eles. E se Senka dissesse alguma coisa disparatada? E Minka? Iria algum deles sobreviver a isto?

## QUARENTA E UM

– Não é preciso ser rude – disse Benya Golden ao coronel Likhachev. – Basta perguntar e eu digo-lhe. Não tenho nada a esconder e o senhor conhece os meus segredos ainda melhor do que eu. – Benya era perito em investigações chekistas e sabia como se metamorfoseavam de uma fase para a outra, tal como sabia que, apesar de muitos líderes terem o poder de iniciar e intensificar os casos, apenas Estaline os podia redireccionar, redesenhar e remodelar.

– Falemos da tua vida, prisioneiro Golden.

Benya observou o seu interrogador à luz da lâmpada que pendia baixa sobre a mesa, como um incensório numa igreja ortodoxa, e reparou que os poros vermelhos e inchados do seu rosto tinham o mesmo intervalo entre si, como que de propósito.

– Sinceramente, não percebo como é que arranjaste emprego naquela escola. De facto, nem sequer percebo como é que ainda estás no reino dos vivos. Vejamos... – Consultou a ficha dele. – Nascido em Lvov. Em 1939, foste declarado culpado de conspiração terrorista. Sentença de morte comutada para vinte e cinco anos nos campos, mas, em junho de 1941, foi-te permitido alistares-te num dos batalhões *shtraf*... – Likhachev olhou-o inquisitivamente, quase com respeito. – Não pareces um homem duro.

– Não sou – admitiu Benya.

Likhachev acendeu um cigarro. – Como é que conseguiste alistar-te?

Benya encolheu os ombros: – Não faço ideia. – Durante as retiradas catastróficas de junho de 1941, quando os *panzers* de Hitler corriam para Moscovo e milhões de soldados estavam a ser cercados e capturados, alguns criminosos desesperados nos campos dos *gulags* tiveram permissão, como favor especial, para se alistar nos batalhões penais, os *shtraf*.

Benya Golden era um prisioneiro político e os prisioneiros «políticos» nem nos *shtrafniki* podiam alistar-se. Mas houve algumas exceções: Benya candidatou-se porque queria defender a Rússia contra os nazis e porque sabia que ia morrer nos campos de qualquer maneira. O seu pedido foi aceite.

– Então – disse Likhachev –, deves a vida a um erro burocrático. Vamos investigar isso.

Os *shtrafniki* eram incumbidos de tarefas impossíveis – missões de tudo ou nada: limpar campos minados, defender posições condenadas. Era-lhes dado um décimo das rações habituais de um soldado do Exército Vermelho e, guardados pela polícia secreta, podiam ser mortos sem explicação nem julgamento pela mínima infração. Se servissem bem, podiam, nos casos mais raros de bravura heroica, conquistar a liberdade. Mas isso era quase inaudito. Os *shtrafniki* não viviam tanto tempo.

– Como é que um judeu enfezado como tu sobreviveu? – perguntou Likhachev.

Para sua própria surpresa, Benya fora um guerreiro selvagem. Os seus oficiais recomendaram-no para a estrela de Herói da União Soviética, mas, como antigo prisioneiro político, não pôde recebê-la. Ferido e libertado em 1943, candidatou-se a um cargo de professor na Escola 801 e, surpreendentemente, conseguiu o emprego.

Mas, independentemente dos horrores por que tivesse passado, sabia que ainda era ele próprio, ou pelo menos uma versão desolada, cínica e traumatizada do que fora outrora. E um meio-homem, pensava agora Benya Golden, é mais difícil de ferir do que um homem inteiro. Apenas o seu corpo podia ser destruído. Era por isso que estava calmamente sentado numa das salas que recordava de há seis anos, à espera de que a sessão começasse.

– Desde o momento em que chegaste à Escola 801 que te propuseste a minar a ideologia marxista-leninista – dizia Likhachev.

– Não – respondeu Benya. – Eu queria ensinar literatura como achava que devia ser ensinada.

– Existe outro método que não o método do Partido?

– Eu não sou político.

– Envenenaste as mentes das crianças com filistinismo romântico, manifestado pelo Clube dos Românticos Fatais.

– De modo nenhum. Eu adoro Pushkin. Tive uma oportunidade de inculcar o amor à literatura nos jovens. Nos anos trinta, amei uma mulher. O Pushkin era o nosso poeta. O nosso poema, o poema do nosso amor verdadeiro, era «O Talismã», por isso, quando estava perto do Pushkin, estava perto *dela*.

– Tu enojas-me, judeu – rosnou Likhachev. – Infiltraste-te naquela escola para corromper os filhos dos líderes e lançar uma conspiração para assassinar o camarada Estaline.

*Isto* respondia a uma das grandes perguntas de Benya. Quando começaram a prender mais crianças, apercebera-se de que aquilo já não estava relacionado apenas com as mortes de dois adolescentes. De algum modo, aquilo tinha-se tornado «uma conspiração».

– Eu nunca fiz parte de nenhuma conspiração – respondeu –, a não ser que fosse uma conspiração para amar o *Eugene Onegin*.

– A conspiração era chefiada pelo «NV»?

– Não havia nenhuma conspiração. Quanto ao «NV», isso é o nome do Blagov? Nikolai Vadimovich?

– Achas que somos parvos? Não é o Blagov.

– Então não conheço nenhum NV.

– O que é que NV significa no *Onegin*?

– Ah. No *Onegin*, seria a Nina Voronskaya – disse Benya, pensativo. – Ela é a única NV no poema. Eu recito-lho. O Onegin vê a Tatiana ao lado desta bela anfitriã da alta sociedade:

*Ela sentou-se ao lado da cadeira  
Da brilhante Nina Voronskaya,  
Essa Cleópatra do Norte.*

Benya fechou os olhos, retirando conforto do poema.

– Existe um número de página para essa referência? – perguntou Likhachev.

– Página? Capítulo oito, estrofe dezasseis, acho.

Likhachev anotou isto na sua caligrafia infantil. – E este NV tem de ser uma rapariga, certo?

Benya sentiu-se tentado a rir, tal era o simplismo da insinuação da pergunta de Likhachev. Uma conspiração; uma pessoa desconhecida com um nome inspirado numa personagem do *Onegin*? Poderia a pessoa que procuravam ser afinal uma rapariga?

– Eu conheço bem o Pushkin – disse ele com prudência. – Mas não sei se NV era animal, vegetal ou mineral.

## QUARENTA E DOIS

– Bom dia, Pequeno Professor. Toca a acordar! – disse a roliça carcereira a quem Senka dera a alcunha de Manjar-Branco. – Tens palavras novas para nos ensinar?

Senka reparou no novo tom dela. Ainda estava com o pijama de seda às riscas que usava quando o prenderam; já estava mais do que na altura de o mudar. A sua mãe nunca o deixaria usar o mesmo pijama durante tanto tempo!

– Dormiste alguma coisa? – perguntou a Manjar-Branco.

– Dormi melhor.

– Ainda bem. Precisas de descansar para o que vem aí!

Uma hora mais tarde, a Manjar-Branco trouxe-lhe o pequeno-almoço. Sorriu-lhe, despenteou-lhe o cabelo e até lhe ofereceu mais dois pedaços de pão *Borodinsky* e um triângulo enorme de queijo de cabra. – Perdeste peso, meu menino. Temos de te alimentar. Eles voltam daqui a um minuto para te levar à tua conversinha diária.

Conversinha? Queijo? Senka não sabia o que se estava a passar. Também ficou admirado quando os guardas trocaram gracejos enquanto o escoltavam, e um deles até fez balançar as chaves como se fossem uma lanterna. Teriam resolvido o caso de homicídio? Se estes homens entroncados eram realmente membros da famosa Cheka, Cavaleiros da Revolução, fundada pelo heroico camarada Dzerzhinsky, por esta altura já o deviam ter resolvido. O próprio Senka podia tê-lo resolvido muito mais rápido. Provavelmente não havia nenhuma criança de dez anos no mundo que tivesse de considerar assuntos tão sérios como ele.

Levaram-no para uma sala de interrogatório diferente, onde encontrou um novo interrogador, chamado coronel Komarov. Onde estava o Lagosta? A atormentar outra pessoa qualquer ou caído de bêbedo algures, esperava ele. Ainda melhor, talvez alguém lhe estivesse a dar socos a *ele!*

O homem novo de cabelo encaracolado não parecia nada um chekista. Até lhe sorriu. Senka deixou cair o queixo e ergueu os olhos castanhos, naquilo a que a sua mamã chamava o seu ar de galã, mas de nada serviu. Quando o interrogador acendeu um cigarro, Senka reparou que lhe faltava meio dedo na mão direita.

– Quando posso ver a minha mamã? – perguntou, encorajado pela aparente afabilidade de Komarov. A mamã dizia muitas vezes que precisava de o abraçar tanto quanto possível e pelo menos dez vezes por dia. Pobre mamã, já não o abraçava há semanas. – A minha mamã está bem? Tenho medo de que sinta a minha falta. Eu sinto muito a falta dela.

– Vê-la-ás em breve se nos ajudares – respondeu Komarov, cruzando as pernas e fazendo as botas ranger.

– Ajudei-vos até agora, não ajudei?

– Sem dúvida.

Não *demasiado*, pensou Senka. Só um simplório seria demasiado prestável.

– Então – disse Komarov enquanto se inclinava para a frente e franzia solicitamente a testa baixa e rugosa, fingindo-se muito interessado em Senka –, fui a um jogo de futebol ontem, ver o Spartak.

Oh não, pensou Senka, este vai falar comigo como se eu fosse igual aos outros rapazes. Grande erro, coronel Komarov.

– Aposto que gostas de futebol, hein? Aposto que és um homem do futebol.

– Bom... – Senka considerou se havia de lhe agradecer ou contar a verdade sobre a sua atitude em relação ao desporto. Se o Lagosta lhe tivesse perguntado, talvez mentisse, mas este parecia mais amável. – Na realidade, não gosto de futebol.

– Pensava que todos os rapazes gostavam de futebol.

– Nem todos – respondeu Senka com orgulho.

– Então aposto que gostas de basquetebol, hein? És um miúdo do basquetebol?

– Não – disse Senka.

– Campismo?

– Está a brincar? Detesto frio e desconforto.

– Então de que gostas?

– Ópera. *Ballet*. Ficção. Poesia.

Komarov abanou a cabeça, por isso Senka acrescentou: – Estou a falar a sério. Detesto todos os desportos.

– És muito crescido para a tua idade – disse Komarov.

Qual era o propósito disto? O que procuravam eles agora?, pensou Senka. Entra no jogo até descobrires. – Nem por isso, mas é verdade que prefiro andar sempre de fato.

De súbito Komarov apagou o cigarro. – Fala-me do teu papá.

Prepara todas as defesas, disse Senka a si mesmo. Guarnece as fortificações. Carrega os canhões. Afia os alfanges. Algo não está bem.

– Trabalha muito no Comité Central. Não se ri das minhas piadas como a mamã se ri e não me abraça. É muito severo, mas a mamã diz que é porque o trabalho dele é muito importante.

– Ele fala de política?

– Nunca.

– Que histórias conta sobre o trabalho?

– Nenhuma. Diz que o trabalho dele é secreto, e, se eu lhe perguntasse por ele, talvez me batesse. Com muita força.

– Muito bem. Menciona o camarada Estaline, por exemplo?

Senka concentrou-se muito para dar a resposta certa. – Não, exceto quando diz «Hoje vamos celebrar o aniversário do Grande Estaline», e todas as noites, antes de jantarmos, agradece «ao Grande Estaline».

– Os teus pais gostam do vosso apartamento?

– Sim, adoram o apartamento.

– Quantas *dachas* têm?

– Duas. Como toda a gente.

– A maioria das pessoas nem uma *dacha* tem – retorquiu Komarov. – Duas é excessivo? A tua mãe quer mais *dachas*?

– Não. – Qual era o propósito *disto*? – Ela não se interessa por bens materiais. – O que é uma mentira, claro, disse Senka para consigo. A mamã adora *dachas* e luxos do Ocidente.

– A tua mãe veste-se muito bem, não veste?

– É a mamã mais bonita do mundo. – O teu amor pela tua mãe é a tua *fraqueza*. Pensa bem!

– Ela fala do sítio onde compra os perfumes e as roupas?

– A mamã é muito trabalhadora. É médica.

– Mas gosta das coisas boas da vida, não gosta? Quantos casacos de pele tem? – perguntou Komarov.

– Não sei, mas fica muito bonita com eles.

– Gostava de saber mais coisas sobre a tua mãe. Contas-me?

Era estranho, pensou Senka, que já não houvesse perguntas sobre eles, as crianças da Escola 801.

– O que quer saber?

– Os teus pais falam de política? – perguntou de novo Komarov.

Não à nossa frente, pensou Senka. Só quando sussurram no quarto de banho (embora eu por vezes ouça coisas que não devia). Estava prestes a dizer isto, e depois pensou que, se estavam a sussurrar, devia ser porque não queriam que ninguém ouvisse, por isso decidiu não falar.

– Falam do que vai ser o jantar, dos filmes que vão ver, do tempo.

Komarov estendeu a mão e afagou a face de Senka; depois, seguiu a linha do seu maxilar até ao queixo, que inclinou um pouco para cima com o coto do dedo. Senka ficou muito quieto e tentou não tremer.

– Tens de nos ajudar. Se não o fizeres, não vês a tua mamã. Nunca mais.

– Eu ajudo. Prometo – murmurou Senka.

– Ora – disse Komarov, endireitando-se e falando normalmente –, ouviste o teu pai gabar-se de como o seu «Patrão Genial» costumava confiar nele, mas que agora não reconhecia os seus talentos?

Senka ficou logo alerta, cheio de adrenalina. O pai venerava Estaline, todos sabiam isto – mas uma vez, depois de Estaline o despedir no início da guerra, tinha criticado o seu mestre. Mas como é que Komarov sabia isto? Fora no jardim da *dacha*. Não estava lá ninguém a não ser os pais e ele. Minka estava fora. Mas lembrou-se então de que Demian estivera presente. Demian tinha ouvido aquilo.

– Isto são coisas pequenas – disse Komarov, afável. – Nada de realmente importante. Mas provavelmente lembras-te da ocasião, não?

– Criticar o chefe do governo soviético seria muito invulgar para o meu pai – disse Senka.

– Não brinques comigo, miúdo. Não mintas. E há outra coisa. Lembras-te da vez em que a tua mãe disse: «Depois de tudo por que passaram, os nossos compatriotas judeus precisam de um sítio só para eles»? Estava a referir-se a uma pátria judaica, não? Uma Sião na União Soviética. Ela é

judia, não é? Antes de ser casada, não se chamava Dashka Moiseivna Diamant?

Estavam a caminhar na Rua Granosvky pouco depois de as tropas soviéticas libertarem Babi Yar, onde tantos judeus tinham sido assassinados pelos nazis. Senka lembrava-se de a mãe ter ficado muito transtornada com isto. Não estava mais ninguém com eles – exceto o Demian. Portanto, agora sabia que, quando Demian entregara o Livro de Veludo à polícia secreta, também lhes dera esta informação letal. Senka sentiu um fio de medo a descer-lhe a espinha. Demian era malicioso, e Senka sabia que ele estava sempre zangado porque a mãe gostava mais de Senka do que dele. Pois o Demian era um imbecil. Estas duas histórias podiam destruir ambos os pais.

– Estou a tentar pensar – disse em tom suave.

– Sabes quão vasta é a União Soviética? Pensa em todos os seus tanques, fábricas, estepes, armas, o seu povo, o Partido, os exércitos e o poder dos Órgãos, e depois pensa em ti, Senka Dorov, de dez anos. Que hipótese tens? Podíamos esmagar-te e não restaria nada de ti. Tudo o que pedimos é que te recordes de dois comentariozinhos dos teus pais. Não é pedir muito, ou é?

– Estou a pensar, mas nenhum deles parece certo.

– Podia aceitar que o teu irmão inventasse um deles – disse Komarov com sensatez. – Mas nós achamos que pelo menos *uma* das histórias dele deve ser verdade.

– Uma delas?

– Sim, uma delas.

Uma das histórias era contra o pai e outra, contra a mãe. Senka sabia que nem uma nem outra eram «coisas pequenas». A primeira era uma crítica ao próprio Estaline. E a outra era nacionalismo sionista antissoviético. Bastava passar por cima dos códigos e pô-las em linguagem do Partido e ambas podiam ser apresentadas como traição. Ambas podiam levar a prisão imediata e talvez execução. Sim, mamã e papá: os nove gramas.

O mundo de Senka começou a girar. Respirava mais depressa, mas não tinha ar suficiente nos pulmões. Sentiu um espasmo na barriga.

– Ele não pode ter inventado as duas histórias, pois não? – Komarov fingiu uma leveza descontraída, mas então mordeu o toco do seu quarto

dedo e Senka percebeu que este tique confirmava a importância da pergunta.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Senka. A asma fez com que os seus pulmões parecessem insuficientes, e começou a sentir falta de ar. Estava enjoado; precisava de açúcar. Lembrou-se do dia em que não conseguiu saltar o cavalo no ginásio e de como o seu desmaio fingido resolvera a crise. Tinha de fazer alguma coisa. Num instante, aquela sessão passara da galhofa para o cadafalso.

– Olha, é simples. Eu contei-te duas histórias, e uma delas tem de ser verdade. – Komarov estendeu a mão e voltou a contornar o maxilar de Senka. – Escolhe uma – sussurrou.

Senka sentiu-se como um veado numa armadilha. Se confirmasse qualquer das histórias, os Órgãos teriam um caso contra um dos pais. O seu papá ou a sua mamã ser-lhe-ia retirado e possivelmente liquidado. Qualquer que fosse a sua escolha, ia destruir alguém que amava. Quanto mais o outro puxava, mais as mandíbulas de aço lhe apertavam as pernas. Queria oferecer-se a si próprio em vez dos pais, mas não era essa a escolha que lhe fora dada, e sentia-se tão enjoado que estava a vacilar na cadeira. A mãe ou o pai? O papá ou a mamã? E porque tinha de ser *ele* a fazer esta escolha horrível?

– Não podes rejeitar este pequeno pedido do Partido – dizia Komarov. – Escolhe uma, senão nunca mais sais daqui.

– Sinto-me tão fraco... não consigo respirar. – E Senka deslizou da cadeira para o chão, envolto num manto de escuridão.

## QUARENTA E TRÊS

Vlad Titorenko podia ter quase dezoito anos, mas estava a lidar muito pior com os seus interrogatórios em Lubianka do que Senka. Ao passo que antes venerava o seu amigo Nikolasha Blagov, agora dava por si a admirar os seus interrogadores, sobretudo o coronel Likhachev, cujo semblante de fúria e violência via como a face do Estado soviético. Faria, achava, qualquer coisa por um sinal de aprovação de Likhachev. Em vez disso, fora espancado, mas, quanto mais Likhachev lhe batia, mais ele odiava Nikolasha. Aquele cretino esquisito, aquele traidor, parecia fazer troça dele a partir da campã, com os seus planos ridículos. Agora ia ser enviado para a Sibéria e renegado pelos pais. Subnutrido, privado de sono, balbuciava sobre conspirações, com as mãos irrequietas, as pernas a tremer, e estava tão nervoso que até o movimento menos súbito o assustava. O seu estado até alarmava os carcereiros, que o tinham posto sob vigilância constante por risco de suicídio.

Sim, disse Vlad, o Nikolasha, aquela cobra, estava a planear um golpe e a usar o Clube dos Românticos Fatais como disfarce. Era um contrarrevolucionário maléfico, um pervertido que estava apaixonado pela Serafima, e sim, senhor, todas aquelas hienas dos seus amigos estavam a par da conspiração. Quem era o misterioso Novo Líder? Bem, ele não tinha a certeza. Os chekistas sugeriram nomes e ele concordou. A diretora Medvedeva possivelmente, talvez o professor Golden – ou que tal o marechal Shako? Uma vez tinha visto o marechal a dar uma palmadinha no rabo a Serafima à porta da escola. Sim, podia ser *ele*. Ou seria o Dr. Rimm? E assim Vlad continuava a falar, ansioso por agradar aos Órgãos. Contudo, nada parecia agradar-lhes.

Até àquele dia, quando encontrou o outro interrogador, o coronel Komarov, a ler a secção de desporto do jornal com as botas em cima da secretária e um cigarro na boca. Vlad aguardou muito calado, em sentido.

Komarov levantou a cabeça, indicou-lhe a cadeira e, sem dizer nada, ofereceu-lhe um cigarro. Quando Komarov tentou acender-lho, Vlad saltou da cadeira, à espera de um murro. Quando o convenceram a voltar ao lugar, as mãos tremiam-lhe tanto, que Komarov teve de lhe acender o cigarro e depois devolvê-lo sobre a mesa – como se ele fosse um adulto, um amigo até.

– Foste muito sincero connosco, Vlad. Em breve vais para casa. Para ver os teus pais.

– Ah, obrigado, coronel. – Os olhos de Vlad encheram-se de lágrimas.

– Já não temos de falar sobre esta merda. Podemos falar de qualquer coisa. Desporto. Ou da família. Estou cansado de falar sobre brincadeiras de escola. – Fez uma pausa. – Onde é que os teus pais estarão neste momento?

– Não sei... Eles vão para a *dacha* ao fim de semana.

– O teu pai é um homem muito competente, não é?

– Sim.

– O que é que ele quer que tu faças?

– Quer que seja engenheiro como ele. Mas eu não me ando a sair muito bem na escola. Ele está desiludido comigo.

– Como é possível? Ainda agora estava a dizer ao coronel Likhachev que tu vais dar um homem soviético perfeito. Podes fazer o que quiseres, és um patriota.

– Eu? Oh, obrigado, coronel.

– Por isso o teu pai devia ter um pouco mais de consideração por ti. Mas talvez esteja demasiado ocupado com o seu trabalho importante.

– Sim, e a minha mãe acha que ele vai ser promovido em breve.

– A sério? E porque é que ainda não foi?

– Bom, eles acham que devia ser. Acham que tem sido esquecido porque anda toda a gente muito ocupada.

– Quem é toda a gente?

– Bom, as autoridades.

– O Comité Central?

– Sim, o papá acha que não reparam nele, senão agora teria um trabalho mais importante. O meu pai é muito inteligente e trabalhador, sabe, é um bom comunista.

– Mas diz que a culpa é do Comité Central? Ouviste-o dizer isso?

– Sim, mas só à minha mãe, no quarto deles, quando estão a falar à noite.

– Ela tem orgulho nele?

– Claro. Diz que, sem os aviões dele, não teríamos ganhado a guerra.

– E o que é que *ele* disse?

– Concordou.

– Já viste a fábrica em Satinovgrad?

– Sim, uma vez o papá levou-nos lá antes da guerra.

– Soubeste que houve muitos aviões que caíram?

– Sim, mas isso não foi culpa do meu pai.

– Como é que sabes?

– Estava preocupado com eles, mas disse que o problema era que os planos não podiam ser alterados.

– Porque não?

– Não era o trabalho dele.

– Falou sobre isso contigo?

– Bem, sim...

Komarov inclinou-se para a frente, mordendo o dedo encurtado. – Era o trabalho de quem?

– O papá disse que competia ao marechal Shako e falou com ele sobre isso, mas eles concordaram que não podiam mudar os planos.

– O papá disse porquê?

– Não. Só disse que os planos eram aprovados lá em cima.

– Lá em cima onde?

– Não sei.

– Conheces o camarada Satinov, claro.

– Sim, ele supervisiona o ministério do meu pai.

– Talvez «lá em cima» se referisse ao camarada Satinov. Ele está no Politburo e no Conselho de Defesa do Estado.

– Eu acho...

– Continua.

– Acho que o papá queria dizer acima do Satinov.

– Quem está acima do Satinov?

– Bem... o camarada Estaline.

– Então o teu papá diz que é o chefe do governo soviético quem aprova aviões que caem?

– Sim... bem, não... sim... não tenho a certeza. – Komarov ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada e, como seria de esperar, Vlad preencheu o vazio: – Acho que ele queria dizer que as pessoas que mandam não percebem de aviões e por isso assinam planos que provocam acidentes de aviação.

– Quem são essas pessoas? Queres dizer que o chefe do governo soviético assina os planos?

– Acho que é ele quem assina tudo.

Vlad reparou que Komarov estava a escrever rápido. Por um longo momento, não disse nada, limitou-se a ouvir o bico a raspar no papel.

– Tens de assinar esta declaração imediatamente – disse Komarov, passando-lhe o papel.

– E depois os meus pais vêm buscar-me? – O estômago de Vlad contraiu-se; sentia um buraco a arder no peito e um medo crescente na garganta.

– Não tenho a certeza – disse Komarov, recostando-se na cadeira e cruzando os braços. – Depois de tudo o que me contaste, não tenho bem a certeza.

## QUARENTA E QUATRO

Hercules Satinov tinha chegado à Alemanha. A limusina *ZiS* que o foi buscar ao aeroporto de Tempelhof acelerou e guinou pela paisagem apocalíptica de Berlim. Luzes bruxuleavam, iluminando visões passageiras de figuras que a custo sobreviviam: uma mulher a transportar um jerricã de água, matilhas de cães, bandos de miúdos de rua a correr desenfreados, um louco a dançar em volta de uma fogueira.

Satinov observou os olhos vermelhos e desesperados de humanos e animais a brilhar com as luzes do comboio enquanto uns e outros corriam por entre as carcaças queimadas dos tanques, as montanhas de entulho, os esqueletos desfeitos de edifícios. Mas cada sombra, cada ruína, lhe recordava Dashka, pois aqui a abraçara, ali se tinham beijado.

Estaline, que estivera em reuniões com o presidente americano e o primeiro-ministro britânico o dia todo, usava o novo uniforme fulvo de generalíssimo, com platinas douradas e apenas uma medalha. Satinov percebeu que as reuniões da Conferência de Potsdam tinham corrido bem. Havia nele uma arrogância jovial e recuperara parte da energia.

– *Gamajoba bicho*, fico contente por teres vindo – disse Estaline, em georgiano. – Temos o cozinheiro do Aragvi connosco e achei que ias gostar de uma *supra* georgiana!

– Obrigado, Josef Vissarionovich – respondeu Satinov. Não contava vir tão longe só para comer uns feijões *lobio*. Olhou em seu redor. Beria, Mikoyan e Genrikh Dorov também estavam ali.

Um novo alinhamento, pensou, analisando o seu significado com a mente experiente. Genrikh Dorov não era um bom sinal: nunca vinha aos jantares de Estaline, era mais um servidor do que um líder. Estaline usava-o como um cão de ataque, a sua presença denotava uma caça às bruxas ou uma investigação que teria consequências trágicas. Pensou logo em Dashka – como seria estar casada com o Frango Cru? Acenou-lhe em

saudação, e Genrikh sorriu-lhe com ameaçadora jovialidade. As crianças dos Dorovs também haviam sido presas, pensou Satinov, mas não era por isso que Genrikh estava ali. Já era servilmente dedicado a Estaline, quer os filhos estivessem na prisão ou não. Não, ele estava ali como espantalho. Para assustar alguém. Para me assustar a mim.

– Espero que o voo tenha sido fácil. Eu próprio detesto voar. Prefiro o comboio – disse Estaline. – Mas queria olhar-te nos olhos.

Mariko, a filha de seis anos de Satinov estava na prisão com o seu filho de dezoito anos, George, e Estaline queria olhá-lo nos olhos para ver se ainda era leal. Era um ritual de passagem, e ele, Satinov, não estava sozinho. A mulher do presidente Kalinin estava na prisão; a mulher jovem e bonita de Poskrebyshev desaparecera completamente, provavelmente morta. Estaline estava a dizer-lhe que a família era um privilégio, tal como viver era um privilégio, e que ambos estavam à mercê do Partido. E o Partido era Estaline. Era um sistema estranho, mas era o estilo bolchevique, e Satinov estava habituado a ele.

Sentaram-se à mesa, com Satinov à direita de Estaline e Beria à sua esquerda.

– Viste o palácio onde estamos a fazer a conferência? – perguntou Estaline.

– Sim – respondeu Satinov, a imaginar Mariko, aos gritos, a ser arrancada à mãe por carcereiros brutais.

– É pobre comparado com os nossos palácios – refletiu Estaline. – Os czares sabiam mesmo como construir.

– Sim – concordou Satinov, a ouvir Tamriko berrar-lhe: «Levaram a Mariko! Ela tem seis anos, Hercules. Faz com que a libertem!» Satinov recompôs-se, sabendo que o seu rosto não devia revelar nada senão reverência e afeto por Estaline.

No entanto, a noite parecia interminável. Sabia que a certa altura receberia uma pista sobre Mariko e George, desde que Estaline ficasse convencido de que ele aprendera a lição e não guardava qualquer rancor. Muito em breve também ia descobrir porque é que Genrikh Dorov estava ali. Talvez estes jogos fossem necessários antes da guerra, mas seriam necessários agora?

– Então está tudo bem em Moscovo? – perguntou Estaline.

– Nada pode ser decidido sem si, mas o camarada Molotov e todos nós estamos a dar o nosso melhor.

– Vocês têm de decidir as coisas sem mim – disse Estaline. – Es-tou cansado.

– Mas nós precisamos de si, camarada Estaline! – berrou Beria.

– A União Soviética precisa do seu génio, camarada generalíssimo – acrescentou Dorov.

Estaline rejeitou a ideia com um aceno, e os seus olhos amarelos regressaram a Satinov. – Então a Tamriko está bem?

– Muito bem – respondeu Satinov. A minha mulher está perturbada, pensou. A nossa pequena Mariko está na prisão, por ordem tua, e tu olhas para mim sabendo isso. – Toda a gente em Moscovo está muito orgulhosa por o ver aqui em Potsdam, o homem que venceu a guerra, que nos conduziu até Berlim.

– No entanto, o czar Alexandre chegou a Paris, em 1814 – disse Estaline. – O camarada Dorov e eu estivemos a falar sobre ti.

– Sobre mim? – Satinov engoliu em seco. Isto era o aviso.

Estaline deixou o silêncio prolongar-se. Satinov pensou em Tamriko e nos filhos, pensou em Dashka, e pensou: Mata-me, mas liberta os meus filhos. Deixa a Tamara em paz.

Por fim, Estaline fez-lhe o seu sorriso de sátiro. – Não te preocupes, Hercules! O Comité Central acha que tu e o Beria deviam ser promovidos a marechal.

Absurdamente, a primeira preocupação de Satinov foi se este novo posto iria impressionar Dashka. Não devia impressioná-la – mas ele sabia que teria esse efeito. Lançou um olhar ao marido dela, que desviou a cara.

– É uma honra e é claro que eu obedeço sempre ao Partido. Mas não sou um soldado.

– Nem o Beria é. Longe disso! – Um olhar desdenhoso para Beria. – Mas tu já és coronel-general – respondeu Estaline.

– Mas não tenho nada que se compare ao seu conhecimento militar...

– Ou ao seu génio estratégico! – interpôs Beria.

– Nunca comandeique sequer um pelotão – insistiu Satinov. – Os generais vão ficar ofendidos.

– É esse o objetivo – respondeu Estaline. – Fizemos uma votação e está decidido.

– Fico honrado com a confiança do Partido em mim – disse Satinov. A promoção não era tranquilizadora. Muitas vezes Estaline promovia as pessoas e depois prendia-as na semana seguinte; Satinov lembrou-se de como Kulic fora promovido a marechal dois dias depois de a sua jovem e bonita mulher ter desaparecido completamente. A promoção era para pôr os generais no seu lugar – como a recente detenção do marechal Shako. Contudo, aceitá-la também significava que aceitava a prisão de Mariko e, inversamente, segundo as regras dos seus costumes enviados, isto aceleraria a libertação dela.

Mas, quando se despediu ao final da noite, Genrikh Dorov estendeu a mão húmida e mole. – Parabéns, camarada marechal. – Mas os seus olhos diziam: O camarada Estaline uma vez despediu-me, mas agora precisa de mim novamente. O camarada Estaline quer que eu te investigue.

Satinov passou por Dorov com um empurrão, mas, quando estava no seu carro, Beria enfiou a cabeça pela janela.

– Ouvi dizer que a Mariko está bem – sussurrou. – Luvas de seda. Não te preocupes.

## QUARENTA E CINCO

– Não, o meu pai nunca falava dos aviões connosco – insistiu George Satinov.

Passava muito da meia-noite na prisão de Lubianka, mas as luzes brilhavam, como sempre.

– E a tua mãe? – perguntou Likhachev.

– Não sei de que falavam.

– Nunca os ouviste?

– Nunca. Eles não falariam de política nem de aviões. Ela não se interessa por assuntos militares, diz que o papá pode falar disso com os generais.

– Que generais?

– Não sei.

– O Shako alguma vez foi lá a casa?

George reparou com inquietação que Likhachev não descreveu Shako como «camarada». – Acho que não.

– Vá lá, George. Os Shakos viviam no vosso prédio. Nunca foram lá a casa?

– Que me lembre, não.

– Os teus pais discutem?

– Toda a gente discute.

– Sobre política?

– Eles não falam de política.

– A tua mãe é comunista?

– Sim, claramente.

– Sabias que o pai dela era um burguês que foi muitas vezes à Alemanha entre 1918 e 1921?

– Ela nunca falou nisso.

– Ela está feliz com o vosso apartamento e a *dacha*?

- Nunca se queixa.
  - E o teu pai?
  - O meu pai nunca se queixa de nada. Ele não fala muito.
- 
- Andrei Kurbsky, quando foste ao apartamento dos Satinovs, que divisões viste?
  - Como assim?
  - Entraste no salão, por exemplo?
  - Sim.
  - Descreve-o.
  - Muito imponente. Soalho de parquê. Nunca vi uma casa assim.
  - E depois?
  - Entrámos na cozinha.
  - Quem estava lá?
  - A família toda e a criada.
  - Fala-me do camarada Satinov e da mulher dele.
  - Não há nada a dizer. Pareciam chegados.
  - Os filhos?
  - Têm-lhe muito respeito. Temem-no.
  - De que falaram?
  - Não me lembro.
  - A tua mãe está em casa, mas podemos sempre detê-la, sabes? Deves lembrar-te de alguma coisa.
  - Acho que o irmão piloto estava a contar histórias sobre combates aéreos e aviões.
  - Ao camarada Satinov.
  - Não, à mãe, à Mariko, ao George e a mim.
  - Mencionou que os aviões andavam a cair?
  - Não.
  - Depois do chá, onde estiveste?
  - Eu e o George fomos para o gabinete do pai dele. Ficámos ali sentados algum tempo, a brincar.
  - Havia papéis na secretária?
  - Sim, acho que sim.
  - Não olhaste para eles?

- Não.
- Mas reparaste no que eram?
- Não.
- Mas podiam ser atas do Politburo ou planos de aviões?
- Não sei.
- Vá lá, Andrei, concentra-te: não viste a palavra «Confidencial» escrita neles?

Andrei tremeu. Tinha frio e estava cansado. Pensou na mãe, sozinha naquele quarto miserável, à espera que ele viesse para casa.

- Talvez.

- Mariko Satinova, que idade tens? – perguntou o coronel Komarov.
- Seis anos.
- Viste a tua mamã hoje de manhã?
- Sim.
- Vais para casa em breve, mas, já que estás aqui, achei que podíamos ter uma conversinha.
- Está bem – disse Mariko de modo incerto. Komarov percebeu que ela se estava a esforçar por ser corajosa.
- Isso é um cãozinho?
- Sim. Tenho vinte e cinco e eles andam na minha escola porque são todos cadelas e têm aulas, estudam coisas como matemática e marxismo, tal como toda a gente faz na escola.
- Que jogo divertido, Mariko. A tua mamã e o teu papá brincam?
- O papá não. O papá está muito ocupado, mas a mamã brinca.
- E os teus irmãos?
- Sim. Um bocado, mas o George está sempre fora, o Marlen é muito dedicado ao Komsomol e o David está sempre a pilotar aviões.
- Ele fala-te dos aviões?
- Sim. São perigosos.
- A sério? Perigosos porque os alemães podem abatê-los?
- Sim, e às vezes caem.
- Ele contou isto ao teu papá?
- Não me lembro bem.
- O que é que o teu papá disse sobre isso?

- Diga olá à cadela!
- Olá, cadela. O que é que o teu papá disse sobre isso? Culpou alguém?
- Não sei.
- A tua mãe e o teu pai falaram sobre isso?
- A mamã vem aí em breve?
- Deves ter ouvido a tua mamã a falar com o teu papá. Sobre aviões?

Acidentes?

- Não sei. Eles falam baixinho às vezes.
- Sobre quê?
- Coisas importantes que não são para crianças.
- As tuas cadelas já ouviram alguma coisa?

Mariko abraçou *Panqueca* e enterrou o rosto no seu pelo. – Não, elas estão demasiado ocupadas a estudar o marxismo na Escola de Cadelas de Moscovo.

Senka Dorov passara algumas horas a recuperar do seu ataque de pânico no conforto quente do sanatório.

– É grave? Ele está a fingir? – perguntara Komarov aos médicos. – Se ele morrer aqui, vocês vão pagar por isso! Precisamos dele saudável e de volta à prisão o mais cedo possível.

Os médicos tinham-no levado para o sanatório numa maca e com uma máscara de oxigénio, e deram-lhe limonada, pão e compota, e chá e açúcar. A comida dera à sua mente o combustível de que precisava, mas as mandíbulas de aço daquela terrível armadilha enterravam-se-lhe cada vez mais na perna.

A mamã ou o papá? Como podia ele destruir qualquer um deles? Como é que as coisas tinham chegado àquele ponto? Tudo graças àquele idiota do Demian, aquele fuinha!

Considerou a escolha. O papá era tão severo, tão sem graça. Isto era a justiça bolchevique. Não iria o papá compreender e dizer «O Partido tem sempre razão» e «Vale a pena matar cem inocentes para apanhar um inimigo»? O papá ia dizer «Fizeste bem, Senka. Se o Partido decide que sou culpado, então sou culpado, e eu disse mesmo aquilo!».

Será que o papá o amava sequer? Nunca o demonstrara. A mamã dele, por outro lado, fazia-o todos os dias. No entanto, de certeza que os

comentários dela sobre os judeus eram menos graves, por isso, se escolhesse a mãe, talvez ela não fosse presa. Os comentários do pai criticavam o próprio Estaline, e o papá podia ficar sem cabeça por isso.

Escolhia a mamã e ambos os pais ficariam bem. Devia ser essa a decisão correta. Mas e se isto fosse uma armadilha? E se fosse mais grave do que ele pensava? Então teria destruído a sua própria mãe, a pessoa que adorava mais do que qualquer outra coisa no mundo inteiro e em toda a história humana!

Os cálculos de Senka tornaram-se mais frios e acutilantes. Fora-lhe oferecida uma falsa escolha. Sabia que, quer escolhesse a mãe ou o pai, os Órgãos destruí-los-iam a ambos, e à família também. Tinha de haver uma saída do labirinto.

Agora, estava sentado na sala de interrogatório e as cortesias, por poucas que fossem, tinham acabado.

– Senka, presta o teu testemunho – disse o coronel Komarov.

– O meu irmão Demian enganou-se – disse Senka. – As palavras estão corretas, mas ele trocou quem as disse.

– Dá o teu testemunho, rapaz, e para de te armares em esperto. Podes só ter dez anos, mas, quando fizeres doze, podes enfrentar os nove gramas, a *Vishka*. Nem penses em mentir ou não vai sobrar nada de ti para a tua mãe vir buscar. Fingiste aquele desmaio?

– Nunca faria isso.

– Espero que não. Fala agora, rapaz.

Senka endireitou as costas. Fizera a sua escolha. Agora tinha de garantir que contava aquilo bem.

– É simples, coronel – disse ele, num tom confiante e lúcido. – Tem as citações completamente trocadas. Era a minha mãe que estava a falar sobre o «Patrão Genial», e não o meu pai. O meu pai nunca falou do chefe do governo soviético. A discrição é uma religião para ele. Tudo o que o Grande Estaline faz é correto. O papá considera-se um mero criado do Partido, do Grande Estaline, da classe operária. Ele nunca usa a palavra patrão, *Khozian*, para descrever o chefe do governo soviético.

– Então quem se queixou do Patrão Genial? Quem é o Patrão Genial?

– Foi a minha mãe quem se queixou, e o Patrão Genial na nossa família sou... *eu*. Ela estava a queixar-se de eu ser muito mimado. Estava a ser sarcástica.

Komarov parou de escrever e levantou a cabeça. – Mas a tua mãe estava a promover o nacionalismo judaico-sionista. Ela é judia, não é?

– O Demian também baralhou isso. Eu lembro-me exatamente do que aconteceu. Nós estávamos na *dacha* e o meu pai, não a minha mãe, estava a queixar-se dos «compatriotas judeus» que precisavam de arranjar um sítio só para eles. Mas ele estava a falar dos nossos vizinhos.

– Que vizinhos?

– Os Rozenblats, que estão sempre a pedir para usar o nosso campo de ténis. Por fim, o meu pai disse: não, já bastava; de agora em diante, os Rozenblats, «os nossos compatriotas judeus», precisam de arranjar um sítio só para eles, para o ano que vem. O papá estava cansado de partilhar com eles.

Komarov passou o dedo mutilado pelos lábios. – Mas o teu pai não é judeu?

– Não, o meu pai foi criado como ortodoxo, por isso *ele* não pode ser acusado de nacionalismo sionista, ou pode? Na verdade, quando muito ele foi um pouco antijudaico. Por isso, espero, coronel Komarov, ter respondido a todas as suas perguntas. Se quer a verdade, isto é a verdade e eu juro-o perante o próprio Partido. O tonto do meu irmão contou-lhe as histórias corretas, mas trocou-as.

Komarov olhou para Senka durante muito tempo. Senka aguardou, com a cabeça a latejar. Será que lhe iam bater? Alguma vez voltaria a ver a mãe? Então, Komarov atirou a cabeça para trás e riu-se.

– És mais esperto do que eu pensava. E por acaso tenho uma coisa para ti. É da tua mãe.

– O que é?

– É uma surpresa. Uma surpresa agradável. – Estalou os dedos. – Podes ir agora.

## QUARENTA E SEIS

Quatro da manhã. O telefone toca no apartamento dos Satinovs. Tamara não está realmente a dormir e, quando desperta, dá por si já de pé, com o telefone no ouvido. Não dorme mesmo nada desde que levaram Mariko, e não dorme bem desde a detenção de George. Todas as noites roça a superfície do sono, e todas as manhãs se sente miseravelmente dolorida. Não está sozinha: todos os pais das crianças envolvidas no caso passam pelo mesmo. Vê-os nas Portas Douradas, a tentar sorrir, mas a sangrar por dentro, a tentar passar o dia com aquela lâmina terrível a oscilar sobre as suas cabeças. Quem poderia ter criado uma situação tão diabólica, pensa ela, em que nem sequer lhes é permitido debater a sua ansiedade, exceto à noite, em sussurros, e em sonhos que tentam não recordar?

- O camarada Satinov está? – A voz ao telefone é inexpressiva.
- Não tenho a certeza. Posso ir ver – diz Tamara.
- É a mulher do camarada Satinov?
- Sim?
- Esteja em Lubianka às sete da manhã.
- Oh, meu Deus. O que quer isto dizer?
- Pode ir buscar os seus filhos.

Tamara desata a chorar e solta um berro tão selvagem que Satinov entra na divisão a correr, temendo uma catástrofe ainda maior. Mas não é. São boas notícias, garante-lhe ele, abraçando-a. Agora não podem voltar a dormir. Têm de estar prontos a partir para Lubianka.

Era de manhã cedo, e Senka mal dormira. Tinha a certeza de que estava prestes a acontecer uma coisa boa. Qual era a surpresa que Komarov lhe prometera? Seria a mamã dele? Será que ela vinha buscá-lo? Tê-la-ia salvado?

Ansioso e entusiasmado, Senka passara a noite a ouvir o bramido do coração a bombear o sangue por todo o seu corpo.

– Acorda, rapaz! – berrou a Manjar-Branco, a carcereira. – Veste-te!

– Há novidades? Vou para casa? – perguntou Senka.

A Manjar-Branco ergueu as suas grandes mãos: era proibido informar os prisioneiros dos seus destinos. – Veste a tua melhor roupa, Pequeno Professor! Temos uma surpresa para ti. Agora fecha os olhos! Ta-dá! – E ali estavam, pendurados numa cruzeta atrás dela. O fato, a camisa e a gravata de Senka. E os seus melhores sapatos.

– O meu fato! Vai ser bom tirar este pijama.

– Dá graças – disse a Manjar-Branco. – Nem todos os nossos «convidados» têm tanta sorte, garanto-te.

Já vestido com o seu querido fato e uma camisa e gravata de adulto, Senka tomou o pequeno-almoço, notando a presença de mais um torrão de açúcar e uma fatia de pão de centeio. Depois, dois guardas escoltaram-no em direção às salas de interrogatório: Será este o caminho para a liberdade?, pensou. Será este o caminho para a mamã?

Imaginou o sorriso de Dashka, ela a abrir os braços, o seu doce perfume.

Mas os carcereiros abriram uma porta para outra sala de interrogatório, onde o coronel Likhachev, o Lagosta, o aguardava.

– Mas eu pensei... – Senka sentiu que estava prestes a chorar.

– Eu sei o que pensaste – disse o Lagosta, chupando do cigarro. – Mas, se queres ir para casa, tens de assinar isto. – Empurrou um pequeno maço de papéis, presos com um clipe, sobre a secretária.

– O que é? – perguntou Senka.

– É a tua confissão.

– A minha confissão? Mas eu já confessei sobre o caderno.

– Precisamos de outra confissão.

Senka reprimiu o espasmo de choro que lhe subia pela garganta enquanto tentava penosamente calcular o que devia fazer. Uma vez ouvira o pai dizer à mãe: «Só existe uma regra: nunca confessar nada.» Agora via-se confrontado com aquilo. Vagamente, viu a mãe desaparecer de novo ao longe.

– É um registo de tudo o que nos contaste e a única coisa que tens de fazer é assiná-lo – disse o Lagosta.

Senka sentou-se na cadeira dura e olhou para os papéis, duvidando subitamente de que a sua mãe estivesse sequer ali. Estavam a enganá-lo e, por um momento, deixou o desespero inundá-lo. Então, recobrando a força, começou a ler a partir do cabeçalho: «Protocolo de Interrogatório de Semyon Genrikhovich Dorov». Diante dele estava página após página de diálogo, como uma peça de teatro, com a sua parte marcada como «Dorov, SG» em cada linha. Não se lembrava de tudo, mas parecia bem, por isso voltou à primeira página, que estava num tipo maior:

Eu, Semyon Genrikhovich «Senka» Dorov (nascido em 1935), confesso que fui membro de uma conspiração antissoviética. Com uma facção de mais crianças da Escola 801, numa organização juvenil antissoviética chamada o Clube dos Românticos Fatais, conspirei derrubar o Estado soviético e tomar parte em atos de terrorismo contra membros do Politburo.

Assinado: .....

Data: .....

- Queres ver a tua mãe?
  - Sim.
  - Então assina a confissão e acaba com isto.
  - Mas eu nunca fui membro do clube. Era demasiado novo. Eu sei que não devo assiná-la.
  - Já assinaste uma confissão.
  - Eu peguei mesmo no livro. Mas *nunca* conspirei contra o governo. Só tenho dez anos.
  - Aos doze terás idade suficiente para enfrentar a pena máxima.
- Senka estremeceu.
- Sim, estamos a falar de morte. Podíamos simplesmente manter-te aqui mais uns meses e depois pumba. Portanto, assina isso!
  - Eu nunca conspirei e não posso assinar. Não fiz nada! – Senka já não conseguia conter as lágrimas e começou a soluçar.

Likhachev estremeceu, enfurecido com o choro. Era, concluiu, muito frustrante trabalhar com crianças. – Controla-te, prisioneiro! – berrou. – Assina isso!

– Não assino, não assino! Façam o que fizerem, não assino! Eu sei que não devo assinar! – Depois de tudo por que passara, temia que a confissão pudesse ser usada contra os pais.

– Santo Deus. Toda a gente tem de assinar isso.

– Toda a gente? – Senka levantou os olhos para Likhachev. Quem mais estava ali? Minka estava ali perto? – A minha irmã vai assiná-la?

Likhachev contorceu-se de novo, espreguiçou-se na cadeira e depois dobrou os dedos para trás com um estalido. – Muito bem, vem comigo. – Empurrou Senka para fora da sala e pelo corredor abaixo, abriu outra porta e impeliu-o para uma sala com uma parede de vidro coberta por um estore.

– Senka! – Era Minka, ainda com o seu elegante vestido vermelho, com um ar mais magro mas bem-disposta.

– Minka! – Correram um para o outro, abraçaram-se e beijaram-se por entre as lágrimas.

– Que par tão querido – disse Likhachev ao coronel Komarov, que ainda estava na sala com Minka.

Minka manteve o braço à volta dos ombros estreitos de Senka.

– Assinaste alguma coisa? – perguntou-lhe ela.

– Não – disse ele, limpando os olhos com as mangas do fato. – Achei que não devia.

– Eu também não – disse Minka.

– Mas, Minka, tu *eras* membro dos Românticos Fatais – sussurrou Senka.

– Pensa na mamã e no papá! – respondeu ela, também em voz baixa.

– Nada de sussurros! – rosou Likhachev. – Assinem isso. Os dois.

– Não assinamos – disse Minka.

Komarov mordeu o toco do dedo e depois disse ao seu camarada Likhachev: – Tornamos isto mais fácil?

Likhachev acenou em concordância e Komarov dirigiu-se ao estore e premiu um interruptor. – Quem são estes, hein?

Pelos altifalantes estridentes, ouviram a voz de uma mulher com um leve sotaque da Galícia, a dizer: – Eles vão demorar muito, Genrikh?

Onde estão? – Era a mãe.

– Para, Dashka – respondeu a voz do pai. – Não está nas nossas mãos. Os funcionários dos Órgãos estão a lidar com isto segundo as regras da justiça soviética. Portanto, esperamos.

Komarov voltou a premir o interruptor. – Estão na sala ao lado. Querem vê-los ou não?

– Assinem ou ficam na prisão! – acrescentou Likhachev.

Minka e Senka deram as mãos.

– Não assinamos, pois não, Minka? – disse Senka, recuperando alguma autoridade professoral.

– Lamento, camaradas coronéis – disse ela. – Nós temos a certeza de que não devemos assinar.

– Sentimo-nos muito corajosos – acrescentou Senka, resoluta. – Não vamos assinar.

Komarov olhou para Likhachev, que saiu da sala. Depois, soltou o estore, que subiu para o rolete e revelou uma sala de espera. Senka e Minka viram os pais desconfortavelmente sentados ao lado de Irina Titorenko e dos Satinovs. Ninguém falava muito.

– Os outros assinaram? – perguntou Minka. – O George e o Vlad?

– Claro. Toda a gente tem de confessar – disse Komarov.

– Então porque é que eles não estão ali?

– Toda a gente tem de assinar. São ordens vindas de cima!

– Olha! – disse Senka, estridente e assustado. – Ele está a falar com a mamã! Está a dizer-lhes que não vamos sair! Assinamos?

O coronel Likhachev estava a falar com os seus pais e o pai estava a levantar-se, a olhar para o espelho e a aproximar-se. Apontou para eles e Komarov premiu o interruptor do altifalante.

– Crianças? – disse Genrikh Dorov. – Estás aí, Minka? Senka? Não vos vejo, mas o coronel diz que conseguem ouvir-me. Assinem agora, e vêm para casa!

Likhachev voltou a entrar na sala, um pouco empertigado. – Pronto, vocês ouviram! – disse ele.

Minka e Senka olharam um para o outro.

– Eu vi a mamã – disse Senka. – Está na sala ao lado...

Minka abraçou-o, e também ela estava a chorar.

## QUARENTA E SETE

Os Satinovs haviam chegado primeiro, às seis da manhã. Quando viu a sala, Tamara cambaleou e ele segurou-lhe o braço. – Oh, Hercules, esta é a sala onde me tenho encontrado com a Mariko.

– Paciência – disse ele, apoiando-a. Aquela triste sala cinzenta, com um cheiro bafiento a tabaco e suor, tinha quatro filas de cadeiras de madeira, de assentos gastos por anos de famílias nervosas e expectantes. Eram os únicos ali. Satinov refletiu no seu jantar com Estaline: tinha razão. Estaline quisera olhar para ele antes de libertar Mariko. Mas as crianças ainda não estavam em casa. Será que Mariko já estava a olhar para eles de trás do espelho grande na parede à sua frente? Quantas centenas de milhares de pessoas nunca tinham recebido esta chamada e nunca mais haviam visto os filhos, mulheres e irmãos?

– Será que eles vêm? – exclamou Tamara. – Hercules, eles nunca mais voltam!

– Chiu – disse Satinov. – Temos de esperar. Não podemos fazer mais nada.

\*

Uma hora mais tarde, a mãe de Vlad, Irina Titorenka, chegou, e depois a mãe de Andrei, Inessa Kurbskaya – e depois os Dorovs. Quando Satinov viu Dashka, o seu coração palpitou dolorosamente, e ele desviou o olhar.

Genrikh vestia um fato escuro e girava o seu chapéu de veludo num dedo, um sinal da sua confiança, que declarava: O Grande Estaline precisa de mim de novo! Satinov acenou-lhe com a cabeça. Depois, Tamriko ergueu-se e cumprimentou Dashka, cujo cabelo comprido e farto estava preso num puxo. As nossas vidas entrelaçam-se, pensou ao ver as duas mulheres que mais amava no mundo a abraçar-se na prisão de Lubianka enquanto esperavam pelas crianças que tanto adoravam.

Uma pausa; passou uma hora; pensamentos terríveis: E se Mariko sáisse mas Senka não, ou Vlad sáisse e Andrei não?

Tamriko estava ao lado dele, com o rosto tão terno, tão sincero. Suspirou, pegou na sua mão delicada e apertou-a.

De repente, a porta abriu-se. Todos os pais estremeeceram – e Vlad Titorenko entrou. Cabelo à escovinha, uniforme escolar desalinhado, olhos vidrados como um morto-vivo. A mãe, uma mulher de duplo queixo, cheia de *rouge*, com um chapéu malva que parecia um penico às avessas e um casaco a condizer, exclamou «Vlad!» e limpou as lágrimas com um lenço amarelo sujo.

Vlad encolheu-se e olhou em redor da sala, com medo de alguma coisa, claramente. – O papá está aqui? – perguntou.

Mas a Sra. Titorenka ficou ainda mais nervosa com esta pergunta. – Não, não... bem... ele não está cá. Foi-se embora.

Foi assim que Satinov soube que tinham detido o seu subordinado, Titorenko. Há já vinte e cinco anos que ele, o Comissário de Ferro, prosperava naquele mundo precário e clandestino. Os seus filhos vinham para casa, pensou, mas os seus subordinados estavam a ser detidos. Não era bom para ele, mas também não era fatal.

Um chekista entrou e conversou com Genrikh, que falou para o espelho, aconselhando Minka e Senka a assinar os seus papéis. Alguns minutos passaram. Até Satinov, que ajudara a atacar o Palácio de Inverno em 1917, que aguardara num *bunker* oculto pelo início da ofensiva de Estalinegrado, estava nervoso por esta altura, com o coração a martelar.

Dashka e Genrikh puseram-se de pé. As portas abriram-se e ouviu-se a voz doce e aguda de Senka, a falar em voltar a ver a mãe.

– Ela é médica, ouvi dizer – disse o chekista enquanto segurava na porta.

– Oh sim, é a melhor médica do mundo! – exclamou Senka. – Trata todas as pessoas importantes.

E então ali estava ele. Dashka voou para o filho e para Minka; Genrikh pôs o chapéu e deixou-se ficar atrás dela, com uma expressão que parecia sugerir que era perfeitamente normal os filhos serem presos e depois libertados.

– Querido Senka! – gritou Dashka, abrindo os braços e dobrando-se para o cumprimentar.

Senka lançou-se para os braços dela e beijou-lhe o rosto. Por um momento, enquanto estava envolto nos braços de Dashka, Satinov só conseguia ver o cimo da cabeça dele. Depois, ela também abraçou Minka, e Genrikh tocou no braço de Dashka: – Aqui não. Não nos esqueçamos de que somos bolcheviques – disse, bruscamente.

– Claro – disse Dashka. Dirigiram-se à porta, e então Dashka olhou para trás e acenou a Tamriko. – Boa sorte! – disse com os lábios. Olhou para ele e depois foram embora.

– Oh, meu Deus, onde está a Mariko? Onde é que eles estão? – Tamara começou a entrar de novo em pânico.

A porta abriu-se. Levantaram-se. Mas não, era Andrei, pálido mas ileso. Ele e a mãe partiram.

Satinov e Tamriko estavam mais uma vez sozinhos. Deram as mãos, tão tensos que não conseguiam falar. Um momento mais tarde, a porta abriu-se de novo.

– *Mamochka!* – chamou uma voz estridente. Mariko, seguida de George, correu pela sala adentro a alta velocidade, segurando um dos seus cães de peluche. Correu pela sala tão rápido, que Tamriko e Satinov mal tiveram tempo de se levantar antes de ela se lançar para os braços da mãe. Tamriko fê-la rodopiar uma e outra vez.

– Olha o que tenho para ti! Olha quem te veio buscar! – Tamriko levou a mão ao saco e tirou um punhado dos cães de peluche de Mariko. – Velhas amigas, e uma nova também!

Mariko guinchou de alegria, agarrando os peluches, e voltou a abraçar a mãe.

– Olá, papá – disse George, timidamente. Ainda estava com o seu equipamento de futebol.

– Pareces bem, George – disse Satinov energicamente –, talvez mais magro. É bom ver-te! – e pôs a mão no ombro do rapaz, um ato de informalidade sem precedente. George pareceu grato e Satinov percebeu que o filho tinha medo da sua raiva.

– Andem – disse Satinov, beijando Mariko no cimo da cabeça. – Está na hora de ir para casa.

Regressaram à Rua Granovsky em silêncio.

– Papá, desculpa. Eu tive de assinar – disse George depois de entrarem no apartamento. Ambos sabiam que a confissão das crianças podia ser

usada contra os pais.

Satinov olhou para George por um longo momento, desejando ser capaz de ultrapassar o negro vale da sua própria reticência. Queria dizer-lhe quanto o amava e que não o culpava por nada. Mas não sabia como começar.

– Eu sei – disse ele vivamente. – Aprendeste a lição. A lei vai fazer o seu trabalho. Entretanto, tens de acabar o período na escola. Não falemos mais nisso.

– Obrigado, papá – disse George com formalidade.

– Olha, papá, olha! – Mariko entrou a correr no quarto com um punhado de peluches nos braços. – As minhas cadelas estiveram no canil por mau comportamento, mas agora voltaram à escola. Estou tão feliz.

– Prisioneiro Golden, sabemos que fornicaste com muitas mulheres e que lhes corrompeste a moralidade soviética.

– Já vos disse que não.

– Seduziste as tuas alunas.

– Nunca. – Benya recordou a felicidade da sua Segunda Vinda, o seu regresso dos mortos.

– Sabemos pelo nosso informador que te encontraste com Serafima Romashkina no café ao lado da Casa do Livro. Tiveste relações sexuais com Serafima Romashkina?

– Não. – Agora, Benya estava assustado por, de entre todas as crianças, o caso se ter concentrado em Serafima. Pressentiu que ela estava em grave perigo.

– O que é que discutiste com ela?

– Pushkin. Poesia.

– Poesia? Subornaste-a a desviar-se do marxismo-leninismo com individualismo filistino-burguês?

Benya respirou rápido. O interrogador encontrara uma coisa por acaso – mas ainda não fizera as ligações. Nos anos trinta, Benya tinha amado uma mulher que desaparecera nos *gulags*. Agora, por mero acaso, dera por si a dar aulas de literatura e amor à prima dela. Ele e Serafima tinham-se encontrado para tomar café.

– Sabes qual é o meu poema favorito do Pushkin? – perguntara Benya a Serafima. – É o poema mais romântico dele, e é especial para mim. «O Talismã».

– Que sorte – suspirou Serafima, unindo as mãos, com os olhos a brilhar. Nunca estivera tão bonita, pensou ele. – Também é o meu favorito. É o nosso... quer dizer, é o meu poema. Também é especial para mim. – E Benya soubera imediatamente que ela também estava apaixonada. Por um momento, virou-lhe a cara para que ela não pudesse ver os seus olhos, mas ela estava tão feliz que nem reparou e ele deu por si a abençoá-la nos versos de Pushkin a uma rapariga chamada Adele, a estimada filha de um amigo:

*Continua a brincar, Adele, e escapa à tristeza,  
A tua juventude primaveril é calma, clara, suave.  
Rende-te ao amor...*

E ela ouviu com a cabeça inclinada para um lado...

– Prisioneiro Golden! – O chekista trouxe-o de volta ao lúgubre presente. – O que é que discutiste com ela? Estiveste envolvido com a Serafima e o amigo especial dela na conspiração antissoviética dos dois?

– De que está a falar?

– Já percebemos tudo, Golden, e sabemos que o Caso das Crianças foi uma conspiração inspirada a partir do estrangeiro através da Serafima, pelo seu amante secreto americano, um espião estrangeiro e capitalista.

Benya mordeu o lábio. Fora muito lento a decifrar aquilo, mas agora percebia tudo: NV, a bela princesa, era o código de Nikolasha para Serafima. NV e Serafima eram a mesma pessoa. Serafima estava a um passo da destruição. Apercebeu-se do que devia fazer. – Está completamente enganado – disse ele.

O coronel Likhachev franziu o sobrolho. – Dá-me o teu testemunho ou desfaço-te à pancada.

Benya fechou os olhos, lembrando-se dos dias elegíacos daquele inverno dos anos trinta em que estava apaixonado. – Confesso que inventei o Clube dos Românticos Fatais, com o seu filistinismo burguês e

antileninista – disse ele, lentamente. – Ditei a ideia da conspiração antissoviética ao Nikolasha Blagov. Perguntou-me quem era o NV? O NV sou eu. A maioria dos moscovitas conheceu alguns estrangeiros durante a guerra e sem dúvida que a Serafima Romashkina não é exceção. Mas deixe-me testemunhar perante o Partido, perante o Grande Estaline, que a Serafima não está envolvida em nenhuma conspiração estrangeira. O conspirador sou eu.

– Confessas tudo isso, prisioneiro Golden?

– Sim. Dê-me os papéis.

– Compreendes que, segundo o artigo 158, isto é um crime de terrorismo punível com a pena máxima?

Benya acenou em concordância. Então, enquanto o coronel Likhachev redigia a confissão, ele recostou-se na cadeira. Imagens graciosas flutuaram pela sua consciência. Beijar a mulher que amara, há muito tempo, à porta do Hotel Metropole durante uma tempestade de neve. Cruzar o olhar com Agrippina enquanto ela fazia chá na sala dos professores. Encontrar um livro raro numa feira da ladra. E isto, este último ato de decência, proteger uma rapariga que tinha tanto por que viver. Imaginou ouvir o estrépito e murmúrio das crianças a sentarem-se na sala antes das suas aulas de Pushkin. Ali estava George. E Andrei. Minka. E ao fundo, a olhar pela janela para as cerejeiras, sem dúvida a sonhar com o seu amor secreto, Serafima.

Bateu palmas e ouviu a sua própria voz, como que a ecoar muito longe, há muito tempo e num mundo desaparecido: «Queridos amigos, estimados românticos, sonhadores melancólicos! Abram os vossos livros. Espero que nunca se esqueçam do que vamos ler hoje. Estamos prestes a embarcar numa maravilhosa viagem de descoberta.»

## QUARENTA E OITO

Início da tarde. Os raios do Sol brilham através das partículas rodopiantes de pó no apartamento de Frank e criam um caleidoscópio dourado na parede do fundo. Embora Serafima ainda não saiba que os seus amigos estão prestes a ser libertados, pressente que em breve estarão em casa, e tudo parece bem no seu mundo. Frank já está ali e não é preciso dizer nada durante algum tempo. Ele saúda-a com a alegre continência de dois dedos que lhe faz sempre, e ela percebe que está bem-disposto.

Serafima saboreia o aroma a limão da água de colónia, a suavidade da pele, a textura do cabelo (suave como o de uma rapariga), os olhos dele. Beija-lhe a face, e então ele segura-lhe o queixo com a mão e começa a beijá-la. Os seus olhos fecham-se e ela suspira no fundo da garganta.

Começa a despi-la e desta vez é ela quem lhe abre a camisa, com os dedos subitamente tão ágeis que conseguem desabotoá-lo a uma velocidade recorde. Quando ele a ajuda a puxar o vestido pela cabeça, ela não teme a revelação da sua pele de cobra. Pelo contrário, está ansiosa por lhe mostrar que ainda é sua, toda ela, o delicado e o áspero. Quando estão nus, sente a sua pele de cobra antecipar o toque dele. A ânsia é saciada quando os dedos dele contornam levemente a pele queimada, qual pergaminho. – Isto significa que és minha e serás minha para sempre – sussurra ele.

*Uma terna feiticeira  
Deu-me o seu talismã.*

Depois de fazerem amor, ele abraça-a. – Serafima Constantinovna...  
– Estás a usar o meu patronímico? Porquê?

– Tenho uma coisa para te perguntar. – Serafima sente o corpo dele tenso, junto ao seu, enquanto ele se prepara. – Queres casar comigo?

– Estás a brincar?

– Não. Não sou muito brincalhão, ou sou?

– Suponho que não – concorda ela. – És um jovem sério. – Faz uma pausa, pensa. – Não tens de fazer isso, sabes? Não sei se eles me deixam sair do país, e isto podia causar-te muitos problemas...

– Querida, tudo o que quero é passar o resto da minha vida contigo. Olha, trouxe-te isto.

Abre uma pequena caixa vermelha forrada a cetim. Lá dentro está um anel de ouro com três diamantes em fila, um grande no meio. – Quero que uses isto para o resto da tua vida comigo. Por favor, diz que aceitas.

Serafima está tão comovida, que tem medo de desmaiar. Ainda há poucas semanas estava na prisão. Agora, pode passar da Moscovo comunista para a cidade de Nova Iorque, na América, de aluna de liceu a esposa. De súbito, tudo o que quer é estar casada com Frank. Contudo, há muito a temer. Os colegas ainda estão na prisão, e ela pressente o perigo da relação deles.

– Estás bem? – pergunta Frank, preocupado. – Passaste por muita coisa recentemente. Não precisas de responder agora. Eu só...

– O quê? – pergunta ela.

– Não consigo encarar separarmo-nos assim outra vez, não saber onde estás.

Lentamente, ela dá-lhe a mão. – Sim – diz. – Eu caso contigo. Também quero ficar contigo para sempre.

Ele põe-lhe o anel no dedo. Serve-lhe como se sempre o tivesse usado.

– Qual é a probabilidade de isto acontecer? – pergunta ele. – Servia à minha avó e serve-te a ti. – Levanta-lhe a mão, a que tem o anel, beija-a e depois beija-lhe os lábios. – Agora que vais ser minha mulher, temos de fazer os nossos planos com cuidado.

No dia seguinte, nas Portas Douradas, reina um espírito festivo. O pólen flutua como neve numa tempestade. O ar cheira a lilás. Só falta uma semana para acabar o período.

– Escusado será dizer-vos – avisou Satinov os seus três filhos enquanto caminhavam desde a Rua Granovsky, com guardas à frente e atrás deles – para não falarem sobre o caso uns com os outros.

À porta, cumprimentaram os amigos com três beijos, sentindo-se quase como adultos depois do pesadelo por que tinham passado.

– O que contas? – perguntou George a Andrei, como antigamente. Só que, depois do Caso das Crianças, as coisas eram muito diferentes.

– Toda a gente saiu da prisão – disse Andrei. – Graças a Deus.

– Exceto o nosso professor, o Benya Golden – acrescentou Minka Dorova, entrelaçando o braço no de Serafima. – Mas tenho a certeza de que ele vai sair em breve.

Satinov observou os filhos a atravessar as portas da escola. As coisas podiam ter mudado, mas parecia ter sido estabelecida uma frágil normalidade, pensava, enquanto regressava à rua, e então parou.

Ali estava Dashka Dorova, sozinha, a beijar o seu Senka, o seu querido Pequeno Professor, antes de ele entrar na escola.

Corou quando o viu. – Saudações, camarada Satinov. Parece o início de outro período – disse. – E parabéns pela tua promoção!

De repente, o dia parecia vertiginosamente soalheiro. Ansiava explicar-lhe que a sua promoção não era bem o que parecia. Apenas ela compreenderia e apenas contar-lhe faria com que pensar naquilo valesse a pena.

– Não temos de falar sobre o tempo hoje – disse antes, lembrando-se de como ela ficava com o seu farto cabelo negro, agora decorosamente preso num puxo, solto sobre os ombros nus.

– O sol acaba de ficar mais radiante para mim – disse ela, dirigindo-lhe o seu deslumbrante sorriso travesso.

– Como estará...

– Quem? – disse ela, um pouco ofegante.

– Estava a pensar no que será feito do... do caro Académico Almaz? Como está a gota dele?

– Está mais velho e mais rezingão do que nunca. E muito, muito mais incapaz!

– Telefone-lhe um dia destes? Achas que posso?

Ela fez uma pausa, e depois aproximou-se, permitindo que ele sentisse o seu perfume a especiarias. – Acho que talvez possas – disse. – Sim, diria

mesmo que ele está entusiasmado com a ideia.

## QUARENTA E NOVE

Estava na altura de tirar umas férias. De volta ao seu escritório no Pequeno Canto, depois da Conferência de Potsdam, Estaline sentia-se exausto e doente.

Era o árbitro do mundo. Tê-lo-ia imaginado quando o pai, Beso, lhe mostrou como pregar uma sola a uma bota na sua oficina, em Gori? Quando vestia a sobrepeliz negra com o colarinho branco no seminário de Tiflis? Quando atravessava as montanhas com uma espingarda ao ombro e burros a transportar o dinheiro dos seus assaltos a bancos? Quando passou aqueles anos no exílio do Ártico a pescar com os esquimós e a seduzir raparigas da aldeia? Mas a sua missão nunca estava completa. Ninguém o apoiava: esposas, amigos, camaradas – todos tolos, fracos ou traidores. Que tribulações lhe infligiam. Roosevelt, por quem nutria afeto e admiração, morrera; Truman era um pequeno retroseiro, não um estadista. Churchill perdera a eleição: que tipo de sistema descartava um homem que acabara de ganhar uma guerra? Não fazia sentido nenhum, sobretudo quando viu o substituto de Churchill: Attlee parecia um chefe de estação provinciano. Além disso, Attlee era socialista e Estaline desprezava os socialistas como simplórios liberais e copinhos de leite, piores do que os imperialistas. Uma facada nas costas era o que mereciam.

Agora, os americanos tinham a sua nova arma de impressionante poder destrutivo, a bomba atômica, por isso, precisamente quando estava triunfante, Estaline tinha de investir toda a sua energia em acompanhar o progresso dos Estados Unidos. O formigueiro opressivo na nuca, as dores nos braços e a fraqueza que sentia nos membros estavam a piorar, e os especialistas diziam-lhe que precisava de descansar. Não tinha férias desde 1937, por isso decidira ir até às suas casas no mar Negro. Teria de deixar Molotov e Satinov no comando, e eles iam fazer asneira, claro. Eram demasiado crédulos. Não viam os inimigos. Eram como gatinhos cegos.

Mas não importava, o comboio dele já estava preparado. Só havia duas coisas a fazer antes de partir.

Tinha, considerava, um talento especial para guiões de cinema. Podia ter sido escritor se tivesse escolhido esse caminho, e lembrava-se do seu entusiasmo quando os seus poemas de adolescência foram publicados. Agora lia todos os guiões e aprovava todos os filmes rodados nos Estúdios Mosfilm.

No pequeno cinema perto do seu escritório, em quinze assentos cobertos de belbutina *bordeaux*, os sete líderes e o ministro do Cinema, aquele cretino do Bolshakov, estavam sentados em filas. Juntar-se-lhes-ia Romashkin, o argumentista, para verem algumas imagens não montadas do filme *Katyusha Parte Dois*, que estava a ser rodado naquele preciso momento. Estaline lembrava-se de que a filha de Romashkin, Serafima, estivera de algum modo ligada a Vasily e ao Caso das Crianças – mas não se lembrava bem de como acabara o caso. (Por isso é que se ia encontrar com Abakumov mais tarde.)

O filme começara, e Estaline viu as imagens e aprovou-as até à cena em que Sophia Zeitlin beijava o ator que fazia de seu marido. – Parem o filme! Isto é ordinário! – disse-lhes. – O beijo é demasiado longo. É antissoviético. Olhem para a maneira como ele a segura. O beijo tem de ser cortado. O que é que te deu, Bolshakov, para aprovares esta obscenidade?

– Ah, camarada Estaline, pensei que não havia problema, mas nunca a teria aprovado sem lha mostrar.

Estaline gostava de ver Bolshakov encolher-se. – O que acham, camaradas? Perdoamo-lo ou castigamo-lo? – Estaline ergueu-se e, a fumar o seu cachimbo, andou de um lado para o outro diante do ecrã. – Perdoar? Ou não perdoar?

Só se ouvia Estaline a fumar e o rangido das suas botas de couro. Ninguém falou. O rosto de Bolshakov estava corado, e a sua cabeça calva brilhava de suor. – Perdoar ou não perdoar? Está bem, Bolshakov, nós perdoamos. Mas, da próxima vez, põe travão aos beijos!

A seguir, deu a Romashkin instruções para um novo projeto: tinha de rescrever *Ivan o Terrível: A Conspiração dos Boiardos*. Eisenstein não voltaria a ser incumbido do guião. – Não te limites a mostrar que Ivan era

cruel – disse Estaline. – Mostra porque é que ele *precisava* de ser cruel. Percebeste?

Romashkin anotou as instruções, mas no fim da reunião perguntou se podia criar um papel para a mulher, Sophia Zeitlin.

– Claro – disse Estaline. – Bem, o que serve para um serve para outro, por isso porque não?

Sophia Zeitlin era uma beleza, considerava ele, uma verdadeira sedutora segundo se dizia (sim, o marechal Shako achava-se um cavalheiro, mas tivera algumas histórias para contar depois de lhe darem a valente tarefa que merecia). Mas as feições dela, aqueles olhos muito negros e as sobrancelhas carregadas eram judeus, o nome Zeitlin era iídiche e ele perguntou-se se ela seria *russa* o suficiente... Os judeus estavam por toda a parte; queriam apropriar-se da guerra, dizendo que tinham sido eles, e não os russos, quem mais sofrera às mãos dos nazis. Alguns queriam o seu próprio país sionista na Crimeia, outros queriam uma nova Judeia na Palestina. Nunca eram leais a ninguém. E se na realidade apoiassem a América? Até a sua querida Svetlana se casara com um judeu. Aqueles judeus estavam a infiltrar-se na sua própria família.

A cabeça de Estaline estava outra vez a girar, por isso pediu que o levassem a casa, à Dacha Próxima, onde se estendeu no divã do seu escritório. Abakumov, agora promovido a ministro da Segurança do Estado, já lá estava, em sentido. Durante a meia hora seguinte, informou-o sobre as rusgas em Berlim, os nacionalistas ucranianos que seriam executados, deu-lhe notícias dos agentes britânicos do MGB sobre o projeto atômico americano e falou-lhe no caso de um conde sueco detido em Budapeste.

Estaline tentou concentrar-se, mas doíam-lhe as articulações, como acontecia desde os seus exílios siberianos. Abakumov era um polícia grosseiro, um imbecil sem dúvida, mas, graças a Deus, era competente.

Então, chegou ao escândalo dos aviões, a que ele chamava o Caso dos Aviadores. O marechal Shako fora quebrado, andava a culpar os outros todos, até Satinov, pelos seus aviões defeituosos, e denunciara o marechal Zhukov por exagerar o seu papel na vitória (ainda bem, pensou Estaline, vamos mostrar ao Zhukov quem manda aqui). O Caso das Crianças estava resolvido e, antes de serem libertadas, as crianças haviam confessado ter escrito material antissoviético.

Soube-se que Serafima, a filha de Romashkin e Zeitlin, não estava por trás da conspiração, afinal. Abakumov descobrira o inimigo que encorajara as crianças a aderir ao romantismo antissoviético e a brincar aos líderes: o criminoso, que confessara, era nem mais nem menos do que o escritor Benya Golden, que de algum modo se conseguira infiltrar na Escola 801 como professor.

– Pensava que tínhamos tratado dele antes da guerra – disse Estaline.

Abakumov estava prestes a explicar, mas Estaline travou-o com um gesto. – Talvez desta vez, depois de tratarmos dele, o Golden perca a cabeça. Mas ainda precisamos de castigar as crianças, não é?

– Sim, camarada Estaline. Mas tenho mais um acontecimento para lhe relatar. Em vez de usar violência, libertei a Serafima mais cedo, contando que ela nos levasse a quaisquer contactos impróprios. Soubemos por um informador da escola que ela se ia encontrar com alguém. Disseram-nos que o amante dela andava a deixar-lhe bilhetes em certos livros estrangeiros na Casa do Livro.

– Que livros? – Estaline ficou curioso. Adorava livros.

Abakumov consultou as suas notas, enquanto Estaline se remexia, impaciente. – Romances de Hemingway. Edith Wharton. Galsworthy.

– Bom gosto – disse Estaline, percebendo que Abakumov nunca ouvira falar de nenhum deles. Bronco inculto.

– Sim, bem, como é óbvio, seguimo-la, através do Teatro Bolshoi, e ela conduziu-nos a um ninho de amor. Observámo-la a encontrar-se regularmente com um jovem diplomata americano. Pusemos aparelhos de escuta no apartamento. Ele pediu-a em casamento e ela aceitou.

– Eles fodem nesse apartamento?

– Sim, camarada Estaline.

– Ela só tem dezoito anos. Como pai... – Então, lembrou-se de que a sua filha Svetlana tivera uma aventura com um guionista de quarenta anos, casado, aos dezasseis anos. Judeu. Ele dera-lhe um estalo na cara.

– O americano também é novo – continuou Abakumov –, mas é tudo muito desagradável. Desde 1941, permitimos que mais de oito mil soviéticas que conheceram combatentes aliados fossem com os seus companheiros estrangeiros para fora do país, por isso presumo que vamos permitir que a Serafima vá para a América com o noivo, mas como se trata de uma família preeminente...

Estaline recostou-se no divã, chupou o cigarro e fechou os olhos por um segundo. O país estava devastado, rodeado de inimigos, com agentes infiltrados, ameaçado pela América. A disciplina era essencial. Mas esta rapariga estava apaixonada. Era jovem. Estivera na prisão. Porque não haveriam os jovens de se apaixonar?, pensou. Lembrou-se das suas mulheres, das suas muitas namoradas. Se ao menos tivesse havido mais amor na minha vida, pensou tristemente, mas nós, bolcheviques, somos uma ordem religiosa militar, como os Templários. A Revolução estava sempre em primeiro lugar. Nunca fui um bom marido e agora estou sozinho. Suspirou. Sempre sozinho.

– Acho que devíamos dar mais um mês a esses romances de guerra – disse Estaline, por fim. – Depois, fecham-se as portas.

Acabara de se lembrar de que Serafima era filha de um judeu. Outro judeu.

Era o seu aniversário e, antes de sair do escritório para ir para casa, Satinov reparou que surgira um envelope na sua secretária com a inscrição: «Cam. Satinov. Confidencial.» Quando o abriu, só encontrou uma página arrancada de um livro com os contos de Chekhov. Não havia mais nada no envelope, por isso começou a ler.

Satinov lera muito pouca literatura, mas Estaline dizia-lhe várias vezes que devia ler Chekhov para se aperfeiçoar – «Eu sou velho, mas nunca paro de estudar», dizia Estaline –, mas Satinov estava sempre demasiado ocupado.

Agora estava a ler aquela página de um conto chamado «A Senhora do Cãozinho». O herói e a heroína, ambos felizmente casados com outros, conhecem-se na estância de Ialta e envolvem-se. Lê que «se amavam como íntimos, como marido e mulher, como amigos muito próximos. Pensavam que fora o próprio destino quem os juntara.» Quando estava a caminho dela, o amante refletiu que:

... ninguém o sabia e... provavelmente nunca ninguém saberia. Ele levava uma vida dupla: uma era franca, transparente e conhecida de

todos os que precisavam de a conhecer, cheia de verdades convencionais e engano convencional, idêntica às vidas dos seus amigos e conhecidos; e outra que decorria em segredo. E, por uma estranha e possivelmente fortuita cadeia de circunstâncias, tudo o que era importante, interessante e necessário para ele, aquilo em que se comportava sinceramente e não se iludia e que era a própria essência da vida dele – isso era realizado em completo segredo.

Esta secção estava marcada. Satinov premiu a campainha que estava na sua secretária. Chubin, o assistente, apareceu num instante, de caderno, lápis e maçã de Adão a postos.

– Manda alguém à Casa do Livro para comprar os contos de Chekhov.

– Agora, camarada?

– Imediatamente, Chubin. Certifica-te de que têm um conto chamado «A Senhora do Cãozinho».

E, quando leu o conto, sentiu que estava a ler sobre si e Dashka. Não havia mesmo prenda melhor do que aquela.

No último dia do período, os pais do Caso das Crianças foram chamados à escola um pouco antes do final das aulas.

Satinov encontrou Tamriko à porta do gabinete da diretora. Estava preocupada com o que aí vinha. – Imagina – sussurrou ela –, imagina que eles têm de voltar para a prisão. Imagina que são detidos outra vez. Não ia aguentar perdê-los novamente.

Satinov beijou-lhe a testa. – A Mariko não vai ser afetada – respondeu. – Mesmo para o George, não será tão mau como receias.

Momentos mais tarde, Genrikh e Dashka Dorov chegaram com os outros pais. O pai de Serafima, Constantin Romashkin, o argumentista, também estava lá; Satinov sabia que Sophia estava a filmar. Tamriko pôs-se ao lado de Satinov, enfiou a mão na dele e ele apertou-a, reparando com uma súbita pontada de tristeza – ou ironia – que os Dorovs faziam exatamente o mesmo. Irina Titorenka e Inessa Kurbskaya estavam sozinhas.

A diretora Medvedeva ainda estava suspensa, por isso foi o professor de Matemática, o velho camarada Noodelman, quem abriu a porta e os mandou entrar.

– Sentem-se, por favor, e dou a palavra ao camarada coronel Likhachev, que está aqui para vos informar – disse Noodelman.

O coronel Likhachev, de uniforme do exército, cumprimentou os camaradas Satinov e Dorov, mas limitou-se a acenar às mulheres. Era um encanto, este carrasco! Satinov reprimiu a ideia de que aquele depravado tivera controlo sobre a sua pequena Mariko.

Likhachev pestanejou, como se não estivesse habituado à luz saudável daquela sala de escola, com os seus cartazes alegres e gerânios. Abrindo a mala de couro, sacou uma pasta bege que dizia «MGB» – Ministério da Segurança do Estado – e «Confidencial». Tirou uma única folha da pasta.

– Camaradas e cidadãos – começou, grandíloquo –, as crianças, todas alunas da Escola 801... – Leu os nomes: George Satinov era o primeiro. Tamriko apertou mais a mão de Satinov e este imaginou que Dashka devia estar a fazer o mesmo a Genrikh, porque ambas as mães estariam a pensar nos seus filhos mais novos, temendo a prisão. Mariko foi mencionada. Depois veio Minka Dorova. O rosto da mãe dela paralisou enquanto esperava pelo seguinte... Sim, Senka Dorova. Dashka gemeu ligeiramente. Satinov imaginou que conseguia ouvir todos os seus corações a bater em unísono, mas talvez fosse apenas o seu, pois de repente deu por si a sofrer não só por uma mulher e os seus filhos, mas por duas.

– Todos os mencionados assinaram confissões de conspiração para derrubar o Estado soviético e, portanto, segundo o artigo 158, sujeitam-se a uma condenação de dez a vinte e cinco anos de prisão e, para os maiores de doze anos, ou seja, todos os criminosos citados exceto Mariko Satinova, de seis anos, e Senka Dorov, de dez anos, à pena máxima. – A morte!

Tamriko arquejou, e a sua mão tremeu na de Satinov; a mão livre de Dashka subiu-lhe aos lábios.

Likhachev levantou os olhos para eles e depois continuou a ler. Por um momento, Satinov questionou a sua loucura em aconselhar Genrikh Dorov a mandar as crianças assinar as confissões. Teria cometido um erro terrível? Teriam Abakumov e, atrás dele, Estaline enganado toda a gente?

– Contudo – continuou Likhachev –, três juízes decidiram *não* proceder com base nisto, e sim suspender o julgamento formal devido à juventude dos criminosos, que em seu lugar sofrerão o seguinte castigo.

A sala estava tão silenciosa que Satinov achou que conseguia ouvir o silvo das vassouras dos varredores lá fora, na rua.

– Sentenciamo-los a um mês de exílio, se necessário acompanhados por tutores ou amas, em Alma Ata, no Turquestão. Será permitida aos pais uma visita semanal.

As lágrimas corriam pelas faces de Tamriko: lágrimas de alívio. Quatro semanas de exílio com criados eram umas férias de verão, tão boas quanto possível – mesmo para Mariko, que podia ir com a sua querida ama Leka.

Ao saírem do gabinete do diretor, em voz baixa, Satinov agradeceu ao camarada Estaline o seu bom senso, a sua justiça. Satinov sabia que o Caso dos Aviadores ainda podia afetá-lo, se Estaline quisesse, mas isso parecia improvável. As crianças estavam livres e tanto Tamriko como Dashka estavam a salvo. Era tudo o que importava. Viu as duas mulheres a falar alguns passos à frente, admirando-as, espantado por ter tido ambas na sua vida, por isso mal estava a ouvir quando notou que Genrikh Dorov caminhava a seu lado.

– É um alívio que este caso tenha terminado sem mal maior – disse o Frango Cru enquanto olhava em volta para garantir que ninguém estava a ouvir. – Mas infelizmente, camarada Satinov, devo avisar-te, como amigo, de que há muitas irregularidades na gestão do Ministério do Ar e da Fábrica de Aviões de Satinovgrad. Vou precisar de algumas semanas para terminar o meu relatório e mostrá-lo ao Comité Central. Quando chegar a altura, teremos de nos encontrar para resolver os problemas. Mas prometo não te demorar muito tempo.

## CINQUENTA

Serafima, tal como o resto dos envolvidos no Caso das Crianças, passara um mês de exílio na Ásia Central. Partilhara um apartamento com Minka e Senka, os Satinovs estavam na porta ao lado (ao passo que Andrei, que tinha menos dinheiro, ficou num quarto do outro lado da cidade) e os pais haviam emprestado a criada deles, pelo que, tirando o calor abrasador, esta comunidade de jovens e Livross até gostara da viagem. Serafima e Frank tinham-se correspondido todos os dias, e por vezes até conseguiam marcar um telefonema na estação de correios, o que permitia que, por uma linha estridente, ela ouvisse a voz dele enquanto planeavam a sua nova vida.

No dia em que ela regressou a Moscovo, os pais não estavam em casa.

– A tua mamã está no local de filmagens – disse o motorista enquanto o *Rolls* se dirigia aos Estúdios Mosfilm, na Colina dos Pardais. Depois de passar a estátua miticamente musculosa do Operário e da Mulher Colcoziana, foi encaminhada para o Estúdio Um.

Todos os caminhos naquela minicidade do cinema pareciam conduzir à sua mãe. – Está ali em baixo! – gritou um assistente de produção, indicando-lhe o estúdio enorme que parecia um hangar. – Por ali – disse um guarda. – Ela está a acabar uma cena no campo de batalha – sussurrou um ator de uniforme nazi, com sangue a escorrer-lhe pela cara. – Vês?

Sophia Zeitlin, que rodava *Katyusha Parte Dois*, estava ao lado de um morteiro cinzento, no cenário cor de lama de uma trincheira, iluminado por luzes *Klieg*, que, apesar de toda a sua fluorescência, não conseguiam sobrepor-se aos seus olhos negros e lábios escarlates. Vestia uma túnica verde apertada e uma camisa caqui mais curta do que o habitual (ou assim pareceu a Serafima). Brandia uma metralhadora *PPSh* e tinha o calcanhar em cima de um dos soldados nazis «mortos» (alguns eram bonecos e outros jovens atores russos com uniformes da Wehrmacht) que jaziam em poses adequadamente mortais.

No guião (escrito, como o primeiro *Katyusha*, pelo seu marido e aprovado pessoalmente pelo camarada Estaline), Sophia é uma enfermeira cuja unidade foi obrigada a recuar temporariamente. Mas ela resiste, matando o que parece ser um exército nazi inteiro e conseguindo ao mesmo tempo disparar uma bazuca e destruir um tanque *Tiger*. (No primeiro filme, quando praticamente a mesma coisa acontecera, tinha disparado um silo inteiro de foguetes *Katyusha*, daí o nome do filme.) O seu querido marido, um simples soldado, telefona ao Kremlin para interceder em nome dela, contra os burocratas que tentam impedi-la, a ela, uma mera enfermeira, de assumir o comando. E agora ela recebe a notícia de que o camarada Estaline a apoia...

– Corta! – gritou o realizador por um altifalante. – Bravo, belo trabalho, Sophia. Está feito. Obrigado a todos! Por hoje, chega.

Um rapaz fechou a claquete e um assistente suado ajudou Sophia a passar por cima dos corpos que estavam no chão, enquanto outro lhe segurava na metralhadora.

– A sua filha está aqui para a ver! – berrou o realizador pelo altifalante.

Todos olharam para Serafima, que recuou, e então a mãe levou uma mão aos olhos e espreitou através das luzes. – Estás aí, Serafimochka?

– Sim – respondeu ela.

– Vem ter comigo ao camarim! – berrou Sophia, cuja voz ecoou pelo estúdio cavernoso. Ela não precisava de um altifalante, pensou Serafima.

No camarim, que cheirava a tulipas, pó de arroz e maquilhagem, uma flotilha de assistentes parecia trabalhar em diferentes partes da sua mãe. Uma retirava a maquilhagem, esfregando levemente o rosto de Sophia com uma esponja; outra tirava-lhe as botas; outra ainda punha ramos de flores em vasos, enquanto Sophia se recostava numa cadeira a fumar um cigarro com boquilha.

– Aí estás tu, Serafima! Como foi no Turquestão? Como vês, estão-me a sobrecarregar de trabalho como de costume, mas não é fácil para atrizes da minha idade. Estão sempre a aparecer ingénuas, dispostas a fazer tudo para conseguir os papéis, e todas têm um «mecenas», um patrão para mexer os cordelinhos...

– Mamã, preciso de falar contigo sozinha.

– É alguma coisa importante?

– Sim, mamã.

– Podes confiar nas minhas damas de honor, não pode, meninas?

– Claro! – trinaram as assistentes.

– Não, é mesmo privado – insistiu. – E urgente. Não te importas?

– Ah, está bem. Saiam, meninas.

Quando o camarim ficou vazio, Serafima contou a Sophia que conhecera um homem americano e se iam casar.

Sophia pareceu chocada. – Não tens de te casar com ele, com certeza – disse ela.

– Estamos apaixonados, mamã – disse Serafima –, e vamos viver na América.

– O quê? – Sophia parecia aflita. – Vais abandonar-nos, a mim e ao papá? Não podes fazer isso.

Serafima sorriu. – Disseste-me muitas vezes para seguir o coração, mamã, e é exatamente isso que estou a fazer.

– E estás noiva? Não vejo nenhum anel. Há um diamante?

– Experimentei-o antes de ir embora e serve-me perfeitamente. Mas é tão grande, que lho devolvi. Uso-o na América.

– Devolveste-o? Eu nunca devolvi uma joia na minha vida. Oh, Serafimochka! Porquê um americano? O teu papá e eu nunca te vamos ver. – Sophia deu um soluço e começou a chorar. Mas, para Serafima, até as lágrimas dela pareciam desproporcionadas e extravagantes.

De repente, limpou os olhos, manchando as faces com o rímel. – Parabéns, minha querida. Mas... quando é que tencionas ir? Não podemos conhecê-lo primeiro?

– Em breve, mamã.

– Mas sabes que esta altura é muito má para mim, querida, não sabes?

– Não posso adiar a partida, mamã.

Sophia pousou o cigarro e tomou as mãos de Serafima nas suas. – Por favor, adia a tua ida para o estrangeiro. Por mim.

– Não posso. Ele está à minha espera. Quer levar-me para a América imediatamente. Eu quero ficar com ele e quando estava na prisão...

– Mas agora estás em casa. Podes ir para fora com ele a qualquer altura. Conheço uma atriz que se casou com um jornalista inglês e foi para Londres com ele há poucas semanas. Que diferença faz se esperares só algumas semanas?

Serafima franziu o sobrolho. – Mas porquê?

– Porque estou a ser considerada para o papel mais importante da minha vida. O papá escreveu um papel especial para mim, a czarina em *Ivan o Terrível: A Conspiração dos Boiardos*, e a tua relação com um estrangeiro, um americano, pode estragar tudo. Como é que vai parecer ao... – mesmo Sophia nunca usava o nome de Estaline em vão – ... ao Comité Central?

Serafima amaldiçoou a mãe – o seu egoísmo, o seu individualismo –, mas também a amava e queria que ela fosse feliz. Além disso, isto também envolvia o pai. Será que queria que o seu casamento começasse com a infelicidade da mãe? Seria capaz de basear o seu futuro na desilusão daqueles que amava?

– Por favor, faz isto por mim – disse Sophia. – A minha vida não é um mar de rosas. Achas que é tudo perfeito para o teu pai e para mim? Cada dia é um calvário! Tu chamaste muita atenção com os teus disparates do Clube dos Românticos, e eu passo muito tempo sozinha. Só te peço que esperes mais umas semanas antes de dizeres às pessoas o que vais fazer.

– De quanto tempo precisas? – perguntou Serafima.

– Três semanas e o papel estará atribuído. Um mês?

O que poderia mudar num mês? Mas Serafima sentiu uma inquietação opressiva a apoderar-se dela. Era verdade que o Caso das Crianças tinha envergonhado a mãe. De facto, podia ter-lhe arruinado a carreira e ela nunca se queixara. Pôs de parte as suas preocupações, voltou-se e abraçou-a.

– Só um mês, mamã – disse ela. – Só um mês, e depois o Frank e eu partimos para a América.

## CINQUENTA E UM

Seis semanas haviam passado desde que as crianças tinham sido sentenciadas e, embora por esta altura elas tivessem regressado da Ásia Central, Hercules Satinov ainda estava ali, com a sua carreira, a sua própria vida, à beira de um precipício. O mais estranho era que, embora os seus subordinados e alguns generais da força aérea tivessem sido detidos, embora Genrikh Dorov o tivesse avisado de que havia problemas no seu ministério, ele não antecipara aquilo. Fora um processo demorado, mas era esse o estilo de gestão de Estaline – governo por capricho e pressão – e o próprio facto de Satinov se julgar seguro seria um motivo, aos olhos de Estaline, para lhe dar um abalo.

Agora Satinov estava sentado sozinho, com a barba por fazer – a milhares de quilómetros de Moscovo, de Tamriko, da família e do Kremlin –, na cozinha primitiva de uma pequena *dacha* estatal nos arredores de Samarkand, a fumar um cigarro de tabaco local, grosseiro, a sorver um copo de conhaque arménio e a pensar em Dashka Dorova.

Um homem com um uniforme de platinas azuis e estreitos olhos usbeques veio espreitá-lo da porta e voltou a desaparecer; Satinov ignorou-o. Era setembro, e o calor naquela casa de paredes vermelhas, construída sobre solo vermelho, era opressivo, e ele estava de tronco nu. Não se sentia bem: sofria pontadas de dor no peito, mas não sabia se era azia ou angina.

O desgosto de amor, pensou, é uma doença angustiante que se tem de bom grado. Como perdera ele o controlo? Será que quase deitara tudo a perder por uma mulher que lhe virara a vida do avesso e quase a tornara um inferno? A libertação das crianças reacendera a paixão entre eles, apesar da sua própria razão e das dúvidas crescentes dela, e aquele último fogacho ardera com um brilho especial. No entanto, os breves telefonemas e aquele único encontro foram piores do que nada, pois despertaram nele

tamanhas pontadas de sede insatisfeita que ele não sabia como saciá-las. O último telefonema dela foi quase um alívio.

– De uma vez por todas, acabou – dissera. – Não há recomeço. Contigo, atravessei a ponte para o mundo da paixão, mas apercebo-me de que não fui feita para essa vida e agora voltei para trás. Não podemos arriscar o que é verdadeiramente precioso; não podemos fazer a nossa felicidade com a infelicidade daqueles que amamos. Estas coisas são fáceis de começar, mas acabá-las, isso é uma arte, não é? Agora tenho de te deixar, meu anjo. Tenho de dizer adeus.

E então, mais tarde nesse dia, outro envelope surgiu na sua secretária, escrito à máquina: «Cam. Satinov. Confidencial.» Ele abriu-o e descobriu uma página arrancada de uma edição barata do *Onegin* de Pushkin. Nunca o lera.

– Chubin!

– Sim, camarada.

– Vai à rua e traz-me o *Onegin*.

O pobre Chubin, mais uma vez espantado com os súbitos caprichos literários do chefe, fizera o que ele lhe disse e Satinov começara a ler o *Onegin* até encontrar a página que ela lhe enviara. E de repente ali estava. Curvado sobre a sua secretária, estudou-a atentamente. Era muito tempo depois do duelo de Onegin. Passados muitos anos a viajar pelo estrangeiro, Onegin reencontra Tatiana. Por esta altura, ela é uma poderosa senhora casada em São Petersburgo – *uma princesa fria tão resplandecente* –, e Onegin apercebe-se de que está perdidamente apaixonado por ela e escreve-lhe para lho dizer. Tatiana está de coração partido – e aqui estava a passagem marcada pelo lápis de Dashka:

*Para mim, Onegin, todo este luxo meu,  
Esta minha penosa vida de brilho,  
Esta homenagem que o grande mundo me deu,  
A minha casa onde príncipes jantam em estilo  
São vazios...  
Eu amo-te (porquê dissimular?);  
Mas agora outro homem desposei,  
E fiel toda a minha vida serei.*

Aqui estava, no silêncio do seu gabinete, com o retrato em tamanho real de Estaline e a panóplia de telefones, aqui estava a resposta de Dashka. Ficara furioso por os seus filhos viverem no mundo romântico, e agora, secretamente, ele, o Comissário de Ferro de Estaline, também ali vivia. Embora cada linha o arrasasse, leu e releu a passagem, ponderando se seria capaz de aguentar mais um momento que fosse daquela montanha-russa emocional que o levava da miséria à alegria e vice-versa numa questão de dias, um círculo de felicidade e desespero que se fora repetindo ao longo dos meses em que estiveram juntos.

Agora, a abafar no calor da casa de paredes vermelhas em Samarkand, revivia a história do caso deles. Disse a si próprio que tinha sorte em ter feito amor com uma mulher assim. – É muito bom amares e seres amado – disse em voz alta para si mesmo. Então, lembrou-se de como uma vez, quando lhe assegurara de que a sua figura não era demasiado curvilínea, ela respondera bruscamente: – Mas seria de esperar que dissesse isso, porque estás apaixonado por mim. – Assim tão apaixonado, ele perdera o seu poder, o respeito dela.

Enquanto o calor da Ásia Central se elevava à volta dele em ondas que lhe distorciam a visão, Satinov abanou a cabeça. Que contradição era Dashka: controlada e fria no seu próprio mundo, mas também capaz daquele arrebatamento completamente arbitrário e irrefletido que os derrotava a ambos. Por vezes, divertia-se – e torturava-se – a imaginar que horas seriam em Moscovo. O que estaria *ela* a fazer agora? Estaria a deitar Senka? A despir-se ao final do dia? Como detestava Genrikh pela sua íntima proximidade dos segredos banais da vida quotidiana dela.

Também detestava Genrikh pelo papel que desempenhara no seu exílio prolongado em Samarkand, embora fosse apenas o moço de recados de Estaline. Genrikh fazia tudo o que Estaline lhe pedisse. Uma onda de raiva assassina passou por Satinov, que sonhou destruir o próprio Genrikh – mas isso também derrubaria Dashka e a família dela. Não, era muito melhor que ele, Satinov, enfrentasse esta provação sozinho em Samarkand enquanto aqueles que amava – Dashka, os seus filhos, Tamriko – estavam seguros, bem longe, em Moscovo. Talvez o maior alívio fosse Genrikh Dorov não desconfiar de todo do seu caso com a mulher dele. Ninguém

sabia, e esperava que nunca ninguém soubesse. E, se os Órgãos o despachassem com um tiro na cabeça, o segredo morreria consigo.

Portanto ali, na casa de Samarkand, acordava todos os dias com o sabor a cinza na boca e sal a subir-lhe pela garganta. Pois todas as noites, ele, marechal Hercules Satinov, chorava na sua cama.

## CINQUENTA E DOIS

– Por favor não me julgues com muita dureza, Serafima – disse o general Abakumov, que estava a falar com a mãe na sala de estar do apartamento deles. Levantou-se a custo, com as botas a ranger, as medalhas a chocalhar e a arma a tinir contra o metal do cinto. – Mas quis vir pessoalmente, em vez de mandar um subordinado.

– O que foi? – perguntou Serafima. A testa nodosa e as sobrancelhas escuras de Abakumov apavoravam-na, pelo que recuou. Fez-lhe lembrar o tempo que passara em Lubianka, um período que ainda agora lhe dava pesadelos.

Olhou para a mãe e soube que algo estava errado. – Diz-me, mamã.

Abakumov pigarreou: – O teu requerimento para viajares para o estrangeiro com o teu noivo foi recusado, tal como o requerimento para casares com ele.

Serafima susteve a respiração, sentindo-se fraca de súbito, apenas vagamente consciente da mão da mãe no seu braço. – Mas toda a gente obtém permissão. Muitas raparigas foram para fora...

– Lamento – disse Abakumov. – Era isso que te queria dizer. Não é nada pessoal e não tem nada a ver com o Caso das Crianças. Foi o próprio facto de tantas raparigas se estarem a casar com estrangeiros e a partir que acelerou a mudança das regras.

– Há alguma forma de nos ajudar, camarada general? – perguntou Sophia, fixando nele os seus olhos ardentes.

– Infelizmente, não. Já investiguei isto por si. Vem do Comité Central. Minha menina, ouve o que te digo: a estrada da vida é um caminho tortuoso e algumas sementes caem em solo pedregoso. Resume-se tudo a isto.

Satinov caminha para o centro de Samarkand, passando pelos primitivos usbeques, cazaques e tadjiques que caminham, se agacham, bebem *chai* nas plataformas de madeira das suas *chai-khanas* e veem o mundo girar, longe de Moscovo, com as suas túnicas e barretes bordados. Senta-se e toma chá numa *chai-khana*. Depois, atravessa as ruínas do Registan, a praça antiga, e caminha entre muros revestidos de lama para o túmulo de Tamerlão; os seus «companheiros», guardas usbeques à paisana, seguem-no.

Tamerlão, o coxo e impiedoso conquistador que foi o Estaline do seu tempo, jaz sob uma cúpula azul-celeste estriada como o turbante azul de um gigante. Satinov olha para a pedra de jade simples que cobre o túmulo do imperador e apercebe-se de que as suas próprias obras, mesmo os feitos históricos do próprio Estaline, podem um dia ser esquecidos assim.

Parece pouco provável... mas e se o Estado de Lenine, construído sobre as campas de milhões de pessoas, for um dia derrubado?, pensa. Até podem rebatizar as cidades e ruas que têm o meu nome. E se tudo o que realmente importa for os meus filhos, a minha querida mulher e *ela*, a minha paixão secreta?

Baixa a cabeça diante do catafalco simples de Tamerlão. Satinov anseia a morte, a morte instantânea e inesperada, e não a teme. A sua visão turva-se enquanto dá graças por esta deliciosa tristeza que o torna completo.

\*

No alto de uma montanha sobre o mar Negro, um velho com um fato branco de linho fumava o seu cachimbo, de olhos semicerrados à luz intensa do Sol, com as íris tão amarelas e salpicadas de negro como as listras de uma abelha, as maçãs do rosto altas e ligeiramente bronzeadas marcadas com um arquipélago de sardas num mar de bexigas.

– E, aqui em baixo – disse aos seus visitantes –, o vosso velho anfitrião tem andado a sarchar as hortas. O trabalho honesto faz bem à alma.

O jardineiro, um velho que não era muito diferente do próprio Estaline, estava a escavar, e Estaline acenou-lhe e disse algumas palavras em georgiano. – Ele diz que os tomates não são maus – explicou. – Querem tomates e figos para levar para Moscovo?

– É um belo jardim – concordou o embaixador americano, Averell Harriman, vestido com um fato creme com vincos afiados como lâminas.

– Generalíssimo, devo felicitá-lo pelos tomates, para além dos seus outros feitos.

Frank Belman, jovem e elegante com o seu imaculado uniforme do exército dos EUA, traduziu rapidamente as palavras para um russo fluente. Quando Estaline riu, os vincos do seu rosto pareceram o sorriso de um tigre, mas Frank só conseguia pensar em Serafima. Quando a viu depois de os seus planos de viagem terem sido banidos, temeu que ela se pusesse doente de desilusão e desgosto.

– Bem, obrigado por me virem visitar aqui abaixo – disse Estaline aos dois americanos. – Um velho como eu tem de descansar um pouco...

A visita terminou. Estaline caminhou devagar pelo caminho com as suas pernas arqueadas, subiu as escadas até à varanda e entrou pelas colunas brancas na casa fresca que cheirava a flor de laranjeira e tabaco. Frank reparou que todas as superfícies da casa estavam cobertas de livros: viu romances de Edith Wharton, Hemingway e Fadayev; biografias de Nadir Xá e do duque de Marlborough; montes de revistas literárias; um livro aberto marcado com as notas de Estaline a lápis azul.

Estaline conduziu-os através da casa até ao outro lado, onde o *Buick* do embaixador aguardava ao lado das limusinas de Estaline. Um general gordo e bêbedo, provavelmente chefe dos guarda-costas, fez continência e seguiu-os pelas escadas até ao caminho de entrada. A morada costeira de Estaline na Abecásia era o totalitarismo na arquitetura, pensou Frank. A casa era um domínio inexpugnável no cimo de um penhasco íngreme com vista para o mar Negro, invisível de todos os ângulos exceto da água, e só podia ser alcançada através de um túnel de via única esculpido na rocha sólida da montanha. Frank concentrou-se para traduzir todas as nuances das palavras do embaixador, mas tinha a cabeça noutra sítio. Junto de Serafima.

– Obrigado por nos receber, generalíssimo – disse Harriman. – Devo dizer-lhe que nós, americanos, desde a Casa Branca ao cidadão comum, ainda estamos espantados e gratos pelo heroísmo e os sacrifícios do Exército Vermelho sob o seu brilhante comando.

– Dê por favor os meus cumprimentos ao presidente Truman – respondeu Estaline. – E espero que tenha gostado do vinho e da comida georgianos.

– *Didi madlobt!* – disse o embaixador em georgiano.

Amigo do pai de Frank, Harriman era alto e entroncado, com ombros de jogador de polo e sobranceiras pesadas.

Estaline estudou Harriman com afabilidade. A conversa deles parecia avançar terrivelmente devagar, pensou Frank, refreando-se a custo de intervir. Tinha medo de que Harriman se tivesse esquecido dele, ou, pior, tivesse decidido que esta não era a altura certa para fazer um pedido.

– Generalíssimo, antes de o deixarmos a este local encantador e ao seu muito merecido descanso, posso pedir-lhe um favor pessoal?

Frank estava tão nervoso que mal conseguiu traduzir isto. No entanto, queria muito traduzir estas palavras, mais do que quaisquer outras que alguma vez tivessem sido proferidas.

– Peça o que quiser. Depois de todos estes anos, somos amigos – disse Estaline, com ar um pouco comovido. – Partilhámos alguns momentos como aliados.

– Obrigado. O meu intérprete cá, o capitão Belman, que traduziu em várias das nossas reuniões, está comprometido com uma rapariga russa chamada Serafima Romashkina.

– Parabéns! – disse Estaline. Os seus olhos viraram-se para Frank por um instante. Nenhum sinal de que soubesse quem ele era. – Nós acreditamos no amor entre aliados.

– Ela é filha da atriz Sophia Zeitlin e do argumentista Constantin Romashkin.

– Você deve ter bom gosto – disse Estaline. Um sorriso rasgado por um momento e depois a inescrutável máscara oriental.

– No entanto, provavelmente devido a um lapso – continuou Harriman –, esta rapariga não teve permissão para sair da União Soviética.

Estaline olhou de lado para Frank, e Frank tentou parecer sincero, modesto e sério ao mesmo tempo.

Estaline suspirou. – O nosso país está cheio de carneirinhos – disse. – Lenine chamou-lhe a doença russa. Os vossos jornais chamam-me ditador, mas, como vê, eu não controlo tudo. O Politburo tem ideias próprias e por vezes tenho de ter cuidado para não ofender os conservadores. – Fez sinal ao general gordo que estava ali ao lado: – Camarada Vlasik, anota os nomes.

O general já estava a escrever num pequeno caderno. Frank sentiu o brilho insondável dos olhos amarelos de Estaline. – Não se preocupe,

rapaz. Eu vou tratar disso.

## CINQUENTA E TRÊS

Final de tarde. Seis horas. O telefone tocava. À espera na cozinha, Satinov, de hirsuta barba grisalha e calças caqui manchadas, sem camisa, descalço, atendeu-o.

- Como estás, querido? – disse Tamara.
- Bem. – Assim que apagou a desilusão momentânea de não ser outra voz a dizer «Sou eu», ficou contente por ouvi-la.
- Como vai o projeto? – perguntou Tamara.
- Estou a trabalhar muito aqui – mentiu.
- Há tanto a fazer como temias?
- Mais. Estou ocupado desde a madrugada até... acabo de chegar.
- A colheita de açúcar vai cumprir o Plano?
- Espero que sim, se conseguirmos resolver os problemas.
- Querido, sabes quando voltas?
- Não, mas estou sempre a pensar em ti. Como estão as crianças?
- A Mariko está aqui comigo. Queres falar com ela?
- Sim.
- Estás bem, Hercules? Pareces um pouco abatido.
- Só cansado.
- Aqui está a Mariko.
- Olá, *papasha!* – Uma voz tão bonita para ele como o canto do rouxinol. Esforçou-se por não chorar.
- Querida Mariko, como estão as cadelas a portar-se na escola?
- Vão ter uma aula de canto hoje.
- Dá-lhes um beijo meu. – A voz tremeu-lhe. O amor, pensou de súbito, só basta se puder existir no mundo em que vivemos.
- Mariko, mando-te um beijo com todo o meu coração – disse Satinov.
- Adeus, *papasha!* Aqui tens a mamã outra vez.

– Amo-te, Hercules – disse Tamriko, lançando, sentiu Satinov, um raio de calor que parecia demasiado generoso para emanar do seu pequeno corpo. Chegou-lhe fielmente, como ela tencionara, como uma seta a voar através de uma floresta densa para encontrar o seu alvo.

– Eu também te amo, Tamriko.

– Então até amanhã – disse ela, e desligou.

Apercebeu-se de que talvez nunca mais visse Tamriko e Mariko. De que estivera tão perigosamente obcecado por Dashka, que pouco se importara com a sua vida verdadeira. Só agora, quando Tamriko pôs Mariko ao telefone, se lembrou do protocolo de interrogatório do marechal Shako. Enquanto membro do Politburo, fora-lhe enviada uma cópia; continha as seguintes linhas:

Interrogador Quem é responsável pela sabotagem criminosa destes aviões?

Prisioneiro Shako A culpa é de um só homem, o Satinov.

Quanta tortura fora necessária para extrair isto do seu corajoso amigo? Mas ele, Satinov, lera as palavras como um cego e continuara com a sua vida como um sonâmbulo, de algum modo, percorre as escadas e os corredores habituais da sua vida sem os ver.

Na manhã seguinte, Chubin entrara no escritório. – O camarada Molotov pede respeitosamente para falar consigo e com o camarada Dorov no gabinete dele.

Satinov caminhara pelos longos corredores e entrara na antecâmara, onde encontrou Molotov e Dorov à espera com expressões estranhas nos rostos. Antes de poder dizer alguma coisa, o coronel Osipov, chefe da guarda pessoal de Molotov, tinha-se interposto entre Satinov e eles.

– Olá, camarada Satinov.

– Viva, coronel.

– Isto é para si. – Passou-lhe um envelope.

Confidencial

Para: Camarada Satinov, E.A.

De: Camaradas Estaline, J.V., Molotov, V.M., Zhdanov, A.A., Beria,  
L.P.

O Politburo concorda que

1. O camarada Satinov cometeu erros graves no fabrico de aeronaves;
2. Os Órgãos de Segurança devem procurar indícios de sabotagem e destruição nos departamentos do camarada Satinov;
3. Nomear o camarada Genrikh Dorov para investigar a conduta do camarada Satinov;
4. O camarada Satinov seja suspenso do cargo de secretário do Partido Comunista e vice-presidente do Conselho de Ministros;
5. O camarada Satinov seja enviado imediatamente para o Turquestão, para investigar as colheitas de açúcar.

Assinado: Estaline, Molotov, Zhdanov, Beria

Procurou Molotov e Dorov, mas estes tinham desaparecido. – Quando parto? – perguntara Satinov a Osipov.

– Já o leu? – perguntara Osipov, hesitante.

– Claro. Parto agora?

– Não. Primeiro, os Órgãos marcaram uma reunião. Siga-me.

Tinham-no conduzido à sala de reuniões do camarada Molotov. À mesa, entre dois polícias secretos à paisana, estava um homem desfeito, tão magro que mal enchia o seu fato coçado, com o colarinho da camisa lasso à volta do pescoço curvado, o rosto marcado com cicatrizes e empolado, o seu outrora faustoso bigode agora ralo. Osipov disse a Satinov para se sentar em frente a esse homem, e ele soube que isto era aquilo a que se chamava uma «confrontação» para lhe extrair uma confissão.

– Reconhece este homem, camarada Satinov?

– Sim.

– Quem é?

– É o coronel Losha Babanava.

– Admitiria, camarada Satinov, que Babanava sabe *tudo* sobre si?

– Não, não tudo – respondeu Satinov. Babanava não sabia de Dashka. Ou sabia? – Mas sim, ele sabe muito.

– O Babanava resistiu-nos um pouco. É um homem forte. Mas, agora, tens de dizer o que sabes, Losha.

– Contei-lhes tudo. Tudo. Desculpe, patrão. – Losha ergueu os olhos, e Satinov perscrutou-os. Teria Losha traído realmente a amizade deles? Não o censuraria se tivesse, mas tinha de considerar o que o seu ex-guarda-costas sabia. Poderia Losha conhecer o seu único segredo, Dashka?

– Vê? – disse o coronel Osipov. – Portanto, poupe-se a muito sofrimento, camarada Satinov, e diga-nos o que o Losha já confirmou. Losha?

Uma pausa. Um dos guardas bateu no braço de Losha, apontando para um papel datilografado à sua frente. Ele pareceu despertar.

– Ouvi-o dizer muitas vezes que os nossos aviões eram caixões voadores para os nossos pilotos e que a culpa era do Estaline.

– Não é verdade. Eu nunca disse isso. Nem uma única vez.

Losha pareceu adormecer e foi mais uma vez despertado com um toque. Desta vez, teve dificuldade em encontrar o sítio onde ficara no papel, por isso o coronel Osipov sussurrou-lhe. Ele assentiu com a cabeça.

– Foi recrutado como espião dos americanos e dos sionistas.

– Nunca – replicou Satinov. – Sou um leninista dedicado desde os dezasseis anos.

– Mais uma coisa, Losha – disse o coronel Osipov.

– Sim – disse Losha –, o senhor, de forma corrupta...

Satinov susteve a respiração.

– ... na frente, quando estive no quartel-general do Rokossovsky e em Berlim, o senhor vendeu, de forma corrupta, equipamento médico do Ministério da Saúde para lucro pessoal.

Satinov perscrutou a alma de Losha, subitamente consciente de que eles estavam perto de lhe dismantelar a vida inteira. Apenas a um passo da própria Dashka. Prússia. Berlim.

– Eu sei tudo – disse Losha, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto. – Achava que eu não sabia das suas ações imorais. Mas eu contei-lhes... *kerboosh*... tudo!

Depois, Satinov fora levado diretamente para a estação e colocado num compartimento reservado com dois guardas chekistas. Agora, duas semanas mais tarde, ainda não caíra do precipício, mas estava à beira de um abismo para o qual inevitavelmente puxaria Tamriko e as crianças, e talvez Dashka e os filhos dela. Os filhos de Trotsky tinham todos sido liquidados; a bela filha de Tukhachevsky fora enviada para o Círculo Polar Ártico. Até agora, ele estava no limbo, nem vivo, nem no Céu, nem no Inferno. Ainda estava tão enfeitiçado por Dashka, que se sentia completamente entorpecido.

A queda de Satinov, o papel de Genrikh nela e as traições de Losha eram constantemente interrompidos pela lembrança do seu último encontro com Dashka na sala privada do Aragvi. Foi o clímax do caso dos dois, e o fim, com todo o frenesim desesperado das últimas horas de uma cidade condenada. Mesmo agora, Satinov conseguia sentir o sabor de Dashka e ver-lhe o brilho dos dentes enquanto a penetrava, com ela sentada em cima dele, modestamente coberta pela saia branca plissada.

O sexo preenche apenas algumas horas da nossa existência, percebeu, e no entanto esses minutos preciosos contam mais do que meses e anos.

Agora, sabia que, se não se libertasse daquele apuro, estava bem encaminhado para receber os nove gramas na nuca, e em breve.

## CINQUENTA E QUATRO

– Isto é uma prenda minha para te desejar um casamento longo e feliz – disse Senka, entregando-lhe um livro chamado *Filosofia Ocidental desde 1900*.

– Querido Senka! – exclamou Serafima. – Vou estimá-lo para sempre.

Estava em pé na plataforma da Estação Bielorrussa, com um vestido de verão às flores e uma pequena mala de couro creme na mão, enquanto jatos de vapor sopravam, como penas brancas, do comboio. Ao longo de toda a plataforma enegrecida, as pessoas despediam-se numa miríade de combinações. Quem visse Serafima e o seu grupo presumiria que eram amigos da escola e família a despedirem-se antes de umas férias – mas ela temia nunca mais voltar a vê-los, nem à Rússia. E, por muito que estivesse apaixonada por Frank (que esperava por ela no seu novo posto em Paris) e ansiasse uma vida nova no Ocidente, apercebeu-se de que o *cliché* era verdade: a sua alma era russa e isso queria dizer que já sentia falta de Moscovo, dos cristais de gelo nas janelas, dos versos no plinto do poeta na Praça Pushkin, das bétulas prateadas nas florestas, do curso oculto da água sob as neves quando o degelo chegava, do ocre e azul-esverdeado dos velhos palácios – e isto era antes de olhar os amigos nos olhos. As crianças Dorov e Satinov estavam todas lá para a ver partir. Tinham partilhado não só a escola, mas também o Caso das Crianças e até agora ela só começara a despedir-se de Senka. Estava tão comovida que mal conseguia falar.

– Sem ofensa, mas a tua maquilhagem está toda a esborratar – disse Senka, mas também ele começara a chorar, e ela tomou-o nos braços, minúsculo no seu fato de Pequeno Professor, e apertou-o.

– Eu sei, querido Pequeno Professor – disse. – Estou muito feia?

– Estás com um ar assustador, mas eu não me importo. Terei sempre saudades tuas e pensarei em ti toda a minha vida, porque tu sempre foste a

minha adulta preferida, Serafimochka. E vou visitar-te – disse ele. – Por favor faz uma reserva na minha suíte presidencial do costume no Waldorf-Astoria!

– Prometes? – perguntou ela.

– Anda, Senka, estás a transtorná-la – disse Minka, puxando o irmão. – Serafimochka, boa sorte, minha querida amiga. Promete escrever em breve, e temos todos de te visitar. – Abraçou Serafima e puxou-a para si. – E pensar que tudo começou naquele dia no Bolshoi e tu conseguiste guardar segredo.

– Os rapazes mais velhos sempre disseram que eras um mistério – brincou Senka. – E tinham razão! Acho que é o maior romance de que já ouvi falar, maior do que todos os romances dos trovadores medievais.

– Chiu, Senka, senão fazes-me chorar outra vez – disse Serafima.

O pai de Serafima desceu da carruagem onde estivera a guardar a arca dela. – Meu Deus, aquilo era pesado – disse Romashkin, limpando a testa.

– Tem os livros todos dela lá dentro – disse Sophia Zeitlin. Vestia um fato roxo com colarinho de marta branco e um chapéu de aba larga velado com *chiffon* branco. – Boa sorte, minha querida.

– Já estou com saudades tuas – disse o pai. – Manda-nos um telegrama assim que chegares a Paris. Vem ver-nos em breve, senão vamos estar sempre a visitar-te! – Limpou os olhos e Sophia abraçou-o como já não fazia há anos. – É melhor entrares. Partes daqui a cinco minutos – acrescentou.

George deu a mão a Serafima e ajudou-a a entrar na carruagem, onde fora reservado o melhor lugar. Um camareiro fardado perguntou se ela tinha malas para guardar por cima do assento.

Senka saltou para dentro da carruagem e pôs a sua mão nas dela.

– Enquanto for vivo – disse –, hei de sempre desejar ter sido eu em vez daquele americano. Sou mesmo demasiado novo para ti?

– Oh, Senka – disse Serafima, rindo por entre as lágrimas –, toca a sair!

O comboio gemeu, as portas bateram e as carruagens rangeram e moveram-se como se estivessem a acordar. Senka e George saltaram do comboio. Soou um apito. Serafima ouviu alguém a chamar o nome dela, e viu, por entre os Dorovs e os Satinovs, Andrei Kurbsky a correr pela plataforma. Debruçou-se da janela para se despedir dele no momento em que o comboio arrancava com um solavanco.

Uma baforada de vapor brotou com um silvo, como se o comboio tivesse tossido. E então era demasiado tarde para mais despedidas, quando o comboio partiu, deixando George, os Dorovs e Andrei Kurbsky a acenar e a atirar beijos até ela deixar de os ver.

Caro camarada Estaline, honrado pai,

Cometi erros graves no meu governo da indústria aeronáutica. Lamento que os meus erros e a minha arrogância tenham levado à perda de aviões e pilotos corajosos. Peço desculpa. Enquanto bolchevique, coloco-me humildemente aos pés do Partido e do Grande Líder cuja confiança traí e de cuja sabedoria tanto preciso para ser um trabalhador responsável do Partido. De joelhos perante si, estimado Josef Vissarionovich, admito os meus pecados. Por favor castigue-me como desejar. Estou disposto a cumprir qualquer tarefa, pequena ou grande, para o ajudar a conduzir o país e o movimento comunista a mais vitórias sob o seu génio brilhante e a sua liderança visionária.

Confio em si, como um pai querido, para me ensinar. Sem esta instrução paternal, estou, como todos os seus assistentes, perdido e carente de orientação.

Hercules Satinov

Passava muito da meia-noite em Samarkand e, na casa de paredes vermelhas de Satinov, as baratas manobravam pelo chão com tanta confiança como tanques numa parada da Praça Vermelha.

Satinov pousou a caneta e chamou os guardas. A carta seria despachada de imediato para onde quer que Estaline estivesse.

Só esperava que não fosse demasiado tarde.

## CINQUENTA E CINCO

Enquanto o comboio acelerava através dos prados ondulados verde-esmeralda e dos campos de batalha devastados da Bielorrússia, Serafima repousava no seu compartimento de luxo a ver bétulas erguer-se elegantes numa parada prateada, aldeias arruinadas, tanques enegrecidos e fila após fila de camiões esqueléticos. Por vezes, mulheres esfomeadas de olhos selvagens, mais como espantalhos do que pessoas, corriam ao lado do comboio, de dedos amarelos estendidos por uma migalha de comida.

Serafima recostou-se no assento, imaginando Frank à espera dela na plataforma da Gare de L'Est, em Paris, a executar aquela continência de dois dedos que lhe derretia sempre o coração. Traria flores? O que é que duas pessoas que estão prestes a embarcar numa vida nova dizem uma à outra? Nada disto importava, porque eles amavam-se.

Não conseguia imaginar como seria Nova Iorque. Sabia que, depois de alguns meses na Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros em Paris, Frank a levaria para a sua casa em Manhattan. Fechou os olhos e tentou rever imagens de filmes americanos na cabeça, mas depois parou. A única coisa que importava era ver o seu querido Frank, beijá-lo, abraçá-lo, ser mulher dele. Recordou o momento em que se tinham conhecido no Bolshoi, a primeira vez que tinham feito amor, a forma como ele contornava a sua pele de cobra e a fazia sentir que era o mais belo talismã de amor que o mundo alguma vez conhecera. Lembrou-se dos disparos na ponte, que julgara marcarem o fim do seu romance; a sua detenção por Abakumov; a cela de prisão em Lubianka; a insistência da mãe em que atrasasse a partida para que ela pudesse conseguir aquele papel e o seu próprio desconforto ao concordar; o terrível momento em que o visto foi recusado; o milagre de como Estaline olhara para Frank e tornara tudo possível.

– Só faltam quinze minutos para Minsk – disse o camareiro dela. – Quer *chai*? Limonada? Sumo? Vinho? *Champagnski*?

– Sim. Chá, por favor.

O comboio já estava a travar para a chegada a Minsk, quando ele trouxe o chá num bule de porcelana e o serviu com um guardanapo no braço. Deu-lhe a chávena de chá num pires, como se, pensou Serafima, estivessem na sala de visitas de um duque inglês.

Olhou pela janela. Viu os subúrbios destruídos de Minsk enquanto bebia o chá e reparou numa casa a que faltavam todas as paredes mas que ainda continha todas as camas e mesas, brinquedos e livros da sua família desaparecida. Onde estará agora aquela família? Foi o seu último pensamento antes de o mundo começar a girar em círculos vertiginosos, cada vez mais rápidos, roubando a força aos seus músculos. Vagamente, ouviu a chávena de chá desfazer-se em cacos enquanto a sua cabeça tombava para a frente, e o sono caía suavemente sobre ela como um capuz de veludo negro.

Satinov dormia quando o telefone começou a tocar. Passavam algumas horas da meia-noite, mas ainda assim atendeu-o.

– Camarada Satinov?

– Sim.

– O camarada Estaline quer falar consigo.

Vibrações na linha ressoaram ao longo dos cabos que atravessavam estepes e desertos.

– *Bicho!* Rapaz! Estás ocupado aí? – Era *ele*.

– Camarada Estaline, saudações bolcheviques.

– Se não estiver a interromper o teu trabalho sobre a colheita de açúcar, tens tempo para falar?

– Sim, camarada Estaline.

– Hercules, foste reeleito secretário do Partido e vice-presidente do Conselho de Ministros.

Um suspiro de alívio. – Obrigado, camarada Estaline.

– O Partido é sempre justo, Hercules. O camarada Estaline é sempre correto. Vem visitar um velho que sabe cultivar os melhores tomates da Geórgia e podemos cantar o «Suliko» na varanda, à noite. Lembras-te?

- Sim, sim, claro.
- Sem ressentimentos, hein?
- Nenhum.
- Há demasiados informadores neste país. Demasiados carneirinhos! Mas tudo tem de ser verificado.
- A vigilância é o nosso primeiro dever.

Satinov apercebeu-se de que, embora tivesse sido torturado, Losha não o traía. Mas ele *soubera* do caso com Dashka, daí ter mencionado a Prússia e Berlim: para dizer a Satinov que sabia e preferia morrer a falar. Satinov engoliu o súbito nó na garganta. Nunca tivera melhor amigo do que Losha. Mas sabia que Losha nunca escaparia vivo.

– Passemos então aos negócios – disse Estaline. – O Molotov deu mostras de uma insubordinação arrogante. Vai a Moscovo. Aplica uma reprimenda severa. E mais uma coisa. Supervisionas a Saúde?

– Se assim desejar, camarada Estaline.

– Precisamos de um ministro novo. Aquela médica não resultou, estão a investigá-la. E aquele marido dela, que trapalhão. Vai um avião a caminho.

O telefone desligou-se e Satinov ficou meio sentado meio agachado na beira da cama, a fitar a escuridão enquanto absorvia esta notícia. «Aquela médica... investigá-la.» O feitiço lançado pela benevolência de Estaline foi perturbado pela sua ansiedade confusa em relação a Dashka. O que fizera ele?

Pneus a derrapar e portas a bater; o caminho de entrada foi iluminado e homens fardados acendiam as luzes da casa. O coronel Osipov, que algumas semanas antes o informara da sua queda, entrou no quarto.

– Vamos, camarada Satinov – disse, abanando-o como se estivesse a acordar uma criança. – A manhã chega cedo para os afortunados.

Primeiro dia do período de inverno na Escola 801.

Muitas crianças haviam partido e a diretora Kapitolina Medvedeva orgulhava-se de a maioria ter passado para a Universidade de Moscovo e algumas terem conseguido entrar no prestigiado Instituto de Línguas Estrangeiras. Enquanto aguardava, naquela manhã de setembro, junto às Portas Douradas, que os pais e as crianças chegassem, reparou pelo canto

do olho que Innokenty Rimm, como ela sugerira, se tinha colocado atrás dela, para apressar a entrada das crianças na escola e evitar uma fila longa.

– Está tudo pronto, tal como pediu, camarada diretora – disse Rimm.

– Muito bem, camarada Rimm. – Agora, podia finalmente permitir-se alguma satisfação por estar de volta ao trabalho que adorava, embora soubesse que só uma coisa a salvara do horrível destino que atingira o seu colega Golden.

Depois de ouvir as graves acusações contra si no tribunal do Setor de Educação do Comité Central, Medvedeva dissera: – Inspetores, camaradas. Posso falar? Isto diz respeito a uma mensagem das mais altas autoridades que, julgo, acharão relevante para o meu caso.

E entregara-lhes um pedaço de papel com rabiscos a lápis vermelho: *Para a professora Medvedeva. A Svetlana sabe muito de História. O Partido aprecia os bons professores. J. Est.*

Sim, Svetlana Estalina adorava História e, numa manhã de neve em 1938, a menina das sardas e do cabelo ruivo chegara à aula com um bilhete que entregara à sua professora favorita.

Kapitolina não falara do bilhete a ninguém, e não o mostrara a ninguém. Mas este pedaço sagrado de papel salvara-a.

As limusinas estavam a chegar. E ali estava o camarada Satinov a chegar com a filha Mariko. Parecia mais escuro e mais magro do que antes, e as rugas do seu rosto estavam mais vincadas.

– Bom dia, camarada Satinov – disse Kapitolina Medvedeva. – Bem-vindo a mais um período na Escola 801.

## PARTE CINCO

### *Serafima*

*Ela viu tudo. Em desolação,  
A rapariga simples que ele antes conhecera,  
Que sonhara e amara, de súbito renascera.*

Alexander Pushkin, *Eugene Onegin*

## CINQUENTA E SEIS

*Dezembro de 1953*

Aproxima-te senão não vês. Aproxima-te demasiado e eles veem-te.

Estação de Yaroslavsky a meia-luz: um salão gelado de luzes trémulas, na escuridão de um inverno moscovita, pelo qual passam rapidamente silhuetas encapuzadas e meios rostos escondidos pelos chapéus, lenços e sobretudos daqueles que aguardam. Alguns deles estão à espera deste momento há muito tempo.

O comboio aparece: dois pequenos pontos de luz, à medida que entra serpenteante na estação.

A multidão lança-se para a frente. Algumas pessoas colocam-se na beira da plataforma, prontas a dar as boas-vindas. Outras – que sabem o que esperar ou que esperam ficar desiludidas, ou aquelas que não querem ser reconhecidas – ficam para trás. Ninguém se atreve a falar mais alto do que um sussurro, pelo que a estação, com o seu alto teto barroco, sibila como uma catedral de espíritos. Apenas as nuvens geladas da respiração, e o cinzento-azulado do fumo de cigarro, confirmam que estão sequer a falar. Todos estão unidos por um sentido de emoção restringida; todos estão alegres mas temerosos, pelo que se conseguem pressentir as pulsações e a respiração rápida que os seus casacos e lenços ocultam.

Para aqueles que ficam para trás, é agora difícil ver alguma coisa entre as colunas de vapor. Têm de se obrigar a avançar para não perder os amigos e a família que regressam dos infames *gulags* de Pechora e Norilsk, naquele longínquo Círculo Polar Ártico de Hades.

Olha – ali estão eles! Descem figuras do comboio, transportando as suas malas de tapeçaria, trouxas e malas de pele gastas. Têm os rostos amarelos e abatidos, e no entanto parecem tão ansiosos e assustados como aqueles

que vieram recebê-los. Alguns abraçam; alguns choram; outros procuram entes queridos que não sobreviveram à longa espera e não estão ali.

Olha, ali! Ali está um rosto conhecido. É ela? Não, não podia ser, mas... Ou ali?

Duas mulheres descem do comboio, ajudando-se: uma é mais velha, outra mais nova. Ambas envelheceram, e no entanto estão conservadas como o pergaminho se conserva no mundo infernal dos *gulags*. É ela? Sim, inconfundivelmente, ali estão os seus olhos escuros e a boca travessa, embora os lábios pareçam muito mais finos. Veste uma gabardine informe e muito remendada e um chapéu de coelho gasto, e está a ajudar a amiga, que é muito mais alta e está ainda mais desalinhada, com a sua pequena mala creme, presa por finos pedaços de corda. E quando se voltam para espreitar para a plataforma e ver quem terá vindo recebê-las... sim, são elas. Dashka Dorova e Serafima Romashkina, regressadas para viver num mundo em que tanto mudou; em que Estaline está morto e Beria foi executado; em que alguns campos estão a ser fechados e muitos prisioneiros são libertados.

Descem lentamente a plataforma, com os rostos a luzir e depois escurecer aos candeeiros ocasionais, por vezes desaparecendo no vapor e ressurgindo, com finas espirais de vapor a envolvê-las como capas, nascidas e renascidas uma e outra vez. Agora caminham mais rápido, de rostos erguidos e lábios ligeiramente abertos, Dashka e Serafima, de mãos dadas em busca de força.

Ele aproxima-se para ver quem veio recebê-las; vê-as aproximar-se de uma meia-lua compacta de famílias expectantes, e nota que abrandam, esperando e temendo. O rosto dela está penosamente magro e fulvo, pensa ele com uma pontada de dor, lembrando-se da sua escuridão densa e pesada.

Ela está a abraçar Serafima – parecem tão chegadas – e depois Serafima vai para um lado e Dashka para o outro.

Ele segue Dashka. E agora ela está a apontar e a largar a mala e a abrir os braços e o rosto dela está a perder anos e ela está a sorrir, e é como se a manhã viesse mais cedo e os raios ocre de um sol nascente estivessem a iluminar e a aquecer a tristeza daquela estação gelada. Sem hesitação, os músculos das pernas dele preparam-se para a corrida, para a alcançar primeiro, para que ela saiba que ainda é amada e nunca deixou de o ser.

Será que ela sabe disso? Terá pensado nele? De repente, tudo o que ele quer é beijar-lhe o rosto, os olhos, os lábios, contar-lhe tantas coisas, conversar como se mais ninguém estivesse presente, ouvir as histórias dos campos, descobrir se o Académico Almaz está vivo, dizer-lhe que sempre a amou.

Não te aproximes nem mais um passo, diz a si mesmo. Baixa o chapéu. Recua para as sombras. Pois agora consegue ver quem Dashka está a cumprimentar: a luz incidiu sobre Genrikh Dorov, mas este é um Genrikh Dorov novo, quase irreconhecível. Parece mais cheio no rosto, tem a pele rosada, até o seu cabelo branco parece mais farto. Divorciou-se de Dashka quando ela foi presa em 1945. Na hierarquia daquele mundo sistematizado, era o que se fazia. A alternativa seria provavelmente a morte.

Genrikh, banido de visitar Moscovo, veio recebê-la. Podia ser preso só por estar ali e, no entanto, pela primeira vez na sua vida, violou uma regra do Partido para a fazer sentir-se amada depois de tudo por que passou. Lágrimas acumulam-se-lhe nos olhos enquanto vê isto. Sente-se grato por ela ser recebida e acarinhada como merece. É por isso que ele está ali, não é? Mas na verdade, está amargamente desiludido; sente-se de algum modo rejeitado.

Genrikh abraça Dashka e ele percebe que estão a falar. Agora, ela vai descobrir que, no dia da morte de Estaline, os líderes destituíram Genrikh pelos seus «excessos» e o exilaram nas províncias. O poder tinha-o envenenado e, no entanto, a desgraça parece tê-lo rejuvenescido.

O que diz ela? «Onde está o Senka?» E Genrikh responde: «O Senka está à espera com os outros. Já é um homem. Está ansioso por te ver. Não houve um dia em que não falássemos de ti...»

A multidão avança. Puxa o chapéu para baixo. Desaparece nas sombras como se nunca tivesse estado ali. Sai para a rua e recompõe-te; descartando esta visão de fantasmas, negando este ato de existência quixotesca, regressa a Tamriko e ao lar estável e satisfeito que fizeram juntos.

## CINQUENTA E SETE

Fora Dashka quem lhe salvara a vida. Oito anos antes, quando embarcara no comboio que a levaria a Paris, e à sua nova vida, o futuro dela com Frank parecera um sonho tornado realidade.

E então acordara e dera por si de volta a Lubianka, quando o efeito das drogas passou. A viagem de comboio, a partida, a permissão para sair do país – tudo fora prometido aos americanos. Agora, a sua doença súbita significava que não podia viajar até estar melhor de saúde. Mais tarde, apercebeu-se de que a sua tragédia pessoal era um sintoma do declínio da relação de Estaline com os americanos, e de que nunca voltaria a haver uma oportunidade de pedir semelhante favor nem a boa vontade para o conceder.

Dez anos, ao abrigo do artigo 158, por espiar para uma potência estrangeira (por outras palavras, associar-se a um americano, ainda que não por conspiração para derrubar o Estado soviético, crime pelo qual teria recebido uma sentença de morte ou vinte e cinco anos): foi só então que finalmente começou a perceber o motivo por trás do seu interrogatório. O coronel Komarov explicou que ela já não estava sob suspeita por dirigir a conspiração dos Românticos Fatais. Fora o professor dela, Benya Golden, quem ditara aquela pérfida conspiração judaico-trotstkista-americana ao débil Nikolasha Blagov, por estar apaixonado por ela.

– Mas isso não é verdade – protestara Serafima.

– Queres mais dez anos por nos mentires? – respondeu Komarov. – Basta confirmares o testemunho dele e acaba-se o Caso das Crianças.

– O que lhe vai acontecer?

Komarov desenhou uma linha a cruzar-lhe o pescoço, e Serafima percebeu que Benya Golden se sacrificara, não só por ela, mas também para libertar todas as crianças a quem dera aulas na Escola 801.

Era um milagre ela ter sobrevivido à viagem de comboio até Pechora e Norilsk, ao contrário das pessoas que morriam e cujos corpos viu serem lançados de carruagens em movimento, um pouco como os escravos que em breve veria a labutar no corte de madeira e na construção da via-férrea sob todo o tipo de clima, e que morriam com os nevões, repousando congelados nos seus túmulos brancos até surgirem, perfeitamente conservados, na primavera.

Quando chegou a Pechora, foi destacada para trabalhar no derrube de árvores, mas, passados alguns dias, as noites sem dormir nas cabanas, as rações de fome e o esforço físico esgotante originaram uma febre tão grave que a deixou às portas da morte. Jazia no seu dormitório e considerava as ofertas maliciosas de guardas do campo e criminosos tatuados para se tornar sua amante. De que outro modo podia sobreviver? Mas a verdade era que não queria sobreviver; esperava perecer de desgosto, se não de subnutrição ou febre. Porquê viver? A morte dela seria a sua prenda de casamento para Frank, não menos romântica e sagrada por ele nunca vir a saber dela.

Por algum motivo, foi parar ao sanatório, uma cabana com alguns colchões ensanguentados e sem medicamentos; tinha um cadáver a seu lado, com a boca aberta num último grito silencioso. Não havia médicos. Oscilava entre o sono e a espartina – até que um dia abriu os olhos.

– Vais sobreviver, Serafimochka – disse uma voz conhecida. E ali estava Dashka Dorova a sorrir-lhe, e Serafima pensou se estaria no Céu, a olhar de cima para as Portas Douradas da Escola 801 com George e Minka e Senka.

– Dra. Dorova, o que faz aqui? Foi denunciada por alguma coisa?

– Isso é a única coisa de que nós, *zeks*, nunca falamos aqui. Mas a verdade é que não sei. Ouve, querida, eles pediram-me para montar um hospital, para os guardas também, claro, e – debruçou-se sobre Serafima e sussurrou – eu falei-lhes da tua formação de enfermeira. Percebeste, meu anjo? Preciso de ti.

E assim foi que, durante os anos seguintes, Dashka Dorova pressionou incansavelmente as autoridades do MVD para conseguir alguns medicamentos básicos e camas, e para que quaisquer médicos ou

enfermeiras no campo lhe fossem confiados, salvando-a a ela, Serafima, e às vidas de muitos outros ao mesmo tempo.

Gradualmente, as duas mulheres começaram a confiar uma na outra. Enquanto fumavam cigarros, falavam muitas vezes pela noite dentro sobre o Caso das Crianças; e o que tudo aquilo significara; e o contributo da própria Serafima, ao encorajar as representações teatrais dos Românticos Fatais, na esperança de que aquele mundo fantástico de poesia e romance desviasse a atenção dos colegas de si e do seu segredo.

De início, Serafima consolava-se recitando «O Talismã», olhando para o azul do céu todos os dias e dizendo a si mesma que nunca deixaria de amar Frank, e que um dia iriam ficar juntos, acontecesse o que acontecesse. Ao longo das muitas horas, anos até, em que ela e Dashka fumaram e beberam *arak* arménio – no verão, atormentadas por nuvens de mosquitos no alpendre da cabana delas, no inverno à volta do fogo, envoltas pela noite perpétua do Ártico, dias que eram dominados pelos pequenos triunfos, as contendas violentas e os perigos fatais da vida no campo –, Dashka falou sobre os filhos, e acima de tudo o seu Senka, cujas cartas lia e relia e quase memorizou. Paciente, Dashka ouvia os discursos de amor e mágoa de Serafima, sem lhe dizer o que devia fazer. Mas guiou-a pouco a pouco para uma nova perceção, uma nova Serafima. – Cada história de amor é um *requiem* – disse-lhe. Uma noite, Serafima fitou-a, de olhos selvagens.

– Ele nunca mais vai voltar – disse. – Nunca mais vou voltar a encontrá-lo. Foi tudo um sonho que nunca se poderia ter concretizado. E passei todos estes anos a viver esta mentira.

Levantou-se, abriu a porta da cabana de rompante e saiu a correr para a neve. – Onde quer que estejas, Frank, liberto-te. Sê livre! – gritou para a abóbada azul de estrelas. – Adeus, meu amor!

– Volta para dentro, rapariga! – ordenou Dashka da entrada de madeira.

– Ele ouve-me na América? Consegues ouvir-me, Frank? Agora sou um fantasma para ti e não espero resposta. Mas quero que vivas a tua vida e sejas feliz.

– Chiu! Vais chamar a atenção dos guardas e acordar os doentes e nem sequer tens um casaco vestido, sua tontinha. Entra! – Dashka aventurou-se a sair para a neve de chinelos de pele para agarrar em Serafima e a puxar de volta para dentro.

– Sentes-te melhor, querida Serafimochka? – perguntou-lhe quando estavam de novo sentadas junto à lareira. – Fizeste o mais acertado. Agora serás mais feliz e mais forte para aguentar esta tua nova vida.

Serafima pegou na mão de Dashka. – Obrigada por toda a sua paciência.

– Terás sempre as cicatrizes – disse Dashka. – Os cirurgiões nunca conseguem retirar os estilhaços. Ficam no teu corpo para sempre, quase esquecidos até que um dia sofres um abanão e eles provocam-te uma pontada de agonia que te faz berrar. Mas sobrevives, prometo-to.

Não pela primeira vez, Serafima sentiu-se intrigada por Dashka. Respeitava-a como ex-ministra e médica, mas era uma pessoa muito reservada, um enigma, aparentemente tão dura. Há muito ofuscada pela luminosidade de Dashka, viu que também havia sombra ali.

– Fala como quem já viveu uma experiência semelhante.

Dashka inalou o cigarro e olhou para o fogo. – O que importa não é quem *tu* amas, mas *quem* te ama a ti.

Agora, oito anos mais tarde, Serafima despedia-se de Dashka na Estação de Yaroslavsky e observava o marido desta a recebê-la. Como tantos outros, Serafima não pudera enviar uma mensagem aos pais, mas procurou avidamente entre a multidão de rostos para ver se alguém viera recebê-la. Algumas famílias haviam sido notificadas; outras não sabiam quando é que os seus entes queridos regressariam. Estava prestes a sair para a rua e acenar a um táxi para a levar ao apartamento dos pais, quando viu um rosto conhecido com um sorriso tímido.

– Andrei? És tu? – perguntou, subitamente encantada por vê-lo.

– Sim – respondeu Andrei Kurbsky. Ainda era bonito, com aquele seu ar saudável, mas estava muito mais andrajoso. – Estou tão feliz por te ver.

– Quem é que vieste buscar?

– Vim-te buscar a ti, claro.

– Mas como é que soubeste que eu vinha neste comboio?

– Não sabia.

– Que sorte termo-nos cruzado.

– Não foi bem sorte. Não me agradava a ideia de não estar aqui ninguém quando regressasses.

– Como é que soubeste que íamos ser libertados agora?

– A tua mãe disse-me que estavas em Pechora. Eu pedi um favor e consegui saber que seria este mês.

– Este mês? Mas isso significa...

Andrei sorriu e ajustou os óculos pesados, corando um pouco. – Sim, esperei por todos os comboios.

– Todas as noites?

– Sim. Não é assim tão mau... Trago um livro e fumo uns cigarros e, às vezes, aqueço-me com um bocadinho de *vodka*. Ah, toma, tenho aqui um bocado para ti. – Andrei passou-lhe um pequeno cantil e ela deu um gole.

A *vodka* traçou o seu caminho ardente pela garganta dela.

– Obrigada, Andryusha! – Ela bebeu outro *shot*. – Não tenho mais ninguém à minha espera. Não tenho de estar em lado nenhum...

– Eu sei – disse ele. – Por isso é que estou aqui.

Ocorreu-lhe então que ele sempre a devia ter amado, mesmo quando não era certo que estivesse viva ou que alguma vez regressasse. Também percebeu que ele não sabia quanta dessa devoção havia de revelar, temendo afugentá-la.

– Mas tu nunca escreveste... Nunca soube – disse ela.

– Como é que eu podia dizer-te? – perguntou ele. – Não sabia onde começar.

Ela levou os dedos ao rosto. – Estou com muito mau aspeto. Já fui um bocadinho atraente, mas agora devo parecer uma espécie de bruxa.

– Não para mim – disse Andrei, de repente. – Sempre foste completamente tu própria e, agora, é-lo ainda mais. Provavelmente, esqueceste-te de que me fui despedir de ti ao comboio no dia em que partiste para te casares no Ocidente. Disse a mim mesmo na altura que viria esperar o comboio se alguma vez regressasses.

– Sim, vieste despedir-te – disse Serafima, lembrando-se do rosto dele quando o comboio partia. Não pensara nele uma única vez em oito anos, mas agora era acalentada pela sensação de que Andrei estivera consigo mesmo nessa altura, e de que, de algum modo, ela o conhecera bem durante muito tempo. – Está frio aqui, não está? Estou a tremer.

Ele pegou-lhe na mala. – Posso? Suponho que queiras ir para casa dos teus pais, mas – ele perscrutou-lhe o rosto – eu tenho um pequeno apartamento, e está quente e cheio de livros e...

Enquanto ele abria caminho através da multidão até à rua onde o carro estava estacionado, Serafima seguiu-o com lágrimas a correr-lhe pelo rosto; chorava não só de gratidão pela bondade dele, mas também porque só naquele preciso segundo é que estava realmente a desligar-se de Frank Belman. Era o fim da sua vida antiga e o começo de uma nova com Andrei Kurbsky.

Ao passar pelos arcos da estação, viu um homem alto nas sombras. Por entre a névoa das suas lágrimas, avistou um rosto que lhe fez lembrar Hercules Satinov. Mas não podia ser ele: agora, era mais importante do que nunca, por isso o que estaria a fazer ali? Puxando o chapéu preto para baixo, o homem desapareceu noite dentro e, quando Serafima pestanejou, ele já não estava lá.

# EPÍLOGO

1973

Os guardas telefonaram do posto de controlo do edificio Granovsky. – O convidado está a subir, camarada marechal.

– Obrigado – disse Satinov. A meio dos setenta, mas tão magro como um homem muito mais novo, olhou para o relógio. Eram sete da manhã; Tamriko estava na *dacha* com Mariko, que nunca se casara, e uma delegação americana estava em Moscovo para negociar um tratado de limitação de armas, portanto ele, enquanto ministro da Defesa, estivera ocupado a receber os ocidentais no Bolshoi e num banquete até de madrugada. Quando finalmente chegou a casa, o telefone tocava. Satinov ouvira atentamente.

– Está bem – disse. – Venha de manhã cedo.

Portanto, estava à espera desta visita – mas mal dormira, imaginando o que poderia significar.

Então, levantou-se e atravessou a sala de estar com o lustre, ciente de que, naquela época de Nixon e Brezhnev, já não havia um retrato em tamanho real de Estaline na parede; em vez disso, havia um seu com a farda de marechal. Desceu o cintilante corredor de parquê até à porta de casa, hesitou por um segundo, abriu a porta – e arquejou de choque.

\*

Serafima Kurbskaya estava sentada no seu apartamento forrado de livros nos Lagos do Patriarca.

– Recebi um telefonema – disse ao marido, de pé, à entrada, a observá-la.

– Eu sei.

– Era da Embaixada Americana. Querem que me encontre com alguém.

– Foi o que pensei.

– Como é que sabias?

– Sempre esperei esse telefonema – disse Andrei – e vi por acaso o nome dele no *Pravda*. Está à frente da delegação americana.

– Não disse que ia.

– Queres ir?

– Não me importo de não ir. Não quero que isso te preocupe.

– Mas queres voltar a vê-lo?

– Acho que quero.

– Então tens de ir. Serafima?

– Sim.

– Eu devo-te isto. E se ainda tens sentimentos...

– Oh, Andrei. Tu não me deves nada. Eu é que te devo muito. Vinte anos felizes. Temos os nossos filhos, os nossos livros, a poesia, o teatro.

Andrei aproximou-se, sentou-se a seu lado e pegou-lhe na mão. Ela notou quão pálido estava. – Não falámos disto, mas, quando andávamos na escola, eu... eu fiz uma coisa de que sempre me arrependi. Quando li o Livro de Veludo do Nikolasha, fiquei preocupado com as opiniões antipartido dele. Senti que devia mostrar a minha lealdade. Informei os Órgãos de que o Nikolasha andava a propagar ideias antissoviéticas. Foi-me atribuído um supervisor com quem me encontrava em apartamentos seguros. Escrevi relatórios. Concordei em vigiar pessoas para os Órgãos, para me proteger a mim e à minha mãe, uma espécie de seguro de vida depois de tudo por que tínhamos passado. Mesmo na altura, amava-te tanto, que tentei fazer o mínimo mal possível, mas... mesmo assim... Quando penso no passado, deitado ao teu lado à noite... – Andrei levantou-se, caminhou até ao outro lado da sala, limpou os óculos e, depois, voltou a sentar-se ao lado dela. – Fui eu quem lhes contou que ias à Casa do Livro todas as tardes, e agora pergunto-me se não terei contribuído para que eles soubessem de ti e do Frank Belman.

Serafima pôs a cabeça no ombro dele. – Eu sabia que trabalhavas para os Órgãos. Percebi isso na minha cela em Lubianka. Tive muito tempo. E, quando regresssei dos *gulags*, sabias em que comboio eu viria porque pediste ao teu supervisor do KGB para te dizer. – Fez uma pausa. – Querido Andryusha, nunca te recriminei por isso. Sei que tu, como milhões de pessoas, não tiveste escolha, sobretudo quando andávamos na escola. *Tinhas* de proteger a tua mãe. És boa pessoa. És meu.

Andrei suspirou; depois, abraçou-a. – Obrigado, mas, mesmo assim, gostava de te levar ao encontro dele e quero que sejas livre de fazer o que quiseres e ir para onde quiseres. Tive tanta sorte em te ter estes anos todos. Agora, é a minha vez de te compensar.

– Lamento imenso – disse Satinov para a porta aberta, limpando a testa.  
– Por um segundo, parecia mesmo...

– A minha mãe?

– Sim. Desculpe, professor Dorov, estou a ficar velho.

– Suponho que ela tinha a minha idade, cerca de quarenta, quando a conheceu.

– Sim. – Satinov voltou-se e indicou a sua sala de estar. – Entre, por favor.

Quando estavam ambos sentados, Senka Dorov, que tinha olhos escuros e algumas sardas nas faces, cabelo escuro farto e uma dentição completa com um sorriso ligeiramente travesso, estudou a sala grandiosa. O retrato gigante do seu distinto anfitrião, a lareira a arder e o lustre fizeram-lhe lembrar a sua infância, quando ambos os pais eram membros da liderança. Uma criada trouxe chá.

– Em que posso ajudá-lo? – perguntou Satinov.

– Vou direto ao assunto, se não se importa – respondeu Senka. – A minha mãe morreu há dois dias.

A notícia foi um soco no plexo solar de Satinov. – Lamento imenso.

– Morreu de cancro em Pyatogorsk, onde os meus pais viviam desde que se reformaram. Estava doente há algum tempo. – Senka fez uma pausa. – Pediu-me para lhe entregar um embrulho pessoalmente.

– Obrigado. Quando era criança, o Senka era o mais próximo da sua mãe.

– Continuámos a ser próximos. Mesmo até ao fim. Já não a via há muito tempo, não é verdade?

– Não, não desde 1945. É mesmo muito parecido com ela, Senka, tal como quando era criança, o Pequeno Professor.

– Mas conheceu-a bem. – Não era bem uma pergunta.

– De certo modo. – Satinov nunca se arrependera de ficar com Tamriko, tal como nunca considerara deixá-la. Depois do seu caso com Dashka,

regressara e tornara-se o homem que era antes – à superfície, pelo menos. A vida rígida da elite continuou sob o governo de Estaline e dos seus sucessores, e toda a gente o tratava como se ainda fosse a mesma entidade fria e reticente. No entanto, durante todo aquele tempo, Dashka existira na sua vida como uma daquelas bombas não detonadas da Luftwaffe que por vezes se encontravam, enterradas no fundo do jardim de alguém mas ainda capazes de destruir o bairro todo. Ao longo dos anos, apercebera-se de que fizera figura de parvo com Dashka – e, no entanto, era uma parvoíce que estimaria para toda a vida.

– Bom, isto é o que ela me pediu para lhe entregar – disse Senka acanhado, estendendo um embrulho de papel pardo entrecruzado com fio.  
– Pronto! Dever cumprido!

– Obrigado mais uma vez. – Satinov sabia que o seu rosto estava inexpressivo. Afinal, esconder os sentimentos era-lhe quase natural.

– Antes de ir, camarada Satinov, posso fazer-lhe uma pergunta? A prisão da minha mãe foi um grande golpe para mim quando era criança. Mas nunca percebi bem *porque* foi presa. O senhor estava na liderança na altura. Soube de alguma coisa?

– Nem nós sabíamos tudo. Só víamos o que Estaline queria que vissemos.

– Então sabe que ela foi presa por falta de vigilância com segredos do Estado e por ser cúmplice de um Inimigo do Povo. Foi mencionada de novo na Conspiração dos Médicos por planear assassinar medicamente alguns dos líderes, e se Estaline não tivesse morrido...

– Teria sido executada.

– Sim. Ela pensava que tinha escapado por sorte. Mas poderia ter sido alguma coisa relacionada com o meu pai?

– Possivelmente. O Estaline prendeu as mulheres do Molotov, do Kalinin e do Poskrebyshev.

– Bom, o meu pai já morreu há vinte anos, e às vezes penso se a detenção dela não esteve ligada ao Caso das Crianças.

– Também é possível. Ela ajudou o Benya Golden a conseguir o emprego na escola. Sabia que andaram juntos na universidade em Odessa?

Senka inclinou a cabeça, e Satinov ficou mais uma vez impressionado com a semelhança dele com Dashka.

– E depois há isto – disse Senka. – Há uma coisa que sempre me incomodou. Poderia ter sido alguma coisa relacionada comigo?

Satinov pensou por um momento. – Diga-me – disse por fim. – A sua mãe alguma vez falou dos doentes dela em casa?

– Não. Por vezes sussurrava ao meu pai e eu ouvia um ou outro nome.

– Tais como?

– Bom, havia o Zhdanov, mas toda a gente sabia do problema cardíaco dele.

Satinov acenou em concordância. – O Senka sempre soube muito para uma criança, mas também era o Pequeno Professor.

O sorriso com que Senka lhe respondeu era a imagem do da mãe. – Porque é que pergunta se a minha mãe falava dos doentes dela?

– Só por curiosidade. Ela era tão discreta. – Satinov ofereceu-lhe um cigarro e pegou ele próprio num. – Deve ter sido uma experiência e tanto estar preso durante o Caso das Crianças, não?

– A sua Mariko era ainda mais nova.

– É verdade, mas ela esteve lá pouco tempo. O Senka passou muito mais tempo em Lubianka.

– Foi assustador, mas concentrei-me muito, embora fosse tão novo, em não meter os meus pais em sarilhos.

– Sabe que executámos o Komarov e o Likhachev, juntamente com o Abakumov, em 1954?

Uma expressão de repugnância cruzou o rosto sensível de Senka. O que mais seria de esperar de um intelectual liberal?, pensou Satinov.

– Eram rufias – disse. – Depois da morte do Estaline, li os vossos interrogatórios nos arquivos do KGB. Devo dizer que vos montaram uma armadilha terrível.

– Queriam que eu incriminasse os meus pais.

Satinov abanou a cabeça. – Os nossos Órgãos estavam cheios de elementos criminosos no tempo do Estaline.

Senka parecia ansioso. – Na altura, achei que a minha solução tinha funcionado. Mas, quando eles detiveram a minha mãe, já não senti tanta certeza. Quero saber se tive culpa pelo que lhe aconteceu a seguir.

Satinov ergueu-se e foi ao seu enorme cofre cromado. Abriu-o, tirou um monte de papéis e folheou-os. – Estive a olhar para isto no outro dia. E aqui está quão inteligente o Senka foi. Vê aqui? Depois do seu

testemunho: «Não prosseguir com acusações.» – Fez uma pausa. – Eu estava lá quando você saiu. Lembra-se?

– Lembro, muito claramente.

– Quando viu a sua mãe ali sentada na sala de espera, ficou tão entusiasmado. Conseguíamos ouvi-lo a falar sobre ela; tinha tanto orgulho nela!

Senka lançou a cabeça para trás, tal como Dashka. – É verdade!

Satinov estalou os dedos. – Mas depois disse outra coisa. Quase consigo ouvi-lo. O que foi?

– Bem, disse que a mamã era a melhor médica da Rússia.

– E que mais?

– Que todas as pessoas importantes a consultavam!

– Ah... foi isso – disse Satinov, recordando os seus dias no exílio, quando quase desejara mal a Dashka por o fazer amá-la tanto. Também houvera alturas em que ponderou se não fora pessoalmente responsável pela ruína dela. Agora, finalmente, Senka tinha resolvido tudo.

O que Senka não soubera era que, mesmo antes da Parada da Vitória, em junho de 1945, Poskrebyshev, o secretário de Estaline, marcara uma consulta com a mãe dele. Dissera-lhe que não era ele o doente. Em vez disso, levava-a a uma *dacha*, onde ela examinara Estaline, diagnosticara arteriosclerose e um pequeno ataque cardíaco, e aconselhara pelo menos três meses de descanso. Ciente de que a sua fragilidade era o único obstáculo para a supremacia, Estaline nunca mais a consultara. Os seus médicos eram as únicas pessoas no mundo que tinham algum poder sobre ele. Os diagnósticos deles eram a única ameaça ao seu poder.

Agora Satinov apercebia-se de que Senka, que tão eficazmente protegera a sua mamã, anunciara a uma sala cheia de chekistas: «Oh sim, ela é a melhor médica do mundo. Trata todas as pessoas importantes.» De boca em boca, isto chegara a Estaline. *Todas as pessoas importantes!* Todas? Estaline terá pensado: Terá ela falado sobre o seu doente mais importante? Isto era mais do que suficiente para a destruir. Daí a acusação «Má gestão de segredos de Estado».

Satinov suspirou; a sua artrite era dolorosa. Ele fora a única pessoa a quem Dashka contara. Ela não gerira mal segredos de Estado.

– Não pode ter sido isso, ou pode? – perguntou Senka, de novo ansioso.

– Não, de todo. Conseguiu sair dali sem dizer uma única coisa errada.

Senka descontraíu visivelmente e os seus olhos escuros cintilaram. – Que alívio – disse. – Obrigado. Agora tenho mesmo de ir embora.

Satinov levantou-se e estendeu a mão. – A sua mãe mandou algum recado para mim? Sobre o embrulho?

Senka perscrutou os olhos cinzentos de Satinov por um longo momento. – Não. Nada.

Satinov percebeu então que Senka sabia do amor dele pela mãe – e ficou contente. A história deles persistia.

De boné azul, Andrei conduzia um *Lada* bege pela rampa de entrada acima, em direção a uma feia *dacha* governamental, um pavilhão de caça em madeira que parecia um *chalet* suíço desproporcionado. Quatro limusinas *ZiL* estavam ali estacionadas, imponentes como barcas reais. Dois guarda-costas, espécimes do *Homo sovieticus*, com fatos demasiado apertados, grossas gravatas castanhas e penteados a cobrir a careca, desceram os degraus com a despreocupação masculina de homens do KGB em serviço. Andrei mostrou-lhes os bilhetes de identidade de ambos pela quarta vez naquela hora, e os guardas ladraram para uns *walkie-talkies*, devolveram-lhes a identificação e gesticularam na direção de Serafima.

Andrei contornou o carro para abrir a porta a Serafima. Observou-a a subir os degraus do *chalet*. Ao cimo das escadas, ela olhou para ele, sorriu-lhe e ergueu a mão num ligeiro aceno. Depois, entrou.

Ele ficou ali especado alguns minutos. O destino trouxera-lhe Serafima, e agora o casamento dele era incerto. Nikolasha e Rosa haviam morrido pela ilusão romântica: amor totalitário como melodrama desenfreado e posse desesperada, uma orquestra de trombetas e raios. Agora via claramente que a verdadeira poesia do amor era um rio sinuoso, uma acumulação de acidentes, o ímpeto dos detalhes.

Estendeu o braço para o chão do banco de trás e pegou num maço de trabalhos escolares. Apoiando-os no volante, começou a corrigi-los com uma caneta vermelha. Logo depois da morte de Estaline, a diretora Medvedeva contratara-o para dar aulas de Pushkin na Escola 801, onde era adorado por várias gerações de alunos pelo modo extravagante como dava vida a *Onegin*.

Sim, pensou Andrei Kurbsky, ele e Serafima deviam muito à generosidade clandestina de pessoas decentes que, mesmo na idade do gelo, tinham tido a coragem de espalhar o calor da bondade. Mas a sua dívida era sobretudo a Benya Golden, e não se limitava ao amor pela poesia. Tinham chamado Benya ao filho, e à filha Adele, segundo o verso de Pushkin que Benya recitara a Serafima. E Andrei começava sempre as aulas com as palavras de Benya: «Queridos amigos, estimados românticos e sonhadores melancólicos...»

Serafima foi conduzida através do pavilhão de caça até aos jardins, e daí até à orla do bosque de bétulas. Elegante, Frank Belman aguardava-a com um casaco de pelo de camelo, uma gravata *Hermès* às pintas, calças largas caquis e um par de *mocassins Gucci*. Voltou-se e dirigiu-se a ela, parando a um passo de distância. Ela não sabia o que esperava que ele fizesse – mas ele estendeu-lhe a mão com formalidade.

– Estou tão contente por teres vindo – disse. – Espero que não te importes por eu te ter contactado...

– Não, não fiquei surpreendida – disse Serafima. – Sabia que um dia voltaríamos a encontrar-nos.

– Estou a falar inglês porque sei que és professora de Inglês.

– Estás muito bem informado.

– Podemos dar um passeio pelo bosque? Inglês era a tua disciplina preferida, para além do Pushkin.

– Tens uma boa memória.

– Claro.

Ele parecia muito seguro, este príncipe da América capitalista, muito mais confiante do que o Frank jovem e balbuciante que recordava. Não sabia se restava alguma parte do *seu* Frank naquele estadista e milionário bronzeado e grisalho. Não há nada para mim aqui, pensou ela.

– Parece que foi há muito tempo – prosseguiu Frank.

– Sim. – Sentiu-se desiludida e, no entanto aliviada, por se aperceber de que queria ir para casa. Como podia acabar isto com delicadeza?

– Sabes que sou casado e tenho quatro filhos? – perguntou ele.

– Fico contente por ti.

– E tu?

– Sim, também sou casada e tenho dois filhos.

Ele acenou com a cabeça. – Estás maravilhosa.

– Pareces um autêntico plutocrata americano. – Forçou um sorriso. – Um daqueles vilões que aparecem na nossa propaganda! – Fez uma pausa. – Frank, estou contente por ter voltado a ver-te, estou mesmo, mas acho que devia ir embora agora.

Frank pareceu muito preocupado. – Disse alguma coisa errada? Há tanta coisa que quero perguntar-te.

Serafima recuou. – Eu sinto o mesmo. Há muito a dizer, mas na verdade não há nada. Por isso, se não te importares, vou embora agora.

Satinov fechou as portas do seu gabinete, onde tantos acontecimentos importantes da sua vida tinham decorrido. Naquela secretária, Estaline telefonara para lhe dizer que os nazis tinham invadido a União Soviética. Ali soubera que o seu filho Vanya fora morto. Naquele espelho veneziano vira-se a chorar por Dashka enquanto consolava Tamriko depois da detenção dos seus filhos. Ali Mariko tinha-lhe mostrado a sua Escola de Cadelas de Moscovo no dia em que saiu da prisão, Marlen apresentara os pais à sua noiva e George e a mulher tinham-lhe apresentado o seu filho bebé. Agora, estava sentado na sua cadeira de couro e olhava para o embrulho, que parecia ter um brilho ténue, como um candeeiro debaixo de uma espessa camada de gelo.

Cortou o fio, imaginando Dashka, com os seus dedos curtos e pulsos rechonchudos, de pele dourada, a fazer aqueles nós. Mais tarde, ele e Brezhnev iam negociar com os americanos a futura paz mundial. Mas, agora, só conseguia pensar na mulher que outrora amara tão profundamente. Lembrava-se de como, por muito tempo depois de Dashka ter partido, a sua vida com Tamara e as crianças parecera um navio privado de vento, e ele perguntara se aquilo seria a morte, até se aperceber de que aquela discreta serenidade era o princípio do seu regresso à felicidade...

Dentro do embrulho estavam uma farda verde, imaculadamente dobrada mas algo desbotada, um livro e uns objetos mais pequenos. Primeiro olhou para o livro: os *Contos Completos* de Chekhov, uma edição barata de 1945. Por instinto, abriu-o n'«A Senhora do Cãozinho» para ler a página

que ela uma vez lhe enviara, mas, quando chegou ao sítio, a página tinha desaparecido e só restava uma beira recortada. Era o mesmo livro que ela usara para lhe dizer que o amava – e guardara-o todos aqueles anos.

A seguir, pegou no uniforme, com as mãos a tremer tanto como quando pusera pela primeira vez as mãos no corpo dela e a despira gradualmente para poder tocar aquela pele quente. Levantou-se para conseguir examinar a farda e depois desdobrou-a pouco a pouco, no chão, como um corpo. Ali estavam a túnica cintada com a cruz vermelha e a insígnia do corpo médico, uma blusa verde, uma saia caqui, com a bainha um pouco mais subida do que era permitido pelos regulamentos, um par de meias pretas de seda, um par de botas simples do exército, uma boina azul – e, preso à lapela da túnica, um pequeno crachá da Cruz Vermelha. Olhou para cada peça, completamente espantado pelo cuidado investido naquele último presente, pela sensualidade da mulher que guardara tudo aquilo, e pela alegria infinita de saber que ela sempre o amara, aquele tempo todo.

De repente, ajoelhou-se e estendeu-se sobre a farda. Levou a blusa ao rosto e reconheceu o perfume dela, *Coty*, de há tantos anos.

– Olá, sou eu! – disse-lhe ela ao ouvido.

Não soube quanto tempo ficou ali deitado, a tentar controlar-se. Mas, passado algum tempo, levantou-se e sacudiu-se, foi até à lareira e lançou a roupa às chamas. Deixou a túnica para o fim. Desapertou o crachá médico e enfiou-o no bolso das calças. Enquanto levava a túnica aos lábios pela última vez, algo pesado caiu dela e ele olhou para baixo: era o estetoscópio de Dashka. Antiquado, de couro. Verificou se não restava nada na lareira, mas colocou o estetoscópio na secretária.

Bateram à porta: era o seu jovem ajudante.

– Partimos para a Embaixada Americana dentro de cinco minutos, camarada marechal.

– Muito bem – disse Satinov.

– A sua mulher e a sua filha já regressaram, camarada marechal.

– Obrigado.

Quando a porta se voltou a fechar, foi até ao enorme cofre no canto do gabinete, abriu-o e tirou a página amarelecida, arrancada há muito tempo de um conto de Chekhov. Abrindo o livro, juntou a página à sua beira rasgada, casando cada marca no papel com a outra metade. Depois, fechou o tomo bruscamente. Sorriu. A página e o livro estavam finalmente

reunidos – como ele e a senhora do cãozinho nunca tinham podido estar. Enfiou o livro na prateleira ao lado da sua secretária e ainda tinha a mão pousada nele quando Tamriko entrou no gabinete e o beijou.

Reparou logo no estetoscópio. – Isso é novo – disse. – Da guerra, talvez?

– Sim – disse ele –, é só uma coisa da guerra. Um veterano do corpo médico enviou-mo.

– Um veterano? – Ela lançou-lhe um olhar aguçado. – Vais ficar com ele?

– Posso? – perguntou ele.

– Sim, claro. Tens de ficar. É um objeto bonito. Uma recordação.

\*

– Adeus, Frank – disse Serafima, estendendo a mão com frieza.

– Adeus. – Ele também estendeu a mão. – Querida feiticeira. – Ela ficou paralisada. – Sabes que me lembro. De tudo – disse suavemente.

– Eu também. – Ela sorriu. – Então, vais gostar de saber que ensino Hemingway, Edith Wharton, Galsworthy...

Os nomes destes autores pareceram impressioná-lo tanto como a palavra «feiticeira» a impressionara a ela: desviou o olhar dela e o ar entre os dois pareceu mudar.

– O nosso código! – A voz dele enrouquecera. – Serafima, nunca me perdoei pela tua detenção e pelo tempo que passaste nos campos. Demorei anos a descobrir o que acontecera. Claro que não acreditei que tivesses adoecido no comboio, mas não podia fazer mais nada. Não podíamos falar com a tua família sem a pôr em perigo e tinha a consciência pesada por te ter estragado a vida. Só agora, com a *détente*, é que pude perguntar por ti. Graças a Deus sobreviveste, mas o que quero mesmo dizer é... – Fez uma pausa e pegou nas mãos dela. – ... perdoas-me pelo que aconteceu?

Serafima mal conseguia falar. – Não há nada a perdoar. Foste a maior bênção da minha vida. Ainda és. Sempre serás. – Ela olhou-o, lembrando-se de como ele a cumprimentava sempre com a sua característica continência de dois dedos, cheio de entusiasmo por voltar a vê-la. – Quando é que casaste?

– Mil novecentos e cinquenta e um. Esperei seis anos por ti.

– Ainda estava nos *gulags* nessa altura. – Imaginou o anel de noivado com diamantes no dedo de outra mulher, a mulher dele, a mãe dos seus filhos. No entanto, ela libertara-o naquela noite nevosa com Dashka. Ela, o fantasma, não tinha direito nenhum a ele.

– Sabes, muitas vezes ainda dou por mim a dizer em voz alta «Sinto a tua falta, amo-te, quero-te» – disse ele.

– Eu também – sussurrou ela. – Pensei em ti... pensei em ti todos os dias nos campos. Quando olhava para o Sol ao meio-dia e para a estrela polar à meia-noite.

– Não houve um dia em que não me tivesse lembrado de ti, Serafimochka.

– E eu de ti, Frank – disse ela. – Mas ambos somos casados e ambos temos famílias que amamos.

– Tens razão – disse ele, levando a mão ao bolso como se estivesse à procura de qualquer coisa. – Mas não achas que devíamos manter o contacto?

Ela pensou por um minuto e depois abanou a cabeça. – Não podemos voltar atrás, tu e eu. Mas quero que saibas que sempre te amarei, e isso nunca mudará.

– Sinto o mesmo – disse ele. – Mas quem me dera que estivéssemos de novo em 1945 e pudéssemos planear as nossas vidas juntos.

Continuaram a caminhar ao sol da tarde.

– Quanto tempo estiveste nos campos? – perguntou ele.

– Oito anos.

– Tanto tempo. Que horror. Como sobreviveste?

– Fui salva por uma amiga querida, uma médica, embora pensar em ti, lembrar-me do tempo que passámos juntos, também me ajudasse a sobreviver.

Frank fechou os olhos por um momento. – Os teus pais estão vivos?

– Sim. A minha mãe.

Ele abanou a cabeça. – Se não fosse ela, estaríamos juntos. Conseguiu o maldito papel no filme?

– Isso é que é estúpido – respondeu Serafima. – Ela nunca mais conseguiu papéis importantes. O Estaline decidiu que ela era demasiado judia.

– A tua mãe sentiu-se culpada em relação a ti, não?

– Por isto e pela queimadura quando eu era pequena, mas tentou desesperadamente redimir-se e fazer com que me libertassem.

– Como assim?

– Nunca contaria isto a mais ninguém, mas ela negociou com tudo o que tinha, primeiro com o Beria e depois com o Abakumov, para conquistar a minha liberdade.

– Queres dizer...? Céus. Pobre mulher.

– O Beria violentou-a, simplesmente, e depois veio-se a descobrir que já não dirigia os Órgãos, ao passo que o Abakumov a cortejou como um cavalheiro à moda antiga, mas ela cedeu demasiado tarde, pouco antes de também ele ser despedido e preso.

– Então ela ofereceu-se para nada? Mas ao mesmo tempo redimiou-se?

– Não tinha de o fazer, aos meus olhos, mas sim, suponho que se tenha redimido.

– Acho que devíamos voltar para trás – disse ele.

– Sim, temos de ir.

Ele começou a dizer alguma coisa, parou, e depois tentou de novo: – Antes de regressarmos, posso fazer uma coisa? Pensei nisto estes anos todos.

Serafima respirou rápido enquanto ele se aproximava dela. Assentiu com a cabeça. Iria ele beijá-la?

Pôs a mão na blusa dela, mesmo por cima da pele de cobra.

*Uma terna feiticeira*

*Deu-me o seu talismã.*

*E disse-me prazenteira...*

Recitou-o no seu russo perfeito, e Serafima respondeu:

*... Não deves perdê-lo.*

*O seu poder é infalível,*

*Foi o amor quem to deu.*

– Nunca o perdeste mesmo – disse ela em voz baixa, sentindo uma leveza apaixonada, exatamente como sentira enquanto jovem, quando ele tocou pela primeira vez a pele de cobra e fez amor com ela. Sentiu a sua pele a responder ao toque dele.

– Não – respondeu ele. – Porque foi uma feiticeira quem mo deu.

Regressaram de mãos dadas. Quando avistaram a casa, ele beijou-a na boca e ela devolveu o beijo.

– Beijar-te é exatamente como sempre foi – disse ela.

Serafima viu que ele tinha lágrimas nos olhos, por isso, para o deixar recuperar, caminhou os últimos metros sozinha. Subiu as escadas, atravessou a casa e saiu pelo outro lado em direção ao carro.

– Para onde queres que te leve? – perguntou Andrei quando ela entrou no carro. As mãos dele, reparou Serafima, batiam rapidamente no volante.

– Para casa, claro – respondeu. – Para onde havia de ser?

Mais tarde naquele dia, depois de muitas horas de negociação, o marechal Hercules Satinov e o embaixador Frank Belman passeavam juntos pelo bosque com a camaradagem e satisfação que advém da conclusão de um projeto depois de um esforço metuculoso e diligente. Ambos estavam cansados; Belman era muito mais jovem e reparou que Satinov caminhava com rigidez. Depois de falarem sobre o tempo, Satinov disse: – Espero, embaixador, que tenha encontrado o que queria esta manhã.

– Sim, marechal. Encontrei tudo o que queria encontrar.

Um silêncio, exceto as aves e os passos leves dos dois homens sobre um tapete de agulhas de pinheiro.

– Não pode pedir mais do que isso – disse Satinov. – Curar as feridas do passado.

Outra pausa.

– E o senhor? – perguntou Frank. – Disse que tinha recebido uma visita do seu passado.

– Sim – disse Satinov, olhando para o bosque. O tom era ponderado. – Revelou-se satisfatória.

– Não pode pedir mais do que isso – disse Frank, e levou a mão ao bolso para tocar no anel de diamantes que não dera a mais ninguém, que guardara todos aqueles anos, que trouxera para ela naquele dia.

– Quando penso em tudo o que aconteceu – disse Satinov –, acho que somos ambos homens afortunados.

– Tem razão – disse Frank, segurando o anel como que para lhe dar sorte. – Somos os mais afortunados de todos. Mas espero que também o senhor tenha conseguido curar as feridas do passado.

– Não havia nada para curar pela minha parte – disse Satinov bruscamente, e adiantou-se no caminho, brincando com qualquer coisa na mão. Frank achou que podiam ser contas antisstress, mas, quando o apanhou, viu que era um frágil crachá do corpo médico.

Uma lembrança da guerra.

# HISTÓRIA

## *Factos e Ficção*

As personagens principais deste romance – Satinov, Dashka, Serafima, Benya e Belman – foram completamente inventadas por mim. Este romance não é sobre poder, mas sim sobre a vida privada – acima de tudo, o amor. Decorre, porém, no seio da elite do Kremlin estalinista e isso significa que os dilemas habituais da vida familiar, as recompensas e perigos da paternidade, do adultério e da carreira, têm riscos mais altos do que se a história se passasse em Hampstead. Este romance vale por si só, mas algumas das personagens e das famílias surgem no meu romance anterior, *Sashenka: uma história épica de revolução, paixão e traição*.

É óbvio que alguns dos líderes, generais e agentes da polícia secreta soviéticos são baseados em pessoas verdadeiras e as características das suas personalidades, por vezes até as suas palavras, são fiéis. O meu objetivo é tornar o ambiente tão autêntico quanto possível, mas a piada disto é que é ficção.

Para quem estiver interessado na plausibilidade do enredo ou nas suas inspirações, o romance é muito levemente baseado em várias histórias verídicas.

Em 1943, duas crianças, ambas filhas de altos funcionários soviéticos, morreram num tiroteio na Kammeny Most. Nos seus cadernos, a polícia secreta encontrou planos fictícios para um governo. Os amigos delas, que abrangiam muitas crianças da elite, incluindo os filhos do membro do Politburo Anastas Mikoyan, foram detidos por suspeita de associação a uma conspiração antissoviética. A história completa aparece no meu livro *Estaline: a corte do czar vermelho*, e também nas memórias de Anastas Mikoyan, *Tak Bylo*, e do seu filho, *Stepan Anastasovich Mikoyan: An*

*Autobiography: Memoirs of Military Test-Flying and Life with the Kremlin's Élite.* Eu próprio entrevistei algumas das crianças em causa, incluindo Stepan e Sergo Mikoyan e o sobrinho de Estaline, Stan Redens. As crianças estiveram na prisão seis meses e só foram libertadas depois de assinar confissões. A pena foi seis meses de exílio na Ásia Central. Os Românticos Fatais e o Jogo foram totalmente inventados por mim.

Em 1944-45, o major Hugh Lunghi, da Embaixada Britânica, conheceu e apaixonou-se por uma rapariga russa com quem queria casar-se. Lunghi foi intérprete de Churchill durante as reuniões com Estaline nas conferências dos Três Grandes. Quando tentou sair da Rússia, a noiva dele foi envenenada no comboio e trazida de volta a Moscovo. Numa reunião pessoal com Estaline, o embaixador britânico pediu-lhe que deixasse a rapariga partir. Ele prometeu estudar o assunto. Contudo, a noiva nunca foi libertada. Em vez disso, foi detida por traição e condenada aos *gulags*. Lunghi só conseguiu voltar a contactá-la nos anos sessenta, quando ambos já estavam casados e felizes com outras pessoas.

Estaline insistia em não favorecer os filhos dos líderes, sobretudo os seus. Recusou-se a trocar o seu filho mais velho, Yakov, quando este foi capturado pelos nazis, e ficava furioso com as escapadelas decadentes do seu segundo filho, Vasily. Durante a guerra, Vasily levou a sua unidade a uma expedição de pesca em que ele e os seus homens usaram granadas para apanhar peixe. Um homem morreu e Estaline, ultrajado, demitiu e despromoveu Vasily. Mas tamanha era a reverência prestada ao filho do líder (e as ambições do próprio Estaline para o rapaz), que ele depressa foi promovido, muito para lá dos seus talentos limitados, a general da força aérea. Sob o seu comando, um desfile aéreo correu catastroficamente mal e acabou com a queda de um avião, e ele foi mais uma vez despromovido.

Em 1945, Estaline foi informado em Potsdam, pelo filho Vasily, de que os aviões soviéticos caíam frequentemente devido a um defeito de fabrico. Estaline orquestrou então o chamado Caso dos Aviadores contra o marechal do ar Novikov e outros líderes militares, bem como o ministro da Aviação, Shakurin. O caso era em parte dirigido ao membro do Politburo responsável pelos aviões, Georgi Malenkov, que foi temporariamente despromovido, mas na verdade fazia parte de uma campanha prolongada para diminuir o poder dos marechais soviéticos, especialmente o herói supremo, o marechal Georgi Zhukov. Novikov e

muitos outros oficiais foram cruelmente torturados e alguns foram mortos a tiro. Malenkov foi temporariamente enviado para a Ásia Central para inspecionar as colheitas.

Estaline encorajou uma rivalidade entre dois chefes da polícia secreta: Beria, chefe de longa data do NKVD, e Victor Abakumov, chefe da SMERSH, que respondia diretamente a Estaline. Abakumov e Beria estavam constantemente a queixar-se um do outro a Estaline. Em 1945, Estaline reduziu o poder de Beria em questões da polícia secreta despedindo-o do cargo de ministro do Interior. No entanto, Beria continuou a ser o principal dirigente de Estaline e seu vice-presidente, encarregando-se do projeto mais importante da época: a criação da bomba nuclear soviética. O protegido de Beria, Merkulov, continuou a ser ministro da Segurança do Estado até ser demitido e substituído por Abakumov em 1946. Depois da morte de Estaline, Beria, Merkulov e Kobylov foram executados em 1953 e Abakumov em 1954.

Em 1945, Estaline sofreu um tipo de enfarte cardíaco ou AVC. Era extremamente sensível quanto aos detalhes de quaisquer doenças que pudessem minar o seu poder político, e desconfiava dos médicos: daí a Conspiração dos Médicos. Mesmo os seus médicos de longa data que lhe diagnosticaram a arteriosclerose foram detidos. (Ver abaixo.)

O abuso sexual de detidas e cidadãs comuns era prerrogativa informal dos chefes da polícia secreta, que muitas vezes usavam a ameaça de detenção de entes queridos para obrigar as mulheres a fazer favores sexuais: quando Beria foi detido em 1953, soube-se que violara e abusara de centenas, se não milhares, de mulheres. Os seus dois principais guardacostas, os coronéis Sarkisov e Nadaraia foram expostos como chulos e raptos de raparigas que Beria encontrava nas ruas de Moscovo. Revelou-se que Beria tinha apanhado duas vezes doenças venéreas durante a guerra. Também Abakumov abusava do seu cargo. Em 1946, ordenou a detenção da estrela de cinema Tatiana Okunevskaya depois de ela o rejeitar; antes, Beria tinha-a drogado e violado. Estaline fechou os olhos a estes casos de potentados favorecidos, mas encorajou os capangas a recolher provas para usar contra eles mais tarde.

Depois de 1945, a ascensão dos Estados Unidos a superpotência e o apoio americano ao sionismo que levou à criação de Israel transformaram os preconceitos de Estaline contra os judeus num antissemitismo

obsessivo e mortífero. Estaline criou uma série de casos antissemiticos contra judeus soviéticos, levando primeiro a despedimentos, depois a detenções, ao assassinato do ator/líder judeu Solomon Mikhoels num acidente de carro fingido em 1948 e, finalmente, aos mortíferos casos antissemiticos de 1949-50 (nos quais a maioria dos réus – funcionários do Partido e escritores – foi executada). Na Conspiração dos Médicos de 1952-53, médicos da Clínica do Kremlin, especialmente os cardiologistas e os judeus, foram acusados de assassinar e planejar o assassinato de líderes do Politburo, a começar por Andrei Zhdanov, que morreu de doença cardíaca em 1948.

A mulher de Nikolai Bulganin, membro do Politburo, ministro das Forças Armadas e marechal, dava aulas de Inglês numa das escolas secundárias de elite de Moscovo.

Durante este período, Eisenstein estava a escrever e realizar os filmes *Ivan o Terrível – Parte 1* e *Ivan o Terrível: A Conspiração dos Boiardos*; Estaline supervisionou o guião. O *Katyusha* foi um famoso lança-foguetes soviético e havia uma canção popular chamada «Katyusha», mas nenhum filme com esse nome.

O casal de celebridades fictício composto pelo escritor Constantin Romashkin e a estrela de cinema Sophia «Mouche» Zeitlin é em parte inspirado pelas experiências das estrelas de cinema reais Tatiana Okunevskaya e Valentina Serova. Esta foi casada com Constantin Simonov, famoso poeta e funcionário soviético. Como expliquei acima, Okunevskaya sofreu amargamente às mãos de Beria e Abakumov. Serova foi mais sortuda, mas teve um caso com Vasily Estaline. As suas histórias aparecem em muitos livros, incluindo a autobiografia do próprio Simonov, mas o melhor relato está no excelente livro de Orlando Figes *Sussurros: a vida privada na Rússia de Estaline*.

Sobre as mulheres no governo: uma incorreção. Estaline desconfiava das mulheres – e dos médicos – e nunca promoveu nenhuma mulher a ministra com plenos poderes, embora houvesse várias mulheres de líderes com o cargo de vice-ministras no seu governo, incluindo as mulheres dos membros do Politburo Molotov e Andreyev. Ambas foram demitidas, pelo menos em parte, devido às suas origens judaicas. Como Dashka Dorova, Polina Molotova acabou por ser detida, e o marido divorciou-se dela. Ao

regressar da prisão depois da morte de Estaline, também ela regressou ao seu casamento.

Os detalhes da vida quotidiana, da vida escolar e da burocracia também são fiéis, mas condensei algumas das datas em função da minha história. Por exemplo, a conversão dos Comissariados do Povo em Ministérios – que levou a que a polícia secreta passasse de NKGB a MGB e de NKVD a MVD – foi um pouco mais tarde em 1946, tal como a promoção de Vasily Estaline a general, a concessão de cargos militares a agentes da polícia secreta, a demissão de Merkulov do cargo de ministro do MGB e a sua substituição por Abakumov, e o verdadeiro Caso dos Aviadores. O verdadeiro Caso das Crianças ocorreu na realidade em 1943. A história completa dos factos históricos que motivaram este romance pode ser encontrada no meu livro *Estaline: a corte do czar vermelho*, mas também recomendo *Gulag: uma história*, de Anne Applebaum, e *Sussurros: a vida privada na Rússia de Estaline*, de Orlando Figes, que contêm muitos exemplos do tipo de histórias contado neste romance e em *Sashenka: uma história épica de revolução, paixão e traição*.